

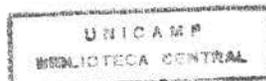
Miriam Viviana Garate

OLHARES CRUZADOS: ENTRE SARMIENTO E EUCLIDES DA CUNHA

Tese apresentada ao Curso de  
Teoria Literária do Instituto  
de Estudos da Linguagem da  
Universidade Estadual de Campinas  
como requisito parcial para  
obtenção do título de Doutor em  
Letras na área de Teoria Literária

Orientador: prof. Dr. Luiz Dantas

Campinas  
Instituto de Estudos da Linguagem  
1995



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	7/UNICAMP
	G.162e
V.	E
T.º AB.	25967
PR.º	433195
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	21/10/95
N.º CPD	

CM-00078185-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

G162L Gárate, Miriam Viviana  
Olhares cruzados entre Sarmiento e Euclides da Cunha / Miriam Viviana Gárate. - -  
Campinas, SP [s.n.], 1995.

Orientador: Luiz da Silva Dantas  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual  
de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Literatura comparada. 2. Teoria literária. 3. Historiografia. 4. Literatura argentina. 5. Literatura brasileira. I. Dantas, Luiz da Silva. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

*Dantas*

-----  
Prof.Dr. Luiz Dantas-Oriador

*Bella Josef*

-----  
Profa.Dra. Bella Josef

*prof. Dr. Nicolau Sevcenko*

-----  
Prof.Dr. Nicolau Sevcenko

*Francisco Foot Hardman*

-----  
Prof.Dr. Francisco Foot Hardman

*Roberto Schwarz*

-----  
Prof.Dr. Roberto Schwarz

te exemplar e a redação final da tese  
fendida por Miriam Viviana  
Garate  
aprovada pela Comissão Julgadora em  
18, 09, 95.

Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas

para

Jussara Quadros, sempre perto.  
Rubén Biselli, perto apesar de longe.

Meus agradecimentos a

Luiz Dantas, leitor/amigo (e viceversa)  
ao longo desses anos.

Francisco Foot Hardman, causador  
involuntário desta tese.

Alcir Pécora, Alexandre Soares  
Carneiro, Berta Waldman, Carlos Berriel, Haquira Osakabe,  
Jae Ming Chung, Jorge Coli, Roberto Schwarz, Suzi Sperber,  
Viviana Gelado, pelas mais variadas e valiosas razões.

e muito especialmente, a Leandro, por  
tudo, sempre.

## RESUMO

Objetivando realizar um estudo comparativo das obras do escritor argentino Domingo Faustino Sarmiento (San Juan, 1811; Asunción, 1884) e do escritor brasileiro Euclides da Cunha (Cantagalo, 1863; Rio de Janeiro, 1909) a tese focaliza, enquanto objeto privilegiado de análise, os textos capitais de um e outro autor: **Facundo o Civilización y Barbarie en las pampas argentinas** (1845), e **Os Sertões** (1903).

No capítulo introdutório fundamenta-se a pertinência de estabelecer um diálogo entre a produção *sarmientina* e a produção euclidiana bem como se enfatiza a atualidade de uma série de questões abordadas por ambos os autores. Examinam-se, para tanto, certas características que legitimam a adoção desse "olhar comparativo": hibridez genérica, matriz compositiva de cunho linear-determinista, utilização da dicotomia civilização/barbárie a título de articulador textual e de modelo explicativo, ontogênese vinculada ao discurso jornalístico, definição e re-elaboração de ficções fundadoras no interior do processo de constituição dos Estados nacionais, discussão das funções e do papel do letrado nesse contexto.

No segundo capítulo é examinado o particular *modus operandi* da dicotomia civilização/barbárie em ambos os textos através da análise pormenorizada de uma "figura exemplar": a da "degola". Ao acompanhar os deslocamentos da figura no interior de **Facundo** e **Os Sertões** são apontados uma série de contrastes: euforia vs. disforia, perspectiva utópica vs. retrospeção, edificação vs. crise do paradigma explicativo. O capítulo encerra-se com um conjunto de considerações a respeito da iconografia da violência forjada por Sarmiento e submetida a crítica por Euclides da Cunha.

No terceiro capítulo é abordada novamente a dicotomia civilização/barbárie mas sob a ótica, ou melhor, a tópica, representada pela dupla cidade/campo. A utopia urbanista *sarmientina* enunciada em **Argirópolis**, a antevisão/pesadelo de Canudos enquanto prefiguração das favelas por vir, a contaminação e mezcla dos signos emblemáticos de cada um desses espaços, são analisados de forma detalhada.

No quarto capítulo as coordenadas de análise são definidas a partir de uma sequência organizativa comum que articula ambos os textos: terra (*habitat* natural-geográfico), homem (composição racial e *habitus* peculiares), história (projeção das duas partes precedentes num eixo temporal que comporta uma situação dramático-narrativa). O exame da sequência possibilita acompanhar algumas mutações operadas no horizonte epistemológico e no campo disciplinar da segunda metade do século XIX.

Por último, o quinto capítulo trata da relação de ambos os escritores com a *praxis* jornalística bem como do papel desempenhado, em ambos os casos, por essa *praxis* e seus estilos/padrões de enunciação, na formalização das obras.

## RÉSUMÉ

Cette étude comparative de l'oeuvre de l'écrivain argentin Domingo Faustino Sarmiento (San Juan, 1811; Assunción, 1884) et de l'écrivain brésilien Euclides da Cunha (Cantagalo, 1863; Rio de Janeiro, 1909) a choisi, en tant qu'objet central de son analyse, les textes capitaux des deux auteurs, *Facundo o Civilización y Barbarie en las pampas argentinas* (1845), et *Os Sertões* (1903).

Dans le chapitre qui sert d'introduction, on examine le bien-fondé de ce rapprochement, aussi bien que l'actualité d'un certain nombre de questions traitées par les deux auteurs. Pour cela, on fait appel à certaines caractéristiques qui pourraient légitimer l'adoption d'un "regard comparatif": hybridisme génétique, matrice de nature linéaire et déterministe, emploi de la dichotomie civilisation/barbarie à la fois comme modèle explicatif et comme articulation textuelle, ontogénèse à partir du discours journalistique, définition et élaboration de fictions fondatrices à l'intérieur d'un processus de constitution des États nationaux, discussion de la fonction et du rôle des lettrés dans ce contexte.

Le deuxième chapitre considère, dans les deux textes, le *modus operandi* de la dichotomie civilisation/barbarie à partir de l'analyse en détail d'une "figure exemplaire", celle de l'égorgement. En suivant les déplacements de cette figure à l'intérieur de *Facundo* et de *Os Sertões*, il est possible de montrer une série de contrastes: euphorie/tristesse, perspective utopique/rétrospection, établissement/crise du paradigme explicatif. Le chapitre s'achève sur un ensemble de considérations à propos de l'iconographie de la violence conçue par Sarmiento et revue par Euclides da Cunha.

Dans le troisième chapitre, est traitée à nouveau la dichotomie civilisation/barbarie, mais du point de vue, cette fois-ci, de la topique que représente le double ville/campagne. On y analyse aussi l'utopie urbaine de Sarmiento, exposée dans *Argirópolis*, la vision anticipée et cauchemardesque de Canudos, considérée comme préfiguration des *favelas* à venir, la contamination et le mélange des signes emblématiques de chacun de ces deux espaces.

Le quatrième chapitre définit les coordonnées d'analyse à partir d'une articulation commune des deux textes: la terre (*habitat* naturel et géographique), l'homme (composition raciale et *habitus* particuliers), l'histoire (projection des éléments précédents sur un axe temporel qui contient une situation dramatico-narrative). L'examen de cette séquence permet d'accompagner quelques unes des mutations qui se sont produites dans l'horizon épistémologique et dans le champ des disciplines dans la deuxième moitié du XIX<sup>ème</sup> siècle.

Enfin, le cinquième chapitre aborde les rapports des deux écrivains avec la *praxis* journalistique, aussi bien que le rôle joué, dans les deux cas, par cette *praxis* et ses styles/modèles d'énonciation dans la mise-en-forme des oeuvres.

## SUMARIO

A MANEIRA DE ARRAZOADO PREAMBULAR -OU DE EXORCISMO PREVIO.....	8
Epílogo introdutório.....	22
<i>ON NE TUE POINT LES IDEES. VERSOES, VARIACOES E EXTRAVIOS DE UMA EPIGRAFE.....</i>	<i>28</i>
I. Contrastes e Confrontos.....	28
II. Perseguindo uma figura pelo sertão adusto ou do itinerário de uma desilusão.....	37
III. Pausa retrogressiva.....	50
IV. Algumas considerações sobre a epígrafe em questão.....	51
V. De volta aos albores da pátria: produção do sentido e representação da violência no discurso sarmientino.....	60
Notas .....	72
ENTRE UTOPIAS E PESADELOS: ARGIROPOLIS, CANUDOS E AS FAVELAS .....	89
I. Considerações introdutórias.....	89
II. Matéria e propriedades da urbe.....	93
III. As formas da polis: duplicações da paisagem citadina.....	99
IV. Deslocamentos.....	106
V. Descrições/excursões.....	110
VI. Interseções espaço-temporais.....	121
Notas .....	126

HABITAT E REPRESENTAÇÃO.....	133
I. Algumas coordenadas gerais.....	133
II. Uma paisagem feita à medida: artimanhas de um geógrafo republicano.....	148
III. O outro solo: informe de um polígrafo sobre o sertão nordestino.....	158
IV. Versões e variações de um vocábulo .....	168
Notas .....	177
DO JORNAL-DIÁRIO AO LIVRO. ANOTAÇÕES PARA UM ESTUDO SOBRE A PASSAGEM .....	187
I. Algumas considerações prévias.....	193
II. Primeiros passos, primeiras decepções.....	206
III. Um ensaio de definição.....	208
IV. A revanche.....	214
V. Segundas considerações: fisionomia da mudança.....	221
VI. Forma e figura de outro diário de província.....	228
VII. Passagens.....	233
Notas .....	239
BIBLIORAFIA.....	247

*A maneira de arazoado preambular ou de exorcismo  
prévio.*

Estabelecer a pertinência de um trabalho supõe urdir uma trama de razões capazes de justificar o valor de uma eleição e de um caminho ou caminhos de leitura. Mas, sabe-se que ao entrelaçar os fios - isto é, ao esforçar-se por dar corpo às razões, por legitimar o caminho e a eleição -, a trama teima em representar o sujeito. Ou, melhor ainda, em delinhar os contornos de sua posição peculiar. E é obvio que o sujeito que imagino surge na encruzilhada de múltiplas histórias: a que por comodidade e por convenção poderia ser chamada de história individual - que, por sua vez, influi, contém e reprocessa outras formas da história; a história

que certas versões da história acostumaram-no a pensar como sendo a história de sua pátria, de sua tradição ou de sua cultura -categorias que não necessariamente se recobrem e que pressupõem a construção de diferenças em relação a outras culturas, pátrias e tradições; a história de suas leituras,-das leituras de seu tempo e em seu tempo, sua história intelectual; a história dos espaços institucionais em que o sujeito e seu discurso operam. Naturalmente a enumeração poderia continuar e se a interrompo aqui é tão somente por comodidade, por convenção e por conveniência.

Neste caso específico, e dessa perspectiva, urdir uma trama de razões implicaria responder a este rosário de perguntas: por que Sarmiento e Euclides? E por que eles, precisamente hoje? Para (fazê-los) dizer o quê? E, obviamente, por que 'eu' nesta história e para contar qual história na leitura dos textos?

Ensaio uma desordenada justificação preliminar, exposição não-hierárquica de preocupações, interesses, inquietudes e diálogos possíveis entre o sujeito, sua posição, e 'sua matéria'. Meias-razões que se não chegam a constituir um argumento suficiente, nem menos ainda encontram as respostas desejadas, servem, porém, para abrir o jogo.

Por que Sarmiento e Euclides, **Facundo** e **Os Sertões** (mas também **Argirópolis**, **Contrastes** e **Confrontos**, ou os artigos

jornalísticos publicados em *El Progreso*, *El Mercurio* ou *O Estado de São Paulo*) precisamente hoje?

Recorrentemente, vem se falando a respeito da atopia que define esses discursos, de sua palavra multívoca, esquiva a toda espécie de classificações. Mais além e mais aquém da literatura; entre a literatura e a história (como voz autorizada e verídica ou como resto de verdade imposta pela fábula); entre as 'ciências,' que vieram desalojar pouco depois o território ocupado pela história, a história e a literatura -eis a areia movediça na qual se deslocam e circulam os textos. Constróem-se fronteiras que de imediato se arruinam, ou que outrora não eram tais. Entra-se de mãos dadas com um modelo, ou com um norte, mas, mal se põem a andar, logo se vêem substituídos por outros. Espaços, vozes e campos confundidos -precisamente como hoje, ainda que de modo diverso.

Hoje, depois de muito se ter lutado pela emancipação 'absoluta' da literatura, boa parte dela voltou a procurar a história, inspira-se nela, narra de novo a sua sombra. O gesto reitera-se a partir das mais variadas posições: a biografia, as memórias, a crônica, modalidades limiares e 'menores' da história que se conjugam e convivem em *Facundo* e em *Os Sertões*. Ou por exemplo ainda, na retomada do romance histórico: gênero que os textos de Sarmiento e Euclides da Cunha tangenciam e margeiam, mas no qual não se enquadram. É certo que, especialmente no caso deste gênero, na atualidade o gesto se realiza interpondo uma distância

com a qual não contaram nem Sarmiento, um escritor mergulhado até o pescoço no presente, nem Euclides da Cunha, um escritor do passado imediato ou das bordas do presente -anúncio de uma primeira diferença. Também é certo que a tradição desses discursos fronteiriços nunca se interrompeu completamente -antevisão de uma continuidade.

Hoje, a historiografia reexaminou as estratégias que presidem a organização das narrativas históricas. Nesse movimento, não poucas vezes se aproximou da ficção e até quis se confundir deliberadamente com ela, para melhor se afastar dos paradigmas `duros`, eles hoje também objetos de uma história. Ao mesmo tempo, reconsideraram-se os critérios que pautavam a seleção e hierarquia de suas fontes (ampliando o campo do documental em várias direções, uma delas, a do literário), bem como a posição e configuração de seus objetos de estudo. Com isso, os limites convencionais da atividade historiográfica, dos registros utilizados como suporte de sua tarefa e de suas entidades de análise, viram-se afetados.

A crítica e a teoria literária, por sua vez, buscando emancipar-se da emancipação recente que a literatura conquistara para si própria e para elas, abandonam os caminhos habituais e passam a indagar acerca de seu `exterior`, incorporando-o. Dir-se-ia que elas também arruinam fronteiras e jurisdições previamente estabelecidas numa espécie de movimento solidário e complementar ao

movimento de 'sua matéria' (naturalmente seria ocioso pretender decidir se o *corpus* abriu-se graças à ação de teóricos e de críticos ou devido à pressão exercida pelos escritores - a via é dupla, a influência, recíproca). Esta espécie de migração para outras latitudes traduz-se, por um lado, pela inclusão daquilo que até há pouco era considerado exógeno, com ênfase no 'menor' ou 'minoritário', no 'desprezado', no 'baixo', no 'elidido'. Por outro lado, reverte-se numa série de deslocamentos de perspectiva que alteram a leitura (e a estrutura) de objetos 'preexistentes' (a ênfase, neste caso, incide mais sobre o olhar e sobre os próprios instrumentos de visão). Em quaisquer dos casos - e também aqui cabe pensar numa via dupla - propende-se à articulação de novas narrativas: seja porque se contempla o que antes não fora contemplado e traça-se a gênese de sua excomunhão (com o qual o elidido se recupera, incorpora e legitima), seja porque a reformulação do horizonte de análise acarreta a possibilidade de novas peripécias interpretativas a partir de um *corpus* estabelecido. Caminhos pelos quais a crítica, a teoria e a história literárias, agora transmudadas com frequência em estudos culturais, história da cultura ou crítica cultural, reencontram paradoxalmente - porque o sentido por elas 'produzido' e a toda hora proclamado como tal, pugna por impor-se, porém, enquanto 'realidade efetiva' -, a vocação verista dos historiógrafos do passado. Caminhos onde a crítica, a história e a teoria literárias, reinventam, pelo fato de se

tratar de versões `corretivas`, divergentes e disidentes com relação às anteriores, sua vocação beligerante.

Por momentos, a urgência e a premência de semelhante migração permite suspeitar que o que está em jogo é tanto a redefinição do lugar, do papel e das funções dos intelectuais - sobre tudo em sua atual vertente acadêmica -, quanto as chances de sobrevivência das instituições a que pertencem. Por momentos, a migração ganha os contornos de uma fuga e, ainda que seja sintomático, e quem sabe inevitável, seu `verdadeiro` *quantum* de animosidade e de rebeldia é ainda hoje uma incógnita. De todo modo, seja qual for o valor que se atribua a esta corrida dos estudos literários em direção a outros domínios, ou a postura que se decida adotar diante dela, a `disparada` reflete a crise dos lugares que habitamos, sua incertitude, precisamente hoje.

Instabilidade, labilidade e indeterminação de fronteiras discursivas; textualidade errática e migrante. Necessidade de estabelecer as funções e a missão dessa palavra, mas também as do sujeito que a enuncia. Tensão desconfortável entre a belicosidade que se ostenta e a cumplicidade que se adivinha ou se intui. Não me parece difícil entrever eventuais `coincidências` ou zonas de contacto entre esta versão possível do panorama atual e uma série de questões apontadas pela crítica, desde diversos ângulos e em diversos momentos, com relação ao *corpus sarmientino* e ao *corpus euclidiano*.

Outra razão para alentar o diálogo. Assinalou-se com frequência que **Facundo** e **Os Sertões** seriam o produto de um 'idêntico' objetivo: o de formalizar, em contextos e circunstâncias específicas, a etiologia, diagnóstico e modelo do que se poderia denominar uma nação 'em trânsito'. Isto é: uma nação que 'deve ser criada' e 'fatalmente' o será, devido ao curso 'inexorável' dos acontecimentos e ao empenho dos homens (**Facundo**), ou uma nação que acaba de reorganizar suas bases e de, ao menos em aparência, modificar seus rumos (**Os Sertões**). E dir-se-ia que a semelhança de pretensões comportaria um semelhante peso simbólico no seio dessas "comunidades imaginadas" que são Brasil e Argentina. Porque, para melhor ou para pior, por ação das sucessivas leituras não menos que por pressão e resistência dos textos, **Facundo** e **Os Sertões** têm exercido uma enorme influência tanto nas ulteriores tentativas de redefinir e imaginar os contornos da nação, quanto nas tentativas posteriores de fazê-los explodir e propor outros regimes de análise. Para reverenciá-los, inverter sua axiologia, denunciar sua falsidade ou detectar suas falhas, o certo é que se trata de discursos instigantes, até hoje fecundos quanto a suas repercussões e efeitos.

Propósito e fortuna similares. O parentesco não se detém aí senão que se projeta, inclusive, sobre o plano da composição: cenários, personagens e episódios 'emblemáticos'

-melhor ainda, promovidos a esse estatuto-, permitem remontar as origens, estabelecer a chave e o sentido de uma trajetória histórica, profetizar ou entrever um desenlace. Assim, a `eficácia` destes dispositivos matriciais consiste no fato de possibilitarem a execução de um sem número de outras operações: desvendar enigmas pretéritos e presentes, fundar linhagens e genealogias, promover inclusões e exclusões, delimitar funções. Neste itinerário, a construção de identidades e alteridades, de `bons` papéis e `maus` papéis, de lugares `melhores` e `piores`, é certamente decisiva: quem é empurrado para o campo da outredade? quem, ao contrário, é atraído para a órbita do `nos`? a partir de quais critérios se institui a distinção, qual sua axiologia manifesta ou subjacente e que tipo de consequências acarreta? qual a zona e lugar de uns e de outros, suas respectivas obrigações ou atribuições, seus respectivos destinos? Em suma, como é pensado e `resolvido` o problema da heterogeneidade no marco de um processo que visa constituir, rever ou criticar os horizontes de uma nação-estado? Obviamente, nas `respostas` oferecidas dirimem-se problemas relativos ao exercício do poder e da violência, seu monopólio e legitimidade, bem como a identidade e posição dos sujeitos implicados. Obviamente, entre **Facundo** e **Os Sertões**, a própria história desempenhou seu papel, fez ruir posições e cambalear respostas: por isso a euforia-sonho de **Facundo** e a disforia-pesadelo de **Os Sertões**.

Sem mediações que façam às vezes de razões, avanço até o presente. Comunidades imaginadas que se desagregam e cedem lugar a outras (não raro alentadas por princípios perigosamente familiares aos do passado, apesar de aparentemente opostos); resgate de identidades suprimidas ou apagadas no que elas teriam de específico (mas, ao lado disso, um universo de experiências que tendem à generalização crescente, força que arrasta à indiferenciação); duelo travado ou coexistência problemática, entre as vozes que emprestam voz ao disperso e múltiplo, e os discursos que sublinham a importância de articular estratégias `ecumênicas` (hoje diríamos, globais) força que aposta no comum e compartilhado, ainda que dentro de certos limites, com a convicção de que a conjuntura assim o exigiria.

Para melhor ou para pior, para lê-los a favor ou na contramão, por antítese ou por analogia, por semelhança ou por contraste - para e por isso **Facundo** e **Os Sertões** são relevantes precisamente hoje. Nem suas perguntas, nem suas manobras, nem suas hipotéticas soluções, nem muito menos ainda suas incertitudes, perderam a capacidade de ser um instrumentos vigorosos para se pensar conjunturas e transições críticas.

Confluindo com essas duas `meias razões`, uma terceira: a seu modo, em circunstâncias que o lapso transcorrido entre a aparição de ambos os textos se encarregou de transformar e

de tornar outras, **Facundo** e **Os Sertões** participam de uma preocupação comum. Num e noutro, a viva necessidade de definir a missão e o lugar da escrita, os seus usos elegíveis, os seus espaços praticáveis. Para que serve a letra? com que se a compara? quais são seus efeitos? E, em relação à função que se lhe atribui: por onde pode circular sem `desvirtuar-se`? a que tipo de restrições ou de `deformações` está sujeita quando se desloca de *habitat*? De fato, as duas últimas perguntas também conduzem a uma questão compartilhada mas cujas respectivas resoluções se revelam antagônicas: a da relação (congruente ou conflitiva) entre o `jornal-diário` e o `livro`, o jornal-diário e o `volume`. Entre um e outro -entre **Facundo** e **Os Sertões** -, assistimos a uma história que implica o surgimento e modificação das espécies discursivas geradas pela imprensa (em particular o `folhetim` e a `notícia`), bem como à emergência de novos personagens, novas práticas e novos recursos materiais associados à evolução desse meio (passagem do jornalista de gabinete ao jornalista repórter que se desloca até a cena dos fatos e recolhe a informação *in loco*; emprego do telégrafo e, só muito tempo depois, da fotografia instantânea). Encerrando o processo, a irrupção de uma suspeita pairando sobre o `voto de verdade` que, paradoxalmente, propiciara essas mesmas transformações. Daí, talvez, o `retorno` (ou o `restar`) na tradição monumental e livresca, por parte de Euclides da Cunha.

Velhos e novos gêneros, funções e domínios vinculados ao desenvolvimento da escrita, à sua expansão ou encurtamento, à historicidade de seus suportes materiais, à quantidade e qualidade de seus destinatários. Velhas e novas tecnologias que obrigam a redefinir gêneros, funções e incumbências, que reorganizam o estilo, o *tempus* e a extensão do escrito, que favorecem a interação com outras linguagens ou suscitam uma espécie de retração, de 'volta' às manifestações 'clássicas'. Velhos e novos ofícios fundados no exercício da letra que se interrogam, em cada conjuntura crítica, sobre o papel ou papéis reservados à escrita, sobre seu lugar e inserção no seio das práticas sociais. Acredito que esta série de questões não seja indiferente aos 'letrados' de hoje.

.....

Contrabalançando o impulso de apropriação - espécie de deliberado anacronismo em que as vozes do passado são um pretexto para auscultar o presente -, um movimento complementar, mas enfrentado, que objetiva repor contornos específicos e significações particularizantes. Em outros termos: uma leitura que tenta restituir textos e vozes a

suas paisagens histórico-culturais correspondentes, com o propósito de deslindar e de distinguir sentidos, mas já não para confundí-los ou apoderar-se deles.

Ciente de seus `limites` (como ignorar que o sujeito é, a rigor, involuntária e fatalmente anacrônico por muito que se empenhe em apagar-se e apagar suas coordenadas? como ignorar que muitas vezes se projeta precisamente `ali`, onde menos espera? como ignorar que não raro ignora precisamente a localização do `ali`?), ciente de seus limites, a realização dessa empresa supõe `elaborar`, para cada caso, contextos descritivos e interpretativos `pertinentes`. Como se vê, os riscos e contradições do trabalho não fizeram outra coisa que se deslocar. Porque, a partir do momento em que a delimitação de contextos de análise virtualmente `sincrônicos` implica obviamente numa série de escolhas, de seleções, de descartes, a operação de leitura `volta` a ficar `comprometida`. Sem invocar por tanto a plenitude de uma objetividade descartada de antemão, mas apelando para a eventual eficácia de uma aproximação que aposte no sentido de devolver por momentos as obras a seus horizontes `primitivos`, permito-me insistir na importância de ensaiar esta via. Afinal, mesmo se por caminhos algo tortuosos, e tal vez mesmo hoje suspeitos, tratar-se-ia de restituir a alteridade de textos comprometidos em demasia por seus `usos`, como que sepultados, às vezes, por eles.

....

Restam por consignar os motivos mais próximos, o sem número pormenores em que se decide a história mais imediata do sujeito e a dos lugares mais imediatos de sua ação. Também, suas eleições ou exclusões, e os caminhos por onde 'decide' transitar. Trama que ata o que está 'dentro' e o que está 'fora' no estreito círculo dos avatares cotidianos terminando por urdir um conjunto de razões, não de todo presentáveis mas, sem dúvida, presentes. Com efeito, numa época tão propensa a invocar as mais variadas formas da alteridade e da exclusão como garantia de um dizer comprometido, voltar os olhos para os compromissos bem mais próximos pode ser visto como um gesto de impudor ou até de impunidade. Contudo, acredito que expor e se expor num dizer que reconheça o fortuito, o interessado, e se se quiser até mesmo a dimensão 'mesquinnha' do trabalho assumido, é uma espécie de exorcismo necessário, precisamente hoje. Porque, à força de insistirmos sobre a necessidade de que nossa voz emigre para espaços 'exteriores', para um tecido social que deveria garantir-lhe o reconhecimento de sua razão de ser, não estaremos obliterando a rede de particularidades, mesmo as de nosso íntimo, aquelas que preservam e asseguram ainda a possibilidade de falar a partir de um lugar incerto, porém caro? E evidente que com isto não me proponho nem reivindicar o *fuero juzgo* do género confessional, nem me

deixar acolher pelo benefício tranquilizador de seu poder catártico, nem, menos ainda, praticá-lo com detalhes. Mas o fato de admitir expressamente a participação do circunstancial, do institucional, das demandas reais ou imaginárias, das identidades adjudicadas ou presumidas, como fatores que impulsionaram a eleição, pode servir para que não nos afastemos demasiado das situações concretas em que se desenvolve nossa atividade. E não duvido que o leitor já terá notado a súbita passagem para um plural majestático que teima em comprometê-lo no que enuncio, que não o deixa de fora, que insiste em integrá-lo.

Desse ângulo, a pergunta pelo 'por quê' de Sarmiento e Euclides, encontraria seus últimos 'porquês' nesta breves sinopse 'autobiográfica'.

Para alguém que nasceu na *pampa-gringa-argentina* e que, com uma bagagem mais ou menos considerável e convencional de leituras, emigrou há vários anos ao Brasil buscando espaço e tempo para realizar outras; para alguém que ao longo desses anos encontrou tempo, espaço, e algumas coisas a mais (amizades inesperadas e valiosíssimas, histórias, leituras e tradições às vezes familiares, às vezes quase completamente outras - e, obviamente, um espaço de trabalho e suas condições materiais); em suma, para alguém que ao longo desses anos acabou descobrindo nessa espécie de vaivém, nessa errância por entre as representações de uma e de outra comunidade imaginada, uma oportunidade de reflexão e uma oportunidade profissional - para esse alguém, Euclides e

Sarmiento foram delineando-se aos poucos como uma alternativa. Bastante razoável, bastante conveniente, se se quiser, bastante convencional, mas não de todo cômoda.

### *Epílogo introdutório.*

Sabidamente, as introduções escrevem-se no final, quando o trabalho encerra-se. Por alguma razão, não obstante, a regra não se aplica às páginas que o leitor acaba de ler, páginas verdadeiramente escritas `antes de começar´ e, muito provavelmente, para poder fazê-lo. Daí o `exorcismo´ invocado no título - ele sim, desde logo, produto de uma leitura *a posteriori* que acreditou redescobrir, no fim, e apesar dos muitos desvios de trajetória, alguma razão de ser (e de persistir) nesse texto iniciático. Por isso sua inclusão apesar dos desvios.

Para melhor ou para pior, o exorcismo funcionou e a escrita se pôs em marcha. Ao andar, naturalmente, não poucas das intenções originais caíram ou se extraviaram, algumas conseguiram resistir, outras apareceram. Por isso, agora, desde o final aberto e provisório do caminho percorrido, a

necessidade de uma 'verdadeira' introdução -escrita a *posteriori*, como sabidamente quase todas o são.

Começo antecipando uma questão de 'tratamento', por assim dizer. A coletânea de quatro ensaios aqui reunidos propõe, a partir de diferentes lugares, uma espécie de caracterização *cruzada* de textos e de autores. Cruzada, mas, por sua vez, disposta num *continuum* onde a obra *sarmientina* representa o mais das vezes o ponto 'alto' (não o melhor, mas o entusiasta, o projetivo, o da idealização/execução inicial de modelos), enquanto o *corpus euclidiano* assinala o refluxo (impasse ou crise dos modelos arquitetados, perplexidade diante de suas realizações 'imperfeitas', deformadas ou perversas, desilusão e reação). Em outras palavras: é como se **Facundo**, **Argirópolis** ou outros textos *sarmientinos* aqui examinados, configurassem a etiologia velada de **Os Sertões**, e este, por seu turno, fosse o epílogo não escrito da obra *sarmientina*. Essa matriz ordena visivelmente a lógica e andamento dos dois primeiros ensaios, os mais 'temáticos', se é que é possível atribuir algum sentido à distinção tema/forma: seja para abordar a representação da violência e dos sujeitos que a exercem (também a dos que a escrevem), seja para pensar sobre esse sucedâneo da antítese civilização/barbárie que é o par cidade/campo, e sobre suas derivações 'impensadas'. De modo

não necessariamente explícito, mas acredito que legível, nos assuntos de que tratam esses trabalhos ecoam preocupações presentes.

No que diz respeito aos outros dois textos, o foco de atenção desloca-se em direção às diferentes estratégias, práticas e espaços de escrita. Mais `formais`, se se quiser, embora não em todo momento nem de maneira homogênea, esses ensaios procuram aproximar-se da dimensão histórica de certos tipos de linguagem, de certos recursos `estilísticos` e técnicos, bem como da historicidade dos âmbitos nos quais essas linguagens circulam. O arcabouço das obras, muito especialmente o primeiro termo (a terra), a progressiva delimitação de campos disciplinares e discursivos ao longo do século XIX, os possíveis sentidos da "poligrafia" euclidiana na passagem de século, configuram o núcleo do terceiro trabalho. O último, sem dúvida o mais `atípico` da série, desvia o âmbito de análise para a relação de obras e de autores com o espaço jornalístico -uma relação de mão dupla. Talvez demasiado extenso, demasiado pouco articulado, demasiado imaturo, o trabalho conta o caminho que conduziu até a própria pergunta pela relação dos textos com esse espaço e a possibilidade de a partir dela repensar algumas outras questões. Por exemplo, a sempre reiterada hibridez do *Facundo*. As demoras, excrescências desnecessárias, generalidades, idas e voltas, foram porém necessárias para que chegasse ao que considero um ponto de partida para um

trabalho futuro; por isso o 'anotações' do título, algo assim como uma espécie de advertência. Com certeza, também nesses dois textos está-se às voltas com algumas problemáticas comparáveis -não equiparáveis- às de nossos dias.

Uma segunda advertência introdutória: seguramente ao leitor não será difícil notar desequilíbrios, quantitativos e qualitativos, no tratamento dispensado às obras e, inclusive, a tendência a uma abertura/ampliação do *corpus* no caso *sarmientino*, e a um fechamento/retração no caso euclidiano. Desequilíbrios e desproporções de abordagem, de tom, de volume, que encontram suas razões, boas ou más, no seguinte: é sabido que se dá um tratamento mais familiar, e até mesmo por isso mais desrespeitoso ou mais livre, àquilo que, acertada ou equivocadamente, considera-se próprio; mais melindroso e cauto, ao vizinho. Mais ainda quando tem-se a impressão de que os próprios familiares do vizinho costumam reverenciá-lo ou, pelo contrário, virar-lhe as costas. Desse ponto de vista, gostaria de chamar a atenção sobre uma 'desproporção' que me parece objetiva, entre aspas: o *corpus* sarmientino gerou uma bibliografia crítica não só vasta e vária como sobretudo produtiva, rica em efeitos. Em outras palavras: Sarmiento foi 'bem' lido (e diferentemente lido) já muitas vezes. O *corpus* euclidiano começou a sê-lo, especialmente nos últimos anos, mas suspeito que durante longo tempo permaneceu paralisado entre a veneração

conservadora de direita, e a condenação, a indiferença ou o silêncio da esquerda (é claro que as exceções existem, mas refiro-me a leituras de fôlego que constituem tendência crítica). 'No meio', um 'monumento' sobre o qual quem sabe se tenham debruçado mais (e tenham-no feito produzir mais) os próprios escritores. Resta, por fim, como causa, o contraste 'objetivo' entre uma vida/obra que se estendeu por mais de sete décadas e dezenas de livros, a de Sarmiento, e uma vida/obra que não conheceu a mesma sorte, a de Euclides da Cunha. Mas, insisto que as razões do desequilíbrio estão do lado do sujeito que escreve, de suas limitações, receios, ignorâncias, etc. Do lado de sua história, em suma.

Para concluir (introduzir) uma última ressalva, a que se refere ao caráter fragmentário desta coletânea de ensaios, à sua antecipada renúncia a postular argumentos, teorias, interpretações 'fortes' ou 'abrangentes'. O que não significa que se tenha renunciado àquilo que, por outra parte, é impossível renunciar - à interpretação. É sabido que a descrição não existe, que interpretamos o tempo todo.

Para aproximar-me de dois 'monstros', palavra repetida até o cansaço por ambos os escritores, e que serve para definir suas respectivas obras no que possuem de melhor (e de pior); para aproximar-me de dois monstros cuja comparabilidade vem sendo apregoada há longo tempo (e nos últimos anos com particular insistência), mas que carece, ainda, acredito, nestas latitudes, de um número razoável de

desenvolvimentos concretos; para aproximar-me desses monstros e encarar a tarefa, a única estratégia que me foi possível consistiu em rodear, cercar, contornar, tópicos e obsessões, dos textos e minhas, sob a forma fragmentária de uma coletânea de ensaios. Penso que neles se vai e se volta, a partir de lugares diferentes, aos mesmos lugares -entre os textos e eu. Penso que o leitor perceberá logo que o sujeito `teima`, apesar de tudo, em permanecer `um pouco aquém` da disparada -mas não de todo.

*On ne tue point les idées.* **VERSOES, VARIAÇÕES E  
EXTRAVIDOS DE UMA EPIGRAFE.**

*I. Contrastes e confrontos: algumas observações  
preliminares.*

Não poucos escritores filiados a uma matriz de pensamento que genericamente poderia ser denominada de iluminista, depararam-se com esta constatação: as formas superiores reeditavam, de maneira perigosamente análoga, e mesmo talvez mais aberrante, traços definidores de estados `anteriores` e `inferiores`. Assim, a crença numa teleologia positiva - fruto do pressuposto de uma crescente perfectibilidade que favorecera, porém, o desenvolvimento de

paradigmas interpretativos com contrapartidas pragmáticas de arestas cada vez mais agressivas - via-se abalada pela possível irrupção de fenômenos 'retrogressivos'. Paradoxalmente, a medida que se avançava ou ascendia o risco de retroceder e descer tornava-se maior: o mais 'civilizado' podia transformar-se na *duplicata* ominosa do mais 'bárbaro'.

O período de emergência e difusão de modelos como o determinismo, o evolucionismo e o positivismo, constitui, nesse sentido, um momento de extremo interesse, pois, no decorrer do último terço do século XIX e princípios do atual, a adesão a semelhantes modelos, bem como seu ulterior questionamento ou abandono, foram frequentemente suportados por um único homem, e, o que é mais importante ainda, alojaram-se no interior de uma única obra. Não que se trate de uma experiência inédita. Basta pensar, por exemplo, na figura bifronte e sempre esquiva de um Jean-Jacques Rousseau. Entretanto, durante o mencionado período - e justapondo-se às peculiaridades próprias de cada contexto particular de desenvolvimento -, trata-se, provavelmente pela primeira vez, de uma experiência amplamente generalizada, de um mal-estar que afetou um número significativo de intelectuais e suscitou um número grandemente diferenciado de respostas. Daí o fato de, à medida que nos aproximamos das últimas décadas do século XIX, os quadros classificatórios tornarem-se cada vez mais confusos e as denominações multiplicarem-se vertiginosamente. Se no plano da sincronia assiste-se a uma

diversificação dos dogmas, das teorias e das crenças, diacronicamente, seus tempos de vigência e adoção vêem-se encurtados.

Para os que não puderam nem adotar paradigmas alternativos à luz dos quais reinterpretar essas gritantes contradições, nem se abrigar inteiramente nos benefícios de um arcaísmo nostálgico - dito com outras palavras, para os que permaneceram no limite configurado por essas estratégias - processar essa experiência que constituía um verdadeiro escândalo para a razão, mostrou-se ainda mais difícil, se não mesmo impossível. Tão difícil e quem sabe tão impossível quanto é, para a crítica literária, descobrir um fio condutor que lhe permita transitar pelas obras nas quais essas contradições enquistaram-se, sem sacrificá-las em nome da univocidade de um julgamento peremptório. Família de livros 'intratáveis' à qual pertence, ao menos a meu juízo, essa espécie de híbrido monumental que é **Os Sertões**, de Euclides da Cunha. Livro tão intratável quanto **Facundo** (Sarmiento, 1845), do qual se aproxima, por exemplo, no propósito de se estabelecer uma genealogia dos males da nação - para cuja montagem ambos os escritores lançam mão das 'vidas exemplares' e de uma certa 'tipologia' dos espaços geográfico-culturais -, mas do qual se diferencia, entre outros aspectos, pelo caráter francamente *disfórico* das páginas euclidianas. *Disforia* que contrasta claramente

com a *euforia sarmientina* cujo volume, vale a pena lembrar, encerra-se com a formulação de um programa, com a figura de um letrado projetando o futuro político-social de uma nação, e nele projetando-se como protagonista (1). De fato, o futuro de Sarmiento era o passado-presente de Euclides e vários sonhos já haviam sido desfeitos no decurso de quase seis décadas. Se para Sarmiento o presente, simbolizado na figura do "caudilho-federal-feudal" don Juan Manuel de Rosas, representava o horror e a barbárie, o futuro, entretanto, aparecia-lhe sob a forma do amanhã inelutável e decididamente límpido (2). Não realizado ainda, ou melhor, precisamente por isso, o sonho republicano-civilizacionista podia ser manipulado à vontade: eliminavam-se obstáculos com um simples golpe de pena, estabeleciam-se medidas e limites a fim de preservar a identidade da ordem antevista, adjudicavam-se posições e funções sobre a superfície límpida de uma página que não oferecia resistências aos designios esboçados. Nessas condições, imaginar-se - fundamentalmente a si mesmo, mas também a todo um grupo de jovens românticos -, como artífice e executor de um Estado moderno, civilizado e pujante, era uma empresa plausível. Depois, é verdade, Sarmiento pôde verificar na própria pele (e para além de seus próprios desatinos) que o Estado não era ele nem sua sociedade de letrados: esta comprovação é já um ponto de partida em *Os Sertões*. Deslocado - ainda que de modo algum inteiramente cindido dos centros de poder -, Euclides já não ocupa o primeiro plano da cena e, num certo sentido, poder-

se-ia afirmar que a República é decidida às suas costas e mesmo contra suas expectativas. Dito de outro modo: entre 1845 e 1902 o lugar dos intelectuais na máquina governamental - o lugar dos homens "decentes" e "sem fazenda", da "aristocracia do espírito" como gostava de chamá-la Sarmiento - já sofrera um primeiro descentramento. A utopia forjada no papel, também (3).

Da mesma forma, e paradoxalmente, a imunidade por vezes quase impune de que usufrui o discurso sarmientino - corpo "estropiado", "coberto de roxos" (4), figura desterrada que se compraz na exibição ostensiva dessa condição sofrente acabando por transformá-la numa prerrogativa -, transmuta-se, em Euclides, em consciência culpada. O plural majestático não isento de funções retóricas que ressemantiza a "campanha de Canudos" enquanto "crime" (5), procura expiar uma cumplicidade dramaticamente vivida e justificar-se através desse gesto. O perseguido de 1845, que se tornaria presidente da nação argentina em 1868, transforma-se involuntariamente numa peça do aparelho persecutório da República Brasileira de 1897. *Os Sertões* surge, em parte, animado pela vontade de corrigir esse erro, de reparar essa falta. Daí a tarefa assumida de rescrever - de uma perspectiva desviada, que se não chega a ser radicalmente outra, tampouco é a mesma -, o conjunto de textos jornalísticos publicados quando Canudos ainda era, para Euclides, *Nossa Vendéia*, conjuração monárquica pondo em

xeque a república nascente (6). Resignifica-se, após a volta da "Tróia de taipa dos jagunços", o que fôra redigido longe dela, antes da ida. (Se o exílio, hiato geográfico, distância no espaço, é condição de possibilidade -e tema- da pena *sarmientina*, *Os Sertões*, por sua vez, é concebido porque se esteve ali. O contato é sua condição de possibilidade ainda que a seu modo, e como todo texto, exija e tematize uma distância -e a encontre no tempo: 1897-1902).

Portanto, sob certo ponto de vista, poder-se-ia afirmar que a curva traçada entre o começo e o desfecho de ambos os volumes desenha, em cada um dos casos, uma trajetória inversa. Os atores do *incipit* sarmientino dão forma a uma polaridade: *eu* - enigma indecifrável, figura cujos atos e palavras fogem às faculdades elucidativas do *outro* -, versus *o governo rosista* - "esfinge" complexa e, no entanto, escrutável, mistério que necessariamente terá de ceder diante de `minhas` faculdades exegéticas (7). Entre esses dois atores (entre Sarmiento e Rosas), Facundo é, sem dúvida alguma, um mediador de peso mas, contudo, um mediador. E a invocação por todos conhecida é, a rigor, uma auto-invocação (8).

Não obstante, à assimetria que se estabelece a partir dessa superioridade cognitiva e heurística, é preciso acrescentar outra: *eu*, corpo vitimado e expulso, possui o poder da palavra - e é sabido o quanto isso representava

para Sarmiento -, mas o outro possui o exercício do poder. Daí a possibilidade de se pensar que **Facundo** se desenvolve pulsionado pela vontade de responder à seguinte interrogação: como fazer para que o primeiro dos atores venha a coincidir com o segundo? como ocupar o território daquele que hoje - quando escrevo esta "obrinha" - é o 'meu' adversário? como fazer, em suma, para que a diferença inicial de forças e de espaços se torne identidade e acabe convergindo numa única pessoa? (Naturalmente que, aos olhos do autor, esta substituição implica mudanças substanciais na própria estrutura e estatuto do poder: Rosas representa a força ilimitada e absoluta, poder sem chances de tornar-se legítimo; 'eu', ao contrário, sou a promessa de uma autoridade de outra ordem, de uma legalidade objetivada em normas escritas, protocolos e regulamentos. Assim, a caracterização do processo narrativo em termos de 'coincidência' ou 'identidade' buscada não deve ser compreendida literalmente. Trata-se de uma expressão figurada, cujo valor estratégico é conveniente sublinhar). De fato, se Sarmiento se debruça sobre passado à procura das raízes de um sistema presente, é, antes de tudo, para poder operar com eficácia num futuro próximo. Futuro que, é desnecessário insistir, leva a marca indelével da euforia.

Não podendo usufruir da imunidade sarmientina - isto é: impossibilitado de reivindicar para si próprio o papel do

perseguido e de tirar as vantagens decorrentes de semelhante posição -, **Os Sertões** progride na direção contrária. Desta vez o ponto de partida é um *nós* situado do lado do carrasco mas que também inclui a figura aortal. Daí a pergunta que impulsiona o relato não mais objetivar um processo de junção mas, ao contrário, um processo de ruptura: como separar-se - por meio desta escrita corretiva-, e fazer com que surja entre 'mim' e 'o governo' uma espécie de hiato? Parece-me que o movimento da pena euclidiana dramatiza implicitamente a voluntária urdidura dessa fenda numa desesperada tentativa de construir para si um *locus* enunciativo diferenciador. Além disso - e não apenas pelo fato de seu núcleo primigênio localizar-se no passado e referir-se a uma comunidade exterminada -, não resta, em **Os Sertões**, o mínimo traço do fôlego prospectivo que domina os capítulos finais de **Facundo**. Não que Euclides não alargue seu campo de visão. De fato, o que ao início da escrita do volume buscava ser tão somente "a história da campanha de Canudos", acaba por transformar-se num "esboço" dos "traços atuais mais significativos das sub-raças sertanejas" (9). Mas a expansão da matéria tratada - ou, em outras palavras, a passagem do episódio histórico pontual para o esboço mais amplo -, e até mesmo o seu reticente viés prospectivo, já nada possui que a assemelhe à impetuosa faculdade predictivo-construtiva de Sarmiento. Nesta oportunidade, o alargamento de perspectiva decorre da aguda percepção de um processo destrutivo que transcende o dado episódico e que não consegue ser

reenquadrado no marco de um projeto assumido como próprio. Dito em outros termos: se Euclides vai além da "campanha de Canudos" é por ele pressentir que, "o jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório, serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas" (10). Desta forma, o "esboço" transforma-se num *requiem*, ainda que também - e é justamente esse o futuro vislumbrado, e talvez seja esse 'o programa' do autor -, num gesto de advertência. Sem nada que nos lembre o entusiasmo de **Facundo**, o amanhã aqui é uma incógnita. A esfinge sarmientina fora deslocada de lugar.

Estabelecidas as coordenadas iniciais desta espécie de exercício comparativo, as páginas que seguem abandonam temporariamente a Sarmiento e seu **Facundo** para concentrar-se, também temporariamente, na análise da obra euclidiana. Ou, melhor ainda, no exame de uma de suas não poucas facetas. Percurso que, como toda leitura, implica uma eleição: neste caso, a do perfil do texto que soube suscitar uma relação empática. Parcial, como todas, a presente leitura pressupõe, portanto, o existir de um outro sem-fim de aspectos semelhantes, complementares ou antinômicos, daquele que decidí abordar. Como Canudos - como a "cidadela

inexpugnável" representada por Euclides da Cunha -, Os Sertões se assemelha a um "labirinto". De antemão recuo da pretensão de descobrir seu centro.

*II. Perseguindo uma figura pelo sertão adusto ou do itinerário de uma desilusão.*

Quando o leitor, habilmente conduzido por esse guia oculto e, no entanto, onipresente, que torna cada friso 'natural' um episódio agônico - isto é: um drama que subverte o hipotético enquadramento descritivo de *A Terra*, transformando o volume desde o primeiro momento num relato sobre forças conflitantes -, depara-se com a flora do sertão, descobre, entre suas inúmeras espécies,

"... os cabeças-de-frade, deselegantes e monstruosos melocactos de forma elipsoidal, acanalada, de gomos espinescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado por uma flor única, intensamente rubra. Aparecem, de modo inexplicável, sobre a pedra nua, dando, realmente, no tamanho, na conformação, no modo porque se espalham, a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica." (11)

Assim como antes que o primeiro tiro fosse disparado o leitor já pudera assistir à encenação de uma luta entre os diversos agentes geológico-climáticos, de modo análogo, antes da primeira cabeça humana rolar, essa imagem já vingara no discurso (12). A semelhança de outras, esta figura antecipatória - que convida a suspeitar que o modelo compositivo de *A Terra e O Homem*, os dois primeiros blocos do texto, sejam na verdade *A Luta*, criando assim uma motivação artificial e retroativa que se encobre sob a forma da *dispositio* naturalizadora e prospectiva -, à semelhança de outras, esta figura antecipatória voltará a ressurgir muitas páginas depois e em várias ocasiões. Quando a série, composta por quatro termos que se deslocam paulatinamente para o âmbito de significação que neste primeiro quadro opera como princípio focalizador predominante, se defrontar, por fim, com a cabeça do (pseudo)frade Antonio Conselheiro, o circuito se terá completado, acarretando, porém, uma consequência importante: a última cabeça decepada que se apresentará ao leitor terá sido decepada em nome das linguagens que possibilitaram esta descrição inicial.

Retrocedamos, a fim de analisar sumariamente algumas de suas características, para o parágrafo acima citado, primeiro termo dessa constelação.

Inscrito no marco duplamente agônico de uma epopéia da natureza e de uma "epopéia do conhecimento" pouco menos anticlimática do que a dos próprios agentes geológicos, o levantamento da flora do sertão concretiza-se apelando, por sua vez, a uma palavra mista (13). Esta duplicidade, que de maneira alguma é privativa do trecho dedicado a inventariar as espécies vegetais, reverte numa justaposição ininterrupta de registros: sintagmas de caráter nitidamente científico confluem a cada passo com expressões de cunho literário cuja manifestação mais evidente são aquelas locuções que remetem, de modo imediato, ao âmbito da representação. As "massas gnaissegraníticas... se encurvam em desmedido anfiteatro" (14); as "formações sedimentárias" do litoral parecem "rampas de um majestoso palco" (15); as "assomadas gnássicas, caprichosamente cindidas em planos quase geométricos à maneira de silhares" suscitam "a ilusão de encontrar-se, de repente, naqueles ermos vazios, majestosas ruínarias de castelos" (16).

Geólogo, geógrafo, cartógrafo, meteorólogo, botânico, zoólogo e literato convivem no interior deste discurso que semeia signos capitalizáveis no nível de uma esfera puramente cognitiva, ou no nível da esfera dramático-narrativa. As vezes um sintagma esgota sua significação no próprio ato de ser proferido, satura-se como significante de um saber específico e especializado, colma aí sua função:

"massas gnaissegrániticas". Em outras ocasiões - quando o dialeto técnico dá lugar a outras formas expressivas -, cria-se um campo semântico que encontra muitas páginas depois seu par complementar. As "assomadas gnássicas" do sertão, que parecem "ruinarias de castelos", virá a somar-se o atavio do jagunço: "As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado - é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo" (17). (Não é necessário dizer que as analogias com o mundo medieval são mais do que frequentes). Em outras oportunidades, enfim, a descrição de um corte mezológico, de uma espécie vegetal ou de um conjunto delas, inaugura um *leitmotiv* que encontra um correlato homológico e dinâmico nas páginas subsequentes. Anuncia-se, sob a forma do catálogo, um tópico recuperado pouco mais tarde no plano narrativo ao tornar-se ação ou instrumento de uma ação. Assim, por exemplo, "a caatinga" - que "como um cilício dilacerador estende sobre a terra suas ramagens de espinhos" (18) -, ou "os cereus esguios e silentes, aprumando os caules circulares repartidos em colunas poliédricas e uniformes, na simetria impecável de enormes candelabros" - plantas que "ao descer das tardes breves... dão a ilusão emocionante de círios enormes" (19) -

, evocam, no orbe vegetal, os fetiches de uma religiosidade "primitiva", "mestiça" e "fanática", que logo em seguida se verão transformados em instrumentos concretos das peregrinações sertanejas. A imagem primigênia encarna-se e dinamiza-se, passa a ser literalmente 'real'.

O parágrafo dos cabeças-de-frade, no qual o detalhe analítico-descritivo do botânico justapõe-se à figura da degola, pertence a este último subgrupo. Integra, aliás, uma ínfima fração dessa empresa monumental assumida ao longo de centenas de páginas e que visa outorgar existência, enquanto objeto de conhecimento peremptório, a uma região esquecida e postergada do país. (Vale a pena sublinhar a esse respeito que Euclides obstina-se em caracterizar o sertão nordestino como sendo um "hiato", como uma "terra ignota" para a qual a civilização e seus saberes deram as costas. Nessa insistência, que, por sua vez, é uma forma de autodesignação e de reenvio ao próprio discurso, pode ser lido o seu propósito: colmar o hiato, e por que não, também sua vaidade. Sob este ponto de vista, embora Euclides pareça estar bem longe do ostensivo uso do 'eu' que os protocolos da retórica romântica permitiam ao autor de **Facundo** empregar sem qualquer reserva, seu titanismo narcisista se parece ao de Sarmiento. O exibir das linguagens tornara-se por si só, no final do século, numa cifra daquele que as profere).

Lançando mão de todos os registros discursivos disponíveis que integram o complexo de saberes 'civilizado' (aí incluída a literatura), o narrador de *Os Sertões* recenseia uma nova espécie vegetal: "os cabeças-de-frade, deselegantes e monstruosos melocactos...". Mas junto a ela põe a circular um signo, o da degola, epítome de uma prática 'bárbara'. Signo que rolará de mão em mão até retornar, 'realizado' e quase idêntico, àquela que é sua fonte de emissão. A ciência permitira inventariar os cabeças-de-frade; em nome da ciência será decapitado, muito depois, o cadáver de Antonio Conselheiro. Mas antes que isso aconteça o signo deverá passar por outras mãos, desenhar uma trajetória cuja segunda paragem situa-se, ainda, em "território ignoto".

....

As forças militares-republicano-civilizatórias já foram repelidas em duas oportunidades quando a terceira expedição a Canudos se organiza sob as ordens do Coronel Moreira César - "ídolo" não menos ambivalente do que o próprio Conselheiro e sobre quem pesa um apodo nefasto: "corta-cabeças" (20). Novo ataque, nova e inexplicável derrota do exército e, depois, a seguinte cena, que começa com uma recapitulação avaliativa dos acontecimentos recentes:

"A força do governo era agora realmente a fraqueza do governo, denominação irônica destinada a permanecer por todo o curso da campanha. Haviam-na visto chegar -imponente e terrível- apercebida de armas ante as quais eram brincos de criança os clavinotes brutos; tinham-na visto rolar terrivelmente sobre o arraial e assaltá-lo, e invadí-lo, e queimá-lo, varando-o de ponta a ponta; e depois destes arrancos temerários, presenciaram o recuo, e a fuga, e a disparada douda, e o abandono pelos caminhos afora das armas e bagagens.

Era sem dúvida um milagre. O complexo dos acontecimentos perturbava-os e tinha uma interpretação única: amparava-os visivelmente a potência superior da divindade.

E a crença, revigorada na brutalidade dos combates, crescendo, maior, num reviver de todos os instintos bárbaros, malignou-lhes a índole.

Atesta-o fato estranho, espécie de divertimento sinistro lembrando a religiosidade trágica dos Achantis, que rematou estes sucessos.

Concluídas as pesquisas nos arredores, e recolhidas as armas e munições de guerra, os jagunços reuniram os cadáveres que jaziam esparsos em vários pontos. Decapitaram-nos. Queimaram os corpos. Alinharam depois, nas duas bordas da estrada, as cabeças, regularmente espaçadas, fronteando-se, faces volvidas para o caminho. Por cima, nos arbustos marginais mais altos, dependuraram os restos de fardas, calças e dólmãs multicores, selins, cinturões, quepes de listras rubras, capotes, mantas, cantis e mochilas...

A caatinga mirrada e nua, apareceu repentinamente desabrochando numa florescência extravagantemente colorida nos vermelho forte das divisas, no azul desmaiado dos dólmãs e nos brilhos vivos das chapas dos talins e estribos oscilantes...

Um pormenor doloroso completou esta encenação cruel: a uma banda avultava, empalado, erguido num galho seco, de angico, o corpo do coronel Tamarindo.

Era assombroso... Como um manequim terrivelmente lúgubre, o cadáver desaprumado, braços e pernas pendidos, oscilando à feição do vento no galho flexível e vergado, aparecia nos ermos feito visão demoníaca" (21)

Tão fascinado pelos "divertimentos sinistros" do outro quanto o escritor argentino - cuja sombra resiste a dissipar-se -, Euclides monta este quadro esplêndido e mórbido a partir de um código predominantemente estético. A rigor, o parágrafo citado deve menos ao espírito do cronista e a sua vocação de consignar 'a verdade' - embora saibamos que ela também não é alheia à idéia de representação -, do que a uma série de tópicos retrabalhados até o paroxismo pela literatura, durante o último terço do século XIX. O que não impede que a inteligibilidade da cena inscreva-se num campo que transcende o estatuto meramente estético. Como os "Achantis", como a própria natureza inculta que lhes serve de modelo e da qual são uma espécie de *duplicata*, os jagunços, "revigorada a crença na brutalidade dos combates", reeditam uma prática cujo 'barbarismo', entretanto, é passível de compreensão. Isto é: pode ser explicado a partir de um ponto de referência que conhece as origens desses mecanismos comportamentais 'primitivos', precisamente por tê-los 'superado', voltado sobre eles, examinado suas causas e elucidado suas supostas condições de emergência.

O esquema não se vê perturbado. Os cabeças-de-frade tornaram-se ação dentro de seu contexto 'natural' e, embora a forte estilização do quadro contamine, ainda que tibiamente, o sujeito que o forjou, sua posição elocutiva não sofre qualquer dano. A voz civilizada ilumina o complexo

motivacional que suscitou a irrupção desse comportamento obscuro

....

Porém, quando o leitor chega por fim aos capítulos que narram os *Ultimos dias de Canudos*, ou em outras palavras, quando a quarta expedição, armada até os dentes e numericamente desproporcional - milhares de soldados contra um grupo exíguo de homens famélicos e sedentos -, cerca definitivamente esse inimigo que contra toda razoabilidade resiste mas cuja derrota é iminente, depara-se com a presença de um espetáculo ominoso. Os cabeças-de-frade que encontraram materialização no fragmento já citado ou, melhor ainda, o *quantum* de barbárie que esse signo encarna, translada-se de campo, gira sobre seu eixo e interna-se nas trincheiras do exército-republicano-civilizador.

Sem recorrer aos traços estetizantes do episódio precedente, embora não estando isenta de certa teatralidade extremamente cara ao autor e que constitui um dado estrutural do texto, a representação desta cena - que se desdobra em várias e faz desse proliferar um procedimento enfático -, encontra-se marcada pela superabundância de 'pormenores realistas'. Se o trecho anterior não se detinha nos detalhes concretos e concentrava-se na descrição de uma cenografia macabra e arrebatadora, aqui, ao contrário, é consignado até o mínimo detalhe. Transcrevo, a título de ilustração, alguns desses fragmentos.

Após uma frustrada tentativa de interrogatório, os soldados conduzem para fora da barraca do seu superior um combatente sertanejo já gravemente ferido:

"Fora, passaram-lhe, sem que protestasse, uma corda de sedenho na garganta. E, levado aos repelões para o flanco direito do acampamento, o infeliz perdeu-se com os sinistros companheiros que o ladeavam no seio misterioso da caatinga.

Chegando à primeira canhada encoberta, realizava-se uma cena vulgar. Os soldados impunham invariavelmente à vítima um viva à República, que era poucas vezes satisfeito. Era o prólogo invariável de uma cena cruel. Agarravam-na pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na." (22)

Num contexto análogo, mas resumindo as características do que, com o passar do tempo, já se havia tornado uma prática "cotidiana":

"Preço o jagunço válido e capaz de aguentar o peso da espingarda, não havia malbaratar-se um segundo em consulta inútil. Degolava-se; estripava-se. Um ou outro comandante se dava o trabalho de um gesto expressivo. Era uma redundância capaz de surpreender.

Dispensava-a o soldado afeito à tarefa.

Esta era, como vimos, simples. Enlear ao pescoço da vítima uma tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chirqueador; impeli-la por diante; atreavessar entre as barracas, sem que ninguém se surpreendesse; sem temer que se escapasse a presa, porque ao mínimo sinal de resistência, ou fuga, um puxão para trás faria que o laço se antecipasse à faca e o estrangulamento à degola. Avançar até a primeira covanca profunda, o que era um requinte de formalismo; e, ali chegado, esfaqueá-la. Nesse momento, conforme o humor dos carrascos, surgiam ligeiras variantes." (23)

Irrompendo num espaço onde por princípio não deveria frutificar - mais ainda, que por definição era chamado a desterrar *sarmientinamente* uma série de comportamentos que, na dupla acepção da palavra, caberia denominar de extemporâneos -, as decapitações realizadas 'deste lado' corroem a bipolaridade que orientava o esquema interpretativo inicial, ou até mesmo, "invertem-na":

"Era uma inversão de papéis. Uma antinomia vergonhosa... (...) Aquilo não era realmente uma campanha, era uma charqueada. Não era a ação severa das leis, era a vingança. Dente por dente. Naqueles ares pairava, ainda, a poeira de Moreira César, queimado; devia-se queimar. Adiante, o arcabouço decapitado de Tamarindo; devia-se degolar. A repressão tinha dous pólos - o incêndio e a faca." (24)

Tanto mais escandalosa por não se renunciar inteiramente - e Euclides nunca o fará -, aos postulados primigênicos, a "inversão de papéis" suscita uma dupla perturbação. Por um lado, mina aquilo que era base de sustentação e paradigma explicativo da voz enunciadora, semeia suspeitas sobre o orbe 'civilizado' (sobre a significação mesma da palavra), e sobre a significação de sua aparente contra-imagem. Por outro lado, e conseqüentemente, envolve a figura do vencido numa aura heróica que se torna cada vez mais nítida. (Quanto a isto, basta percorrer as páginas das quais foram extraídas as citações antecedentes e examinar a representação do 'outro lado'). Mas a idealização do outro - e quem sabe essa saída teria sido mais tranquilizadora -, nunca será absoluta. Tampouco a "inversão". Entre os termos dessa "antinomia

vergonhosa" sempre sera preservada uma ligeira assimetria, um *plus* de negatividade que não se reverte numa positivização do outro, e sim numa degradação suplementar do próprio campo.

Turvada mas não abolida, uma vez que não há modelo alternativo de recâmbio, a perspectiva iluminista mergulha numa espécie de eterna suspensão que crispa o texto tornando-o ainda mais dramático. Colapso cuja trajetória encerra - não porque conclua ou desague numa significação superadora, mas pelo fato de ser a última oportunidade em que o texto tematiza este motivo -, algumas páginas adiante.

....

Entardecer do dia 5 de outubro de 1897. A cidadela de Canudos "exemplo único em toda a História", comunidade que "resistiu até o esgotamento completo", cai, por fim, quando são abatidos "seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dous homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados" (25). Na madrugada seguinte uma comissão designada para esse propósito descobre o cadáver de Antonio Conselheiro:

"Fotografaram-no depois. E lavrou-se uma ata rigorosa firmando a sua identidade; importava que

o país se convencesse bem de que estava, afinal extinto, aquele terribilíssimo antagonista.

Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita -e como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda mais uma vez ante aqueles triunfadores.

Trouxeram-na depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse sua última palavra. Ali estavam, no relevo das circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura..." (26)

Ultima cena de um itinerário disfórico. As linguagens que emprestaram fôlego às primeiras palavras de **Os Sertões** - onde o geólogo, geógrafo, cartógrafo, naturalista e literato Euclides da Cunha lançou-se a uma titânica tarefa de reconhecimento e recenseou, entre outras tantas coisas, uma espécie vegetal: os cabeças-de-frade -, retornam, degradadas ao estatuto de ato profanatório, para dizer sua "última palavra" O naturalista contempla-se no espelho deformado do frenólogo, e a ironia amarga destas frases finais, mal consegue disfarçar o desalento.

*"On ne tue point les idées"* : *"Degolam-se os homens, as idéias não"*. Com esta libérrima tradução de uma frase equivocadamente atribuída a Fortoul, Sarmiento iniciava o seu **Facundo**. Porém, quando os homens são degolados em nome da "civilização", as idéias não permanecem incólumes. Elas também cambaleiam.

### *III. Pausa retrogressiva*

Se os deslocamentos e transmutações sofridos pela figura da degola no interior da obra euclidiana podem ser lidos como representação de uma crise, como extravio ou perda do norte simbolizado na epígrafe de **Facundo** - não como sua total desapareição nem, menos ainda, como processo que desemboque numa nova axiologia -, seria então conveniente perguntar-se pela circulação e pelo valor dessa advertência emblemática no espaço de sua inscrição primeira.

Evidentemente, nem me proponho esgotar as possibilidades de significação contidas numa cláusula que, como o resto do livro, é passível de inúmeras interpretações complementares e mesmo antagônicas - porque também **Facundo**, reitero, é um híbrido intratável, equívoco e plural -, nem a eleição dos fragmentos a serem analisados obedece a um interesse de índole estritamente autônoma. Pelo contrário, o fato de acompanhar as peripécias e vicissitudes desse lema no seio do discurso *sarmientino* deveria permitir a visualização de diferenças e contrastes entre uma obra e outra. Ainda que também, desde logo, daquilo que, arruinado e desnortado, a despeito da desilusão e da disforia, permanece: as remanescências e ecos de uma obra na outra. Por último, das contradições e dilemas irresolvidos que as

atam. De modo que, se nas páginas anteriores, a leitura de *Os Sertões* recortava-se sobre a tela de fundo de um termo *in absentia* que, no entanto, orientava seu sentido, o mesmo poder-se-ia afirmar do exercício que me proponho realizar a seguir.

#### *IV. Algumas considerações sobre a epígrafe em questão.*

"*On ne tue point les idées*: Aos homens se degola, às idéias não". Versão personalíssima de uma cláusula que Sarmiento atribui a Fortoul, o olho inquisitivo de Groussac a Volney, Paul Verdevoye, por sua vez, e desmentindo a Groussac, afirma tê-la encontrado em Diderot (citado por Didier num artigo da *Revista de Ambos mundos*) e, por último, Ricardo Piglia interpreta como sintoma de uma situação peculiar de leitura, a frase projeta-se sobre a totalidade do livro e pauta a direção na qual ele deve desenvolver-se. (27).

Numa primeira instância, a epígrafe funciona como incógnita nuclear em torno à qual se constrói o episódio com que se inicia o relato. Um corpo ferido e maltratado - Sarmiento narrará com pormenores como conseguiu escapar ao "sabre que pairava sobre sua cabeça" em *Recuerdos de*

**Provincia** (pags. 184-9) -, parte rumo ao exílio e, "...ao passar pelos *baños* do Zonda, sob as armas da pátria que em dias mais alegres havia pintado numa sala", escreve "com carvão estas palavras: *on ne tue point les idées*" (28). Como sustenta Figlia, "esse homem com o corpo marcado pela violência da barbárie deixa também sua marca, impõe sua diferença e sua distância: escreve para não ser entendido. A oposição entre civilização e barbárie cristaliza-se no contraste entre aqueles que podem e aqueles que não podem ler essa frase escrita noutra língua" (29).

Previsivelmente, aos 'bárbaros' lhes cabe o papel da ignorância ("Pois bem, que significa isto?"), ou o da desconfiada conjectura de uma violência verbal que o homem 'civilizado' e perseguido se encarrega de tornar explícita, reforçando as posições de uns e outros. Com efeito, numa carta a seu amigo Quiroga Rosas, que se pode considerar como uma versão preliminar (e privada) da anedota que reaparecerá em **Facundo**, o autor diz:

"Uma ocorrência original. Lembra do meu quarto nos *baños* do Zonda, tão pintado com as armas da pátria na parede com bandeiras e troféus? Pois bem, o dia que me degolaram, lancearam, etc... em San Juan, ao ingressar em meu desterro, entrei no quarto e sob o troféu nacional escreví estas célebres palavras: "On ne tue point les idées" e segui meu caminho. Como ninguém as entendesse, a ignorância, mãe da desconfiança, suspeitou que poderia querer dizer: "filhos de uma grande puta, *montoneros*, um dia vão me pagar". E esta tradução correu de boca em boca; mas quando chegou ao Governo era não só aquilo mas ainda os insultos mais grosseiros, um plano de conspiração, e para completar inhapa, que a *Teléfora* (preónimo de la femme du Gouverneur) era uma baleia em azeite" (30)

Ao fim de contas, que outra coisa poderia suspeitar o 'bárbaro' senão que à violência se responde com violência, ainda que as desvantagens obriguem ao emprego de seu sucedâneo verbal? Mas não, Sarmiento restitui o sentido nobre e reto da sentença e o contrapõe ao silêncio - ou às ignomínias - do outro:

"Significava, simplesmente, que vinha para Chile, onde a liberdade brilhava ainda, e que me propunha fazer projetar os raios das luzes da sua imprensa até o outro lado dos Andes. Os que conhecem minha conduta em Chile, sabem se cumpro com aquela promessa" (31)

Sangue ou carvão e tinta; incisões no corpo ou na parede e no papel; palavras 'baixas' ou palavras 'elevadas' (numa língua elevada); 'hieróglifos' ilegíveis (para uns) ou 'enigmas decifráveis' (para outros). Se, como indiquei anteriormente, esta constelação de diferenças institui uma primeira assimetria entre os sujeitos do relato e consagra a supremacia cognitiva e heurística do *eu*, o paradoxo, não obstante, (ou o 'escândalo') consiste em que esse *eu* investido de saber - que se constitui e se exhibe como tal - está desinvestido de poder, excluído, para dizê-lo com suas próprias palavras, da "direção dos negócios da República". O poder ("brutal", "arbitrário", fundado na "perseguição" e no "terror"), e conseqüentemente, a direção dos negócios (ontem guiados por "propósitos mesquinhos" ou "caprichos" momentâneos dos caudilhos provinciais; hoje nas mãos - e em benefício exclusivo de uma única pessoa que "os resume a todos", don Juan Manuel de Rosas; em não poucas passagens -

e num deslizamento contraditório mas significativo - apresentados sob a ótica da colisão de interesses Buenos Aires/Interior), o poder, pertence ao *outro* (32). Daí, minha afirmação de que **Facundo** evolui impulsionado pela vontade de apoderar-se da posição desse outro e, nesse movimento, inverter os signos de um 'poder-força' que se tornará (com ele) 'autoridade-razão'. Daí, também, a necessidade de advertir acerca das diferenças que o separam de **Os Sertões**.

Em **Facundo**, um narrador, Sarmiento, propõe-se a (re)montar a história de uma nação *em trânsito* - ou talvez melhor: de um Estado em formação. *Para trás*, os dias da gesta independentista (cap. IV, *Revolución de 1810*), os fracassados esforços e não poucos "erros" de um governo iluminista/iluminado (cap. VII *Sociabilidad*, cap. VIII *Ensayos*), sua derrota pelos agentes da descentralização e a dispersão, pelas forças centrífugas encarnadas na figura do "caudilho" (Caps. IX, X, XI, XII *Guerra Social*), a progressiva "unificação na barbárie", primeiro baixo o mando de Quiroga (cap. XIII *Barranca Yaco!*), logo de Rosas (cap. XIV *Gobierno Unitario*). *Hoje* - quando escrevo esta "obrinha" -, quando o ciclo foi concluído e tudo parece estar pronto, resta somente a figura do tirano:

"Creio haver demonstrado que a revolução na República Argentina está já terminada e que só a existência do execrável tirano que ela engendrou,

estorva que, hoje mesmo, entre numa carreira logo ininterrupta de progressos que poderiam fazer inveja a alguns povos americanos. A luta das campanhas com as cidades acabou; o ódio a Rosas reuniu estes dois elementos; os antigos federais e os velhos unitarios, bem como a nova geração, foram perseguidos por ele, e reuniram-se" (33)

Por isso, à frente, essa figura já desnecessária deve desaparecer: profecia com a qual convive o 'final aberto' do relato, e que de algum modo o encerra:

"Quis a providência que, ao defechar-se o drama sangrento de nossa revolução, o partido tantas vezes vencido, e um povo tão pisoteado, se achem com as armas nas mãos e em condições de fazer ouvir as queixas das vítimas. A heróica provincia de Corrientes tem, hoje, seis mil veteranos que, nesta hora, terão entrado em campanha sob as ordens do vencedor de La Tablada, Oncativo e Caaguazú, sob as ordens do *boleado*, do manco Paz, como o chama Rosas. Cuantas vezes este furibundo, que tantos milhares de vítimas sacrificou inutilmente, se terá mordido e sangrado os lábios de cólera, ao lembrar que o teve preso dez anos e não o matou, a esse mesmo manco *boleado* que hoje se prepara para castigar seus crimes! A providência terá querido dar-lhe este suplício de condenado, fazendo-o carcereiro e guardião daquele que o Alto destinara a vingar a República, a Humanidade e a Justiça.

Proteja Deus tuas armas, honrado general Paz! Se salvas a República, nunca terá havido glória como a tua! Se sucumbes, nenhuma maldição te seguirá à tumba! Os povos se associarão a tua causa ou deplorarão, mais tarde, sua cegueira ou seu envilecimento" (34)

De fato, a providência se faria esperar ainda por um tempo e transcorreriam sete anos até a queda de Rosas - e alguns mais até a queda desse "outro Rosas", como se revelou ser, aos olhos de Sarmiento, o vitorioso em Caseros: o general-caudilho Justo José de Urquiza.

Portanto, nesta história - no presente desde onde ela é construída - o 'bárbaro' ocupa ainda o centro da cena e do

poder, enquanto os 'civilizados' são lançados para baixo ou para fora. Desta posição, mas ainda assim nela vaticinando para seu grupo e para si uma posição futura elevada e central, é que o autor escreve. E poder-se-ia dizer que o livro se dedica precisamente a demonstrar a 'necessidade inelutável' desse deslocamento, em cujo decurso efetivo, é necessário lembrar, Sarmiento viu surgir, e também nos pôs frente, a várias surpresas inesperadas. Mas isso pertence a uma história que o narrador de **Facundo** não pôde, soube ou não quis prognosticar.

Em **Os Sertões**, por sua vez, um homem ferido em suas convicções civilizacionistas-republicanas - republicanismo não isento de certos laivos autoritários comuns a ambos escritores e que os faz aparentados -, frustrado em suas expectativas pessoais com relação à nova ordem - "...Ministro ! Ministro da viação este teu pobre amigo! Só mesmo em sonhos..."(35) -, marcado pelo estigma de sua "colaboração" no que, *a posteriori*, define como um "crime", decide-se a contar, desde a desilusão, os desacertos e horrores de uma luta "fratricida".

"Inexplicavelmente" - e é esta uma das incógnitas que Euclides da Cunha buscará decifrar -, a rebelião de Canudos explode quando a nação brasileira acaba de dar-se um novo marco político-institucional teoricamente mais justo, representativo, progressista, civilizado: a República. (Sob

este ângulo talvez se pudesse sustentar que uma obra começa onde a outra se interrompera e esta, por sua vez, conta os prolegômenos da que lhe sucede. Em outras palavras: **Os Sertões** funciona como o epílogo não escrito de **Facundo**; **Facundo** fornece a etiologia de **Os Sertões**). É certo que a princípio o autor adere à hipótese da conspiração monárquico-restauradora, mas muito antes de sentar-se para escrever sua "denúncia", já a descartara quase por completo. A exceção dos dois primeiros artigos publicados no **Estado de São Paulo** (e redigidos `à distância`), pouquíssimas passagens voltam a referir tal hipótese, mesmo nos textos ulteriormente compilados sob o título de **Diário de uma expedição**, produto de sua atividade como repórter correspondente de guerra, enviado pelo mencionado periódico (36). Nesse sentido, poder-se-ia afirmar que Euclides vai, vê e duvida: não apenas dos propósitos do outro (e das `autênticas` raízes do conflito) como também das bondades e `verdades` do regime recentemente instaurado, ou melhor: das instituições e dos homens concretos que o corporificam (37). Assim, se a primeira incógnita está centrada nas razões ou desrazões do comportamento alheio, a segunda, por sua vez, volta-se sobre si (sobre o *nós* que o relato introduz), e indaga das injustiças, barbaridades e regressões que as "idéias" promoveram em seu devir real (ou talvez se devesse dizer: do imperfeito e defeituoso de uma realização que fere a idéia, mas que de modo algum a mata). Esta última pergunta carece de sentido no **Facundo**.

Difícilmente, pois, poder-se-ia sustentar a homologia da figura do "caudilho" que um dia com suas hostes chegou a ter sob seu jugo várias províncias argentinas (Facundo Quiroga), ou a quase totalidade do país (Rosas), com a comunidade liderada por Antonio Conselheiro, comunidade *excêntrica* em relação a um poder estatal já formalmente instituído apesar de seus vaivéns, oscilações e deformações, e em cuja composição, na Argentina como no Brasil, os caudilhos de outrora - os interesses setoriais ou regionais representados sob essa denominação -, teriam um papel importantíssimo. (É certo que tampouco se deveria identificar e confundir "caudilho" e "gaucho", nem aos diversos caudilhos entre si -e é o que faz Sarmiento). Comunidade *'excêntrica'*, então, e que se obstina em permanecer como tal: eis o verdadeiro delito destes "patricios retardatários". (Também aí se encontra uma ligeira semelhança com outro personagem e outra obra decididamente incomparável sob inúmeros pontos de vista, mas também marcados por uma *'exterioridade'* que possui suas razões: **Martín Fierro** de José Hernández).

No primeiro dos casos, os *'agentes da barbárie'*, refratários à lei e às instituições legitimadas pelo mundo civilizado, desenvolvem uma atividade de tipo *ofensiva*, *expandem-se* e, temporariamente, *impõem-se*. Não somente afrontam as decisões de um governo recém-estabelecido, cuja

autoridade questionam, como minam as bases dessa estrutura de poder abortada - ou ao menos prematura-, e avançam sobre ela (38).

No segundo caso, `bárbaros` muito distintos de um Juan Facundo Quiroga (membro de uma família de poderosos proprietários rurais do interior), ou de um Juan Manuel de Rosas (principal estancieiro e charqueador bonaerense), *recuam* frente à ação ofensiva de um poder estatal que necessita afirmar-se e expandir-se - muito mais, por certo, naquilo que concerne a sua capacidade de polícia, que no atinente ao cumprimento de suas `obrigações`. Por uma espécie de inversão, diria-se que os que agora `emigram` em direção às margens da pátria, os que se `exilam` buscando subtrair-se à pressão exercida por uma (pseudo)legalidade que nem reconhecem como sua, nem como benéfica, são os "bravos sertanejos".

Euclides parece não duvidar de que esses homens tão "bravios" quanto "retrógrados", passíveis ao mesmo tempo de serem valorizados ou depreciados segundo se os apreenda a partir de um código estetizante ou cientificista - desdizer-se permanente que organiza a duplicidade estrábica da visão do escritor -, "se teriam rendido frente a outros adversários" ...mais fiéis à "idéia", me atreveria a acrescentar. Resto de fé na superioridade dos princípios republicano-civilizacionistas que nunca abandonará de todo

e que o torna um herdeiro, mesmo que amargo e desconfiado, mas ao fim herdeiro do dogma *sarmientino*.

Destacando-se no interior do dogma, um modelo de Estado ilustrado e tutelar cujos excessos, irregularidades e infrações pareceriam ser o 'autêntico' motivo do mal-estar euclidiano. Como se o 'verdadeiro crime', 'deste lado', não se radicasse na própria violência, mas nas formas de conduzir e administrar o exercício de um monopólio repressivo que, nitidamente, e para ambos os escritores, é uma razão de Estado. Ainda que também para ambos as 'obrigações' do Estado não terminem aí.

Uma "campanha" disciplinada (não uma "charqueada"), "ação severa das leis" (não uma "vingança") e, coroando a ação, um "mestre": se diria que esse é o sonho desfeito e arruinado de *Os Sertões*.

Mas para que se compreenda "o que significa isto" (*Facundo*, pág. 9), é necessário deslocar-se ao cenário onde se estão armando (em ambos os sentidos), as distinções entre "campanha" e "charqueada", "lei" e "vingança". É preciso retornar a Sarmiento e ao *Facundo*.

*V. De volta aos albores da pátria: produção do sentido e representação da violência no discurso sarmientino.*

Tendo salvado a cabeça, e decidido a usá-la para que as idéias assumam a condução do país, Sarmiento toma para si a parte que lhe cabe em uma luta que se desenrola em duas frentes estreitamente unidas: as letras e as armas, o saber e a guerra. Porque, de fato, "resolver o enigma" e "derrotar ao monstro" (pág. 9), constituem atividades interdependentes e correlatas. O que não impede que o narcisismo megalômano de *Don Yo* (apodo que Sarmiento ganharia com o passar do tempo), seu culto ilustrado, e as faculdades omnímodas do "don de línguas", inclinem a balança em proveito dos "poderes intelectuais":

"Necessita-se, porém, para desatar este nó que não pode cortar a espada, estudar prolixamente as voltas e revoltas dos fios que o formam, e buscar, nos antecedentes nacionais, na fisionomia do solo, nos costumes e tradições populares, os pontos em que estão atados" (grifo meu) (39)

Precauções oratórias à parte, ("este estudo que nos não estamos em condições de fazer por nossa falta de instrução filosófica e histórica... teria revelado..." pág. 10), não restam dúvidas sobre a identidade do escolhido pela providência para executar o projeto. Edipo da "Tebas do Prata", "Tocqueville" dos pampas argentinos, "Calibar" (*rastreador*) da política, Sarmiento sabe da parcialidade de sua missão, reconhece seu caráter relativo e a necessidade de um complemento noutra plano: " A partir do Chile, nós, nada podemos dar aos que perseveram na luta sob todos os rigores das privações, e com a faca exterminadora que, como a espada de Dámocles, pende a todas horas sobre suas

cabeças" (pág. 14). Mas também sabe manipular com perfeição as palavras e transformar o "nada" em instrumento todo-poderoso:

"Nada! exceto idéias, exceto consolos, exceto estímulos; arma nenhuma nos é dado levar aos combatentes, a não ser a que a *imprensa livre* de Chile subministra a todos os homens livres. A imprensa! a imprensa! Eis aqui, tirano, o inimigo que sufocaste entre nós. Eis aqui o velocino de ouro que tratamos de conquistar. Eis como a imprensa de França, Inglaterra, Brasil, Montevideu, Chile e Corrientes, vêm turbar teu sono em meio ao silêncio sepulcral de tuas vítimas. Eis no que te viste compelido a roubar o dom de línguas para dar paliativo ao mal, dom que só foi dado para predicar o bem. Eis onde desces para te justificar, e vais por todos os povos europeus e americanos mendigando uma pena venal e fratricida, que por meio da imprensa defende aquele que a acorrentou!" (40)

E se o tirano "desce a justificarse" - o que funciona como uma prova pelo avesso das virtudes e da eficácia da pena -, a imprensa, por sua vez, "ascende" e se "beliciza" através de uma série de metáforas e comparações imagéticas:

"Franklin, fundando um periódico, estabelecendo uma sociedade de leitura, fez tanto pela emancipação norteamericana, quanto um exército ou uma vitória dos patriotas" (41)

"Quando contemplamos a íntima conexão que possuem as publicações periódicas com o progresso material de um povo, de sua civilização e liberdade; quando vemos o *diarismo* figurar como a facção mais proeminente a caracterizar nosso século, como ele mesmo é toda a civilização; quando o vemos erigir-se no machado que destrói os déspotas, e no antemuro que protege as liberdades públicas; quando o ouvimos alçar suas mil vozes, e os tronos caírem a um só sinal de seu dedo..." (42)

Apologia do veículo escolhido como âmbito de ação (e de inserção primeira do **Facundo**, aspecto quase unanimemente desconsiderado pela crítica e que nos fez esquecer sua condição originária de "folhetim por entregas", não de livro), e, reduplicando a estratégia, exaltação e belicização desse discurso "estranho", "sem pés nem cabeça", "informe", que no entanto vale por "esquadrões" e "penhascos":

"A circulação deste livrete (Facundo) vale para mim tanto quanto um esquadrão de couraceiros comandado por um chefe arrojado" (43)

"Quarenta anos justos depois de ter servido de pedra para arrojá-la ante o carro triunfal de um tirano e, coisa rara! o tirano caiu esmagado pela opinião do mundo civilizado, formada por esse livro estranho, sem pé nem cabeça, informe, verdadeiro fragmento de penhasco que se lança à cabeça dos titãs" (44)

Como se vê, longe de renunciar à violência simbólica, Sarmiento dividiu o espaço da linguagem em duas formas de violência irredutíveis, antitéticas e de valoração distinta, operando uma incisão no corpo da linguagem. Com ele ficam os ataques legítimos e as figuras altas: a imprensa, os esquadrões, os penhascos, ainda que às vezes, é certo, lhe escape uma pedra - ou algo mais (45). Com os bárbaros fica a má palavra, baixa e indigna, em suma, o palavrão: "Filhos de puta, um dia vão me pagar". Bipartição que haverá de repetir-se, graças ao "dom de línguas" do autor, no espaço da guerra. Ou melhor, em sua história da guerra.

Se a letra pode mais, e porque constrói, legisla e valoriza o sentido.

....

Na origem da pátria, uma "revolução", obra de um punhado de cidadãos ilustres e generais eminentes que se propuseram implantar no outrora vice-reinado do Rio da Prata as instituições e os hábitos preconizados pelos pensadores europeus ou da América do Norte. Quase concomitantemente, a súbita irrupção de atores imprevistos no plano original e o subsequente drama: a "guerra social", a secessão velada sob o nome de "federação", o império - "provisório" - da pampa e suas pulsões retrógradas. Por último, "já consumada nossa educação política", "ventiladas todas nossas questões sociais", esclarecidos os enigmas, e - isto é o que ainda falta - vencidos os combates, a reorganização definitiva do país e o pôr em marcha do programa estipulado.

Disseminando-se ao longo deste relato fundador, signos que tendem a deslindar e hierarquizar dois universos. De um lado, a civilização e seus emblemas: sócio-culturais, políticos, econômicos, jurídicos e, sem dúvida, bélicos; a pátria que se quer - e que se confunde com a civilização franco-européia mesma, que desconhece barreiras continentais ou nacionais (46). Do outro lado, seus correlatos bárbaros:

a pátria que se deve suprimir ou transformar - disciplinando e instruindo (47).

Listo uma série de significantes modelares do **Facundo** que configuram um campo representacional análogo ao de *A Luta*, espécie de 'entreato necessário' (não de clausura trágica, tal como ocorre em **Os Sertões**), que se propõe ordenar e distinguir o repertório iconográfico da violência, parti-lo em dois e desautorizar o outro lado.

Do lado do outro, em infinitas recombinações e variantes, estão a lança, as boleadeiras, a faca - naturalmente a degola -, o poncho e o cavalo: objetos, práticas e indumentárias perigosamente próximos desse duplamente outro que a literatura argentina não incorporou a suas ficções fundadoras - o indígena. Diferença nada desprezível em relação à literatura brasileira, onde o indianismo prosperou e o papel do radicalmente outro - o excluído das alianças 'simbólicas', insisto -, talvez tenha cabido ao negro. Ecos desta dessemelhança se fazem sentir ainda no racionalismo 'diferenciado' de **Os Sertões** - onde a miscigenação branco/índio dá um "forte", mesmo que "primitivo" ou "rude", porém rotulado como a "rocha viva de nossa nacionalidade", enquanto que a miscigenação negro/branco dá um "neurastênico" - e no anti-indigenismo exacerbado, cru e pretensamente cientificista do último

Sarmiento, o de **Conflicto y armonias de las razas en América** (1883).

Do mesmo lado ainda, junto à faca, à lança, ao cavalo e ao poncho, a liderança personalista e arbitrária do "mais forte" ("a autoridade sem limites"), a ausência de disciplina e de hierarquias codificadas: a *montonera* - (des)organização guerreira de coloratura asiática ("as hordas beduínas que importunam as fronteiras de Argélia dão uma idéia exata da *montonera* argentina"), as estratégias traiçoeiras e enganadoras, ainda que privadas de capacidade de cálculo, a execução direta, sem forma ou medida.

Do seu próprio lado, a espada e o fusil, a casaca, o uniforme e as insígnias, as hierarquias pré-estabelecidas e protocoladas, a disciplina, a ordem e a subordinação, as ações calculadas, a artilharia em detrimento do cavalo (essa péssima "obsessão" argentina), as execuções em regra, o respeito pelos códigos de guerra e aos "direitos de gentes". O paradigma: o general Paz, o "manco matemático"(48).

Não me deterei nas condições de passagem de uma zona a outra, aspecto já tratado por Josefina Ludmer e que assim poderia ser resumido: se a incorporação ao exército reabilita e enaltece, a deserção (Quiroga) marca o ingresso na ilegalidade e arrasta ao delito (49). Tampouco me proponho inventariar a inumerável sucessão de facadas, tropelias de todo tipo e degolas - sobretudo degolas - postas do outro lado. Neste ponto Sarmiento é decididamente mais pródigo e indisciplinado que Euclides da Cunha e não há

página na qual não faça rolar umas quantas cabeças. Consignemos tão somente que, graças a essa ênfase desmedida, Sarmiento acaba por "afogar" o *grande outro* (don Juan Manuel de Rosas) "no lago que se poderia formar com todo o sangue que derramou" (pág. 112) - (e também por encharcar o narrador, como afirmava Alberdi). O que não significa que os lugares não se confundam com frequência (como em Euclides), porém que se está disposto a preservar as diferenças a qualquer preço. Porque aqui, todas as armas são boas. Se o outro mata, só o faz inequivocamente pelo concurso das 'más razões' e dos 'maus meios':

"Facundo, ao fim de um ano de trabalho assíduo, pediu seu salário, que chegava a setenta pesos, montou em seu cavalo sem saber aonde ia, viu gente na venda, desmontou, e acercando-se de um grupo de jogadores estendeu a mão e pôs os setenta pesos numa carta; perdeu e montou de novo, seguindo sem direção fixa, até que, mal se afastara um pouco, um juiz Toledo, que por acaso passava por ali, o deteve para pedir-lhe seus papéis de conchavo.

Facundo aproximou o seu cavalo como se fosse entregá-la, fingiu buscar algo no bolso, e deixou estendido o juiz com uma punhalada. Vingava-se no juiz da recente perda? Queria apenas saciar seu rancor de *gaucho malo* contra a autoridade civil e acrescentar este novo feito ao brilho de sua nascente fama? As duas coisas. Estas vinganças sobre o primeiro objeto que se deparava pela frente são frequentes em sua vida. Quando se apelidava a si mesmo general e tinha coronéis a suas ordens, fazia dar, em sua casa, em San Juan, duzentos açoites a um deles, por haver ganho trapaceando, dizia Facundo; a um jovem, duzentos açoites, por ter-se permitido uma anedota num momento em que não estava para anedotas; a uma mulher..." (50)

No entanto, se do seu próprio lado se transgride alguma regra que compromete a legalidade do ato - por exemplo, se

executado sem julgamento previo o governador da provincia de Buenos Aires e chefe das tropas federais, tal como sucedeu com Dorrego, por ordem expressa do general Lavalle-, a "falta" (ou o "equivoco"), vê-se atenuada pelo recurso a mil explicações. Para começar, cede-se a palavra ao general inculcado, transcrevendo-a (pág. 137). A seguir, se diz que "fez mal", sim, mas "...tantas vezes já foi dito, que seria fastidioso acrescentar um sim, em apoio dos que *depois* de avaliadas as consequências, desempenharam a fácil tarefa de incriminar os motivos de onde procederam. Quando o mal existe, é porque está nas *coisas*, e aí somente tem de ser buscado; se um homem o representa, fazendo apenas desaparecer a *personificação*, o mal renovar-se-á" (pág. 137). Mas "Lavalle não sabia, então, que matando o corpo não se mata a alma, e que os personagens políticos trazem seu caráter e sua existência do fundo de idéias, interesses e fins do partido que representam" -, ainda que "se ao invés de fusilar a Dorrego tivesse fusilado a Rosas, teria poupado talvez ao mundo de um espantoso escândalo, à humanidade um opróbrio, e à República muito sangue e muitas lágrimas" (pág. 138). Some-se a isto que:

"O que hoje se finge ignorar é que, não obstante a responsabilidade puramente pessoal do ato que se atribui a Lavalle, a morte de Dorrego era uma consequência necessária das idéias dominantes na época, e que, levando a cabo a empresa, o soldado, intrépido até desafiar a sentença da História, não fazia mais do que realizar o voto confessado e proclamado do cidadão. Sem dúvida ninguém me atribuirá o designio de justificar o morto, a expensas dos que sobrevivem, por tê-lo feito, salvo, talvez, as

formalidades; o menos substancial, sem dúvida, em caso semelhante. O que havia estorvado a proclamação da Constituição de 1826, senão a hostilidade contra ela de Ibarra, López, Bustos, Quiroga, Ortiz, os Aldao, cada um dominando uma província e alguns deles influenciando sobre as demais? Logo, que coisa devia parecer mais lógica naquele tempo e para aqueles homens lógicos a priori por educação literária, senão alienar o único obstáculo que, segundo eles, se apresentava, para a suspirada organização da República? Estes erros políticos, que pertencem a uma época passada mais do que a um homem, são, porém, muito dignos de consideração; porque deles depende a explicação de muitos fenômenos sociais. Lavalle, fuzilando a Dorrego, como se propunha fuzilar a Bustos, López, Facundo e aos demais caudilhos, respondia a uma exigência de sua época e de seu partido" (51)

E, por fim, se até os franceses se equivocaram, por que nós não o fariamos? ("Ainda em 1834, havia homens em França que acreditavam que fazendo desaparecer Luis Felipe..."). Isto permite outra vez perguntar:

"Se tirais da História a morte de Dorrego, teria Facundo perdido a força de expansão que sentia bulir em sua alma, teria Rosas interrompido a obra de personificação da campanha, em que estava envolvido, sem descanso nem trégua, desde muito antes de manifestar-se em 1820, nem todo o movimento iniciado por Artigas e incorporado já à circulação do sangue da República? Não! O que Lavalle fez, foi dar com a espada, um corte no nó górdio em que se havia enredado toda a sociabilidade argentina; dando uma sangria, quis evitar o câncer lento, a estagnação; pondo fogo à mecha, fez com que arrebentasse a mina pela mão dos unitários e federais, preparada de há muito tempo" (52)

E se todas estas explicações não bastassem, suponho que Sarmiento nos diria: é certo que Lavalle 'omitiu' uma 'formalidade', que não houve julgamento ("o menos substancial, sem dúvida, em semelhante caso"), contudo ainda

assim não deixou de respeitar as 'formas civilizadas' da morte, o protocolo que tende a interpor uma distância entre os corpos. Porque Lavalle não é Rosas e manda "fusilar", não "degolar":

"O executar com faca, degolando e não fuzilando, é um instinto de carnicheiro que Rosas tem sabido aproveitar para dar, ainda, à morte, formas gauchas, e ao assassino, prazeres horríveis; sobre tudo, para mudar as formas legais e admitidas nas sociedades cultas, por outras que ele chama de americanas e em nome das quais convida à América para que saia em sua defesa..." (53)

Não pouco do **Facundo** se desenrola nesta zona movediça onde uns e outros arriscam confundir-se a cada instante, mas na qual um *deus ex machina*, munido de razões, pseudo-razões, pretextos, citações, boa ou má-fé, dependendo do caso, salva as distinções: *inventa-as para trás e projeta-as para diante*. Para que quando chegue a hora da confrontação final ninguém possa duvidar que aquilo é uma "campanha" regulada (não uma "charqueada"), "a ação severa das leis" (não uma "vingança") e o "mestre" possa ensinar-nos sua lição.

Dir-se-ia que Sarmiento *ideou* a ordem que **Os Sertões** arruína - mas conservando-a como sombra.

....

Fato curioso: anos depois, o mesmo homem (que agora se autodesigna como "o coronel Sarmiento", "o governador de San Juan", "o autor", etc, que no impostado, no tom asséptico e neutro do "informe", abunda em pormenores jurídicos e transcreve "documentos oficiais") obriga a si mesmo a justificar-se pela "execução sem formalidades" em **El Chacho, último caudillo de la montonera de los llanos** (54). Inútil transcrever as infinitas peripécias de sentido que acabam por fazer do caudilho um "salteador", um "bandido", um "outlaw", e de sua força uma "guerrilha" - categoria que "ainda não está nas guerras civis sob o pálio do direito de gentes" (pág. 213). Por isso a cabeça do Chacho-salteador pôde expor-se encetada em uma lança.

## NOTAS

(1) cfr. SARMIENTO, D. F. *Facundo o civilización y barbarie*. Venezuela, Biblioteca Ayacucho, 1987. Capítulo XV, *Presente y porvenir*, em especial, págs. 238-40.

(2) Juan Manuel de Rosas (Buenos Aires, Argentina, 1793; Swathling, Inglaterra, 1877). Importante fazendeiro da província de Buenos Aires e chefe indiscutido da facção *federal* num país que, apenas encerrado o ciclo das lutas pela independência, ingressou numa fase de prolongados enfrentamentos internos entre os setores partidários de uma organização político-institucional centralizada (*unitarios*), e os grupos empenhados na consolidação de um regime baseado na autonomia dos estados provinciais (*federales*). Em meio a um ambiente de instabilidade e anarquia que prevaleceu durante toda a década de vinte Rosas assume pela primeira vez o governo da província de Buenos Aires em 1829, permanecendo no cargo -para cujo exercício lhe são atribuídas 'faculdades extraordinárias'- até o ano de 1832. Em 1835, e num clima não menos caótico, volta a ser nomeado governador dessa província. Investido de 'soma do poder público', Rosas inicia uma gestão que seria interrompida em 1852, após ser derrotado na batalha de Caseros pelo general e governador da província de Entre Rios, Justo José de Urquiza, fato que determinaria o exílio de Rosas em Swathling. Propiciando uma política de alianças com os caudilhos de diversas regiões do país, preservando as prerrogativas alfandegárias de sua província de origem, e obtendo importantes concessões das províncias do interior (tal como o direito a representá-las e intermediar por elas junto ao comércio exterior), Rosas acabou impondo de fato um modelo centralizado, e hegemônico pelos setores vinculados à exploração pecuária, sediados em Buenos Aires. Durante os quase vinte anos em que exerceu o poder foi severo no combate aos grupos opositores e, nessa perspectiva, o ano de 1840 -data da criação da *Mazorca*, organismo repressivo destinado a sufocar toda e qualquer manifestação anti-federal ou *anti-rosista*, assinala um dos momentos mais críticos da vida política argentina do século XIX. Nesse ano, bem como nos imediatamente anteriores e posteriores, a 'nova geração' -também chamada de geração dos proscriptos, grupo integrado pelos intelectuais românticos mais destacados do país, e entre os quais caberia mencionar o

Próprio Sarmiento-, vê-se obrigada a emigrar maciçamente para o Uruguai, Chile, e, em menor medida, Bolívia e o Brasil. Dezesesseis anos depois de Caseros, em pleno período de instauração e institucionalização do estado "moderno" argentino, Domingo Faustino Sarmiento (San Juan, Argentina, 1811; Asunción, Paraguai, 1888) é escolhido presidente da República, cargo que desempenha entre 1868 e 1872.

(3) Para uma análise das funções e contradições dos "escritores-cidadãos" no contexto da Primeira República com especial ênfase em Euclides da Cunha e Lima Barreto Cfr. SEVSENKO, N. *Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

(4) *Facundo*, op. cit. págs. 4-5.

(5) DA CUNHA, E. *Os Sertões* (edição crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão). São Paulo, Brasiliense, 1985. pág. 85.

(6) Sob o título *A Nossa Vendéia* Euclides da Cunha publicou dois textos breves no jornal *O Estado de São Paulo* (14 de março e 17 de julho de 1897) antes de viajar na qualidade de enviado da citada publicação ao cenário dos acontecimentos.

(7) A dicotomia sapiência (própria) ignorância (do outro) estrutura-se em torno da célebre frase que Sarmiento teria escrito ao atravessar o vale do Zonda, rumo ao exílio, e da reação que ela teria suscitado por parte das autoridades. Transcrevo na íntegra a passagem de abertura do *Facundo* em que o autor relata esse episódio:

*on ne tue point les idées.*

Fortoul

*Aos homens se degola; às idéias, não*

Fortoul

Em fins do ano de 1840, saía eu, da minha pátria, desterrado por lástima, estropiado, cheio de roxos, de estocadas e de golpes recebidos no dia anterior numa dessas bacanais sangrentas de soldadesca e mazorqueiros. Ao passar pelos *baños do Zonda*, sob as armas da pátria que em dias mais alegres havia pintado numa sala, escrevi com carvão estas palavras:

*On ne tue point les idées*

O governo, ao qual se comunicou o fato, mandou uma comissão encarregada de decifrar o hieróglifo, que diziam



Domingo Faustino Sarmiento.

(8) "Sombra terrível de Facundo, vou evocar-te, para que, sacudindo o ensanguentado pó que cobre tuas cinzas, te ergas para explicar-nos a vida secreta e as convulsões internas que desgarram as entranhas de um nobre povo." (Sarmiento, op. cit. pág. 7).

Com relação a esta locução inicial do capítulo introdutório, MAC ADAM (*Euclides da Cunha y Mario Vargas Llosa: meditaciones intertextuales*; in **Revista Iberoamericana** N 126, 1986 pág. 160), afirma: "Sarmiento é uma presença ubíqua em seu livro, particularmente no início, onde declama, numa espécie de encantamento, que se propõe evocar o espírito de Facundo para explicar a situação atual da nação argentina, como a invocação à musa na poesia épica é o modo pelo qual o poeta chama a atenção sobre si mesmo e seus poderes poéticos. A invocação do espírito do Facundo é a invocação do seu próprio gênio".

Original espanhol:

Sombra terrible de Facundo, voy a evocarte, para que, sacudiendo el ensangrentado polvo que cubre tus cenizas, te levantes a explicarnos la vida secreta y las convulsiones internas que desgarran las entrañas de un noble pueblo." (Sarmiento, op. cit. pág. 7).

(9) DA CUNHA, E. op. cit. pág. 85.

(10) Ibidem pág. 85.

(11) Ibidem pág. 124.

(12) O caráter fortemente dinâmico dos capítulos agrupados sob o subtítulo de *A Terra* foi brilhantemente assinalado por Augusto Meyer (*Nota sobre Euclides da Cunha* in **Textos Críticos**, São Paulo, Perspectiva, 1986, pág. 242): "Como explicar o sortilégio dessa prosa tão complicada, de leitura bem difícil para o modesto leitor médio? E que ele dramatiza tudo, a tudo consegue transmitir o frêmito de vida e um sabor patético. Mesmo nos grandes painéis geológicos do começo, apresenta a paisagem não completa e acabada, já no último dia da Criação, repousando em suas feições atuais, mas como produto de convulsões gigantescas, ainda abalada e revolvida, ainda em plena história geológica. A paisagem de Canudos, os quadros da seca, a descrição do clima, a flora, tudo parece impregnado de uma significação agônica".

(13) A idéia do texto euclidiano como sendo uma "epopéia do conhecimento" frustrada no seu decurso efetivo, foi desenvolvida por Maria TAI WOLF, em seu interessante ensaio titulado *Estas páginas sem brilhos: o texto-sertão de Euclides da Cunha* (in **Revista Iberoamericana** N 126, 1984, págs. 47-61).

(14) DA CUNHA, E. op. cit. pág. 92.

(15) Ibidem pág. 92.

(16) Ibidem pág. 101.

(17) Ibidem pág. 182.

(18) Ibidem pág. 120.

(19) Ibidem pág. 122.

(20) Ibidem pág. 334.

(21) Ibidem págs. 367-8.

(22) Ibidem pág. 532-3.

(23) Ibidem pág. 534.

(24) Ibidem pág. 536-7.

(25) Ibidem pág. 571.

(26) Ibidem pág. 572.

(27) Com relação às eventuais fontes desta citação cfr. VERDEVOYE, P. **Domingo Faustino Sarmiento, éducateur et publiciste**. Paris, Institute de Hautes Etudes de L 'Amerique Latine, 1963 págs.76-7. Para um exame crítico das operações implicadas no ato de tradução e de sua funcionalidade no sistema literário argentino do século XIX, cfr. o excelente artigo de Ricardo Piglia *Notas sobre Facundo* (in **Punto de Vista**, año 3, N 8, págs. 15-18). Depois de assinalar a importância decisiva que o aprendizado de línguas estrangeiras possuía para Sarmiento enquanto possibilidade de "apropriação da cultura européia" e "capital que respalda sua fortuna intelectual", Piglia destaca o papel desempenhado pelas "frases alheias" na arquitetura do **Facundo**: "as frases alheias atuam frequentemente como o motor da escritura: o texto as cerca, as explica, as desenvolve(...) A escritura de Sarmiento avança de uma citação a outra e nesse trajeto tramam-se os argumentos: no fundo, teria-se que dizer, essa é a verdadeira estrutura do livro" (pág. 16). No entanto, a contrapartida daquilo que à primeira vista se poderia tomar como uma importação passiva estaria dada pelas transformações, perversões e desvios registrados no processo de transplante:

"Se por um lado a escritura se põe a serviço das citações, por outro lado as usa, se apropria delas, as converte em parte do texto. Basta ver o modo como Sarmiento traduz a frase que abre o livro: *On ne tue point les idées* transforma-se em *Degolam-se os homens, as idéias não*. No

processo de tradução a frase "nacionaliza-se" e passa a ser, de fato, um texto de Sarmiento. (A versão escolar dessa frase é já, também, um texto de Sarmiento: "Bárbaros, as idéias não se matam"). Não se trata, está claro, do que se costuma chamar um erro de tradução, mas de um procedimento mais complexo do qual aí podemos encontrar um exemplo concentrado. As idéias européias são transformadas para que se adaptem à realidade nacional. A tradução funciona como transplante e como apropriação.

Utilize sua escritura para sustentar as citações, ou dissolva as citações em sua escritura, em Sarmiento o sistema de referências culturais está definido pelo excesso e pela ostentação. Mas, ao mesmo tempo, esse manejo "luxuoso" da cultura como signo da civilização está corroído, a partir de seu interior, pela barbárie. Não se deve esquecer que esta frase francesa é, por outro lado, uma citação: falsa (...) O que nos interessa assinalar aqui, é um dado típico de Sarmiento (e não só dele): no momento em que a cultura sustenta os emblemas da civilização frente à ignorância, a barbárie corrói o gesto erudito. Marcas de um uso da cultura que deveria chamar selvagem, em Sarmiento, de fato, estes barbarismos proliferam. Atribuições errôneas, citações falsas, não buscaremos aqui sua reconstrução, bastará dizer que as vemos como sintomas de uma situação de leitura. Que outra coisa dizer do começo de **Recuerdos de Provincia**? Livro escrito, como vimos, com a clara intenção de demonstrar sua qualidade de homem ilustrado, começa atribuindo a Hamlet a mais notória das frases de **Macbeth**, que aparece traduzida (não sem certa graça) deste modo: "Este é um conto que com trejeitos e gritos refere um louco e que não significa nada". A cultura desvaloriza-se no mesmo momento em que se a exhibe: em nenhum lugar este procedimento condensa-se melhor que nas citações de Shakespeare que aparecem no **Facundo**. *Un cheval, Vite, un cheval... Mon royaume pour un cheval*, diz Ricardo II citado por Sarmiento. Não conheço gesto mais ilustrativo que estas citações de Shakespeare em francês. Signo nitido, em definitivo, do funcionamento de uma cultura ostentatória e de segunda-mão" (págs.16-7).

(28) SARMIENTO, D. F. op. cit. pág. 5.

(29) PIGLIA, R. op. cit. pág. 15.

(30) "Una ocurrencia original. Se acuerda de mi cuarto en los baños del Zonda, tan pintado con las armas de la patria en un frente con banderas y trofeos? Pues bien, el día que me degollaron, lancearon, etc..., en San Juan, al pasar a mi destierro, entré en el cuarto y bajo el trofeo nacional escribí con carbón estas célebres palabras: "On ne tue point les idées" y seguí mi camino. Como nadie lo entendiese, la ignorancia, madre de la desconfianza, sospechó que podría decir: "Hijos de una gran puta, montoneros, un día me las pagarán". Y esta traducción corrió de boca en boca; pero

cuando llegó al Gobierno era no sólo aquello sino los insultos más groseros, un plan de conspiración, y de llapa, que la Teléfora (prénom de la femme du Gouverneur) era una ballena en aceite...". Citado por VERDEVOYE, P. in op. cit. pág. 76.

(31)"Significaba, simplemente, que venía a Chile, donde la libertad brillaba aún, y que me proponía hacer proyectar los rayos de las luces de su prensa hasta el otro lado de los Andes. Los que conocen mi conducta en Chile, saben si he cumplido aquella protesta.". SARMIENTO, D. F. op. cit. pág. 5.

(32) Sobre o conflicto Buenos Aires/interior na obra *sarmientina* cfr. entre outros, JITRIK, N. **Muerte y resurrección de Facundo** (Buenos Aires, CEAL, 1983) e SALOMON, N. *El Facundo de Domingo Faustino Sarmiento. Manifiesto de la preburguesía de las ciudades del interior* (in **Cuadernos Americanos**. año XXXIX, N 5, 1981, págs. 121-76).

(33) "Creo haber demostrado que la revolución en la República Argentina está ya terminada y que sólo la existencia del execrable tirano que ella engendró, estorba que, hoy mismo, entre en una carrera no interrumpida de progresos que pudieran envidiarle, bien pronto, algunos pueblos americanos. La lucha de las campañas con las ciudades se ha acabado; el odio a Rosas ha reunido a estos dos elementos; los antiguos federales y los viejos unitarios, como la nueva generación, han sido perseguidos por él y se han unido". SARMIENTO, D. F. op. cit. pág. 243.

(34) "La providencia ha querido que, al desenlazarse el drama sangriento de nuestra revolución, el partido tantas veces vencido, y un pueblo tan pisoteado, se hallen con las armas en la mano y en aptitud de hacer oír las quejas de las víctimas. La heroica provincia de Corrientes tiene, hoy, seis mil veteranos que a esta hora, habrán entrado en campaña bajo las órdenes del vencedor de La Tablada, Oncativo y Caaguazú, el boleado, el manco Paz, como le llama Rosas. Cuántas veces este furibundo, que tantos millares de víctimas ha sacrificado inútilmente, se habrá mordido y ensangrentado los labios de cólera, al recordar que lo ha tenido preso diez años y no lo ha muerto, a ese mismo manco boleado que hoy se prepara a castigar sus crímenes! La Providencia habrá querido darle este suplicio de condenado, haciéndolo carcelero y guardián del que estaba destinado desde lo Alto, a vengar la República, la Humanidad y la Justicia.

Proteja Dios tus armas, honrado general Paz! Si salvas la República, nunca hubo gloria como la tuya! Si sucumbes, ninguna maldición te seguirá a la tumba! Los pueblos se asociarán a tu causa, o deplorarán, más tarde, su ceguedad o su envilecimiento!". Ibidem pág. 244.

(35) DA CUNHA, E. Carta a Francisco Escobar de 10-0-1902 (in VENANCIO FILHO, F. org. **Euclides da Cunha. A seus amigos.** São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938, pág. 78). Transcrevo o parágrafo completo: "Escobar -respondo a tua carta, agora recebida.- Filhérico sonho, o teu ...Ministro! Ministro da viação este teu pobre amigo! Só mesmo em sonhos... Mas queres saber de uma coisa? Prefiro ser realmente ministro nos breves minutos de um sonho, ocupando a imaginação de um amigo, de que o ser, de fato, nesta terra onde não há mais altas e baixas posições... Minado Tudo".

(36) DA CUNHA, E. **Diário de uma expedição.** Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.

(37) Com relação a esta "reviravolta de opinião" cfr. NOGUEIRA GALVAO, W. *O correspondente de guerra Euclides da Cunha* in **Saco de Gatos**, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1976.

(38) Creio oportuno introduzir um breve parêntese a fim de efetuar algumas observações sobre o estatuto e características dessa "terceira entidade heterogênea" à qual o autor se empenha em imputar a responsabilidade por 'quase' todas as regressões, desordens e extravios da Argentina pós-independentista. Sigo nisto a León POMER, que no ensaio *Sarmiento, el caudillismo y la escritura de la historia* (**Cuadernos Hispanoamericanos. Los complementarios N 3**, 1976, págs. 7-36) propõe uma leitura suficientemente atenta à multiplicidade de fatores em jogo no fenômeno do caudilhismo e às próprias peculiaridades do processo em questão, como para não incorrer nem numa mera inversão de valores, nem na não menos frequente transposição e projeção de categorias de análise 'extemporâneas'.

Retenho três aspectos desenvolvidos em seu estudo. Em primeiro lugar, o trabalho de negativização e estereotipia da figura do caudilho empreendido por homens como Mitre, o próprio Sarmiento e Vicente Fidel López entre outros, intelectuais encarregados de produzir as imagens modelares (e os respectivos antimodelos) para o Estado futuro ou, um pouco mais tarde - e neste período centra-se o trabalho de Pomer -, para um Estado já em vias de organização. Assim, com respeito à obra de Bartolomé Mitre dedicada ao caudilho oriental José Gervasio de Artigas, o mencionado crítico sustenta: "Mitre construiu cuidadosamente uma imagem de cuja fascinação negativa o leitor não deverá livrar-se: será o arquétipo do caudilho, ou dessa classe de gente que não podia ser compatível com uma revolução que à intenção democrática agregava a "regeneradora". Esta imagem deverá ser potenciada mediante a transmissão, a repetição, e sua introdução no imaginário coletivo até conseguir que à simples menção da palavra caudilho, a imagem se apresente como a correspondência exata entre ela e a realidade, sem deixar margem para outra conformação, outros traços. A

diferença das imagens neutras como a que suscita em nós a palavra "mesa" no imaginário, a palavra é a imagem, tão genérica quanto mesa, mas não tão inócua, nem tão inocente. Aqui nomear a realidade é representá-la com as fulgurações sinistras que se lhe adjudicaram" (pág. 23)

Em segundo lugar, retenho alguns dos traços nos quais encontra suas raízes a negativização da imagem: "relações interpessoais engendradas por uma sociedade carente de intermediações institucionalizadas entre amo e subordinado" - o que acarreta certa "promiscuidade ou trato igualitário ou imitação dele, que aparenta dissolver diferenças de estatuto social"; "familiaridade excessiva, uniformidade de gestos e de linguagem e um uso semelhante de habilidades apreciadas no meio rural" - em suma: um sistema de valores incompatível com o dos homens "cultos" de extração urbana; "pacto de reciprocidades" entre o caudilho e seus acaudilhados que "eventualmente" pode conduzir à adoção de medidas consideradas prejudiciais por aqueles que ocupam a pirâmide social (exploração parcial, saques tolerados, etc).

Por último, as ressalvas de Pomer a certos anacronismos ou projeções ideais bastante praticados: "Quanto ao mais, nem o caudilho representa democracia alguma, nem os acaudilhados, gente do povo, podem ser assimilados a uma manifestação democrática. É grotesco aplicar categorias políticas próprias de uma sociedade capitalista a sociedades pré-nacionais e não-capitalistas. A *montonera* não é o "sindicato" dos camponeses pobres do século XIX, nem o caudilho um dirigente sindical. O que está em jogo nesta relação é algo tão específico quanto podem sê-lo relações sociais que em nada se parecem às do século XX e projeções idealizadas que nada têm em comum com as dos cem anos posteriores" (pág. 25).

Transcrevo para encerrar este parêntesis um trecho das "conclusões" que finalizam o ensaio e que considero iluminador:

"Difícilmente ignorável como fator de poder que era preciso combater ou com ele compactuar, a prática política da segunda metade do século XIX inclui o caudilho como fator nada desprezível, indispensável e central em muitas ocasiões. Construir um esquema de poder que se pretendia nacional excluindo a tamanho componente pré-nacional da sociedade argentina, era uma tarefa utópica que ninguém empreenderia. Porque em definitivo, a partir de relações sociais pré-nacionais, de um conjunto heterogêneo de hábitos e representações herdadas da colônia é que haveria de começar a construção da nação. Devia-se pactuar com o caudilho, subordiná-lo ao menos conjunturalmente, utilizá-lo, se possível, para as tarefas configuradas pela constituição de um poder central unificado capaz, em curto ou médio prazo, de ser mais forte que as parcialidades. E se era impossível - ou reputado como tal - restava o expediente do extermínio. O fato de que não existisse uma classe social

moderna, suficientemente poderosa e ampla no espaço interno, capaz de constituir-se em dirigente do processo estatal nacional pela mediação de seus representantes, devia obrigar à conciliação com a realidade, tão desagradável quanto ela fosse. Mas isso no plano da prática política. No da ordem da construção do imaginário social, ao caudilho e a seus acaudilhados estariam reservadas as imagens que passamos em revista. Um Estado cuja tarefa maior era nada menos que criar uma nação destinada a ocupar um lugar preciso dentro de um sistema mundial não podia admitir confusão alguma de hierarquias, valores e normas. Devia ser energicamente rechaçada a glorificação daqueles que, querendo ou não (e em realidade não queriam), pela maneira de suas ações pareciam estar contribuindo para fabricar a imagem e criar os hábitos de uma sociedade nos antípodas da que se agitava no cérebro de pensadores-executores" (pág.35)

(39) "Necesítase, empero, para desatar este nudo que no ha podido cortar la espada, estudiar prolijamente las vueltas y revueltas de los hilos que lo forman, y buscar en los antecedentes nacionales, en la fisonomía del suelo, en las costumbres y tradiciones populares, los puntos en que están pegados" (grifo meu). SARMIENTO, D. F. op. cit. pág. 9.

(40) "Nada! excepto ideas, excepto consuelos, excepto estímulos; arma ninguna nos es dado llevar a los combatientes, si no es la que la prensa libre de Chile suministra a todos los hombres libres. La prensa!, la prensa! He aquí, tirano, el enemigo que sofocaste entre nosotros. He aquí el vellocino de oro que tratamos de conquistar. He aquí como la prensa de Francia, Inglaterra, Brasil, Montevideo, Chile y Corrientes, va a turbar tu sueño en medio del silencio sepulcral de tus víctimas; He aquí que te has visto compelido a robar el don de lenguas para paliar el mal, don que sólo fue dado para predicar el bien. He aquí que descienes a justificarte, y que vas por todos los pueblos europeos y americanos mendigando una pluma venal y fratricida, para que por medio de la prensa defienda al que la ha encadenado!". Ibidem págs. 14-5.

(41) "Franklin, fundando un periódico, estableciendo una sociedad de lectura, hizo tanto por la emancipación norteamericana, como un ejército o una victoria de los patriotas". SARMIENTO, D. F. *La publicación de libros en Chile* (Diario *El Mercurio*, 10-6-1841) in **Artículos Críticos y Literarios 1841-42**, tomo I, **Obras de Sarmiento**. Paris, Belin Hermanos editores, 1909, pág. 74

(42) "Cuando contemplamos la íntima conexión que tienen las publicaciones periódicas con el progreso material de un pueblo, de su civilización y libertad; cuando vemos figurar el diarismo como la facción más prominente que caracteriza nuestro siglo, como que es él mismo toda la civilización; cuando lo vemos herijirse en el hacha que destruye a los

déspotas, i en el antemural que protege las libertades públicas; cuando le oímos alzar sus 1000 voces, i caer los tronos a una sola señal de su dedo...". SARMIENTO, D. F. *Sobre la lectura de periódicos* (Diario *El Mercurio*, 4-7-1841) *ibidem* pág. 79

(43) "La circulación de este librejo (Facundo) vale para mí tanto como un escuadrón de coraceros mandado por un jefe arrojado". SARMIENTO, D. F. Carta a Anselmo Rojo. Citada por KATRA, W. in *El Facundo: contexto histórico y estética derivada* (**Cuadernos Americanos**, año XL, N 3, 1981, pág. 163)

(44) "... cuarenta años justos después de haber servido de piedra para arrojarla ante el carro triunfal de un tirano, y cosa rara! el tirano cayó abrumado por la opinion del mundo civilizado, formada por ese libro extraño, sin pies ni cabeza, informe, verdadero fragmento de peñasco que se lanzan a la cabeza de los titanes". SARMIENTO, D. F. Prólogo do autor à tradução italiana de **Facundo**, in **Páginas literarias, Obras**, tomo XLVI, Buenos Aires, Belin Sarmiento editor, 1900, pág. 323.

(45) Vale a pena advertir que neste `duelo de representações` o inimigo letrado de Sarmiento, esse outro impiedoso e implacável que foi Juan Bautista Alberdi, encontrará no "Facundo/Faustino" exatamente o contrário do que pretendia seu autor. Transcrevo alguns trechos exemplares de *Facundo y su biógrafo. Notas para servir a un estudio con el título que precede* (in ALBERDI, J. B *Vida de Belgrano*, sem dados de edição):

"O livro do Facundo é um matadouro, por desgraça, não de reses nem de carneiros, ou melhor, é um açougue de carne humana, do qual, não obstante o asseio e as flores e o avental branco vestido pelo vendedor para dissimular o horror do sangue, se despreende um odor nauseabundo, que indis põe a quem não está familiarizado com esse comércio" (pág. 289).

Referindo-se a Sarmiento e comparando-o com os caudilhos:

"Não mata com a faca, mas destroça e devasta com o sofisma, que é sua faca" (pág. 290)

(46) O relativo descaso de Sarmiento frente aos imperativos nacionalistas, ou sua subordinação ao que considera um valor que os transcende fica claro, por exemplo, em sua reivindicação da aliança (fracassada) entre os proscritos argentinos radicados em Montevideo e a França:

"Necessitei entrar nestes pormenores, para caracterizar um grande movimento que se operava, naquele momento, em Montevideo, e que escandalizou à América, dando a Rosas, uma

poderosa arma moral para robustecer seu governo e seu principio *americano*. Falo da aliança dos inimigos de Rosas, com os franceses que bloqueavam Buenos Aires, que Rosas jogou na cara como uma afronta desonrosa aos unitários. Mas em honra da verdade histórica e da justiça, devo declarar, já que a ocasião se apresenta, que os verdadeiros unitários, os homens que figuraram até 1829, não são responsáveis por aquela aliança; os que cometeram aquele delito de *lesa-americanismo*; os que se jogaram nos braços da França para salvar a civilização européia, suas instituições, hábitos e idéias nas margens do Prata, foram os jovens; numa palavra: fomos nós!. Sei muito bem que nos Estados Americanos Rosas encontra eco, mesmo entre homens liberais e eminentemente civilizados, sobre este delicado ponto, e que para muitos, é ainda um erro afrontoso o fato dos argentinos haverem-se associado com os *estrangeiros*, para derrocar a um tirano. Mas cada um deve manter-se com suas convicções, e não rebaixar-se a justificar aquilo em que crê firmemente e sustenta em palavra e obra. Assim, pois, direi a despeito de quem quer que seja, que a glória de ter compreendido que havia uma aliança íntima entre os inimigos de Rosas e os poderes civilizados da Europa, pertenceu a nós. Os unitários mais eminentes, estavam demasiado preocupados com essa idéia da nacionalidade, que é patrimônio do homem desde a tribo selvagem, e que o faz olhar, com horror, ao *estrangeiro*." (Facundo, op. cit. pág. 229)

Original espanhol:

"He necesitado entrar en estos pormenores, para caracterizar un gran movimiento que se operaba, por entonces, en Montevideo y que ha escandalizado a la América, dando a Rosas, una poderosa arma moral para robustecer su Gobierno y su principio *americano*. Hablo de la alianza de los enemigos de Rosas, con los franceses que bloqueaban a Buenos Aires, que Rosas ha hechado en cara, eternamente como un baldón a los unitarios. Pero en honor de la verdad histórica y de la justicia, debo declarar, ya que la ocasión se presenta, que los verdaderos unitarios, los hombres que figuraron hasta 1829, no son responsables de aquella alianza; los que cometieron aquel delito de *leso-americanismo*; los que se hecharon en brazos de la Francia para salvar la civilización europea, sus instituciones, hábitos e ideas en las orillas del Plata, fueron los jóvenes; en una palabra: fuimos nosotros!. Sé muy bien que en los Estados americanos halla eco Rosas, aun entre hombres liberales y eminentemente civilizados, sobre este delicado punto, y que para muchos, es todavía un error afrentoso el haberse asociado los argentinos a los *extranjeros*, para derrocar a un tirano. Pero cada uno debe reposar en sus convicciones, y no descender a justificarse de lo que cree firmemente y sostiene de palabra y obra. Así, pues, diré en despecho de quien quiera que sea, que la gloria de haber comprendido que había alianza íntima entre los enemigos de

Rosas y los poderes civilizados de Europa, nos perteneció a nosotros. Los unitarios más eminentes, como los americanos, como Rosas y sus satélites, estaban demasiado preocupados de esa idea de nacionalidad, que es patrimonio del hombre desde la tribu salvaje y que le hace mirar, con horror, al extranjero" (**Facundo**, op. cit. pág. 229)

(47) Isto, ainda que a 'rentabilidade estética' dessa parte não desejada esteja fora de dúvidas:

Se das condições da vida pastoril, tal como a constituíram a colonização e a incúria, nascem graves dificuldades para uma organização política qualquer e muitas mais para o triunfo da civilização européia, que são suas consequências, não pode, por outra parte, negar que esta situação tem seu lado poético, e faces dignas da pena de um romancista. Se uma cintilação de literatura nacional pode brilhar momentaneamente nas novas sociedades americanas, é a que decorrerá da luta entre a civilização européia e a barbárie, entre a inteligência e a matéria: luta imponente na América, e que dá lugar a cenas tão peculiares, tão características e tão fora do círculo de idéias em que se educou o espírito europeu, porque os mecanismos dramáticos se tornam desconhecidos fora do país de onde são tomados, os usos se tornam surpreendentes, e originais os caracteres.

O único romancista norteamericano que conseguiu fazer-se um nome europeu é Fenimore Cooper (,,,) Não de outro modo, nosso jovem poeta Esteban Echeverría conseguiu chamar a atenção do mundo literário espanhol..." (**Facundo**, op. cit. pág. 39)

Conjugando-se com uma obsessão tipicamente sarmientina ("fazer-se um nome"), o postulado que refere a necessidade de forjar tradições 'características' para as 'novas sociedades' - Estados emergentes - e não é preciso dizer que também neste aspecto o autor é fiel às idéias européias. Sobre esta contradição que, condensada numa fórmula poderia rezar o seguinte, *prescrever no estético aquilo que se proscreeve no político*, montou-se boa parte da literatura argentina do século passado e princípios do atual. E não há dúvidas de que uma das versões paradigmáticas e programáticas dessa fórmula deve ser buscada nessa espécie de *manual antecipado da literatura nacional* - e de si mesmo, posto que ali se encontram os fragmentos preferidos ainda hoje pelos livros escolares - que é o capítulo II do **Facundo**. Mas Sarmiento tem o que abomina diante de si, demasiado próximo, o que se não o livra de incorrer nas "barbaridades" que hoje facilmente percebemos, livra-o, ao menos, de cair nas idealizações retrospectivas que caracterizaram a produção dos escritores *rio-platenses* do final do século e assentaram as bases do primeiro nacionalismo cultural. Estética tradicionalista com relação à qual **Os Sertões**, em certo sentido, possui vários pontos de contato.

Original espanhol:

"Si de las condiciones de la vida pastoril, tal como la ha constituido la colonización y la incuria, nacen graves dificultades para una organización política cualquiera y muchas más para el triunfo de la civilización europea, que son sus consecuencias, no puede, por otra parte, negarse que esta situación tiene su costado poético, y faces dignas de la pluma de un romancista. Si un destello de literatura nacional puede brillar momentáneamente en las nuevas sociedades americanas, es el que resultará de la lucha entre la civilización europea y la barbarie, entre la inteligencia y la materia: lucha imponente en América, y que da lugar a escenas tan peculiares, tan características y tan fuera del círculo de ideas en que se ha educado el espíritu europeo, porque los resortes dramáticos se vuelven desconocidos fuera del país donde se toman, los usos sorprendentes, y originales los caracteres.

El único romancista norteamericano que haya logrado hacerse un nombre europeo es Fenimore Cooper (...) No de otro modo, nuestro joven poeta Esteban Echeverría ha logrado llamar la atención del mundo literario español..." (Facundo, op. cit. pág. 39)

(48) "Em La Tablada de Córdoba, mediram-se as forças da campanha e da cidade, sob suas mais altas inspirações, Facundo e Paz, dignas personificações das duas tendências que vão disputar o domínio da República. Facundo, bárbaro, ignorante, que levou, por longos anos, uma vida errante, só iluminada, de vez em quando, pelos reflexos sinistros do punhal que gira em seu redor; valente até a temeridade, dotado de forças hercúleas, gaúcho a cavalo, como o primeiro, dominando tudo pela violência e o terror, não conhece mais poder que o da força bruta, não têm fé senão no cavalo; tudo espera do valor, da lança, do impulso terrível de suas cargas de cavalaria. Onde encontrareis na República um tipo mais consumado do ideal do *gaucho malo*? Creis que é torpeza deixar na cidade sua infantaria e artilharia? Não; é instinto, é gala de gaúcho; a infantaria desonraria o triunfo, cujos louros deve colher desde o cavalo.

Paz é, ao contrário, o filho legítimo da cidade, o representante melhor acabado do poder dos povos civilizados. Lavalle, Lamadrid e outros tantos, são argentinos sempre, soldados de cavalaria, brilhantes como Murat, se se quiser; mas o instinto gaúcho se abre passo por entre a couraça e as jarreteiras. Paz é militar à européia: não acredita só no valor, se não se subordina-o à tática, à estratégia e à disciplina; apenas sabe andar a cavalo; é, além disso, manco, e não pode manejar uma lança. A ostentação de forças numerosas o incomoda; poucos soldados, mas bem instruídos. Deixai que ele forme um exército, esperai que vos diga: "já está pronto", e lhe concedei que escolha o terreno onde haverá de dar batalha, e podeis fiar-lhe, então, a sorte da

República. E o espírito europeu da guerra até na arma na qual serviu: é artilheiro, e portanto, matemático, científico, calculador. Uma batalha é um problema que resolverá por equações, até vos dar a incógnita, que é a vitória" (Facundo, op. cit, pág. 140-1)

Original espanhol:

"En La Tablada de Córdoba, se midieron las fuerzas de la campaña y de la ciudad, bajo sus más altas inspiraciones, Facundo y Paz, dignas personificaciones de las dos tendencias que van a disputarse el dominio de la República. Facundo, bárbaro, ignorante, que ha llevado, por largos años, una vida errante que sólo alumbran, de vez en cuando, los reflejos siniestros del puñal que gira en torno suyo; valiente hasta la temeridad, dotado de fuerzas hercúleas, gaucho de a caballo, como el primero, dominándolo todo por la violencia y el terror, no conoce más poder que el de la fuerza brutal, no tiene fe sino en el caballo; todo lo espera del valor, de la lanza, del empuje terrible de sus cargas de caballería. Dónde encontraréis en la República Argentina un tipo más acabado del ideal del *gaucho malo*? Creéis que es torpeza dejar en la ciudad su infantería y artillería? No; es instinto, es gala de gaucho; la infantería deshonraria el triunfo, cuyos laureles debe coger desde a caballo.

Paz es, por el contrario, el hijo legítimo de la ciudad, el representante más cumplido del poder de los pueblos civilizados. Lavalle, Lamadrid y otros tantos, son argentinos siempre, soldados de caballería, brillantes como Murat, si se quiere; pero el instinto gaucho se abre paso por entre la coraza y charretas. Paz es militar a la europea: no cree en el valor solo, si no se subordina a la táctica, a la estrategia y a la disciplina; apenas sabe andar a caballo; es, además, manco, y no puede manejar una lanza. La ostentación de fuerzas numerosas le incomoda; pocos soldados, pero bien instruidos. Dejadle formar un ejército, esperad que os diga: "ya está en estado", y concededle que escoja el terreno en que ha de dar batalla, y podéis fiarle, entonces, la suerte de la República. Es el espíritu europeo de la guerra hasta en el arma que ha servido: es artillero, y por lo tanto, matemático, científico, calculador. Una batalla es un problema que resolverá por ecuaciones, hasta daros la incógnita, que es la victoria" (Facundo, op. cit. págs. 140-1).

(49) **El género gauchesco. Un tratado sobre la patria.** Buenos Aires, Sudamericana, 1988, págs. 19-27)

(50) "Facundo, al fin de un año de trabajo asiduo, pidió su salario, que ascendía a setenta pesos; montó en su caballo sin saber adónde iba, vió gente en una pulpería, desmontóse y alargando la mano sobre el grupo que rodeaba al tallador, puso sus setenta pesos en una carta: perdiólos y montó de

nuevo, marchando sin dirección fija, hasta que a poco de andar, un juez Toledo, que acertaba a pasar a la sazón, le detuvo para pedirle su papeleta de conchavo.

Facundo aproximó su caballo en ademán de entregársela, afectó buscar algo en el bolsillo, y dejó tendido al juez de una puñalada. Se vengaba en el juez de la reciente pérdida? Quería sólo saciar el encono de gaucho malo contra la autoridad civil y añadir este nuevo hecho al brillo de su naciente fama? Lo uno y lo otro. Estas venganzas sobre el primer objeto que se le presentaba son frecuentes en su vida. Cuando se apellidaba general y tenía coroneles a sus órdenes, hacía dar en su casa, en San Juan, doscientos azotes a uno de ellos, por haberle ganado mal, decía Facundo; a un joven, doscientos azotes, por haberse permitido una chanza en un momento que no estaba para chanzas; a una mujer..." **Facundo**, op. cit. pág. 83.

(51)"... lo que hoy se afecta ignorar es que, no obstante la responsabilidad puramente personal que del acto se atribuye a Lavalle, la muerte de Dorrego era una consecuencia necesaria de las ideas dominantes entonces, y que, dando cima a esta empresa, el soldado, intrépido hasta desafiar el fallo de la Historia, no hacía más que realizar el voto confesado y proclamado del ciudadano. Sin duda que nadie me atribuirá el designio de justificar al muerto, a expensas de los que sobreviven, por haberlo hecho, salvo, quizás, las formas; lo menos substancial, sin duda, en caso semejante. Qué había estorbado la proclamación de la Constitución de 1826, sino la hostilidad contra ella de Ibarra, López, Bustos, Quiroga, Ortiz, los Aldao, cada uno dominando una provincia y algunos de ellos infuyendo sobre las demás? Luego, qué cosa debía parecer más lógico en aquel tiempo y para aquellos hombres lógicos a priori por educación literaria, sino allanar el único obstáculo que, según ellos, se presentaba, para la suspirada organización de la República? Estos errores políticos, que pertenecen a una época pasada más bien que a un hombre, son, sin embargo, muy dignos de consideración; porque de ellos depende la explicación de muchos fenómenos sociales. Lavalle, fusilando a Dorrego, como se proponía fusilar a Bustos, López, Facundo y los demás caudillos, respondía a una exigencia de su época y de su partido. *Ibidem* pág. 138.

(52)"Si quitáis de la Historia la muerte de Dorrego, Facundo habría perdido la fuerza de expansión que sentía bullirse en su alma. Rosas habría interrumpido la obra de personificación de la campaña, en que estaba atareado, sin descanso ni tregua, desde mucho antes de manifestarse en 1820, ni todo el movimiento iniciado por Artigas e incorporado ya a la circulación de la sangre de la República? No! Lo que Lavalle hizo, fué dar con la espada, un corte al nudo gordiano en que había venido a enredarse toda la sociabilidad argentina: dando una sangría, quiso evitar el cancer lento, la estagnación; poniendo fuego a la

mecha, hizo que reventase la mina por la mano de unitarios y federales, preparada de mucho tiempo atrás". Ibidem pág. 139.

(53) "El ejecutar con cuchillo, degollando y no fusilando, es un instinto carnicero que Rosas ha sabido aprovechar para dar, todavía, a la muerte, formas gauchas y al asesino, placeres horribles; sobre todo, para cambiar las formas legales y admitidas en las sociedades cultas, por otras que él llama americanas y en nombre de las cuales invita a la América para que salga en su defensa..."(53). Ibidem pág. 67.

(54) in SARMIENTO, D. F. **Los caudillos**. Buenos Aires, Ediciones Jackson, sem data, págs. 62-229.

*Entre utopias e pesadelos: Argirópolis, Canudos e as favelas.*

*I. Considerações introdutórias.*

Dentre os tópicos atualizados em **Facundo** para dar conta do binômio civilização/barbárie, outro binômio, indissociável do anterior, o binômio cidade/campo, desempenha sem dúvida alguma um papel importantíssimo. Na guerra ou na paz, no plano individual ou coletivo, privado ou público, esses espaços sociais são o ponto de união ou de disjunção entre tipos de línguas, hábitos, atividades, modos de educação e de associação, legalidades, instituições, valores, etc. (a certa altura da produção

*sarmientina* se tornarão também uma divisória de raças). Esses espaços constituem, assim mesmo, figurações do tempo, temporalidade espacializada que desgarrá e pela qual se explica o corpo 'provisoriamente' dividido da nação.

O tópico persistirá ao longo da obra do autor de **Facundo** e será em parte responsável pela projeção imaginária de uma *urbs* utópica: Argirópolis, futura capital da Confederação Argentina e, se possível, dos Estados Unidos da América do Sul, "cidade atirada sobre a água" (1). Vale a pena assinalar não obstante que se a idealidade e insularidade de Argirópolis condizem com certos traços típicos do género, o livro, como um todo, dificilmente pode ser considerado uma utopia. Sua vocação pragmática, à margem da viabilidade ou inviabilidade do projeto formulado, é demasiado forte: **Argirópolis** quer ser uma real solução para os problemas argentinos, um instrumento de equilíbrio e de reconciliação entre os diversos interesses regionais em jogo. **Argirópolis** quer, além do mais e principalmente, seduzir ao único homem então com chances de opor-se e de vencer a Juan Manuel de Rosas: don Justo José de Urquiza, governador da província de Entre Ríos, província que, "no dia em que houver leis inteligentes de navegação, será o paraíso terreno, o centro do poder e da riqueza, o conjunto mais compacto de cidades florescentes" (2); província onde - e isto poderia fazer as vezes de epigrafe da primeira parte do presente trabalho-, "*deveria proibir-se a criação do*

*gado, para entregar-se sem estorvo a criação de cidades"*  
(3).

De fato, nem o tema em si, nem o tratamento dispensado ao binômio cidade/campo, seja em **Facundo**, **Argirópolis**, ulterior e lateralmente em **Conflicto y armonias de las razas en América** ou outros textos de menor extensão, são decididamente inovadores ou originais. A versão *sarmientina* recolhe uma série de lugares-comuns que circulam no Ocidente desde a antiguidade greco-latina, sofrem uma redefinição com a sociedade de corte em meados do século XVI, e são submetidos a uma nova torsão no final do século XVIII e nas primeiras décadas do XIX, momento em que esta corrente de sentido desemboca num conceito particular de civilização, de cunho eminentemente urbano-republicano-burguês, principalmente produzido em França. **Facundo** e **Argirópolis** prestam tributo a essa tradição de pensamento, mimam-na, no sentido de imitá-la, mas também em outro sentido: são o objeto de um desejo a realizar. As monomanias e ênfases da mimética *sarmientina* introduzem, com tudo e como sempre, algumas deformações peculiares (4). Mas a rigor, se de peculiaridades, 'deformações' e derivações impensadas do tópico se trata, talvez seja oportuno deslocar-se no tempo e no espaço, para outro texto de outro autor, onde também o espaço é uma forma do tempo, e voltar os olhos em direção desse lugar incomum que, tematizando novamente o binômio cidade/campo, desbarata-o e comove. Porque até certo ponto o

impensado ou imprevisto pelo imaginário *sarmientino*, o que desordena, mesmo que nunca de todo, sua lógica e sua axiologia do espaço, se localiza em Canudos, "Troia de taipa", "casario incontável", "Babilônia de casebres".

Sarmiento quis erguer sobre a água uma cidade que não foi, mas que representava a quintessência de certos valores caros cuja sede era, por definição, para o autor e para sua época, a urbe. Duas vezes submergida, primeiro sob seus próprios escombros e logo sob a água, Canudos/Belo Monte representou a irrupção do inclassificável ao mesmo tempo que deixou entrever ou vislumbrar algo da ordem do por vir, que fez de Euclides, ou melhor ainda, da obra euclidiana vista através desta leitura, uma espécie de profeta involuntário. Edificada a salvo de olhares intrusos, oculta, resguardada pelo "morro da favela", onde iriam se plantar as forças do exército republicano para melhor bombardeá-la, Canudos não pode resistir ao embate. Sepultaram-na, é certo, mas ressurgiu e multiplicou-se em outros lugares. Subiu ladeiras e morros, virou favela.

Das várias atualizações e versões do binômio cidade/campo na escrita de um e de outro autor, daquilo que essas atualizações possuem em comum e do que as distingue; dos cruzamentos, superposições e interações desse par com o binômio civilização/barbárie, e de algumas versões,

derivações e `deformações` deste último, trata o presente ensaio. Naturalmente, não pretendo esgotar uma temática de semelhante complexidade e amplitude senão apenas indicar algumas zonas de tensão ou de eventual interesse: através dos textos e no diálogo entre eles.

## *II. Matéria e propriedades da urbe.*

Em *Facundo* não se define a civilização, mas ela se vê incessantemente predicada e seu lugar é infatigavelmente assinalado. Nenhuma dúvida sobre seu endereço, a civilização habita a cidade ("a cidade é o centro da civilização argentina, espanhola, européia") (5), *locus* que introduz uma tripla cesura com relação à natureza: com relação à natureza `em si`, à natureza `de si`, de cada um, à natureza do outro. Obviamente, nos três casos trata-se de uma natureza projetada, contruída como tal e expelida para fora. Para dentro, no interior da superfície delimitada, os signos do profuso, profusão dada a ler sob uma multitude de formas. A cidade é o lugar próprio do muito: homens, casas, edifícios, comércios, oficinas, ruas, objetos, utensílios, roupas, riquezas. Tudo isso se encontra ou deveria encontrar-se na cidade, "que é a que desenvolve a capacidade industrial do

homem e lhe permite estender suas aquisições" (6). Reunião de tudo isso junto, reconcentrado num estreito espaço de território, já que para Sarmiento coesão e profusão são duas faces de uma única moeda. Assim, à cesura que estabelece o limite sucede a oposição que institui o contraste entre o populoso, numeroso, compacto, denso, cheio e pleno, por uma parte, e o deserto ou semi, disperso, esparramado, escasso, deficiente e insuficiente, por outra. Desnecessário dizer que o habitante porta a marca do lugar, *habitat* e atributos do sujeito também são duas versões do mesmo. Dentro, no recinto da cidade, uma abundância contra-natureza que diz na estrutura das coisas (e na proximidade *entre* as coisas como parte dessa estrutura), a civilização/humanidade de uns. Afora, extramuros, pouco que conte para a civilização: léguas e léguas de campo não sulcado, cabeças de gado jogadas a esmo numa longa superfície, alguma choupana perdida no horizonte. Em suma: falta do que interessa e vale, do que conta, e excesso do pior, de uma natureza não tratada.

Densidade (graus de concentração), artifício (graus de afastamento com relação a uma materialidade e uma função supostamente primeira e portanto primária, primitiva, elementar): critérios que organizam uma grade básica de

sentido, que redistribuem e ordenam coleções de palavras, motivos, figuras; na cidade ou nas zonas intermediárias. Por exemplo, "a colónia alemã ou escocesa do sul de Buenos Aires" versus "a vila nacional que se forma no interior" do país:

"Na primeira, as casinhas são pintadas; a frente da casa, sempre asseada, adornada de flores e arbustinhos graciosos; a mobília, simples mas completa; a louça, de cobre ou estanho, reluzente sempre; a cama, com cortinas graciosas, e os habitantes num movimento e ação contínuos" (7)

Pintura, arbustos, flores, móveis, louça reluzente, cortinas, etc., saturam o exterior e o interior de uma morada que glosa em outro nível o *leitmotiv* do povoado/aprimorado/numeroso. A vila de imigrantes miniaturiza qualidades da urbe, repete-as, multiplica-as em cada casa. Diante disso,

"a vila nacional, reverso indigno desta medalha; crianças sujas e cobertas com farrapos, vivem com uma matilha de cachorros; homens estendidos no solo, na mais completa inação; o desasseio e a pobreza por toda parte; uma mesinha e arcas de couro, por toda mobília; choupanas miseráveis por habitação, e um aspecto geral de barbárie e de incúria dignos de nota" (8)

A prolixidade e o asseio se transformam-se em farrapos, sujeira, abandono; os móveis e a louça, reluzentes e abundantes, numas poucas arcas de couro (numas poucas *petacas*) e uma única mesa; a casinha de fachada encantadora em casebre miserável; a ação e o movimento em inação. Mas acima de tudo, como se quanto mais perto do solo e dos animais mais indiferenciados com relação a eles, o avesso se diz como proximidade com a terra, corpo estendido,

convivência com a matilha (basta que "as crianças" aprendam a caminhar para que substituam um animal por outro e se transformem em cavaleiros, ou melhor, em centauros, pois "o cavalo é uma parte integrante do argentino dos campos; é para ele o que a gravata para os que vivem nas cidades" (9). De um lado, o contato imediato e funcional de dois corpos que não são senão um, entre os quais nada se interpõe - o homem das cidades, quando obrigado a cavalgar, lembre-se, cavalga em "sela inglesa". Do outro lado, a peça que não cobre, nem abriga, nem satisfaz qualquer tipo de função imediata: o excedente transformado em segunda pele. A vila nacional curva-se diante da tirania do solo, glosa suas faltas e a rusticidade do campo.

A distinção reaparece e acentua-se em **Argirópolis**, onde a estreiteza do território insular, suas reduzidas dimensões, ganham o estatuto de propriedade benéfica precisamente por favorecer a concentração (também o 'vertical', outro signo da urbe que se contrapõe ao baixo, achatado e plano das construções *pampeanas*). O que de melhor, com efeito, senão uma pequena ilha, para pôr freio à propensão ao esparramado das cidades da América espanhola? O que de melhor que uma pequena ilha para impedir a permanente intrusão do rural/natural que sepulta e destrói as cidades do interior?:

"Não se presta a superfície de Martín García para conter uma cidade? Mas, como! (...) A América espanhola distingue-se pela superfície desmesurada que ocupam suas cidades; e o hábito de ver disseminarem-se edifícios de um só andar nas planuras, predispõe-nos a achar estreito o espaço em que na Europa reúnem-se duzentos mil habitantes. Deste desperdício do terreno decorre que nenhuma cidade espanhola na América possa ser iluminada pelo gás nem servida com água, porque o custo excessivo dos canos que devem distribuí-los não encontra cinquenta habitantes num quarteirão (...).

Nosso juízo não está habituado à repentina aparição de cidades. Estamos habituados a vê-las morrer de inação." (10)

Pouca extensão, pouca terra e muita pedra; outra vantagem considerável aos olhos de Sarmiento que do mesmo modo que opõe vertical/horizontal, no nível das formas, opõe duro-durável -neste caso o granito-, a precário-perecível -barro, adobe, palha-, no nível dos materiais: "A pedra das excavações de Martín García serve de pavimento às ruas de Buenos Aires, e não há glória sem granito que a perpetue. Argirópolis (a cidade do Prata) nasceria rica de elementos duradouros de construção" (11).

Completando o quadro de características favoráveis, a própria condição insular, ou mais precisamente, as possibilidades entrevistadas na água: basicamente duas, complementares e antitéticas ao mesmo tempo. Com efeito, numa direção, o meio que circunda ou rodeia Argirópolis afasta, separa, isola, insta ao corte com as práticas, tradições e *modus vivendi* imperantes na América do Sul. Na outra direção, em direção da Europa longínqua ou da América do Norte (novo modelo descoberto em *Viajes* que já opera

nitidamente neste livro), a água aproxima, comunica com esses centros de civilização, fomenta e acelera a circulação de bens e de homens através de navios e barcos, embarcações que constituem o reverso positivo da carroça de bois já que também no que diz respeito aos modos, meios de transporte e hábitos que engendram, neles rege a bipolaridade que valoriza, por um lado, a 'boa errância', o nomadismo célere e industrioso do marinheiro-comerciante, a rapidez, fecundidade e rentabilidade de seus deslocamentos, ao passo que desestima, por outro lado, a "esquadra de baixéis/carroças que atravessa pesadamente o deserto" (Facundo, pág. 36). Em suma: numa direção a água serve de barreira à realidade circundante tal como ocorre nas utopias clássicas; na outra, serve de nexos, estreita vínculos, estende pontes (12). Longe de querer ser um canto esquecido, ignorado pelo mundo, Argirópolis quer ser cidade/porto e cidade/porta simultaneamente, instrumento intermediador, "chave" capaz de abrir num sentido, o das influências de ultramar e sua ulterior penetração nas províncias interiores do país, e de fechar no outro, o das influências campestres. Pequeno paraíso artificial chamado a subverter a partir de seus próprios fundamentos "o gênero de vida praticado no continente"; isso será Argirópolis e, para tanto, nada melhor que uma ilha:

"Voltando às vantagens que asseguraria aos Estados do Prata a criação naquela ilha de uma cidade capital, apontaremos uma que, para nós ao menos, é de uma transcendência incalculável. Tamanha é a influência que exerceria sobre os

hábitos nacionais esta sociedade atirada na água, se é possível dizer assim, e rodeada necessariamente de todos os meios de poder que dá a civilização. A ninguém ocultam-se os defeitos que nos inoculou o gênero de vida levado no continente, a choupana, o cavalo, a falta de utensílios, bem como a facilidade de supri-los por meios atrasados. Que mudança nas idéias e nos costumes! Se ao invés de cavalos fossem necessários botes para passear os jovens; se ao invés de domar potros, o povo tivesse que submeter com o remo as ondas alvoroçadas; se ao invés de palha e terra para improvisar uma cabana, fosse obrigado a cortar a esquadro o granito" (13)

### *III. As formas da polis: duplicações da paisagem citadina.*

Por muito prezados e indispensáveis que sejam, nem edifícios de granito cortado a esquadro, nem paredes pintadas, nem botes, nem louças reluzentes, nem mobílias completas, nem sobrecasacas, nem gravatas, nem fraques, são suficientes para que se tenha uma cidade. A coleção de objetos que funciona no discurso *sarmientino* como unidade de medida do urbano, sua qualidade e quantidade, não bastam entretanto para defini-la. Não bastam, mas distam muito de ser um mero acessório (lembro aqui da sexta pergunta do interrogatório dirigido ao doutor Manuel Castro Barros com o propósito de "tornar sensível a aniquilação da cidade de La Rioja" durante o regime *rosista* (**Facundo**, pág. 70): "-quantos homens vestem fraque? -nenhum." Que esta pergunta conviva do

lado de outras tais como "quantos juizes letrados há?, quantas escolas e quantas crianças as frequentam?, edificam-se casas novas?, tem aumentado ou diminuído a população? quantos advogados têm escritório aberto?, quantos médicos?", etc., perguntas às quais o cônego responde sistematicamente "nenhum", longe de dar o toque frívolo do interrogatório sublinha a importância outorgada pelo autor aos detalhes materiais e, de passagem, revela sua obsessão pelo número. Dir-se-ia que por trás de cada *quantos*, ecoa a expectativa *sarmientina* do *amanhã muitos, muitíssimos*. Nesse sentido, seu horizonte utópico aponta na direção de um *todos* alcançável a longo prazo, por meios coercitivos, via instrução. Um processo cujo epicentro, em primeira instância, é dado pela escola, a mais autêntica e persistente das *obsessões sarmientinas*, mas do qual também participam outros espaços e outras práticas que equacionam 'satisfatoriamente' aprendizagem e lazer, instinto, disciplinarização e estilização: residência 'natural' da escola, da biblioteca, do teatro, dos bailes e até do hipódromo, a cidade é o lugar onde muitos homens educam-se juntos) (14).

Agente multiplicador e formador insubstituível, a cidade *sarmientina* é, no entanto, antes de tudo e acima de tudo, lugar-origem de uma determinada ordem social, herdeira da *polis*, da *civitas* romana, cidade-estado, cidade-lei, sede das instituições e do governo. Por isso é mãe da "revolução argentina" -filha, por sua vez, do movimento de

ideias levado a cabo na América do Norte e na França-, revolução que, "exceção feita de seu símbolo exterior, a independência do Rei, era somente interessante e inteligível para as cidades, estranha e sem prestígio no campo" (15). Porque, "espírito municipal", "juizados", "direitos", "leis", "educação", "todos os pontos de comunidade que temos com os europeus", em fim, "existiam" ainda que de modo imperfeito nas cidades argentinas. Só nas cidades havia uma "base de organização" que, precisamente por saber-se a si mesma "incompleta", "atrasada se se quiser", mas perfectível, "adotava com entusiasmo a revolução" e seu corolário: a República. Assim, à figura da cidade como usina produtora de `bons` objetos e de `bons` hábitos em profusão, justapõe-se a figura da cidade como usina político-jurídico-administrativa, também ela uma espécie de paraíso artificial decorrente de uma série de cortes, ablações, sujeições e cerceamentos operados na `natureza de cada um` para benefício e normatização do conjunto. De modo que coexistindo com a paisagem material da cidade, com os significantes que retornam para corporificá-la no nível de seus componentes mais imediatos, há uma paisagem institucional: na cidade têm lugar (ou deveriam ter lugar), assembléias, tribunais, organismos policiais e fiscais, escolas. E, é obvio que igualmente neste plano, ou sobre tudo nele, Argirópolis representa a formulação do modelo em estado de pureza quase absoluta. Originariamente concebida como instrumento de ordem político, inventada para

desempenhar o papel de máquina de Estado, a capital nonata deveria acolher em seu seio desde o princípio

"O congresso, o presidente da União, o tribunal supremo de justiça, a santa sé do arcebispado, o Departamento topográfico, a administração dos vapores, a escola náutica, a universidade, uma escola politécnica, outra de artes e ofícios e outra normal, para mestre-escolas, o arsenal da marinha, os estaleiros, e mil outros estabelecimentos administrativos e preparativos que supõe a capital de um Estado civilizado." (16)

De fato, ainda que noutra chave, esta paisagem novamente reedita as figuras/icones da paisagem anterior, convoca-as uma por uma deslocando seu sentido para a órbita político-governamental da *polis*. Assim, por exemplo, os signos do populoso, do cheio, do concentrado, do compacto, reaparecem agora seja sob a forma do numeroso em si ("mil estabelecimentos administrativos"), seja sob a forma de instâncias colegiadas (câmaras, congressos, assembléias, tribunais), organismos que constituem por sua vez expressões ou modulações do indireto, do interposto, do intermediado: 'representativas' do conjunto, essas instituições supõem precisamente uma delegação da quota de poder-arbitrio-força individuais, com vistas à elaboração de uma ordem coletiva. A ficção do contrato que faz nascer e legitima semelhante tipo de autoridade, confisca essa quota de poder, veda seu exercício direto, não mediado, e oferece como contrapartida uma série de obrigações-direitos sancionados pela Lei, também ela uma construção reta, sólida, duradoura e estável, como as pedras cortadas a esquadro em que se apóia a estrutura arquitetônica de Argirópolis.

Contrastando com esta paisagem institucional se não preenchida facilmente preenchível, a do campanha pastoril, espaço refratário à legalidade instituída pela *polis*, espaço onde, para o autor,

"A sociedade desapareceu completamente; só resta a família feudal, isolada, reconcentrada, e não havendo sociedade reunida, toda classe de governo se torna impossível: a municipalidade não existe, a polícia não pode ser exercida e a justiça civil não tem meios de alcançar aos delinquentes." (17)

Dispersas num meio cujo traço dominante é o esparso, as instituições de Estado não conseguem chegar até o campanha pastoril, extraviam-se mal se põem a andar, desaparecem engolidas pelo vazio que as rodeia. Ou, o que talvez seja ainda pior para Sarmiento, se sobreviverem perdem sua forma citadina, transformam-se (deformam-se) em outra coisa, a mais das vezes, no avesso exato do que 'deveriam' ser; numa palavra, ruralizam-se. A administração da justiça no campo? Tão somente uma variante do caudilhismo praticado pelo "capataz de carroças" ou pelo próprio caudilho:

"O que no princípio disse do capataz de carroças se aplica exatamente ao juiz de campanha. Antes de mais nada, necessita valor: o terror de seu nome é mais poderoso que os castigos que aplica. O juiz é, naturalmente, alguém famoso de há muito, alguém a quem a idade e a família chamaram para a vida ordenada. Obviamente que a justiça que administra é de todo arbitrária; sua consciência ou suas paixões guiam-no, e suas sentenças são inapeláveis. As vezes, costuma haver juizes que o são para toda a vida e que deixam uma

memória respeitada. Mas a coincidência destes meios executivos e o arbitrário das penas formam idéias no povo sobre o poder da *autoridade*, que mais tarde acabam produzindo seus efeitos. O juiz faz-se obedecer por sua reputação de audácia temível, sua autoridade, seu juízo sem formalidades, uma sentença, um *eu mando*, e seus castigos, inventados por ele próprio. Desta desordem, talvez por muito tempo inevitável, decorre que o caudilho que nas revoltas consegue se elevar, possui, sem contradição, e sem que seus sequazes duvidem disso, o poder amplo e terrível que só se encontra hoje nos povos asiáticos." (18)

"Arbitrária", "executiva", "sem formalidades", a autoridade, aqui, desconhece todo tipo de mediação, é uma prática direta, pessoal, um "eu digo", "eu mando" ("*un yo lo mando*"), quase física, como os castigos que costuma inflingir. Nenhum protocolo jurídico, nem sistema de leis, nem regime de penas codificado que se interponha entre o representante do poder (que neste caso se confunde com o próprio poder), e os sujeitos sobre os quais esse poder se exerce. Nenhuma regularidade, nem generalidade (nenhum *universal* no plano das obrigações, garantias e direitos civis) que faça as vezes de pilar, de ponto fixo, de fundamento. (Lembremos porém que é a cidade que cria legalidades diferenciadas e francamente lesivas para o homem do campo, como por exemplo, a *lei de levas*. Por obra e graça dessa lei, todo camponês que não possuísse documentação probatória de sua condição de trabalhador -a famosa *papeleta de conchabo*- podia ser 'engajado' à força no exército ou, caso contrário, ir parar no cárcere). Para Sarmiento, transpostas as fronteiras da *polis*, as instituições se mimetizam com a sociedade pastoril, tornam-se semi-nômades

ou semi-erráticas como os indivíduos que a integram, instáveis, frágeis e precárias como as moradas que habitam, rudimentares e mal providas como suas fachadas e interiores. Ou, o que é o mesmo: transpostas as fronteiras da *polis* as instituições movem-se ao compaço do "eu mando", "eu digo", "eu ordeno", e dos vaivéns impostos a cada instante pela correlação de forças existentes entre os eu; são construções de palha e barro, não de pedra dura geométrica e 'idênticamente' cortada. São, além disso, exercício de homens-centauro, de homens-fera, de homens-tigre, apodo de Juan Facundo Quiroga e, por extensão, de todos os juizes-comandantes de campo-caudilhos rurais esparramados pelo território argentino.

Em **Argirópolis** e em **Facundo**, os constituintes da paisagem político-institucional e os da paisagem 'sem mais' falam o mesmo idioma ou pelo menos usam o mesmo léxico de base, espelham-se entre si e repelem o seu outro. De um lado, enunciados em dois registros, as palavras-suportes da cidade; do outro, também em dois registros especulares, as do campo. Inútil perguntar-se qual paisagem copia qual no interior de cada dupla: a reduplicação é um princípio estruturante desta (dia)tópica artificialmente apreendida em posição de repouso; a repulsão, intrusão recíproca organizada em dois tempos/direções, e reconciliação final sob a tutela da *polis*, comanda sua dinâmica. Um movimento que dever-se-á examinar depois de descrever os lugares

comuns, encontros e desencontros dessa (dia)tópica artificialmente estática, com relação à presente no discurso euclidiano.

#### *IV. Deslocamentos.*

Como para Sarmiento, para Euclides da Cunha a feição da paisagem "estereografa" ou "objetiva" a estrutura dessa paisagem-sociedade, mostra seu ser na qualidade, quantidade e textura dos elementos matriciais que a compõem, em sua disposição, nas regras que organizam a combinatória desses signos. Como para Sarmiento, para Euclides da Cunha cada paisagem-sociedade diz seu ser em dois planos ou níveis. Mas, apesar das coincidências gerais, nem a classificação, nem a axiologia das paisagens, nem menos ainda a gramática que rege a combinatória dos signos no interior de cada uma delas, permanecem incólumes, a salvo de desvios ou acidentes (é certo que a rigor de verdade isso tampouco ocorre no interior dos textos *sarmientinos*. Porém, neste aspecto como em outros tantos, o empenho por estabelecer/preservar diferenciações nítidas me parece indiscutível e é, por sua vez, um signo de seu tempo). De certa forma, e se pensado desde o imaginário *sarmientino* ou desde o *sarmientinismo* que

apesar de tudo sobrevive na palavra euclidiana, poderia afirmar-se que, em *Os Sertões*, os signos 'enlouquecem', produzem uma gramática 'aberrante' perturbando com isso a classificação, número e estatuto das paisagens representadas. Em primeiro lugar, e não somente devido à 'natureza' do tema em questão, a cidade/paradigma (a cidade como paradigma, como dispositivo e acelerador de civilização) ausentou-se em *Os Sertões*. As pouquíssimas referências à capital carioca insistem no estabelecimento de um *analogon* precisamente com aquilo que, em princípio ou por princípio, deveria funcionar como contrafigura. Em *Os Sertões*, "a rua do Ouvidor vale por um desvio das caatingas", a multidão do Rio de Janeiro "quebra e inutiliza tudo quanto encontra", "atira objetos, livros, papéis, móveis, utensílios, tabuletas e divisões" na rua para formar "uma grande fogueira" (pág. 373) -dito de outro modo: destrói aquilo que para Sarmiento a cidade acumula e pelo qual é valiosa-, as instituições republicanas atuam de maneira não menos impulsiva e primitiva que seus supostos oponentes: "Os governadores de estado, os Congressos, as corporações municipais, continuaram vibrantes no anelo formidável de vingança" (pág. 377).

Com diversas inflexões, este desmoroamento ou ausência da cidade modelo pode também ser apontado nos escassos e breves retratos de cunho urbano presentes em outros textos do autor. Assim, por exemplo, o Rio agitado e em processo de transformação da primeira década do século XX, longe de

suscitar euforia, alimenta o "ursismo incurável" de Euclides da Cunha, faz com que sinta "saudades da antiga simplicidade brasileira" - simplicidade que, com frequência na produção escrita da passagem de século, tanto na Argentina quanto no Brasil, ganha a forma de uma 'volta' estetizante ao universo rural. Em todo caso, a proliferação de "automóveis", "banquetes" e "conferências" que provavelmente teriam conduzido Sarmiento ao "delírio" (a um bom delírio, é claro), provocam agora a reação contrária:

"A vida entre nós, como já te disse noutra carta, mudou. Há um delírio de automóveis, de carros, de *corsos*, de banquetes, de recepções, de conferências, que me perturba -o que me atrapalha em meu *ursismo* incurável. Dá vontade da gente representar a ridícula comédia da virtude, de Catão, saindo por estas ruas de sapatos rotos, camisa em fiapos e cabelos despenteados. Que saudades da antiga simplicidade brasileira..." (19).

Assim mesmo, a intensa vida comercial e o crescimento célere de Manaus - dois objetivos do discurso *sarmientino* - mostram aqui sua faceta "insuportável":

"Estaquei à entrada de meu misterioso deserto do Purus, para maior infelicidade, depois de caminhar 3 milhas, cai na vulgaridade de uma cidade estritamente comercial de aviadores solertes, zangões vertiginosos e ingleses de sapatos brancos. Comercial e insuportável. O crescimento abrupto levantou-se de chofre..." (20)

Por certo, parece bastante difícil conceber Euclides imaginando uma Argirópolis ou coisa semelhante (muito depois, é verdade, o Brasil imaginou sua Argirópolis: Brasília. Realizando-a, mostrou também suas impossibilidades: nem a equidistância geográfica é uma

máquina de produzir neutralidade, equidade, equilíbrio e coesão, como pensava Sarmiento, nem a geometria detem a emergência do não-planificado, do não desejado, do 'irregular'). Dir-se-ia que no discurso euclidiano não restam restos de um pensamento utópico indissolivelmente vinculado à cidade e que, em consequência, a bipolaridade que anima o modelo *sarmientino* fica sem um de seus pilares, o fundamental, aquele que vale e conta para a edificação da nação futura. Contudo, é necessário advertir que a perda desse ponto de apoio não reverte em nenhuma classe de equilíbrio ulterior por compensação ou transferência do perdido para a outra área. A deflação do urbano não gera automaticamente uma inflação correlativa e paralela do rural que reestabeleceria a ordem, somente que com os signos invertidos; a parte que se arruina ou se tolhe num dos pólos do modelo não se recupera nem se repõe no contrário, ao menos não 'sem mais' ou não simetricamente. Porque, por outro lado -isto é, pelo lado da outra paisagem, a rural-, irrompem por seu turno combinações impensadas, anômalas, "monstruosas": prefigurações de uma paisagem na qual os signos saem-se de seu curso 'natural', 'contaminam-se' e se mesclam. Uma visão/versão do 'campo' (mas é possível continuar chamando-o assim?) que desestabiliza o esquema *sarmientino*, que o leva ao colapso.

Em direção dessa outra paisagem onde irrompe a surpresa é preciso olhar agora.

### *V. Descrições/excursões.*

A primeira descrição sumária de Canudos parte do aspecto geográfico e organiza-se, como é habitual, por aproximações sucessivas: inicialmente nos faz ver o "solo revoltado" com aparências de "escombro de terremoto" da zona circunvizinha para logo "galgar o topo da Favela". Ai, do alto, uma espécie de mirante "permite abranger de um lance o conjunto da terra" e põe o "viandante" diante da "antítese do que vira":

"Ali estavam os mesmos acidentes e o mesmo chão, embaixo, fundamente revoltado, sob o indumento áspero dos pedregais e caatingas estonadas... Mas a reunião de tantos traços incorretos e duros - arregoados divagantes de algares, sulcos de despenhadeiros, socavas de bocainas criava-lhe perspectiva inteiramente nova. E quase compreendia que os matutos crendeiros, de imaginativa ingênua, acreditassem que 'ali era o céu'" (21)

Ao redor desse céu, uma "elipse majestosa de montanhas". Ou como se dirá muito mais adiante, "uma cintura de serras com que o bom Jesus isolara do resto do mundo essa Canaã sagrada" (22). Semelhante à cintura de água que rodeia Argirópolis (semelhante a uma das duas funções que assume no livro), montanhas e solo estéril servem para instituir o corte, fazem as vezes de obstáculo. A semelhança do que se

sonha para Argiropolis, a partir do céu, desde o alto, a visão, embaixo, do cheio, do compacto, do numeroso. Mas, como ocorre ao "galgar o topo da Favela", a semelhança subitamente resolve-se em "antítese".

"Na planície rugada, abaixo, mal se lobrigavam os pequenos cursos d'água, divagando, serpeantes...

"Um único se distinguia, o Vaza-Barris. Atravessava-a, torcendo-se em meandros. Presa numa dessas voltas via-se uma depressão maior, circundada de colinas... E atulhando-a, enchendo-a toda de confusos tetos incontáveis, um acervo enorme de casebres..." (23)

Na superfície estreita, abarrotando-a, "atulhando-a", "enchendo-a", "incontáveis tetos, um acervo enorme de casebres": uma numerosidade no coração do deserto que jamais imaginou o autor de **Facundo**, uma primeira manifestação de desacato a certa lógica distributiva dos signos no espaço territorial. "Os casebres-choupanas no campo? sim, sem dúvida que seu lugar é esse", diria Sarmiento; mas sua lei é a do pouco, o esparramado, o escasso, não a do muito e do reunido.

....

No índice preparado por Euclides da Cunha para a segunda parte de **Os Sertões**, lê-se: "Canudos- antecedentes - aspecto original - e crescimento vertiginoso. Regime da

urbs" (24). O relato desse processo se concretiza muitas páginas mais tarde e começa pelo que poderíamos chamar de a pré-história de Canudos, *passado do espaço* em que se lembra da "fazenda florescente" de décadas anteriores, do "aldeamento" suspeito que medra ao seu redor, da decadência final, espécie de vazio que servirá de marco à história que interessa:

"Canudos, velha fazenda de gado à beira do Vaza-Barris, era, em 1890, uma tapera de cerca de cinqüenta capuabas de pau-a-pique.

Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora, como tantos outros, e nomeadamente o vigário de Cumbe, em visita espiritual às gentes de todo despeadas da terra, lá se aglomerava, agregada à fazenda então ainda florescente, população suspeita e ociosa, "armada até aos dentes" e "cuja ocupação, quase exclusiva, consistia em beber aguardente e pitar uns esquisitos cachimbos de barro em canudos de metro de extensão" de tubos naturalmente fornecidos pelas solanáceas (canudos-de-pito), vicejantes em grande cópia à beira do rio.

Assim, antes da vinda do Conselheiro, já o lugarejo obscuro -e seu nome claramente se explica- tinha, como a maioria dos que jazem desconhecidos pelos nossos sertões, muitos germes da desordem e do crime. Estava, porém, em plena decadência quando lá chegou aquele em 1893: tijupares em abandono, vazios os pousos; e, no alto de um esporão da Favela, destelhada, reduzida às paredes exteriores, a antiga vivenda senhoril, em ruínas..." (25)

Subitamente, esta paisagem-memória-proto-história onde se justapõem os signos do 'rural/senhorial' (praticamente ausentes nos textos *sarmientinos*) e do 'rural-popular-marginal-perigoso' (estes sim, uma presença constante), subitamente esta paisagem se "transmuda":

"Data daquele ano a sua revivescência e crescimento rápido. O aldeamento efêmero dos matutos vadios, centralizado pela igreja velha, que já existia, ia transmudar-se, ampliando-se em pouco tempo, na Tróia de taipa dos jagunços" (26).

Expandindo o enunciado sintético, a representação dessa passagem abrupta. Numa primeira instância, a recapitulação das migrações internas que começam a registrar-se no sertão nordestino por volta de 1893, migrações que "partem de todos os pontos" deixando sítios, vilas e povoados inteiros "desabitados" para convergir numa apertada planície, transvasamento de homens que, por um lado, esvazia as pequenas comunidades, mas pelo outro, reagrupa-as numa entidade maior modificando com isso sua estrutura/natureza primordial ("Assim, se mudavam os lares. Inhambupe, Tucano, Cumbe, Itapicuru, Bom Conselho, Natuba, Maçaracá, Monte Santo, Jeremoabo, Uauá, e demais lugares próximos; Entre Rios, Mundo Novo, Jacobina, Itabaiana e outros sítios mais remotos, forneciam constantes contingentes ... Isoladas a princípio, essas turmas adunavam-se pelos caminhos, aliando-se a outras, chegando, afinal, conjuntas, a Canudos") (27). Desse ponto de vista, poderia afirmar-se que o princípio que norteia o movimento de **Facundo** no presente, isto é, sob o domínio de Rosas, é o da dispersão, uma dispersão que obviamente Sarmiento abomina. Porque para ele, no solo argentino, "a ignorância e a pobreza" "consustanciais" ao mundo rural, seu poder barbarizador, "estão como as aves de rapina esperando que as cidades do interior dêem o seu último suspiro, para devorar sua presa, para fazê-las campo,

*estância*" (28). Em *Os Sertões*, ao invés disso, a dispersão/esvaziamento primeiro, torna-se imediatamente impulso concentracional, movimento centrípeto. O pouco numeroso se perde ou se desfaz para dar lugar à reunião dos muitos homens e das muitas casas: "O arraial cresce vertiginosamente, coalhando as colinas" (29), de certo modo transforma-se em cidade. Mas em que tipo de cidade? Não por certo numa cidade semelhante à Argirópolis dos devaneios *sarmientinos*. Na visão/versão de Euclides da Cunha, Canudos é "*urbs* monstruosa", "*civitas* sinistra do erro", "cidade selvagem", oximoros ausentes da retórica *sarmientina* que resumem a tensão suscitada por signos proibidos de encontrar-se que, agora, no entanto, se conjugam. Porque em Canudos, o cheio, o povoado, o populoso, o numeroso, combina-se e fundiona-se com o 'primitivo', o 'rústico', o 'elementar', o 'irregular'. A princípio, dir-se-ia que essa junção é impensável e impossível para o escritor *sanjuanino*; a princípio, as expressões oximorônicas condensam esse impossível tornado realidade que perturba o modelo e, obviamente, antes de tudo, o próprio Euclides da Cunha. Onde está o campo e quais são suas 'propriedades intrínsecas'? Onde a cidade e quais as suas?

....

Voltemos ao momento em que se registra o crescimento vertiginoso de Canudos:

"O arraial crescia vertiginosamente, coalhando as colinas.

A edificação rudimentar permitia à multidão sem lares fazer até doze casas por dia; -e, à medida que se formava, a tapera colossal parecia estereografar a feição moral da sociedade ali acoutada. Era a objetivação daquela insânia imensa. Documento ineludível permitindo o corpo de delito direto sobre os desmandos de um povo.

Aquilo se fazia à esmo, adoudadamente.

A *urbs* monstruosa, de barro, definia bem a *civitas* sinistra do erro. O povoado novo surgia, dentro de algumas semanas, já feito ruínas. Nascia velho. Visto de longe, desdobrando pelos cômodos, atulhando as canhadas, cobrindo área enorme, truncando nas quebradas, revolto nos pendores - tinha o aspecto perfeito de uma cidade cujo solo houvesse sido sacudido e brutalmente dobrado por um terremoto.

Não se distinguiam as ruas. Substituía-as dédalo desesperador de becos estreitíssimos, mal separando o baralhamento caótico dos casebres feitos ao acaso, testas volvidas para todos os pontos, cumeeiras orientando-se para todos os rumos, como se tudo aquilo fosse construído, febrilmente, numa noite, por uma multidão de loucos..." (30)

Desenvolvimento rapidíssimo porém "rudimentar" e visto que rudimentar: "a edificação rudimentar permitia à multidão sem lares fazer até doze casas por dia"; desenvolvimento compacto mas "caótico", sem ordem, nem regularidades, nem direção legível (não com a ordem, direção ou regularidade que se desejaria encontrar), "um dédalo desesperador de becos estreitíssimos", "um baralhamento de casebres feitos ao acaso"; desenvolvimento "contra-natura", deformidade ou deformação do que mal havendo nascido já tem o aspecto do velho, ruptura com a ordem evolutiva dos tempos, confusão ou

inversão das idades, ruína precoce. Com esses 'paradoxos', o discurso euclidiano busca apreender e dar a ver uma primeira panorâmica de Canudos. Com esses paradoxos e sua reconversão à linguagem (em sintonia com seu tempo) da doença, da loucura coletiva e multitudinária. Ou com a multiplicação 'enlouquecida' dos nomes para nomear o inaudito, pois em apenas duas páginas e não muito mais de vinte anos Canudos transita pelas seguintes denominações/condições: "fazenda de gado", "tapera", "aldeamento efêmero de matutos vadios", "Tróia de taipa", "arraial", "urbs monstruosa" "civitas sinistra do erro", "tapera colossal", "cidade cujo solo houvesse sido sacudido e brutalmente dobrado por um terremoto". 'Rural' por origem ("antiga fazenda de gado" mas também ponto de convergência de uma população eminentemente rural ou semi-rural), 'urbana' por densidade e número de habitantes e moradias. 'Urbana,' mas de novo, outra vez, ao aproximar-se/descrever a estrutura de cada uma dessas vivendas, retorno à materialidade rural, ao "pau-a-pique", aos "ramos de icó", aos "compartimentos minúsculos" e quase despovoados de objetos. Porque à primeira infração ao modelo *sarmientino* (a junção do muito, cheio, denso e numeroso com o "rudimentar"), segue a reposição do modelo (já arruinado) no detalhamento descritivo das unidades constituintes. Olhada de longe, as muitas e "embaralhadas" vivendas; olhada de perto e por dentro, os "trastes raros e grosseiros". Nenhuma proliferação do primoroso e ornado que nos lembre a

vila de imigrantes escoceses. Aqui, cada um dos milhares de casas volta a dizer o pouco:

"Quando o olhar se acomodava a penumbra daqueles cômodos exíguos, lobrigava, invariavelmente, trastes raros e grosseiros: um banco tosco; dois ou três banquinhos com a forma de escabelos; igual número de caixas de cedro, ou canastras; um jirau pendindo do teto; e as redes. Eram toda a mobília. Nem camas, nem mesas. Pendurados aos cantos viam-se insignificantes acessórios: o *bogó* ou borracha, espécie de balde de couro para transporte de água; pares de caçuás (jacás de cipó) e os *aiós*, bolsa de caça, feita de fibras de caroá. Ao fundo do único quarto, um oratório tosco." (31)

Por fim, fechando o inventário da mingua, "as armas", instrumentos de luta nos quais se reflete novamente "a mesma revivescência de estádios remotos". "Nada mais, de nada mais necessitava aquela gente". "Nem camas, nem mesas" no espaço interior, nem "a alvura reveladora das paredes caiadas e telhados encalçados" nas fachadas, nem "ruas nem praças à parte a das igrejas" no espaço público, nem lugares abertos, nem linhas retas (32). Semelhante a "uma vivenda única, amplíssima", da cor da terra, "a certa distância" Canudos "era invisível. Confundia-se com o próprio chão" (33), como *O Homem* (34).

Ao reexaminar a disposição geral de Canudos, Euclides da Cunha sublinha a presença de "construções ligeiras, distantes do núcleo compacto da casaria", que "pareciam

obedecer ao traçado de um plano de defesa" (35). Com efeito, inicialmente "apinhados" na depressão onde se erigia a antiga igreja, os "casebres" transbordam rapidamente esse limite primeiro e começam a "salpitar", "pontilhar", "espalhar-se" pelos cerros circunvizinhos formando "linhas irregulares de baluartes" (36). Assim, a descrição do traçado urbanístico transforma-se imediatamente num informe sobre as condições estratégicas da "cidade selvagem", mapa de um território onde "cada lar" é ao mesmo tempo "um reduto":

"Porque a cidade selvagem, desde o princípio, tinha em torno, acompanhando-a no crescimento rápido, um círculo formidável de trincheiras cavadas em todos os pendores, enfiando todas as veredas, planos de fogo volvidos, rasantes com o chão, para todos os rumos. Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavam a distância. Vindo do levante, o viajor que as abeirasse, ao divisar, esparsas sobre os cerros, as choupanas exíguas à maneira de guaritas, acreditaria topar numa rancharia esparsa de vaqueiros inofensivos. Atingia, de repente, a casaria compacta, surpreso, como se caísse numa tocaia." (37)

Menos que o círculo oculto de "formidáveis trincheiras" e sua eventual veracidade ou falsidade histórica, o verdadeiramente interessante deste trecho reside nas impressões do "viajor" que a elas se aproximasse vindo do levante. Porque ao seguir esse rumo, o hipotético viajante-observador "ao divisar, *esparsas* sobre os cerros, as *choupanas exíguas à maneira de guaritas, acreditaria topar numa rancharia esparsa de vaqueiros inofensivos*". De fato, não me parece impossível que a razão de ser dessa miragem

benévola e fugaz, sua lógica e origem, deva ser buscada na insistência recorrente de um vocábulo, no retorno do *esparso* (o solto, o pouco, o separado) como condição *sine qua non* de uma visão positiva. Também, possivelmente, de um olhar 'estético'.

Esparsos, casas e homens perdem os signos negativos que os cercavam nas descrições anteriores, de certo modo 'desarmam-se', tornam-se "rancharia de vaqueiros inofensivos": comunidade exígua, pequeno grupo rural-tradicional passível de retratos idealizados como os que proliferam na segunda parte de *Os Sertões*, aí onde o autor mostra-nos o dia a dia, trabalhos, festas, hábitos e costumes do vaqueiro-sertanejo bravo, inquebrantável, honestíssimo. (É certo que esses retratos nunca chegam a atingir o nível da idealização absoluta, que a contradição ou o desdizer-se permanentes, os altos e baixos, são uma regra do discurso euclidiano. Mas a tendência a exaltar as virtudes do *Homem*, quando declinado em singular ou em um plural 'contido', me parecem bastante claras). Reunida, ao contrário, "a casaria compacta" transmuda-se subitamente em "tocaia", cerco-emboscada voltado contra o viajante e contra os modelos (*sarmientinos*) que alguma vez carregou aos ombros:

"Canudos, entretecido de becos de menos de dois metros de largo, trançados, cruzando-se em todos os sentidos, tinha ilusória fragilidade nos muros de taipa que o formavam. Era pior que uma cidadela inscrita em polígonos ou blindada de casamatas espessas. Largamente aberto aos agressores que podiam derruí-lo a couces de arma,

que podiam abater-lhe a pulso as paredes e tetos de barro ou vará-lo por todos os lados, tinha a inconsistência e a flexibilidade traícoeira de uma rede desmesurada. (...)

A prática venatória dos jagunços inspirara-lhes, talvez, a criação pasmosa da "cidadela-mundéu"..."(38)

Cidadela-armadilha que tira forças de sua fragilidade, que ameaça ruir e arrastar o inimigo em sua derrocada, periculosidade do "fragilimo": no deserto de Os Sertões, a antevisão das favelas que viriam. Ou, melhor, das visões/versões mais frequentes que as cercam. Pesadelo do modelo *sarmientino* ; "grei revoltosa" -e muita.

*VI. Interseções e fendas temporais.*

Deslocar-se da cidade para o campo (Sarmiento), do litoral para o interior, de Rio ou Salvador para Monte Santo e dali para Canudos, das cidades para o sertão e do sertão para o inaudito (Euclides da Cunha), supõe deslocar-se para uma diferença que se formula 'enquanto tal', enquanto mudança nas qualidades, componentes e formas das distintas paisagens, mas também supõe um traslado no tempo. Em ambos os casos, uma viagem para o passado (que nesta análise Canudos seja vista como prefiguração do porvir, como viagem em direção do futuro, é efeito de uma leitura realizada no presente. Para Euclides da Cunha, na passagem do século, Canudos é "resurreição de uma sociedade velha", "de uma sociedade morta", "anacronismo palmar"). Assim, por exemplo, ao referir-se ao gaúcho cantor, "trovador, vate ou bardo" que reedita na pampa "a mesma cena", "as mesmas lutas das cidades e do feudalismo dos campos", Sarmiento conclui:

"Na República Argentina, vêem-se ao mesmo tempo, duas civilizações distintas num mesmo solo: uma nascente que, sem conhecimento do que têm sobre sua cabeça, está arremedando os esforços ingênuos e populares da Idade Média; outra que, sem tomar cuidado do que têm a seus pés, tenta realizar os últimos resultados da civilização européia. O século XIX e o século XII vivem juntos: um, dentro das cidades; outro, nas campanhas" (39)

Não de outro modo, mas trocando a expectativa *sarmientina* do corpo finalmente reunificado numa mesma

nação-solo pela imagem do 'estrangeiro interior', procede Euclides da Cunha ao afirmar:

"Insistamos sobre esta verdade: a guerra de Canudos foi um refluxo em nossa história. Tivemos, inopinadamente, ressurrecta e em armas em nossa frente, uma sociedade velha, uma sociedade morta, galvanizada por um doudo. Não a conhecemos. Não podíamos conhecê-la. (...)

Vivendo quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que palejam reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República. Ascendemos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um terço de nossa gente. Iludidos por uma civilização de empréstimo; respingando, em faina cega de copistas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências de nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patricios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos..." (40)

Por um lado, então, o croqui de paisagens/sociedades 'constitucionalmente' distintas, coexistentes e enfrentadas: um mapeamento da diferença em sincronia. Por outro, ou melhor, junto dele, visto que a dissociação é impossível, reconversão do distinto a uma unidade de medida que permite repensar a diferença como anacronismo, atraso, deshora, desajuste: projeção (eventualmente, supressão) da diferença na diacronia, sobreimpressão de um vetor evolutivo que torna possível homogeneizar (por supressão se necessário), a heterotopia das paisagens/sociedades que deveriam compor o corpo da estado-nação -um corpo fragmentado, feito de espaços/tempos/membros diferentes. Irredutível no presente, a distância/diferença pode transpor-se ou encurtar-se em

perspectiva. Mas, para que isso ocorra ou para que se imagine como sendo possível, não basta submeter ou reduzir as diferenças a uma unidade comum, a um padrão/tempo linear, evolutivo, de pretensões ou aspirações universalistas. É necessário que essa unidade possa operar, contraditoriamente, de maneira diferenciada, por assim dizer, intervir mais e mais rápido em certas zonas que em outras. Em suma: é necessário acelerar o tempo dos espaços atrasados, crer na própria possibilidade e positividade da aceleração. Sem essa dupla fé, que Sarmiento possui em abundância até pelo menos a década de 70, e que Euclides da Cunha, ora parece ter perdido, ora passado a sentir como uma fatalidade de consequências muitas vezes catastróficas, o descompasso deixa de ser provisório, torna-se componente estrutural de um mapa estruturalmente heterogêneo, fendido.

Para Sarmiento, para o Sarmiento de **Facundo** ou de **Argirópolis**, a história-mapa projetivo da pátria articula-se (e `resolve-se`) da seguinte maneira: primeiramente, um momento inicial, o da "revolução", caracterizado pela tentativa de expandir a influência da cidade (sinônimo do presente), sobre o espaço da sociedade rural/pastoril (sinônimo do passado). Logo, a invasão/destruição da cidade pela sociedade pastoril, tempo de aberração, de ruralização e retrocesso, tempo de impasse no qual se escreve **Facundo**. Por último, `resolução do conflito`, isto é, fusão parcial dos espaços e ajuste também parcial dos tempos, empresa liderada pela cidade, pela "cabeça" do corpo-nação-estado,

mas, agora, com conhecimento do que tem a seus "pés", dos que são de fato seus pés: o campo. E, para que pés e cabeça marchem juntos, ou quase, a voz de ordem é 'urbanizar', semear cidades/municípios capazes de operar como uma rede difusora e homogeneizadora de hábitos, educação, bens, leis, tempos. No ideário *sarmientino* a urbanização (o espaço do município/cidade) é por sua vez um agente de atualização, põe a circular o presente e, se não o impõe de imediato, ao menos o aproxima: encurta distâncias, acelera tempos, atenua diferenças entre o campo e a cidade. Quer juntar pés e cabeça num mesmo espaço/tempo.

Transcorridas cinco décadas, é como se os descompassos temporais se tivessem transformado eles próprios em diferença qualitativa, matéria resistente, "mar de séculos intransponível". Ou em "tangência" entre universos espaço-temporais que correm paralelos, roçam-se, não poucas vezes se cruzam ou se invadem, mas jamais se amalgamam. Dito de outra forma: nem chegam a reunir-se num projeto/corpo de tipo *sarmientino* (já que a cidade, emissária da civilização e do presente para o autor de **Facundo**, em **Os Sertões**, perdeu a "cabeça", é ela própria um lugar heterogêneo em que cohabitam tempos 'artificiais' e 'emprestados' com anacronismos e selvaticuezas flagrantes), nem reencontram-se numa espécie de unidade neo-rural arcaizante. De certo modo, dir-se-ia que para Euclides da Cunha o mapa/corpo da pátria é um *compositum* mal-alinhavado de espaços/tempos/membros sem conciliação (fusão) final. Corpo

desconjuntado que "perturba" e desmente a lógica e dinâmica do esquema *sarmientino*; corpo desconjuntado no qual uma viagem ao interior bem pode equivaler a uma viagem ao estrangeiro:

"Dali para baixo, no descair de insensível descida, uma vereda estreita e mal afamada -a estrada de Monte Santo, por onde tinham abalado, esperançosas, três expedições sucessivas, e de onde chegavam, agora, sucessivamente, bandos miserandos de foragidos. Vadeado o Jacurici, volvendo águas rasas e mansas, ela enfiava, inflexa, pelas chapadas fora, ladeada, em começo, por uma outra que demarcavam os postes da linha telegráfica recentemente estabelecida.

A linha férrea corre no lado oposto. Aquele liame do progresso passa, porém, por ali, inútil, sem atenuar sequer o caráter genuinamente roceiro do arraial. Salta-se do trem; transpõe-se poucas centenas de metros entre casas deprimidas; e topa-se para logo, à fímbria da praça - o sertão...

Está-se no ponto de tangência de duas sociedades, de todo alheias uma à outra. O vaqueiro encourado emerge da caatinga, rompe entre a casaria desgraciosa, e estaca o campeão junto aos trilhos, em que passam, vertiginosamente, os patrícios do litoral, que não o conhecem.

Os novos expedicionários ao atingirem-no perceberam esta transição violenta. Discordância absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas de telha do interior, que desequilibra tanto o ritmo de nosso desenvolvimento evolutivo e perturba deploravelmente a unidade nacional. Viam-se em terra estranha. Outros hábitos. outros quadros. Outra gente. Outra língua mesmo, articulada em gíria original e pinturesca. Invadia-os o sentimento exato de seguirem para uma guerra externa. Sentiam-se fora do Brasil." (41)

## NOTAS

(1) Em 1850 Domingo Faustino Sarmiento publica um longo ensaio de conteúdo geopolítico, histórico, programático, intitulado **Argirópolis**, onde propõe a criação de uma cidade, de uma capital do mesmo nome na ilha de Martín García. A expressão citada no corpo do texto pertence a essa obra (**Argirópolis**, Bs. As., La Cultura Argentina, 1916, pág. 144). Situada no "ponto cêntrico do Rio da Prata", esta capital *ad hoc*, supostamente a salvo de disputas localistas, representa para Sarmiento uma garantia de equidade nas sempre conflitivas e assimétricas relações Buenos Aires/Interior. Numa segunda instância, Argirópolis delinêia-se no texto como possível sede de uma virtual associação entre os Estados paraguaio, uruguaio e argentino.

(2) **Argirópolis**, op. cit. pág. 141.

(3) *ibidem*, pág. 143. Los itálicos são meus.

(4) Para um exame da trajetória do conceito de civilização no contexto francês e enquanto elaboração tipicamente francesa cfr. CURTIUS, E. *L'idée de civilisation dans la conscience française*. Paris, Publications de la conciliation Internationale, 1929. No que respeita à feição urbana-liberal-republicana que adquire a noção em finais do século XVIII, sua projeção e teorização nas décadas iniciais do XX, e sua visível influência no pensamento *sarmientino* interessa muito especialmente GUIZOT, M. *Cours d'Histoire moderne. Civilisation en France*. Paris, Pichon et Didier, 1829.

(5) **Facundo**, op. cit. pág. 29.

(6) *ibidem* pág. 30.

(7) "En la primera, las casitas son pintadas; el frente de la casa, siempre aseado, adornado de flores y arbustillos graciosos; el amueblado sencillito pero completo; la vajilla, de cobre o estaño, reluciente siempre; la cama, con cortinillas graciosas, y los habitantes en un movimiento y acción continuos". *Ibidem* pág. 28.

(8) "la villa nacional, reverso indigno de esta medalla: niños sucios y cubiertos de harapos, viven con una jauría de perros; hombres tendidos por el suelo, en la más completa inacción; el desaseo y la pobreza por todas partes; una

mesita y petacas por todo amueblado; ranchos miserables por habitación, y un aspecto general de barbarie y de incuria los hacen notables". Ibidem pág. 28.

(9) Ibidem pág. 58.

(10) "No se presta la superficie de Martín García a contener una ciudad? Cómo! (...) La América española se distingue por la superficie desmesurada que ocupan sus ciudades; y el hábito de ver diseminarse los edificios de un solo piso en las llanuras, nos predispone a hallar estrecho el espacio en que en Europa están reunidos doscientos mil habitantes. De este despilfarro del terreno viene que ninguna ciudad española en América pueda ser iluminada por el gás ni servida de agua, porque el costo excesivo de los caños que deben distribuir una u otra no encuentran cincuenta habitantes en una cuadra (...). Nuestro juicio no está habituado a la repentina aparición de ciudades. Estamos habituados a verlas morir más bien de inacción". *Argirópolis*, op. cit. págs. 134-6.

(11) ibidem pág. 138.

(12) Ainda que adotando outra perspectiva de análise, a presença deste duplo traço enquanto componente diferencial dos discursos utópicos produzidos pelos proscritos argentinos do XIX foi assinalada por María Cecilia Graña em *La utopía como analogon: Sarmiento y el proyecto de una ciudad moderna* (*Cuadernos Hispanoamericanos. Los Complementarios*, N 3, 1989). Referindo-se ao comum isolamento de Utopia no momento de sua fundação e das cidades representadas nos textos *sarmientinos*, a autora adverte numa nota de rodapé: "A analogia apresenta, porém, notáveis diferenças com o texto de Morus. Neste, Utopos submete aos nativos para que juntos cortem o istmo que os une ao continente: anula-se um pedaço de terra para desvincular-se do Ocidente mas não se anulam seres humanos. Utopia deve sua origem a um ato de violência cultural: uma modificação da natureza pelo trabalho do homem com a ajuda de outros homens. A humilhação dos vencidos sublima-se por meio do trabalho sobre a terra junto com os vencedores e, inversamente, a indiscutível violência dos vencedores sobre os nativos desloca-se para a modificação do território, para o ato cultural: por meio do trabalho comum funda-se uma "sociedade civil". Na realidade argentina, ao invés, a geração dos proscritos sente-se "ilha", periferia, e se por uma parte, todos os esforços tenderão a reestabelecer o "istmo" com o Ocidente por meio de uma dependência cultural e econômica, por outra, na tentativa de estender os conteúdos utópicos nas "cidades ilhas" efetua-se uma anulação: a dos índios. Assim, pois, a violência no pensamento utópico argentino não se sublima por meio de um trabalho conjunto sobre o vasto território, nem produz uma metáfora deslocada do crime, mas o próprio crime" (pág. 60).

(13) "Volviendo a las ventajas que aseguraria a los Estados del Plata la creación en aquella isla de una ciudad capital, apuntaremos una que para nosotros al menos es de una trascendencia incalculable. Tal es la influencia que ejerceria sobre los hábitos nacionales esta sociedad echada en el agua, si es posible decirlo, y rodeada necesariamete de todos los medios de poder que da la civilización. A nadie se ocultan los defectos que nos ha inculcado el género de vida llevado en el continente, el rancho, el caballo, la falta de utensillos, como la facilidad de suplirlos por medios atrasados. Qué cambio en las ideas y en las costumbres! Si en lugar de caballos fuesen necesario botes para pasearse los jóvenes; si en vez de domar potros, el pueblo tuviese allí que someter con el remo las olas alborotadas; si en lugar de paja y tierra para improvisarse una cabaña, se viese obligado a cortar a escuadra el granito!". *Argirópolis*, op. cit. pág.

(14) Transcrevo a última parte da carta a Antonio Aberastain datada de Paris, 4 de setembro de 1846 (SARMIENTO, D. F. *Viajes* (1849), Buenos Aires, Editorial Belgrano, 1981). Essa longuíssima carta, que fala entre outras tantas coisas a respeito do "flâneur", dos "2000 faróis de gás para iluminação" espalhados por Paris, dos museus, das galerias, dos monumentos, dos romancistas ("Você é literato? Então consagre um ano a ler o que publicam a cada dia essa turba de romancistas"), de política, do encontro de Sarmiento com Guizot, etc. etc. etc. encerra-se com uma observação sobre o hipódromo. Observação onde se visualiza com clareza a lente ou o prisma civilizatório empregado pelo autor para enxergar/julgar as mais variadas práticas, neste caso, esse ícone da barbárie e do rural que é a equitação "sem arte":

"Há outro espetáculo ainda mais adaptável a nossa maneira de ser, civilizador precisamente pelo lado que temos de bárbaro, pela destreza e a possessão popular do cavalo. O hipódromo é uma criação nova do espírito parisiense, que será incorporado logo no catálogo de diversões públicas de todas as nações européias, e que deveria ser transportado *incontinenti* para América, onde criaria raízes profundas, como tudo aquilo que é eminentemente popular. E o hipódromo um imenso circo de cavalos, em cujo redor, como em nossas antigas praças de touros, cabem dez ou doze mil espectadores. O povo gosta da luz do sol, do espaço e da liberdade de falar alto que não tem no teatro; no hipódromo, além disso, nosso povo de ambos os lados dos Andes seria o juiz supremo, o artista por excelência, o digno apreciador da destreza e da ousadia dos equitadores. Jogam-se canas e cabeças no hipódromo por quadrilhas de homens e de mulheres, que cavalgam admiravelmente, e vestem com o primor elegante do gosto inglês. A esta exposição geral se segue o drama, que é o objeto da festa: *La Cruz de Berny*, ou *El Campo de la*

*Bandera de Oro*, terminando a função com uma carreira de quadrigas romanas... (...)

O hipódromo, pois, apresenta todas as aptidões do cavalo, e tudo quanto há de nobre e de artístico no homem para dominá-lo e dirigí-lo. Nossos gaúchos e nossos *guasos* são insignes equitadores, e vinte vezes temos dito, americanos no hipódromo, ...se uma quadilha de chilenos ou de argentinos mostrasse seu laço ou suas boleadeiras aqui, e pegasse um touro, ou domasse um cavalo selvagem, ficariam pasmos os parisienses, e os que introduzissem essa nova variedade da arte da equitação fariam fortuna. Mas falta-nos arte, isto é, a arte antiga, as posições nobres da estatuária, o estudo das forças, e a graça e a gentileza das classes cultas. Com nosso poder sobre o cavalo e a arte europeia, o hipódromo seria na América uma diversão popular e uma alta escola de cultura. Todos os jogos de equitação inglesa, da cerca de seis pés ao fosso de vinte que pulam, seriam incorporados em nossos usos do cavalo americano, muito defeituoso a esse respeito; e, além do mais, os espetáculos da antiga arte equestre, a corrida de carros, o domínio francês e as *poses* artísticas, cuja falta prejudica tanto nossas exterioridades, melhorariam nossos costumes, unindo, pela representação de dramas magníficos, como a entrevista de Francisco I com o rei da Inglaterra, o fio da história dos povos, roto para o roto (pobre) americano, que não sabe o que é a Idade Média, nem torneios, nem cavaleiros, nem o mundo anterior a seu poncho e seu laço." (pág. 143).

original espanhol:

"Hay otro espectáculo aun más adaptable a nuestra manera de ser, civilizador por el costado mismo que tenemos del bárbaro, por la destreza y la posesión popular del caballo. El hipódromo es una creación nueva del espíritu parisiense, que se incorporará bien pronto en el catálogo de diversiones públicas de todas las naciones europeas, y que debiera ser transportado *incontinenti* a América, en donde echaría raíces profundas, como todo lo que es eminentemente popular. Es el hipódromo un inmenso circo de caballos, en cuyo rededor, como en nuestras antiguas plazas de toros, caben diez o doce mil espectadores. El pueblo gusta de la luz del sol, del espacio y de la libertad de hablar en voz alta que no encuentra en el teatro; en el hipódromo, además, nuestro pueblo de ambos lados de los Andes sería juez supremo, el artista por excelencia, el digno apreciador de los pasos de destreza y osadía de los equitadores. Juéganse cañas y cabezas en el hipódromo por cuadrillas de hombres y de mujeres, que cabalgan admirablemente, y visten con todo el primor elegante del gusto inglés. A esta exposición general se sigue el gran drama, que hace el objeto de la fiesta tal como *La Cruz de Berny*, o *El Campo de la bandera de oro*, terminando la función por una carrera de quadrigas romanas ...(...)

El hipódromo, pues, presenta todas las aptitudes del caballo, y cuanto hay de noble y de artístico en el hombre para dominarlo y dirigirlo. Nuestros gauchos y nuestros guasos son insignes equitadores, y veinte veces nos hemos dicho, americanos en el hipódromo, si una cuadrilla de chilenos o de argentinos mostrase su lazo o sus bolas aquí, y cogiese un toro, o domase un caballo salvaje, se quedarían pasmados estos parisienses, y los que introdujesen aquella variedad de arte de equitación harían su fortuna. Pero fáltanos a nosotros arte, esto es, el arte antiguo, las posiciones nobles de la estatuaria, el estudio de las fuerzas, y la gracia y la gentileza de las clases cultas. Con nuestro poder de guasos sobre el caballo y el arte europeo, el hipódromo sería en América una diversión popular y una alta escuela de cultura. Todos los juegos de equitación inglesa, desde la cerca de seis piés que salvan, hasta la zanja de veinte que saltan, se incorporarían en nuestros usos del caballo americano, defectuoso en esta parte. Y luego, los espectáculos del antiguo arte ecuestre, la carrera de los carros, tirados por cuatro caballos, el manejo francés y las poses artísticas, cuya falta desgracia tanto nuestras exterioridades, irían a mejorar nuestras costumbres, anudando, por la representación de dramas magníficos, como la entrevista de Francisco I con el rey de Inglaterra, el hilo de la historia de los pueblos, roto para el roto americano, que no sabe lo que es la Edad Media, ni torneos, ni caballeros ni mundo anterior a su poncho y su lazo" (pág. 143)

(15) **Facundo**, op. cit. pág. 65.

(16) "El congreso, el presidente de la Unión, el tribunal supremo de justicia, una sede arzobispal, el Departamento topográfico, la administración de los vapores, la escuela náutica, la universidad, una escuela politécnica, otra de artes y oficios y otra normal para maestros de escuela, el arsenal de marina, los astilleros, y mil otros establecimientos administrativos y preparativos que supone la capital de un Estado civilizado". Ibidem pág. 31.

(17) "La sociedad ha desaparecido completamente; queda sólo la familia feudal, aislada, reconcentrada; y no habiendo sociedad reunida toda clase de gobierno se hace imposible: la municipalidad no existe, la policía no puede ejercerse y la justicia civil no tiene medios de alcanzar a los delincuentes". Ibidem pág. 60.

(18) "Lo que al principio dije del capataz de carretas se aplica exactamente al juez de campaña. Ante toda otra cosa, necesita valor: el terror de su nombre es más poderoso que los castigos que aplica. El juez es, naturalmente, algún famoso de tiempo atrás, a quien la edad y la familia han llamado a la vida ordenada. Por supuesto que la justicia que administra es de todo punto arbitraria: su conciencia o sus

pasiones lo guían y sus sentencias son inapelables. A veces, suele haber jueces de éstos que lo son de por vida y que dejan una memoria respetada. Pero la coincidencia de estos medios ejecutivos y lo arbitrario de las penas forman ideas en el pueblo sobre el poder de la *autoridad*, que más tarde viene a producir sus efectos. El juez se hace obedecer por su reputación de audacia temible, su autoridad, su juicio sin formas, su sentencia, un *yo lo mando* y sus castigos, inventados por él mismo. De este desorden, quizá por mucho tiempo inevitable, resulta que el caudillo que en las revueltas llega a elevarse, posee sin contradicción y sin que sus secuaces duden de ello, el poder amplio y terrible que sólo se encuentra hoy en los pueblos asiáticos". Ibidem pág. 144.

(19) Carta a Domicio da Gama de 16/11/1907, in **Euclides da Cunha. A seus amigos** (VENANCIO FILHO, F. org.), Companhia Editora Nacional, 1938 pág. 196.

(20) Ibidem pág. 144.

(21) **Os Sertões**, pág. 108.

(22) Ibidem pág. 235.

(23) Ibidem pág. 108.

(24) Ibidem pág. 140.

(25) Ibidem pág. 231.

(26) Ibidem pág. 231.

(27) Ibidem pág. 232.

(28) **Facundo**, pág. 74

(29) **Os Sertões**, pág. 232.

(30) Ibidem págs. 232-3.

(31) Ibidem pág. 233.

(32) Ibidem págs. 233-234.

(33) Ibidem pág. 234.

(34) Cada um dos componentes deste 'retrato' de Canudos volta a aparecer, seja de maneira isolada, seja de forma conjunta, em numerosas passagens do livro. Cito tão somente uma que ilustra bem o grau de redundância de semelhantes caracteres. Neste caso, a 'nova' descrição de Canudos se insere no marco da expedição Moreira César e de sua chegada ao cenário da luta:

" Ali estava, afinal, a tapera enorme que as expedições anteriores não haviam logrado atingir.

Aparecia, de improviso, toda, numa depressão mais ampla da planície ondulada. E no primeiro momento, antes que o olhar pudesse acomodar-se àquele montão de casebres, preso em rede inextricável de becos estreitíssimos e dizendo em parte para a grande praça para onde se fronteavam as igrejas, o observador tinha a impressão exata, de topar, inesperadamente, uma cidade vasta. (...) A casaria compacta em roda da praça, a pouco e pouco ampliava, distendendo-se, avassalando os cerros para leste e para o norte até as últimas vivendas isoladas, distantes, como guaritas dispersas - sem que uma parede branca ou telhado encalçado quebrasse a monotonia daquele conjunto assombroso de cinco mil casebres impactos numa ruga da terra" (págs. 347-348).

(35) Ibidem pág. 235.

(36) Ibidem pág. 235.

(37) ibidem pág. 235-236.

(38) ibidem págs. 352-353.

(39) **Facundo** op. cit. pág. 48.

(40) Ibidem pág. 367

(41) Ibidem pág. 496.

## HABITAT E REPRESENTAÇÃO.

### *I. Algumas coordenadas gerais.*

Primeiro a terra, logo o homem, depois a luta. Vista como expressão genérica de uma rede de determinações, correspondências ou especularidades que ata as três partes numa totalidade orgânica e explica o que cada uma delas 'é' - e seu papel no que 'ocorre' -, pela outra ou as outras - ao homem pela terra, à luta pelo homem da terra, à terra (ainda que não se confesse) desde a luta e o homem -, a série indica um denominador comum, assinala o traço partilhado mais visível que cinge, por sua vez, **Facundo** e

**Os Sertões.** Porque em ambos, primeiro foi a terra, logo o homem e por último a luta.

Esboçada por Sarmiento - ainda que de modo algum inventada por ele -, e redefinida por Euclides da Cunha, a série é tanto uma ordem taxionômica (distingue, discrimina e classifica componentes ou entidades), uma ordem ou lógica dramática (projeta os componentes demarcados sobre um eixo temporal, articulando-os numa sequência dinâmica) quanto obviamente, um modelo explicativo. Descrever 'o ser' (a organização, composição e contextura), narrar 'o devir' e elucidar 'as razões' de cada parte na economia do conjunto: isso o que se busca - se constrói - através da série.

Desnecessário insistir sobre os efeitos naturalizantes que por sua própria disposição comporta esta matriz textual: num e noutro caso, o primeiro hipostasia-se em causa e a consecutividade em consequência. Num e noutro caso, a terra é (pretende ser) o grau zero da história e não seu eco ou produto. O que não significa de modo algum que a história tenha sido apagada, senão que fala, por exemplo, nas linguagens que estruturam esse *saber territorial* - que 'fazem falar' a natureza segundo códigos, configurações discursivas e interesses particulares e datados. Nesse sentido, ao denominador comum é necessário contrapor as diferenças. Familiares, não gêmeos, semelhantes, não indistintos, **Facundo** e **Os Sertões** aparentam-se na generalidade descarnada e quase platônica do modelo, não nos matizes e acidentes peculiares de sua realização.

Das histórias concretamente entreditas por um e outro nas linguagens da terra trata o presente ensaio.

....

Para começar, uma pergunta que questiona antecipadamente a suposta retitude e solidez da ordem *sarmientina* e levanta uma primeira discrepância com respeito a *Os Sertões*: a rigor, onde começa *Facundo*? Até que ponto se pode sustentar que seu princípio empírico e sua organização estão dados pela terra?

Considerado em sua materialidade mais imediata, o texto caracterizou-se durante longo tempo, como é sabido, pela mobilidade de suas margens, pelo nomadismo e instabilidade de seu começo e fim. Com efeito, nas três décadas posteriores à sua publicação no periódico *El Progreso*, de Santiago do Chile, Sarmiento incorporou, suprimiu e reincorporou alternativamente, ao sabor das circunstâncias políticas, cartas, advertências e capítulos inteiros. Assim, as edições críticas nos informam que a "Advertência do autor" foi eliminada nas segunda, terceira e quarta edições, como também a conhecida epígrafe (*on ne tue point...*) e sua correspondente tradução; que a cena limiar do desterro

aparece na primeira e na segunda, desaparece na terceira e na quarta, voltando a ressurgir no tomo VII das **Obras**; que o capítulo introdutório, da mesma forma que os dois últimos, não fazem parte da segunda e da terceira edições, mas sim da primeira, da quarta e das **Obras**, etc.

Como se vê, os epicentros das modificações são essas zonas de definição problemática para qualquer classe de obra e que convencionamos chamar - e a cada vez constituímos como tal - seus limites. Porque, ainda que possa parecer superficial e retórico nada impediria que também me perguntasse se **Os Sertões** começam na "*Nota preliminar*", ou não, e encerra-se com a última frase do último capítulo, ou nas notas introduzidas na segunda edição, ou nas acrescentadas à terceira ou... Se me detenho nesse detalhe secundário, não é porque pretenda adentrar os labirintos da paratextualidade. O que interessa destacar aqui, é a distância que separa a 'transitoriedade' e 'plasticidade' dos limiares de um texto concebido como instrumento de intervenção direta, que se inscreve e incide (por sua temática e teor) no presente e no futuro de uma nação a construir - e que por isso mesmo altera-se em virtude de solicitações conjunturais -, da 'estabilidade', 'rigidez' e 'disciplina' de uma obra que olha predominantemente para trás, e em direção ao 'solo', que está chamada a 'fazer história', e que desde logo participa do presente e intervém nele, mas de um modo distinto de **Facundo**. Ao ler-se **Os Sertões** tem-se a suspeita de uma monumentalidade quase

apriorística, decidida de antemão pelo autor (pela eleição de sua matéria e 'método') e ratificada de imediato pelo contexto (co-decidida por circunstâncias favoráveis à sua recepção, e que seria necessário examinar de perto). A monumentalidade de **Facundo**, por sua vez, tanto em termos de fixação textual quanto de canonização, foi edificando-se pouco a pouco. Em grande medida, ainda que o tenhamos esquecido, precisamente à medida que perdia atualidade, que se debilitava sua faculdade de intervenção 'direta' em proveito de suas propriedades estético-ideológicas. O êxito instantâneo e fulminante de **Os Sertões**, e a chuva de críticas que sucederam à publicação de **Facundo** (entre outros argumentos, por sua falta de verdade e ausência de rigor) dão testemunho desta posição diferencial. O fato de Sarmiento sacrificar os capítulos finais de seu livro (onde propusera, entre outras coisas, a federalização de Buenos Aires) como estratégia visando viabilizar a aliança com o partido autonomista e, conseqüentemente, sua candidatura presidencial, também (1). A sua maneira - ainda que em conjunturas diferentes e incumbidos de diferentes missões -, dir-se-ia que ambos possuíram un senso agudo de oportunidade. Mas trata-se, insisto, de oportunidades, papéis e missões não plenamente homologáveis.

Feitas essas observações prévias e, espero, não gratuitas nem ociosas, vamos de volta aos começos de **Facundo**.

....

Deixo de lado o anúncio-apresentação do folhetim (*El Progreso*, 1/4/1845), a advertência do autor (1ª edição do mesmo ano), e a carta a don Valentín Alsina (2ª edição, 1851), preâmbulos que insistem no tópico da *precipitação* ("Um interesse de momento, premente e urgente a meu juízo, me fez traçar rapidamente um quadro que havia acreditado poder apresentar, algum dia, tão acabado como fosse possível"; "...trabalho feito às pressas"; "...Facundo adoeceu dos defeitos de toda inspiração de momento... executado ao passo que era concebido"), no tópico da *distância* (feito "... longe do teatro dos acontecimentos"; "...longe do teatro dos sucessos"), da conseqüente *precariedade documental* ("... consultando uma testemunha ocular sobre um ponto, registrando manuscritos formados à ligeira"; "... sem o auxílio de documentos à mão"), e da *dimensão pragmática* do texto ("Acreditei ser necessário amontoar sobre o papel minhas idéias tal como se apresentam, sacrificando toda pretensão literária à necessidade de atalhar un mal que pode ser transcendental para nós"; "ensaio" realizado "... com propósitos de ação imediata e militante") (2). Também, é claro, insistem em frisar a "originalidade" desta "obrinha" (*obrita*) cuja "mal

disciplinada concepção" e eventuais "inexatidões" não empanam nem desmentem, no entanto, sua verdade essencial. Porque, apesar dos erros perceptíveis a um "leitor argentino" ("algum nome próprio ou uma data, trocados ou postos fora de lugar"); apesar das "retificações" sollicitamente enviadas por vários amigos (Alsina e Mitre, entre outros), observações que Sarmiento não aproveita muito e que corrigem algo mais que um nome ou uma data; apesar de tudo "... devo declarar que nos acontecimentos notáveis a que me refiro, e que servem de base às explicações que dou, há uma exatidão irrepreensível, pela qual responderão os documentos públicos que sobre eles existem" (pág. 4).

Que os "documentos" que "respondem pela exatidão irrepreensível" da obra sejam justamente os que o autor promete consultar ato contínuo, literalmente na frase que segue ("Talvez haja um momento em que, desembaraçado das preocupações que precipitaram a redação desta obrinha, volte a refundí-la nun plano novo, despindo-a de toda digressão accidental, e apoiando-a em numerosos documentos... etc.) é um deslize entre os muitos que caracterizam sua pena. É sabido: Sarmiento posterga - mas reitera - uma promessa jamais cumprida. Nesse longo interim, seu filho dileto é tocado pela fama e os "defeitos" transformam-se em virtude, ou ao menos em licenças poéticas. Porque vale a pena ressaltar que à medida que **Facundo** se eleva, sua leitura desloca-se de registro: vai da história e da agenda política do dia à literatura vista como fabulação. Dessa perspectiva,

o prefácio redigido pelo próprio Sarmiento para a tradução italiana, de 1881 (outro índice de canonização) mostra-se elucidativo:

"E o **Facundo**, o Jugurta argentino, o livro sem assunto, porque a guerra contra o caudilho núpida, escapando no Sahara das pesadas legiões romanas, não marca a história, é apenas um episódio sem consequência. O que Roma viu, foi um livro, e o que os estudantes e os latinistas vêm é a figura de Jugurta, o núpida, com seu *borboz* branco, no negro cavalo, fazendo *razzias*, ou fantasias, ou *algaradas* diante das legiões romanas. E Salustio, o pintor da Africa e do deserto.

Não vá o escalpelo do historiador que busca a verdade gráfica, ferir as carnes de **Facundo**, que está vivo: não o toqueis! assim como está, com todos seus defeitos, com todas suas imperfeições, amaram-no seus contemporâneos, elogiaram-no todas as literaturas estrangeiras, recebeu o desvelo de todos que o liam por primeira vez, e a Pampa Argentina é tão poética hoje na terra, como as montanhas da Escócia desenhadas por Walter Scott, para prazer das inteligências. E quanto aos ricos, não despojem o pobre tirando a venda dos olhos aos que traduzem, quarenta anos exatos depois de haver servido de pedra para arrojá-la diante do carro triunfal do tirano, e, coisa curiosa, o tirano caiu esmagado pela opinião do mundo civilizado, formada por este livrete estranho, sem pé nem cabeça, informe, verdadeiro fragmento de penhasco que se lança à cabeça dos titãs." (3) .

Nos anos 40, "penhasco" ou "pedra" e enigma revelado: palavra que se arroga ao mesmo tempo a contundência do golpe e a posse da verdade. Na década de 80 - e a data não é fortuita - um romance *à la Scott*: ficção que não renuncia a seu *quantum* de verdade (ao menos não de todo) mas o rearticula noutra dominância discursiva. A história (da pátria, da história - enquanto campo de saber -, dos saberes "duros" - enquanto constituintes do novo paradigma de verdade -, da

literatura - enquanto distrito 'outro' -, e, obviamente, a história de **Facundo** no interior dessas histórias) jogou seu papel nessa mudança de atitude. Contraditoriamente, talvez isso explique porque, com sua "obrinha" consagrada, com mais de 70 anos, esgotado e doente, Sarmiento não se permite descansar e resolve escrever o que muitas vezes chamou seu "Facundo da velhice": **Conflicto y armonías de las razas en América**. Até o fim, este Quixote "desfazedor de agravos" interessou-se pelos romances, cujo poder civilizador exaltou e até superestimou mais de uma vez (4). Porém, interessou-se ainda mais em capturar, difundir e impor o que acreditou fosse a verdade com maiúsculas. E dir-se-ia que no período em que se encerrava o século XIX a verdade havia mudado seu lugar e suas linguagens. Por isso empreende, a partir das outras linguagens - e 'fracassa' porque permanece sendo ele mesmo - **Conflicto y armonías de las razas en América**. Já desde o título, sente-se a maior proximidade com algumas das linguagens que habitam **Os Sertões**.

Mas tudo isso é uma história posterior. E preciso voltar agora ao **Facundo** do começo.

....

Ainda que não cumprida - pelo fato de ser proferida - a promessa é o lugar de um compromisso, traduz uma demanda

do outro, dos outros, do meio, de uma época, da ideologia de uma época. E se nela se insiste - ainda que não cumprida - é porque a demanda faz sentir sua pressão. Qual a exigência ou o pedido que se deixa escutar na promessa *sarmientina* de refundir, refazer, documentar, etc. seu apressado volume ?

Transcrevo a primeira parte da já célebre e citadíssima nota número dois do amigo don Valentín Alsina:

"Naquele momento havia percorrido em sua mente dez mil estâncias do pampa"...etc. Antes de tudo, uma advertência indispensável que servirá como introdução.

Ao fazer estas *Anotações*, amigo meu, foi no conceito de que você haveria de me permitir a mais completa franqueza na exposição dos meus juízos, sejam eles exatos ou desacertados. Engano-me? Pois então não siga adiante, e faça em pedaços agora este papel. Não me engano? Pois então lhe direi que em seu livro, que tantas e tão admiráveis coisas tem, parece-me entrever um defeito geral - o da exageração: creio que você tem muita poesia, senão nas idéias, ao menos nos modos de locução. Você não se propõe escrever um romance, nem uma epopéia, mas uma verdadeira *história* social, política e até militar por vezes, de um período interessantíssimo da época contemporânea. Assim sendo, forçoso é não separar-se num ápice - enquanto seja possível - da exatidão e rigidez histórica; e a isto se opõem as exagerações. Elas tem que ser, em você, uma necessidade: sabe por que? porque creio - embora posso estar muito enganado - que você é muito propenso aos sistemas; e eles, nas ciências sociais como nas naturais, não são o melhor meio de se chegar à descoberta da verdade, nem ao reto exame, nem à veraz exposição dela. Desde que o espírito está ocupado com uma idéia anterior, e se proponha fazê-la triunfar na demonstração, expõe-se a equívocos notáveis, sem percebê-lo. Porque o escritor, ao invés de examinar cada fato em si mesmo, para ver o que dele se deduz, e deste conjunto de deduções e observações tirar, só no final, uma dedução geral, ou *resultado*; ao invés de assim proceder, emprega o sintético: isto é, postulada uma idéia-chefe, recorre a quantos fatos se lhe apresentam, não para examiná-los filosoficamente e em si mesmos, mas para alegá-los como prova de sua idéia

favorita, para formar com eles o edificio de seu sistema. Daí nasce naturalmente que, quando encontre um fato que apóia suas idéias, o exagere e amplifique; e quando encontre outro que não se enquadra bem em seu sistema, ou que o contradiz, o põe de lado, ou desfigura ou interpreta; daí nascem as analogias e as aplicações forçadas; daí os juizos inexatos e parciais..." (5)

Depois dessas considerações introdutórias 49 notas mais (mais de 50 páginas na edição de Ayacucho) que se tivessem sido levadas a sério teriam acabado com o livro. E isso que, vale a pena recordar, trata-se de um trabalho não concluído: porque "aqui" (em Montevideo, onde está Alsina) "sobrevieio uma revolução ...e como ignoro quando poderei continuá-las (as notas) e se apresenta hoje tão segura ocasião de enviá-las, que aí vão". E isso que - diz Alsina: "omití - e farei o mesmo com o que ainda me falta - várias pequenezas, pois *seria de nunca acabar*" (6).

A nota 51 finaliza com o amigo pedindo "desculpas" por sua "prolixidade" ("indispensável para retificar idéias"), sua "rigidez" na observância do que reputa como "erros", e insistindo no que supõe querer e pensa fazer Sarmiento: "Já disse que acreditava que você não queria escrever um romance mas uma história; e para escrever historicamente, para reformar seu livro como você pensa fazer, é inevitável tudo isso" (7).

Que faz com tudo isso, em realidade, o autor do **Facundo**?

Pede desculpas, por sua vez (justifica-se pela pressa, a distancia e tudo mais); agradece o envio das notas (que permanecem inéditas até 1901) e dedica a Alsina a segunda edição ("Consagro-lhe, meu caro amigo, estas páginas que voltam a ver a luz pública, menos pelo que elas valem, que pelo seu esforço de minorar com suas notas as muitas nódoas que enfeivavam a primeira edição"); renega despicilmente o "sacrifício" invocado em 1845 - agora sim, tem uma "ambição literária" que se soma à de historiador e desemboca num típico arrebatamento de megalomania (8). Por último, refere-se à história do período *rosista* como "a mais sublime, a mais solene e a mais triste página da espécie humana" a ser escrita, e conclui:

"Os fatos estão aí, consignados, provados, documentados; falta-lhes, porém, o fio que há de ligá-los num só fato; o sopro de vida que há de fazê-los endereçar-se todos a um tempo à vista do espectador e convertê-los num quadro vivo, com os primeiros planos palpáveis e as distâncias necessárias; falta-lhes o colorido que dão à paisagem, os raios de sol da pátria; falta-lhe a evidência que traz a estatística, que conta as cifras, que impõe silêncio aos fraseadores presunçosos e faz emudecer aos poderosos impudentes. Falta-me, para tentá-lo, interrogar o solo, ouvir as revelações dos cúmplices, as deposições das mães, que vêem com o coração; falta-me escutar o eco confuso do povo, que viu e não compreendeu, que foi verdugo e vítima, testemunha e ator; falta a madurez do fato cumprido e a passagem de uma época a outra, a mudança dos destinos da nação, para voltar, com proveito, os olhos para atrás, fazendo da história exemplo e não vingança

Imagine, meu caro amigo, se cobiçando para mim este tesouro, prestarei grande atenção aos defeitos e inexatitudes da vida de Juan Facundo Quiroga, nem de nada de quanto abandonei à publicidade." (9)

A "evidência" trazida pela "estatística", pelas "cifras", pelos "documentos"; "interrogar o solo e visitar o lugar da cena"; "ouvir as revelações de atores e testemunhas, de vítimas e verdugos"; deixar amadurecer/cumprir-se/encerrar-se o ciclo dos fatos - porque não se deve esquecer que é 1851 e que Rosas cambaleia, mas ainda está no poder. Tudo o que "falta" a Sarmiento - e é sua ambição, o "tesouro" que "cobiça" -, seja para reformular o que escreveu ou para escrever o que falta, parece realizar-se de sobra em *Os Sertões*. Nele há a "exatidão", o "reto exame" e os "procedimentos analíticos" que cobrava Alsina - que a história começava a exigir pela boca de Alsina e na promessa (em falta) jamais cumprida do autor de *Facundo*. Em *Os Sertões* o geógrafo-geólogo-naturalista-botânico-zoólogo que, este sim, "interroga o solo": especialmente nos livros mas também no "lugar da cena", porque a empiria, o imediatismo e o contato (sua representação ou pressuposição) são decididamente, agora, um fator de verdade - de verossimilhança. Aqui, aquele que "ouviu" as "revelações" de uns e outros, dos de um lado e do outro. Aqui, enfim, o engenheiro-jornalista que foi e viu (não importa quanto, como, nem desde onde, porque não estamos falando de uma verdade com maiúsculas, reitero, mas de um regime de crenças fim-de-século), voltou a São Paulo e documentou-se, deixou passar o tempo (deixou que esfriasse, não de todo, o calor da hora) e então sim, edificou sua

obra-prima - da que hoje, agora, neste fim de século XX, percebemos facilmente as falhas e faltas.

E certo que em sua época também Euclides da Cunha teve de suportar algumas críticas, comparativamente muito poucas, em nome da exatidão e do rigor (houve outras em nome do estilo, mas não é esse meu objeto de interesse aqui). Não obstante, a própria pequenez e irrelevância dos erros e contradições apontadas (exceção feita de uma consideração sobre a conformação racial, que solicita um exame mais atento), e até mesmo as próprias respostas de Euclides (que ao retrucar entra no jogo corroborando, assim, a legitimidade da crítica) demonstram que o coeficiente (imaginário) de verdade é significativamente superior, para sua época, ao do texto sarmientino (cfr. Notas à 2da. edição. págs 577-84).

Obviamente, nada disto supõe que de fato se esteja mais perto da verdade, nem mais distante dos 'sistemas' que Alsina repudiava: são os sistemas que, aperfeiçoados e naturalizados, disfarçam sua artificialidade - sua história - ao tornarem-se positivos. Processo de longa trajetória cujas origens remontam a um período muito anterior (muito anterior a **Facundo**, inclusive) mas que só no último quartel do XIX ganha a força de um imperativo categórico e projeta-se nos mais diversos âmbitos do conhecimento e da cultura. Assim, enquanto **Facundo** inscreve-se numa zona de passagem na qual a verdade e a razão são ainda o resultado de uma pluralidade de discursos em disputa - noutras palavras, enquanto

inscreve-se num cenário polêmico e beligerante, no qual a verdade e a razão são o efeito dessa luta discursiva e não (ainda) um *apriori* irremovível -, **Os Sertões**, pelo contrário, inscreve-se no interior de um campo histórico que já tem dirimido, pacificado e legislado seus modelos de verdade, de razão e de saber - ainda que não por muito tempo. Porque é necessário advertir que à medida que esta *episteme positiva* se reifica e enrijece, entra em colapso e começa a ensaiar novas saídas. Nesta outra encruzilhada, passagem ou interregno, creio que **Os Sertões** deve ser lido.

Visto do presente, do agora, e enquanto texto que resiste a um tratamento 'puramente literário', não podemos deixar de nos perguntar se, em seu momento, o que **Os Sertões** ganhou em exatidão, esmero, minúcia e grandeza (em volume e em aparência de rigor) com respeito a **Facundo**, não foi também um meio de fazer com que amadurecesse, cumprisse e se encerrasse - graças ao duplo auxílio do cientificismo e da eloquência - o curso dos acontecimentos; se não foi um modo de domesticar o fato vivo e inquietante de ontem - o que até ontem foi 'notícia' - em saber petrificado, história e tradição.

Não por acaso no Rio da Prata, por volta da mesma época, muitos já haviam escrito ou estavam escrevendo suas odes e elegias à pampa, ou exclamavam condoídos "*el gaucho*

se nos va". Sem dúvida os tons, os matizes, as linguagens e inclusive o ritmo da história que se conta em cada caso, apresentam particularidades próprias. Mas também aqui há certo ar de família que seria proveitoso explorar. Seja qual for o resultado desse hipotético trabalho por fazer, uma coisa me parece certa: que **Os Sertões** não possa ser reduzido nem a uma mera estetização retrospectivo-tradicionalista da "terra" e do "homem", nem a uma epopéia falida do conhecimento, nem a uma autodenegação pura e simples das bondades do progresso e da civilização, é uma das causas de sua longa sobrevida. Aqui também, ainda que por caminhos sinuosos, **Facundo** e **Os Sertões** parecem destinados a cruzarem-se ou a reencontrarem-se no comum de seus destinos.

*II. Uma paisagem feita à medida: artimanhas de um geógrafo republicano.*

Se pressuponho que **Facundo** começa na cena do exílio, ali a terra é o país que se deixa à força. "País" entendido em sua acepção originária de pequena pátria ou de região natal, sentido arcaizante que convive ao longo do texto com o mais amplo e moderno de nação. Neste quadro, nada ou muito pouco da ordem da natureza e o pouco que se nomeia - a

paisagem fronteiriça dos "baños" - remete ao país-região. Assim, dir-se-ia que é justamente porque se transpõe o limite, porque se sai do círculo querido mas estreito da zona conhecida, que "agora" se pode imaginar algo maior: a geografia mais extensa, mais vasta e sobretudo mais "característica" de uma nação-Estado por fazer.

Nesta cena, deixa-se um solo e vislumbra-se outro. O que o sujeito perde em sua concretude mais imediata (a pequena pátria) redonda em benefício para a imaginação, força a pensar em grandes dimensões. E sabido: Sarmiento só vê o que escreveu (e volta a escrever desde o já visto) sete anos mais tarde.

Se considero, no entanto, que **Facundo** começa no capítulo introdutório presente na primeira e na quarta edição, então sim, ainda que tampouco exatamente no princípio - a rigor no princípio está Facundo e a invocação de suas cinzas -, a terra, agora "planura", adquire outro estatuto. Por um lado, o "mistério a explicar" - "a luta que despedaça a República Argentina" - encontra um ponto de partida na "configuração do terreno e nos hábitos que ela engendra". Por outro, Facundo é importante, conta para o relato e o inaugura, "não como um simples caudilho, mas enquanto manifestação da vida argentina tal como fizeram-na

a colonizção" e, novamente, "as peculiaridades do terreno", "em relação com a fisonomia da natureza grandiosamente selvagem que prevalece na imensa extensão da República" (10). Por isso, ao encerrar esta densa introdução que já contém em si começo, desenvolvimento e desenlace, o autor nos comunica:

"Razões deste gênero levaram-me a dividir este trabalho precipitado em duas partes: uma, em que traço o terreno, a paisagem, o teatro sobre o qual vai representar-se a cena; outra, em que aparece o personagem, com seu traje, idéias, seu sistema de obrar; de maneira que a primeira esteja já revelando a segunda, sem necessidade de comentários nem explicações." (11)

Assim, Sarmiento enuncia e formaliza de antemão o que será seu sistema. Não o oculta (nem se oculta) não o retarda, nem retarda sua formulação (é certo que tampouco o justifica, no sentido de motivá-lo, a justificação virá depois). Em *Os Sertões* teremos que transitar por mais de quarenta páginas até finalmente uma 'voz impessoal' nos dizer - porque forjou a evidência no trajeto: "o martírio, ali, é o reflexo de uma tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da vida. Nasce do martírio secular da Terra" (12). A essa altura só podemos assentir.

Uma terceira hipótese, a que por conveniência e comodidade elejo: considerar como *incipit* de *Facundo* ao que efetivamente o foi na primeira e terceira edições, capítulo eloquentemente intitulado *Aspecto físico de la República Argentina* - a denominação não é casual- *y caracteres,*

*hábitos e ideias que engendra.* Esse capítulo, que como todos os demais possui uma epígrafe chamada a antecipar, ilustrar ou resumir algum de seus componentes nucleares - mas também a incluir autor e obra num sistema de referências e leituras - começa com esta sumária descrição:

"O continente americano termina ao sul numa ponta, em cuja extremidade se forma o Estreito de Magalhães. A oeste, e a curta distância do Pacífico, se estendem, paralelos à costa, os Andes chilenos. A terra que fica ao oriente daquela cadeia de montanhas e ao ocidente do Atlântico, seguindo o Rio da Prata para o interior pelo Uruguai, é o território que se chamou Províncias Unidas do Rio da Prata e no qual ainda se derrama sangue para chamá-lo de República Argentina ou de Confederação Argentina. Ao norte, estão o Paraguai, o Gran Chaco e Bolívia, seus limites presumidos." (13)

Expositivo e liso como sempre - isto é, sem apelar para uso de jargões especiais -, Sarmiento traça os contornos de um espaço que é desde já uma superfície histórica. Porque de fato rios, montanhas, oceanos e "limites presumíveis" servem de coordenadas para a localização do território "...que se chamou Províncias Unidas do Rio da Prata e no qual ainda se derrama sangue para chamá-lo de República Argentina ou de Confederação Argentina". Encoberto sob a roupagem da natureza, um duelo de denominações de outra ordem: "Confederação" ou "República", é essa a verdadeira questão. Também é essa a falsa disjuntiva, já que o autor resolveu desde o título o que a terra é e deve ser: uma República. Absolutamente razoável, portanto, que o que segue se destine a demonstrar o liso-plano e unido da terra e a disposição

cacheada de suas arterias fluviais. O sólido e o líquido tendem em direção ao uno, são sua prova e sua expressão.

No há dúvida que se pensado em relação à aparente retitude e disciplina de **Os Sertões**, o discurso *sarmientino* é decididamente mais acidentado, desleixado e verborrágico: fala de mais ainda que não necessariamente mais, sobretudo nesta primeira parte. Assim, no parágrafo seguinte ao que acabo de citar, já nos deparamos com "selvagens assediando tal qual enxame de hienas", com "solitárias caravanas de carroças que atravessam pesadamente a pampa" e com "homens que mergulham os seus olhares nas trevas profundas da noite" . Dito de outra maneira, a geografia povoa-se desde o primeiro momento. Mas além disso, e no mesmo parágrafo, deparamos com "comentários" e "explicações" - que se prometera não fazer, num voto de adesão à historiografia narrativa - do tipo "...o mal que aflige à República Argentina é a extensão", ou "... esta insegurança da vida, que é habitual e permanente nos campos, imprime, no meu entender, no caráter argentino, certa resignação estóica diante da morte violenta, que faz dela um dos contratempos inseparáveis da vida, uma maneira de morrer como qualquer outra, e pode, talvez, explicar em parte, a indiferença com que dão e recebem a morte, sem deixar nos que sobrevivem, impressões profundas e duradouras" (14).

Digressivo e versátil, Sarmiento volta a concentrar-se, depois deste desvio ao qual se sucederão muitos outros, na descrição do solo. Reconhece, a princípio, que "a parte habitada deste país privilegiado em dons" "pode ser dividida em três fisonomias distintas: "ao norte", o "bosque espesso", "ao centro", a "disputa" entre a "pampa e a planura", "ao sul", por fim, o "triunfo" da "pampa", que "ostenta sua lisa e aveludada fronte, infinita, sem limite conhecido nem acidente notável" (15). Mas ainda que neste trecho se admita a existência do diverso e múltiplo, a "disputa" se dirime, pouco depois - por via da hipérbole e da exageração - a favor do homogêneo e uno:

"Mas para além destes acidentes peculiares a certas partes daquele território, predomina uma feição geral, uniforme e constante: seja que a terra esteja coberta da luxosa e colossal vegetação dos trópicos, seja que arbustos enfermicos, espinhosos e desagradáveis revelem a escassa porção de humidade que lhes dá vida; já, em fim, que o pampa ostente sua espaçosa e monótona face, a superfície da terra é geralmente plana e unida, sem que bastem para interromper esta continuidade sem limites, as serras de San Luis e Córdoba no centro, e algumas ramificações avançadas dos Andes ao norte. Novo elemento de unidade para a nação que povoe, um dia, aquelas grandes solidões, pois é sabido que as montanhas que se interpõem entre uns e outros países, e os demais obstáculos naturais, mantêm o isolamento dos povos." (16)

Deprimindo montanhas e ampliando desmesuradamente a extensão da planura - isto é, apagando obstáculos e acidentes que incomodam - Sarmiento acaba por demonstrar o

que deseja, encerra a passagem com a rotunda afirmação de que "a República Argentina é una e indivisível".

No **Facundo**, a terra copia ou calca o projeto e o sustenta - e o mesmo gesto repete-se com a água:

"Poderia assinalar-se, como traço notável da fisonomia deste país, a aglomeração de rios navegáveis que a leste vêm se encontrar de todos os rumos do horizonte, para reunir-se no Prata."  
(17)

Não é 'natural', então, que até o mesmíssimo don Juan Manuel de Rosas seja uma espécie de "unitário" a contrapelo?

"Assinalei esta circunstância da posição monopolizadora de Buenos Aires, para mostrar que há uma organização do solo tão central e unitária naquele país, que embora Rosas tivesse gritado de boa fé: "*Federação ou morte!*", teria concluído pelo sistema unitário que hoje estabeleceu. Nós, porém, queríamos a unidade na civilização, e nos foi dada a unidade na barbárie e na escravidão. Mas outro tempo virá em que as coisas entrem em seu curso ordinário." (18)

...

Antes de concluir, algumas observações gerais sobre a geografia *sarmientina*. Em primeiro lugar, sublinho um aspecto que me parece de vital importância para a compreensão dos propósitos que animam este discurso paisagístico: sua indiferença ou desafeição ante o natural

em si. Dito em outras palavras: sua propensão a ver os espaços naturais como suportes de um acionar futuro, não em sua imanência nem em sua condição presente. Com efeito, insatisfeito e desgostoso com o que terra e água são agora, em seu estado natural, Sarmiento diz na descrição do que elas são - justapõe ao registro do fático - suas potencialidades, suas virtualidades, seu amanhã. *Strictu senso*, não contempla nem descreve: antevê, projeta e profetiza. Assim, os rios nunca são puramente rios nem origem de um discurso que, com as devidas ressalvas, precauções e aspas, poderíamos chamar hidrográfico. Inelutavelmente, os acompanha, e quase se diria que os persegue, o epíteto que regula sua condição futura: são rios "navegáveis", "artérias que deveriam levar a civilização, o poder e a riqueza até as profundezas mais recônditas do continente", são "fonte de engrandecimento e prosperidade para as nações" (19). Do mesmo modo, a terra é terra "aguardando que se a mande produzir as plantas e toda classe de semente", é superfície cultivável. Ou, se não, "território despovoado" e, portanto, por povar.

De certa forma, o natural prediz o momento venturoso de sua desapareição por obra e graça do artifício humano, sonha em extinguir-se.

Estreitamente vinculado ao anterior, a recorrência quase monomaniaca de uma palavra, de seu antônimo e de uma série de expressões vizinhas ou congêneres: limite, ilimitado, sem limites, limites previsíveis, desmesurado, infinito, etc, verdadeiro *leitmotiv* da prosa *sarmientina* que traduz a obsessão de compartimentar, legislar, ordenar, ornar, preencher e saturar o liso-vasto e plano da extensão pampeana (logicamente, este motivo conecta-se, *mutatis mutandi*, com o da autoridade "sem limites" "nem formas" do caudilho). Porque se a planura é "um componente de unidade" - um *dever ser* república inscrito na paisagem -, abandonada à sua sorte, liberada aos seus impulsos espontâneos, sem o concurso de uma ação que a transforme, domestique e subjuguem seus instintos - que a limite e ordene -, ela é obstáculo e não fator de união: desassocia, desagrega, barbariza. Ou ainda: o vasto e plano, se vazio e em estado natural, "é um péssimo condutor do progresso", impede o fluxo da civilização, de seus bens, suas instituições e hábitos. Daí que o fato de escandir e sulcar o território com caminhos, plantações, povoados, comarcas e escolas, seja uma estratégia visando conter, limitar, e se possível suprimir, "o mal que aflige a República Argentina": a extensão, o deserto, a superfície inculta.

Por último, vale a pena consignar a permanente alternância ou tensão entre esta espécie de olhar projetivo-constructivo e seu correspondente sistema de valores, e a visão que emana de um repertório outro, predominante, ainda

que não exclusivamente estético-literário. Para esse outro olhar, não imune à tentação de explorar e de autopromover certas formas de exotismo, resulta de fundamental importância aquilo que poderíamos denominar de *analogon* asiático:

"Esta extensão das planuras imprime, por outra parte, à vida do interior, certa tintura asiática, que não deixa de ser bem pronunciada. Muitas vezes, ao sair a lua tranquila e resplandescente por entre as ervas da terra, saudei-a maquinalmente com estas palavras de Volney, em sua descrição das Ruínas: "La pleine lune à l'Orient s'élevait sur un fond bleuâtre aux plaines rives de L' Euphrate". E, com efeito, há algo nas solidões argentinas que traz para a memória as solidões asiáticas; alguma analogia encontra o espírito entre o pampa e as planuras que medeiam entre o Tigre e o Eufrates; algum parentesco na tropa de carroças solitária que cruza nossas solidões para chegar, no fim de uma marcha de meses, a Buenos Aires, e a caravana de camelos que se dirige para Bagdad ou Esmirna."  
(20)

Onde um olho vê o mal, o outro encontra atrativos e, o que é ainda mais importante, um campo fértil para inquirir quem somos.

*III. O outro solo: informe de um polígrafo sobre o sertão nordestino.*

Simulando, graças à disciplina e disciplinarização de sua *dispositio* geral, um maior grau de pureza, de consistência e de rigor; mais prolixo, mais exaustivo, mais analítico - ainda que também mais opaco em termos de representação, em que pese a superabundância de imagens e imaginários postos em jogo -, *Os Sertões* começa pela terra e a começa assim:

"O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas distendidas do Rio Grande a Minas. Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo que descamba para a costa oriental em andares, ou repetidos socalcos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior" (21).

Se na obra sarmientina predominam as estratégias globais e algo precipitadas (alguns rios, uma cordilheira, um oceano e já se recortou a superfície da república-país; algumas amplificações, hipérboles e esquecimentos e já se definiu seu "aspecto físico e os hábitos que engendra"; duas ou três frases e já se estão tirando conclusões) aqui, pelo contrário, o texto avança por aproximações e desdobramentos sucessivos. Também por multiplicação e

complexificação das linguagens que "contornam" a superfície a descrever. Porque, se de fato o primeiro parágrafo - livre de locuções visivelmente geopolíticas, não obstante sua significativa progressão do alto ao baixo, do que "assoberba" ao que "descamba" -, serve às vezes de enquadramento geral, tal como ocorre no **Facundo**, este primeiro esboço desencadeia uma sucessão de 'vistas', 'rodeios' e 'dissecações' inteiramente estranhas ao sintetismo sarmientino.

"De sorte que quem o contorna, seguindo para o norte, observa..." (22). Sem pressa, com prazenteira parcimônia, volta a nos mostrar em detalhe - ou melhor, por adição de detalhes - o mesmo território. Se antes a vista deslocava-se do planalto em direção à costa, agora o faz da costa até o planalto: o texto crava os olhos "na linha projetante das praias", percorre-a em cada um de seus trechos (diz suas "anclas", "recifes", "ilhas", etc.) e lança ao final um ligeiro olhar sobre a paisagem interior.

"A princípio...; depois...; em seguida, transposto o 15 paralelo...; até que em plena faixa costeira da Bahia...". Temeroso de que o leitor se perca ou de que suspeite de alguma desordem que não seja a da própria natureza, o discurso sinaliza e força a imaginar através desses sinais a inteligibilidade de uma ordem. O desordenado ou compartimentado da paisagem alinha-se e recompõe-se por meio da enumeração, para culminar, ato contínuo, num primeiro enunciado sintético: "Este *facies* geográfico resume a

morfofogenia do grande maciço continental". Afirmação que, por sua vez, precisa ser provada. Para o que nos convida a ver a partir de outro ângulo - agora em profundidade - o mesmo solo: ao *facies* geográfico sucede o *facies* geológico

"Demonstra-o análise mais íntima feita por um corte meridiano qualquer, acompanhando a bacia do São Francisco.

Vê-se, de fato, que três formações geognósticas díspares..." (23).

Neste novo exame mais "íntimo", mais prolongado e mais obscuro, ao invés de "antras", "recifes" e "litoraes revoltos", primeiro, "massas gnaseigraníticas", "camadas horizontais de grés argilosos, intercaladas de emersões calcárias, ou diques de rochas básicas". Logo, "para leste", "ao penetrar-se no estado de Minas, lenta descensão geral para o norte". Aqui, "as formações primitivas desaparecem e jazem sotopostas complexas séries de xistos metamórficos" : "o caráter das rochas, exposto nas abas dos serros de quartzito ou nas grimpas que se empilham às placas de itacolomito avassalando as alturas, aviva todos os accidentes". Por último, mais além do Rio das Velhas, "as camadas anteriores *que vimos* superpostas às rochas graníticas decaem, por sua vez, sotopondo-se a outras, mais modernas, de espessos estratos de grés" (24).

E se o leitor comum não tivesse visto nada, ou muito pouco, ou se se tivesse extraviado entre placas de itacolomito e massas gnaseigraníticas ? Então seria necessário assisti-lo e recordar-lhe que à medida que se

avança se desce. Novo resumo ("Verifica-se, assim, a tendência para um aplainamento geral") e novo recomeço: o último quadro genericamente apresentado no parágrafo anterior expande-se e prolifera, dá lugar a outra análise: "A serra do Grão-Mogol, raiando as lindes da Bahia..." (25). Depois do qual se cruza um novo limite ("E a paragem formosíssima dos campos gerais... Atravessêmo-la") chegando-se a "Monte Alto" (onde a superfície biparte-se: "no rumo firme do norte....", "enquanto para o nordeste...") até que no fim, transpostas as "cadeias paralelas de Sincorá"

"...o eixo da Serra Geral se fragmenta, indefinido. Desfaz-se. A cordilheira eriça-se de contrafortes talhados de onde saltam, acachoando, em despenhos, para o levante, as nascentes do Paraguaçu, e um dédalo de serranias tortuosas, pouco elevadas mas inúmeras, cruza-se embaralhadamente sobre o largo dos *gerais*, cobrindo-os. Transmuda-se o caráter topográfico, retratando o desaponderado embater dos elementos, que ali reagem há milênios entre montanhas derruídas, e a queda, até então gradativa, dos planaltos, começa a derivar em desnivelamentos consideráveis. Revela-os o S. Francisco, no vivo infletir com que torce para o levante, indicando do mesmo passo a transformação geral da região.

Esta é mais deprimida e mais revolta.

Cai para os terraços inferiores, entre um tumultuar de morros, incoerentemente esparsos. Último rebento da serra principal, a da Itiúba reúne-lhe alguns galhos indecisos, fundindo as expansões setentrionais das da Furna, Cocais e Sincorá. Alteia-se um momento, mas decai logo para todos os rumos: para o norte, originando a corredeira de quatrocentos quilômetros a jusante do Sobradinho; para o sul, em segmentos dispersos que vão até além do Monte Santo; e para leste, passando sob as chapadas de Jeremoabo, até se desvendar no salto prodigioso de Paulo Afonso.

E o observador que seguindo este itinerário deixa as paragens em que se revezam, em contraste bellissimo, a amplitude dos gerais e o fastígio das montanhas, ao atingir aquele ponto estaca surpreendido..." (26).

O leitor, obediente, prepara-se para ver. Talvez ignore a localização certa desse ponto hipotético, não o que deve sentir ao alcançá-lo: a expectativa é sua bússola e sabe que está perto.

O que se segue é um vasto panorama introdutório no qual se insinuam várias línguas (as da geografia, da geologia e da topografia, já empregadas, mas ainda as línguas do botânico, do hidrógrafo e do historiador) sem que nenhuma delas chegue a desenvolver-se em plenitude - por ora, já que prosperarão algumas páginas depois. Porque se de fato "ao atingir aquele ponto o observador estaca surpreendido" dir-se-ia que outro tanto sucede com o texto. O que obviamente não significa que o texto cale, se paralise ou interrompa, senão que se demora na ante-sala do sertão, que "estaca" e se detém antes de "penetrar" o "hiato". Melhor: ele o cerca, ronda e constrói. Espécie de vaguear prévio destinado a estabelecer a localização exata desse "claro expressivo", a medir com precisão suas dimensões, a consignar de maneira abreviada o anômalo de seus rios e de sua vegetação, a referir sucintamente sua história (que comparece como negatividade, dado que o hiato é justamente o lugar do elidido e iludido pela história). Portanto, poder-se-ia sustentar que o discurso, aqui, representa ou

dramatiza o que diz: 'evita' com suas manobras dilatórias uma incursão direta, comprazendo-se em deambular com lentidão pelas "lindes do deserto" a transitar, vaga a seu redor como outrora as bandeiras. Mas depois, e ainda que num primeiro momento nada pareça ocorrer, nem mudar, nem transmutar-se, decide-se a atravessá-lo:

"No entanto, quem se abalança atravessá-lo, partindo de Queimadas para nordeste, não se surpreende a princípio" (27).

Mas só "a princípio" caberia precisar. Porque, a rigor, bastaraõ algumas linhas para que "o *facies* daquele sertão inóspito vá-se esboçando lenta e impressionadoramente" (28). Com efeito, a partir daí, desde distintas óticas (o que equivale a afirmar em diferentes línguas ou registros de saber) uma e mil vezes, o estranho, atormentado e decaído da paisagem, a instabilidade de seus rios e riachos ("a drenagem caótica das torrentes imprimindo naquele recanto da Bahia *facies* excepcional e selvagem"), a esterilidade e tumulto de seu solo, o escaso e mirrado de suas matas e arbustos. Em suma, uma e mil vezes, desde distintas óticas, o discurso prediz o que dirá depois: "o martírio da terra" e, é claro, do homem.

Redundância e diversidade, repetição e variação - eis aí os pólos deste cerco progressivo, obsessivo e minucioso que vai estreitando o campo da superfície a descrever (e

escandindo a descrição com sucessivas 'paradas') mas alargando, ao mesmo tempo, a magnitude de suas linguagens. Porque ao saber dizer do geógrafo, do geólogo, do topógrafo, do hidrógrafo, do orografista, do botânico e do historiador, sucederão os saberes do meteorólogo, do zoólogo, do engenheiro e entrelaçando-os a todos o saber do literato (último resto de legibilidade para o leitor neófito, que à falta de conhecimentos especiais apóia-se nos procedimentos estilísticos - locuções figuradas, aposições, paráfrases, etc. - para contornar, por seu turno, outro tipo de hiato. Entre outras razões, é por isso que tudo se diz várias vezes inclusive de uma mesma perspectiva) (29).

Porém, à medida que o "observador" se acerca do epicentro da luta, maior o número de disciplinas convocadas para apreender a composição e contextura do sertão nordestino, como correlativamente, à maior proximidade, correponde o aumento de incidência de contrastes e antíteses. Estratégia que tende, por um lado, a mimetizar os ciclos ou 'ritmos naturais' do sertão (a duplicar na escrita a estrutura do objeto, ou suscitar essa crença no leitor) e por outro, a dramatizar ou narrativizar o espaço descritivo, impregnando-o de uma significação agônica, segundo a feliz expressão de Augusto Meyer (30). Assim, cada linguagem articula-se em dois tempos: um primeiro tempo diz a zoologia, a hidrografia ou a botânica do sertão, capturada pelo prisma da "seca", do "estio", dos "verões queimosos", da "magrém"; a representação segunda diz os mesmos quadros

vistos sob a ótica dos "invernos torrenciais", do "verde", da "chuva". Um quadro linda com as visões infernais; o outro capta o intervalo efêmero e fugaz no qual o sertão devém um "paraíso" (31).

Não é necessário lembrar quem vence nesta luta premonitória: o sertão é a seca, ainda que pudesse não sê-lo.

....

Considerar as entradas ou incursões de teor técnico-cientificista realizadas nesta primeira parte, a título de pura manifestação ideológica, como expressão contaminada por uma ideologia positiva do saber que legitima e reifica, ao explicá-lo, o desenlace fatídico (a predisposição 'natural' à catástrofe enquistada na 'natureza' do sertão) parece-me uma redução abusiva. O que de fato não pressupõe ignorar o importantíssimo papel desempenhado por tal ideologia no interior do discurso euclidiano, nem a paradoxal lei que o rege: é justamente o estatuto 'não natural' das linguagens veiculadas - sua condição de produtos históricos e a crescente opacidade desses registros para o leitor comum - o que, de certa forma, 'garante' a imparcialidade, exatidão e justeza do 'informe'. Como se o conhecimento historicamente acumulado ao afastar-se das fórmulas correntes e elaborar

dicionários específicos se carregasse, por sua vez, com um suplemento de verdade. Uma espécie de *não compreendo logo confio* - ou não compreendo logo é certo - que também possui sua história: porque o leitor contemporâneo substituirá a cláusula por um não compreendo logo duvido - e desde o que compreendo, por exemplo, o ostensivo preconceito racial da segunda parte, suspeito da primeira. Nada impede, no entanto, que esse mesmo leitor/inquisidor das falsidades ideológicas do período final do século XIX reifique, por sua vez, as linguagens/saberes do final deste século XX.

Constitutivamente desconfiado, esse hipotético leitor de nossa época possivelmente tenderia a interpretar cada uma das investidas científicistas de *Os Sertões* a partir de uma única chave: a do artifício naturalizador. (Do que se pode inferir que a relativa 'vulgaridade' e 'inespecificidade' da geografia de *Facundo*, sua carência de jargões especiais e sua 'precipitada' historicização/politização do espaço representado, poderiam ser tomados como um fator de transparência. Noutras palavras: as artimanhas ou artifícios do 'observador' sarmientino seriam mais visíveis e, portanto, mais facilmente denunciáveis). Assim, onde o leitor pretérito de *Os Sertões* acreditava encontrar marcas seguras - mesmo que eventualmente incompreensíveis - de veracidade, o de hoje, descobre ou conjectura evidências de engano ou até de má-fé. Mas ambos coincidem num ponto: *A Terra* representa, justifica -ou propõe fazê-lo- a inelutabilidade da catástrofe. "Estaca" ali e nada mais diz. Esta

interpretação, a meu ver, privilegia em demasia uma única zona do volume.

Uma segunda possibilidade de leitura, não menos 'precipitadamente' ideologizante que a anterior, mas atenta a outras inflexões do texto: se nossa exacerbada consciência de que nomear é adonar-se das coisas e imprimir-lhe uma direção ao sentido faz com que suspeitemos que por detrás de todo ato de denominação agite-se uma vontade conquistadora, então poder-se-ia sustentar que o discurso euclidiano busca apropriar-se, a partir do seu repertório de saberes, do sertão nordestino, e que propõe uma espécie de anexação ou de incorporação tutelada por esses mesmos saberes. Por um lado, uma incorporação simbólica, que traz para o mapa das letras brasileiras, de maneira definitiva, um território chamado a produzir daí por diante um vastíssimo *corpus*, e para o qual, esse discurso fundador, funcionará como ponto de referência imprescindível. Por outro lado, uma anexação ou incorporação de ordem material, efetiva e concreta (ou uma 'proposta de') já que o "informe" (o 'lado' informe de **Os Sertões**, por assim dizer), não é mais que um primeiro passo ou prolegômeno obrigatório na conquista/combate de um deserto que não acabou em Canudos. Assim, à visão fatalista e dura do observador científico vem agregar-se a do reformador. Empresa aparentada à dos ideais

*sarmientinos*, que diz ao mesmo tempo uma vizinhança de propósitos e uma distância intransponível: porque o sertão não é a pampa e o "deserto" a combater, em cada caso, possui particularidades próprias.

#### *IV. Versões e variações de um vocábulo.*

Em duas oportunidades *A Terra* convoca explicitamente a história e faz comparecer o homem como agente dessa história. Na primeira, como negatividade no sentido de omissão, esquiva ou esquecimento. Lugar não transitado pelos saberes e práticas da civilização, o sertão nordestino é branco, hiato, incógnita, interrupção do fluxo, como diria Sarmiento, e de certo modo, exterioridade interior: um corpo estranho enquistado no corpo da pátria, uma não-história, ou ao menos, uma não-nossa-história:

"Abordando-o, compreende-se que até hoje escasseiem sobre tão grande trato de território, que quase abarcaria a Holanda (9 11' -10 20' de lat. e 4 -3 , de long. O.R.J.), notícias exatas ou pormenorizadas....)

É que transpondo o Itapicuru, pelo lado do sul, as mais avançadas turmas de povoadores estacaram em vilarejos minúsculos - Maçarát, Cumbe ou Bom Conselho - entre os quais o decaído Monte Santo tem visos de cidade: transmontada a Ituiba, a sudoeste, disseminaram-se pelos povoados que a

abeiram acompanhando insignificantes cursos de água, ou pelas raras fazendas de gado, estremeados todos por uma tapera obscura -Uauá; ao norte e a leste pararam às margens do S. Francisco, entre Capim Grosso e Santo Antônio da Glória.

Apenas naquele último rumo se avantajou uma vila secular, Jeremoabo, balizando o máximo esforço de penetração em tais lugares, evitados sempre pelas vagas humanas, que vinham do litoral baiano procurando o interior.

Uma ou outra o cortou, rápida, fugindo, sem deixar traços.

Nenhuma lá se fixou. Não se podia fixar. O estranho território, a menos de quarenta léguas da antiga metrópole, predestinava-se a atravessar absolutamente esquecido os quatrocentos anos de nossa história. Porque enquanto as bandeiras do sul lhe paravam à beira e envesgando, depois, pelos flancos da Itiúba, se lançavam para Pernambuco e Piauí até o Maranhão, as do levante, repelidas pela barreira intransponível de Paulo Afonso, iam procurar no Paraguaçu e rios que lhe demoram ao sul, linhas de acesso mais praticáveis. Deixavam-no de permeio, inabordável, ignoto." (32).

Na segunda oportunidade, que revisa ou desdiz parcialmente a anterior, história e homem são convocados por *A Terra* como protagonistas de um agir destrutivo. A negatividade, desta vez, não é esquecimento, nem omissão, nem abandono; é um fazer ou favorecer o deserto:

"Esquecemo-nos, todavia, de um agente geológico notável -o homem.

Este, de fato, não raro reage brutalmente sobre a terra e entre nós, nomeadamente, assumiu, em todo o decorrer da História, o papel de um terrível fazedor de desertos." (33).

Se a primeira das passagens citadas repousa sobre a mesma associação/confusão formulada no **Facundo** (deserto= natureza virgem, intacta, lugar vazio, mas também ao mesmo

tempo, lugar do outro) a segunda passagem, ao contrário, lança luz sobre um deserto diferente. Versão segunda na qual os vastos panoramas dão lugar às superfícies desvastadas, arruinadas, ao deserto provocado - primeiro pelo "selvícola", logo depois pelo "conquistador", mais tarde pelo "sertanista ganancioso em busca do ouro e do selvícola"; por todos e cada um dos que transmutaram a paisagem numa terra estéril e habitada pela antítese:

"Começou isto por um desastroso legado indígena.

Na agricultura primitiva dos selvícolas era instrumento fundamental -o fogo.(...)

Veio depois o colonizador e copiou o mesmo proceder. Engraveceu-o ainda com o adotar, exclusivo, no centro do país, fora da estreita faixa dos canaviais da costa, o regime francamente pastoril.

Abriam-se desde o alvorecer do século XVII, nos sertões abusivamente sesmados, enormíssimos campos, compáscuos sem divisas, estendendo-se pelas chapadas em fora.

Abria-os de idêntico modo, o fogo livremente aceso, sem aceiros, avassalando largos espaços, solto nas lufadas violentas do nordeste. Aliou-se-lhe ao mesmo tempo o sertanista ganancioso e bravo, em busca do selvícola e do ouro. Afogado nos recessos de uma flora estupenda que lhe escurentava as vistas e sombreava perigosamente as tocaias do tapuia e as tocas do canguçu temido, dilacerou-a golpeando-a de chamas, para desafogar os horizontes e destacar bem perceptíveis, tufando nos descampados limpos, as montanhas que o norteavam, balizando a marcha das bandeiras.

Atacou a fundo a terra, escarificando-a nas explorações a céu aberto; esterilizou-a com os lastros das grupiaras; feriu-a a pontacos de alvião; degradou-a corroendo-a com as águas selvagens das torrentes; e deixou, aqui, ali, em toda a parte, para sempre estéreis, avermelhando nos ermos com o intenso colorido das argilas revolvidas, onde não medra a planta mais exigua, as grandes catas, vazias e tristonhas, com a sua feição sugestiva de imensas cidades mortas, derruídas..." (34)

Assim, do próprio centro da ideologia positiva brota um discurso histórico que se não chega a cristalizar-se em outra língua - e de fato não o faz - corrói, do seu próprio interior, os postulados da língua na qual fala. Porque o segundo "desertão" desnaturaliza parcialmente o primeiro: tanto para trás, em direção ao passado, como, caso concretizado o sonho do observador-projetista, para frente, em direção ao futuro:

"Fez (o homem), talvez, o deserto. Mas pode extingui-lo ainda, corrigindo o passado. E a tarefa não é insuperável. Di-lo uma comparação histórica." (35)

....

Na origem do texto *sarmientino* há uma terra boa e naturalmente pródiga - que a história começara a conceber como naturalmente pródiga muito depois da decepção de uma Argentina sem argento -, porém carente de tudo aquilo sem o qual, aos olhos do autor, a civilização "estaca": sem população (sem a população que se quer), quase sem vilas nem cidades, praticamente sem outra produção ou atividade que a criação de gado - uma pseudo-atividade para nosso escritor. Por isso, quando se a vê da perspectiva da falta - do que nela falta -, a planura, que subitamente passa a chamar-se

*deserto*, e uma forma do mal. Por isso o grande pecado, aqui, consiste muito mais na inação ou em obstruir ações virtualmente `benéficas`, do que em qualquer coisa que possa ser pensada como uma má ação. Dito de outro modo: o grande pecado é não povoar o solo, nem cultivar a terra, nem navegar os rios; é a passividade, o ócio e a quietude. Porque uma terra virgem, ainda que naturalmente boa, para Sarmiento, é má enquanto virgem. No entanto, precisamente por sua propensão ao bem - à multiplicação de bens - basta desposá-la com homens de ultramar, sulcá-la com arados, fertilizá-la com sementes e vivificar suas artérias. Receita relativamente simples para a superação do "mal que aflige a Argentina" posto que neste caso o deserto suprime-se preenchendo o vazio e cultivando o inculto, implementando uma série de medidas que visam transformar a terra virgem, porém naturalmente boa, numa próspera granja.

Neste pré-projeto, entretanto, há uma confusão, omissão ou subterfúgio velado, cujos efeitos se farão sentir nos 80: quando então, para acabar com o deserto - com aquilo que numa manobra antecipada Sarmiento se adiantara em designar enquanto tal - primeiro se terá que produzi-lo, esvaziando o solo do `outro`. De antemão, na eleição da própria palavra, Sarmiento cria a imagem de uma disponibilidade futura; se apropria, na palavra, do deserto (já ocupado) a expropriar. Três décadas mais tarde, quase contemporaneamente à proclamação da República no Brasil, Julio Argentino Roca realiza o verbo e alarga em 20.000 léguas a vasta granja

argentina (36). Não poucos imaginaram que, por fim, 'chegara a vez' da Argentina sem argento.

Em *Os Sertões*, transpostas "as paragens em que se revezam, em contraste belíssimo, a amplitude dos gerais e o fastígio das montanhas", nenhuma superfície pródiga, nem benévola, nem fecunda, nem sobretudo virgem. Ao contrário, um solo estéril e esterilizado pelo homem que, em certo modo, entrediz ou balbucia o passado do nordeste e, *mutatis mutandi*, a posição peculiar da 'antiga metrópole' e de suas áreas circunvizinhas no sistema colonial - muito distinta, por certo, da função menor que estaria reservada durante um longo período à obscura governança do Rio da Prata.

Impossível deslindar neste caso, aquilo que corresponde ao deserto enquanto categoria geográfica *strictu sensu* (e já não mais, como em *Facundo*, enquanto denominação genérica apta para abrigar em seu interior qualquer terra "selvagem"), da desertificação enquanto resultado histórico. Impossível estabelecer onde terminam as falhas ou as faltas da natureza em si, e onde começam as "selvagerias" ou os excessos do "indígena", do "conquistador" e do "sertanista ganancioso". Selvagerias ante as quais Euclides da Cunha iria tornando-se cada vez mais sensível (daí, o viés reparador de seus 'programas' e a busca de uma equação satisfatória entre progresso e preservação) e que o

conduziriam a explorar outras paisagens prematuramente arruinadas, outras "cidades mortas", outros novos desertos (37). Nenhuma sensibilidade, preocupação ou prevenção semelhante no autor de **Facundo**.

Vocábulo chave de ambas as ficções geográficas, a voz *deserto* exigiria por si só um pormenorizado estudo que capturasse cada um dos matizes, variações e versões a que seu emprego é submetido em cada obra. As precipitadas observações realizadas aqui, não passam de um apontamento prévio a esse trabalho por fazer.

....

No outro extremo das leituras ostensivamente ideológicas, a possibilidade de considerar o discurso euclidiano, e em especial sua primeira parte, como um puro dispositivo estilístico que subverte, no emprego excessivo e redundante de seus procedimentos - no jogo das antíteses continuadas, em seu barroquismo expressivo, em seus enunciados polifônicos - a ideologia manifesta do texto. Espécie de contra-ideologia que até pode chegar a propor uma interpretação em chave 'neobarroca' com o fim de libertar o *quantum* revulsivo e perturbador de **Os Sertões**, emancipando-o do peso opressivo de uma tradição crítica demasiado terra à terra. Exercício deliberadamente anacrônico cuja fecundidade

potencial - cuja coesão e capacidade de convencimento enquanto leitura tão legítima e possível quanto qualquer outra - ainda não me parece demonstrada (38). Mais útil e mais difícil talvez, seria propor-se a recompor o estilo euclidiano em função de coordenadas fim-de-século. Não somente a partir dos parâmetros provistos pelas estéticas fim-de-século, como também, e fundamentalmente, a partir do exame da relação existente entre essas estéticas e outras formas ou formações discursivas vinculadas ao âmbito do saber com maiúsculas; a partir do exame dos modos de circulação, infiltração ou intersecção desses âmbitos com o espaço do literário 'em si', e das condições de possibilidade da própria intersecção. Tarefa que nos devolveria novamente à pergunta pelo *stock* e competência ou competências, do autor e leitores, que tornaram possível, aceitável e legível um texto fortemente hibridizado como este, no Brasil de inícios do 900. Também, virtualmente, à pergunta pela longa sobrevivência desses discursos mistos no continente e seu eventual estatuto de traço distintivo ou particularizador (39).

Palavra fronteira, "poligrafismo" que resiste a dissociar "ciência" e "arte", por entrever nesse cruzamento o futuro das letras contemporâneas, talvez o estilo euclidiano traduza o ponto de máxima tensão entre domínios epistêmicos, genéricos, retóricos e lexicográficos cujo *divortium aquarum* estava prestes a consumir-se. Não para

sempre, nem sempre em benefício exclusivo dos saberes duros. Apetrechados com outras armas, e pondo em xeque justamente as pretensões hegemônicas dessa episteme positiva, escritores e críticos, historiadores e historiadores das ciências, da cultura e das mentalidades, etnólogos e antropólogos, faz algum tempo outra vez ensaiam - e de certo modo exatamente ao avesso do que pensava Euclides - essa reunião de campos. Pelo avesso, a profecia euclidiana está cumprindo-se: "o escritor do futuro será forçosamente um polígrafo".

## NOTAS

(1) Sobre a recepção de **Facundo** no período imediatamente posterior a sua publicação cfr. SORENSEN GOODRICH, D. *The wars of Persuasion: The Early Years of Facundo's Reception* (in *Revista Hispánica Moderna*, nueva época, N 2, 1991) e *Facundo y los riesgos de la ficción* (in *Revista Iberoamericana* N 143, 1988). Con relación a *Os Sertões*, cfr. VERISSIMO, J. *Campanha de Canudos* (in *Estudos de Literatura Brasileira*, 5a. série, Rio de Janeiro, Ganier livreiro-editor, 1905); ARARIPE JR. *Os Sertões (Campanha de Canudos)* (in *Obra Crítica*, 1900-1910, tomo IV, Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa); PEIXOTO, A. *Euclides da Cunha: o homem e a obra*, e *Euclides da Cunha: dom e arte de estilo* (in *Poeira da estrada. Ensaios de crítica e história*. São Paulo, Cia editora Nacional, 1944, 3a. ed). Assim mesmo, e como esboço de reavaliação crítica dessas primeiras leituras, cfr. COSTA LIMA, L. *N'Os Sertões da oculta mimesis* (in *O controle do imaginário. Razão e imaginação no ocidente*. São Paulo, Brasiliense, 1984, em especial págs. 203-220)

(2) SARMIENTO, D. F. op. cit. págs. 3,4,18,19.

(3) SARMIENTO, D. F. *Facundo civilità o barbarie*. El Nacional, 22/11/1881. *Páginas Literarias*, in *Obras*, tomo XLVI, Buenos Aires, Belín Sarmiento editores, 1900. págs. 322-3.

original espanhol:

"Es el **Facundo**, el Jugurta argentino, el libro sin asunto, porque la guerra contra el caudillo nùmda, escapando en el Sahara a las pesadas lejonas romanas, no marca en la historia; es apenas un episodio sin consecuencia. Lo que Roma vió, fué un libro, y lo que los estudiantes y los latinistas ven es la figura de Jugurta, el nùmda, con su borboz blanco, en el negro caballo, haciendo razzias, o fantasias, o algaradas, delante de las lejonas romanas. Es Salustio, el pintor del Africa y del desierto.

No vaya el escalpelo del historiador que busca la verdad gráfica, a herir en las carnes del **Facundo**, que está vivo: no lo toquéis! así como así, con todos sus defectos, con todas sus imperfecciones, lo amaron sus contemporáneos, lo agasajaron todas las literaturas extranjeras, desveló a todos los que lo leían por primera vez, y la Pampa Argentina es tan poética hoy en la tierra, como las montañas de la Escosia diseñadas por Walter Scott, para solaz de las inteligencias. Y luego los ricos, no despojen al pobre quitando la venda de los ojos a los que traducen, cuarenta

años justos después de haber servido de piedra para arrojarla ante el carro triunfal del tirano, y cosa rara! el tirano cayó abrumado por la opinión del mundo civilizado, formada por este libro extraño, sin pies ni cabeza, informe, verdadero fragmento de peñasco que se lanzan a la cabeza de los titanes".

(4) Sobre este ponto Cfr. SARMIENTO, D. F. *Las Novelas* (El Nacional, 14/4/1856 in *Páginas Literarias*, op. cit. págs. 159-164) de onde foram tomadas algumas pasagens ilustrativas que transcrevo a seguir:

"Caramelos e romances andam juntos pelo mundo, e a civilização dos povos se mede pelo açúcar que consomem e os romances que lêem. Para que serve o açúcar? os pampas, que não o usam, que o digam.

Os romances educaram a maioria das nações e, nos países católicos, fizeram a mesma revolução que nos países protestantes fizera a Bíblia- não se escandalizem as gentes timoratas.

O romance moderno não é católico de origem, Chateaubriand o demonstrou, assim como a escola comum é inspiração do protestantismo. A pretensão dos cristãos reformados em erigir a consciência individual em intérprete da lei divina, fez necessária a popularização da Bíblia, da qual há setenta milhões de exemplares distribuídos atualmente entre os dissidentes do catolicismo. Para ser católico é necessário antes de tudo ter fé. O catolicismo o diz. Para o protestante é preciso *saber ler a Bíblia.*" (pág.159).

"Que relação há entre esta ubiquidade da Bíblia e os romances?

Que a Bíblia obrigou o povo a ler e que os romances fazem com que leiam aqueles que sem seu agulhão não teriam jamais tomado um livro entre as mãos. E mal alimento para a alma segundo a moral? E, é melhor a leitura da Bíblia segundo a Igreja? Seja; mas Bíblia e romances popularizaram a leitura, que generaliza a civilização." (pág. 160)

"Dumas, Sue, e os grandes romancistas sacudiram o mundo mais vigorosamente que Sesostrís ou Napoleão" (pág. 162).

Original español:

"Caramelos y novelas andan juntos en el mundo, y la civilización de los pueblos se mide por el azúcar que consumen y las novelas que leen. Para qué sirve el azúcar? Díanlo los pampas que no la usan.

Las novelas han educado a la mayoría de las naciones y, en los países católicos, ha hecho la misma revolución que en los protestantes la Biblia, no se escandalicen las gentes timoratas.

El romance moderno no es católico de origen, Chateaubriand lo ha probado, así como la escuela común es inspiración del protestantismo. La pretensión de los cristianos reformados de erigir la conciencia individual en intérprete de la ley divina, hizo necesaria la popularización de la Biblia, de que hay setenta millones de ejemplares distribuidos actualmente entre los disidentes del catolicismo. Para ser católico es necesario ante todo tener fe. El catolicismo lo dice. Para el protestantismo es preciso saber leer la Biblia" (pág. 159)

"Qué relación hay entre esta ubicuidad de la Biblia y las novelas?

Que la Biblia obligó a leer al pueblo y las novelas hacen que lean, los que sin su aguijón no habrían jamás tomado un libro en las manos. Es mal alimento para el alma según la moral? Y es mejor la lectura de la Biblia según la Iglesia? Sea; pero Biblia y Novelas han popularizado la lectura que generaliza la civilización". (pág. 160)

"Dumas, Sue, y los grandes novelistas han sacudido al mundo más vigorosamente que Sesostris o Napoleón" (pág. 162).

(5) *Notas de Valentín Alsina al libro Civilización y Barbarie. Facundo*, op. cit. págs. 255-6.

"En aquel momento ha recorrido en su mente, diez mil estancias de la pampa"...etc. Ante todo, una advertencia indispensable que servirá como de introducción.

Al tirar estas Notas, amigo mío, ha sido en el concepto que de Ud. me ha de permitir la más completa franqueza en la exposición de mis juicios, sean ellos exactos o desacertados. Me engaño en aquel concepto? Pues entonces no siga adelante, y haga pedazos desde ahora este papel. No me engaño? Pues entonces le diré que en su libro, que tantas y tan admirables cosas tiene, me parece entrever un defecto general -el de la exageración: creo que tiene usted mucha poesía, sino en las ideas, al menos en los modos de locución-. Ud. no se propone escribir un romance, ni una epopeya, sino una verdadera *historia* social, política y hasta militar a veces, de un período interesantísimo de la época contemporánea. Siendo así, forzoso es no separarse en un ápice -en cuanto sea posible- de la exactitud y rigidez histórica; y a esto se oponen las exageraciones. Estas tienen que ser en Ud. una necesidad: sabe por qué? porque creo -aunque puedo estar muy engañado- que es Ud. muy propenso a los *sistemas*; y estos, en las ciencias sociales como en las naturales, no son el mejor medio de arribar al descubrimiento de la verdad, ni al recto examen, ni a la veraz exposición de ella. Desde que el espíritu está ocupado de una idea anterior, y se proponga hacerla triunfar en la demostración, se expone a equivocaciones notables, sin percibirlo. Entonces el escritor, en vez de proceder analíticamente, en vez de examinar cada hecho en sí mismo,

para ver lo que de él se deduzca, y de este conjunto de deducciones y observaciones sacar, recién a lo último, una deducción general, o resultado; en vez de este proceder, emplea el sintético: esto es, sentada una idea jefe, recorre a cuantos hechos se le presentan, no para examinarlos filosóficamente y en sí mismos, sino para alegarlos en prueba de su idea favorita, para formar con ellos el edificio de su sistema. De aquí nace naturalmente que, cuando halle un hecho que apoya sus ideas, lo exagere y amplifique; y cuando halle otro que no se encuadra bien en su sistema, o que lo contradice, lo hace a un lado, o lo desfigura o lo interpreta; de aquí nacen las analogías y las aplicaciones forzadas; de aquí los juicios inexactos o parciales..."

(6) *Ibidem* pág. 303.

(7) *Ibidem* pág. 303-4.

(8) *Carta a don Valentín Alsina* (1851). **Facundo**, op. cit. págs. 18,19,20. Cito o trecho dedicado a retratar a magnitude dessa ambição:

"Tenho uma ambição literária, meu caro amigo, e a satisfazê-la consagro muitas vigílias, investigações prolixas e estudos meditados. Facundo morreu corporalmente em Barranca-Yaco; mas seu nome na História podia escapar e sobreviver alguns anos, sem o castigo exemplar merecido. A justiça da História caiu, já, sobre ele, e o repouso de sua tumba, guardam-no a supressão de seu nome e o desprezo dos povos. Seria um agravo à História escrever a vida de Rosas, e humilhar a nossa pátria, recordar-lhe, depois de reabilitada, as degradações pelas que passou. Mas há outros povos e outros homens que não devem ficar sem humilhação e sem receber sua lição. Oh! A França, tão justamente elevada por sua suficiência nas ciências históricas, políticas e sociais; A Inglaterra, tão ciosa de seus interesses comerciais; aqueles políticos de todos os países, aqueles escritores prezados como entendidos, se um pobre narrador americano se apresentasse diante deles como um livro, para mostrar-lhes, como Deus mostra as coisas que chamamos evidentes, mostrar como se prosternaram diante um fantasma, como contemporizaram com uma sombra impotente, como acatarem um monte de lixo, chamando à estupidez, energia, à cegueira, talento; virtude à crápula e à intriga, e diplomacia aos mais grosseiros ardís; se pudesse fazer isto, como é possível fazê-lo, com unção nas palavras, com irrepreensível imparcialidade na apreciação dos fatos, com exposição lúcida e animada, com elevação de sentimentos e com conhecimento profundo dos interesses dos povos e presentimento, fundado em dedução lógica, dos bens que sufocaram com seus erros e dos males que desenvolveram em nosso país e fizeram transbordar sobre outros... não sente o senhor que, quem fizesse isso, poderia apresentar-se na

Europa com seu livro nas mãos, e dizer à França e à Inglaterra, à Monarquia e à República, a Palmerston e a Guizot, a Luis Felipe e a Luis Napoleão, ao *Times* e à *Presse*: "Lede, miseráveis, e humilhai-vos. Eis vosso homem!", e fazer efetivo aquele *ecce homo*, tão mal assinalado pelos poderosos, ao desprezo e ao asco dos povos! (pág. 20).

Original español:

"Tengo una ambición literaria, mi caro amigo, y a satisfacerla consagro muchas vigiliias, investigaciones prolijas y estudios meditados. Facundo murió corporalmente en Barranca-Yaco; pero su nombre en la historia podía escaparse y sobrevivir algunos años sin castigo ejemplar como era merecido. La justicia de la historia ha caído, ya, sobre él, y el reposo de su tumba, guárdanlo la supresión de su nombre y el desprecio de los pueblos. Seria agraviar a la patria, recordarla, después de rehabilitada, las degradaciones por que ha pasado. Pero hay otros pueblos y otros hombres que no deben quedar sin humillación y sin ser aleccionados. Oh! La Francia, tan justamente erquida por su suficiencia en las ciencias históricas, políticas y sociales; La Inglaterra, tan contemplativa de sus intereses comerciales; aquellos políticos de todos los países, aquellos escritores que se precian de entendidos, si un pobre narrador americano se presentase ante ellos como un libro, para mostrarles, como Dios muestra las cosas que llamamos evidentes, que se han posternado ante un fantasma, que han contemporizado con una sombra impotente, que han acatado un montón de basura, llamando a la estupidez, energía, a la ceguedad, talento; virtud a la crápula e intriga, y diplomacia a los más groseros ardides; si pudiera hacerse esto, como es posible hacerlo, con unción en las palabras, con intachable imparcialidad en la justipreciación de los hechos, con exposición lúcida y animada, con elevación de sentimientos y con conocimiento profundo de los intereses de los pueblos y presentimiento, fundado en deducción lógica, de los bienes que sofocaron con sus errores y de los males que desarrollaron en nuestro país e hicieron desbordar sobre otros... no siente usted que el que tal hiciera podría presentarse en Europa con su libro en la mano, y decir a la Francia y a la Inglaterra, a la Monarquía y a la República, a Palmerston y a Guizot, a Luis Felipe y a Luis Napoleón, al *Times* y a *La Presse*: "Leed, miserables, y humillaos. He aquí vuestro hombre!", y hacer efectivo aquel *ecce homo*, tan mal señalado por los poderosos, al desprecio y al asco de los pueblos!" (pág. 20).

(9) "Los hechos están ahí, consignados, probados, documentados; fátales, empero, el hilo que ha de ligarlos en un solo hecho; el soplo de vida que ha de hacerlos enderezarse todos a un tiempo a la vista del espectador y convertirlos en cuadro vivo, con los primeros planos

palpables y lontananzas necesarias; fáltale el colorido que dan el paisaje, los rayos del sol de la patria; fáltale la evidencia que trae la estadística, que cuenta las cifras, que impone silencio a los fraseadores presuntuosos y hace enmudecer a los poderosos impudentes. Fáltame, para intentarlo, interrogar el suelo y visitar los lugares de la escena, oír las revelaciones de los cómplices, las deposiciones de las madres, que ven con el corazón; fáltame escuchar el eco confuso del pueblo, que ha visto y no ha comprendido, que ha sido verdugo y víctima, testigo y actor; falta la madurez del hecho cumplido y el paso de una época a otra, el cambio de los destinos de la nación, para volver, con fruto, los ojos hacia atrás, haciendo de la historia ejemplo y no venganza.

Imagínese usted, mi caro amigo, si codiciando para mí este tesoro, prestaré grande atención a los defectos e inexactitudes de la vida de Juan Facundo Quiroga ni de nada de cuanto he abandonado a la publicidad". Ibidem pág. 21.

(10) Introducción, **Facundo** op. cit. págs. 10 y 16.

(11)"Razones de este género me han movido a dividir este precipitado trabajo en dos partes: la una, en que trazo el terreno, el paisaje, el teatro sobre el que va a representarse la escena; la otra en que aparece el personaje, con su traje, ideas, su sistema de obrar; de manera que la primera esté ya revelando a la segunda, sin necesidad de comentarios ni explicaciones". Ibidem pág. 18.

(12) DA CUNHA, E. *Os Sertões*, op. cit. pág. 137.

(13)"El continente americano termina al sur en una punta, en cuya extremidad se forma el Estrecho de Magallanes. Al oeste, y a corta distancia del Pacífico, se extienden, paralelos a la costa, los Andes chilenos. La tierra que queda al oriente de aquella cadena de montañas y al occidente del Atlántico, siguiendo el Río de la Plata hacia el interior por el Uruguay arriba, es el territorio que se llamó Provincias Unidas del Río de la Plata y en el que aún se derrama sangre por denominarlo República Argentina o Confederación Argentina. Al norte están el Paraguay, el Gran Chaco y Bolivia, sus límites presuntos". **Facundo**, op. cit. pág. 23.

(14) Ibidem pág. 24.

(15) Ibidem pág. 24.

(16) "Pero por sobre todos estos accidentes peculiares a ciertas partes de aquel territorio, predomina una facción general, uniforme y constante; ya sea que la tierra esté cubierta de la lujosa y colosal vegetación de los trópicos, ya sea que arbustos enfermizos, espinosos y desapacibles revelen la escasa porción de humedad que les da vida; ya, en

fin, que la pampa ostente su despejada y monótona faz, la superficie de la tierra es generalmente llana y unida, sin que basten a interrumpir esta continuidad sin límites, las sierras de San Luis y Córdoba en el centro, y algunas ramificaciones avanzadas de los Andes al norte. Nuevo elemento de unidad para la nación que pueble, un día, aquellas grandes soledades, pues es sabido que las montañas que se interponen entre unos y otros países, y los demás obstáculos naturales, mantienen el aislamiento de los pueblos". Ibidem pág. 26.

(17) "Pudiera señalarse, como un rasgo notable de la fisonomía de este país, la aglomeración de ríos navegables que al este se dan cita de todos los rumbos del horizonte, para reunirse en el Plata". Ibidem pág. 24.

Sobre el tema del río y del canal del **Facundo** cfr. SALOMON, Noel. *El Facundo de Domingo Faustino Sarmiento manifiesto de la preburguesía argentina de las ciudades de interior*. op. cit. págs. 145-4-7.

(18) "He señalado esta circunstancia de la posición monopolizadora de Buenos Aires, para mostrar que hay una organización del suelo, tan central y unitaria en aquel país, que aunque Rosas hubiera gritado de buena fe: "*Federación o muerte!*", habría concluido por el sistema unitario que hoy ha establecido. Nosotros, empero, queríamos la unidad en la civilización, y se nos ha dado la unidad en la barbarie y en la esclavitud. Pero otro tiempo vendrá en que las cosas entren en su cause ordinario". Ibidem págs. 25-6.

(19) Ibidem págs. 24-5.

(20) "Esta extensión de las llanuras imprime, por otra parte, a la vida del interior, cierta tintura asiática, que no deja de ser bien pronunciada. Muchas veces, al salir la luna tranquila y resplandeciente por entre las yerbas de la tierra, la he saludado maquinalmente con estas palabras de Volney, en su descripción de las Ruinas: "La pleine lune à l'Orient s'élevait sur un fond bleuâtre aux plaines rives de l'Euphrate". Y, en efecto, hay algo en las soledades argentinas que trae a la memoria las soledades asiáticas; alguna analogía encuentra el espíritu entre la pampa y las llanuras que median entre el Tigris y el Eufrates; algún parentesco en la tropa de carretas solitaria que cruza nuestras soledades para llegar, al fin de una marcha de meses, a Buenos Aires, y la caravana de camellos que se dirige hacia Bagdad o Esmirna". Ibidem págs. 28-9.

Sobre este tópico cfr. ORTA NADAL, R. *Presencia de Oriente en el Facundo*. Apartado del N 5 del Anuario del Instituto de Investigaciones Históricas. Rosario, 1961, e ALTAMIRANO, C. *El orientalismo y la idea del despotismo en el Facundo*, in AREA, L e MORANA, M comps. *La imaginación histórica en el siglo XIX*. Rosario, UNR editora, 1994

(21) op. cit. pág. 91.

(22) ibidem pág. 91.

(23) ibidem pág. 92.

(24) ibidem pág. 92-3.

(25) ibidem pág. 94.

(26) ibidem pág. 95.

(27) ibidem pág. 98.

(28) Ibidem pág. 98.

(29) Em sua *Introduction à L'analyse du descriptif* (Paris, Hachette, 1981), Philippe Hamon caracteriza o discurso descritivo realista do século XIX como uma comunicação de tipo pedagógico-didática, onde o leitor ocupa o posto de um "menos sábio" ("moins savant"), enquanto que o descritor, munido dos saberes especializados que consagram as instituições, se aproveita da confusão existente entre "saber das palavras e saber das coisas" ("savoir des mots et savoir des choses"), para legitimar ao mesmo tempo seu estatuto de instrutor e a veracidade de seu texto. Daí o fato definir a descrição como uma "competição de competências" ("compétition de compétences") onde a "ostentação" de linguagens especializadas, por parte deste último, funciona como garantia de credibilidade e atribuição de saber: sobre o mundo e sobre as próprias palavras. Daí também, não obstante, a necessidade de administrar com perspicácia essas linguagens especiais que, se por um lado, tornam confiável a descrição e ratificam as prerrogativas de seu artífice, por outro, põem em risco sua legibilidade e ameaçam ou obstaculizam, potencialmente, a recepção. Porque, no limite, ante uma descrição impenetrável, esse leitor-discípulo se sentirá tentado a emigrar para zonas menos obscuras, malbaratando, assim, a "encenação" ("mise en scène") do discurso descritivo. Reverso ou contraface de sua menos-valia de saber, o leitor se reserva sempre, em última instância, o direito e o poder de não ler ou de "passar por cima". (Não por acaso, Augusto Meyer aconselhava aos jovens e aos neófitos começar *Os Sertões* por *A Luta*, e não por *A Terra*).

Para driblar esse perigo sem ter de renunciar ao emprego de seu capital simbólico (causa de nossa fé, mas também, contraditoriamente, de nossa eventual desersão), o descritor recorre a uma série de procedimentos que tendem a desvendar incógnitas (vocábulos ou expressões desconhecidas, geralmente de ordem técnica), por meio de sua reconversão ou tradução ao âmbito das linguagens familiares:

"A ilegibilidade, como se ve, é ao mesmo tempo encarregada a *termos* ("técnicos", "raros") e a *relações* entre estes termos. Inversamente, uma série de predicados legíveis pode vir a compensar uma nomenclatura de termos ilegíveis. Com efeito, quanto mais uma descrição é "engatada" pelos textos do saber oficial que ela recopia, mais ela se torna "técnica", mais utiliza-se de termos nomossêmicos excluídos do vocabulário disponível do leitor médio (por exemplo as palavras: "chaumard" -roldana fixa no costado do navio-, "ridoires" -aparelho para rizar-, "bôme" -verga de carangueja-, "trinquette" -mastaréu-, "artimon" -mastro de mezena ou da gata-, para descrever um barco), e tende ao idioleto profissional especializado, e mais a descrição corre o risco de excluir o leitor da comunicação transformando o texto em criptograma. Por isso, em regime legível, a tendência a neutralizar a ilegibilidade da nomenclatura através de uma série de predicados qualificativos, verbais, metafóricos, analógicos, selecionados num campo de forte legibilidade: clichês, associações culturalmente valorizadas, epítetos "obrigatórios", "comparações estereotipadas", referências intra ou extra-textuais "clássicas", paráfrases e perífrases explicativas, etc. Nós estamos, aqui, formalmente, próximos do artigo de dicionário, que esclarece a denominação (menos conhecida) por meio da expansão e de referências ao mais conhecido, e através de "remissões" a termos supostamente já "explicados", ou próximos da colocação em equivalência da operação metalinguística, da tradução, da paráfrase." (págs. 170-171).

Creio que boa parte das estratégias adotadas pelo descriptor euclidiano enquadram-se nesta espécie de duplo jogo ou de vaivém entre legibilidade e ilegibilidade e respondem, assim, à dupla exigência apontada por Philippe Hamon. Por um lado, para gozar de crédito, o discurso descritivo deve ostentar credenciais prestigiosas (consignando, por exemplo, a denominação científica das espécies vegetais do sertão: *anacardium humile*, *cereus jaramacaru*, *cactus peruvianus*, etc); por outro, deve impedir que o leitor se extravie e naufrague no sem-sentido ou, pior ainda, que abandone a leitura (para o qual se justapõe à denominação científica a denominação vulgar -*cactus peruvianus* = xiquexique, *cereus jaramacaru* = mandacarus, *anacardium humile* = cajueiros anões e/ou cajuis dos indígenas-, cadeia sinonímica à qual segue a "descrição em si" e que reproduz, no detalhamento das partes, o mesmo procedimento).

(30) Sobre o processo de animização na primeira parte de *Os Sertões*, aspecto consensual entre os mais diversos críticos, cfr. além dos ensaios de Meyer, Costa Lima e Araripe Júnior, já citados, BOSI, A. *A Literatura Brasileira*, vol. V, O pre-modernismo (São Paulo, Cultrix, 1973) e muito especialmente

NOGUEIRA GALVAO, W. *Euclides da Cunha* (no prelo) e GOTO, R. *Os Sertões e a imaginação de um leitor deste fim de século* (in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, N 30, 1990).

(31) Para um exame das figuras e tópicos bíblicos em *Os Sertões*, cfr. NOGUEIRA GALVAO, W. op. cit.

(32) *Os Sertões*. op. cit. págs. 96-7.

(33) *Ibidem*. pág. 131.

(34) *Ibidem* pág. 131-132.

(35) *Ibidem* pág. 134.

(36) Sobre a chamada 'conquista do deserto' cfr. VINAS, D. *Indios, ejércitos y fronteras*. Buenos Aires, siglo XXI, 1982.

(37) cfr. DA CUNHA, E. *Contrastes e Confrontos* (em especial *Plano de uma cruzada*), São Paulo, Cultrix-MEC, 1975; e *Um Paraíso Perdido. Ensaio sobre a Amazonia* (TOCANTINS, L. org.) Rio de Janeiro, Civilização Brasiliense, 1985.

(38) Para uma leitura neobarroca de *Os Sertões*, cfr. BARROS, L. *Canudos, Fato e Fabula (Uma leitura d'Os Sertões, de Euclides da Cunha)*. Tese de doutoramento, USP, 1982.

(39) Para un análise do hibridismo em hispano-américa com ênfase nas obras de D.F. Sarmiento e José Martí, um quase coetâneo de Euclides da Cunha, cfr. RAMOS, J. *Desencuentros de la modernidad en América Latina. Literatura y política en el siglo XIX*. México, Fondo de Cultura Económica, 1989.

*Do jornal-diário ao livro. Anotações para um estudo sobre a passagem.*

Começo por lembrar um pormenor que a maioria dos críticos de **Facundo** contentou-se em mencionar de passagem, e geralmente a mero título de informação subsidiária. Ou outras vezes fazendo-o para associá-lo à 'precipitação' circunstancial de uma escrita que ter-se-ia concebido a si mesma como ferramenta de intervenção imediata -como resposta

e desafio frente a presença de Baldomero Garcia, representante de Rosas encarregado de contrapor-se à campanha oposicionista conduzida pelos emigrados argentinos no Chile-, e que teria encontrado sua ocasião, portanto, no espaço da página periódica, como veículo de transmissão eficaz, em sintonia com as necessidades do momento. Refiro-me ao estatuto primeiro do **Facundo**, à sua condição originária de *folhetim* por entregas, não de livro.

Dado circunstancial ou expressão da combatividade e da instrumentalidade como vínculos comuns à literatura e à imprensa do período, o certo é que o interesse suscitado na crítica por essa modalidade de existência inicial foi inegavelmente reduzido, sobretudo no que concerne à 'seção' em cuja rubrica o **Facundo** deu-se a conhecer (1). Entretanto, ainda que a proximidade temporal entre a primeira versão em folhetins, publicada no jornal diário **El Progreso** a partir do 2 de maio de 1845, e seu lançamento em livro, ocorrido no mesmo ano, tenha facilitado até certo ponto tal desinteresse, valeria a pena perguntar-se por que razão a crítica preferiu esquecer esse detalhe e concentrou uma atenção tão exclusiva e maciça na obra em volume. Descontadas as sérias dificuldades de acesso à versão original, atrever-me-ia sustentar que uma das causas radica na suposta atipicidade de **Facundo** com relação a esse subgênero -o folhetim-romance-, fenômeno que, por sua vez, acabou por propiciar uma interpretação episódica, segundo a qual nos encontraríamos diante de um fato acidental ou

incidental, e de consequências irrelevantes. A chegada de Baldomero García teria desencadeado a execução de um projeto de publicação anteriormente acalentado e, ressalte-se, apenas a premência em lançá-lo à sociedade teria levado seu autor a recorrer ao jornal como meio mais disponível, sem dúvida efetivo, mas não mais que isso. Assim, é como se nem a inclusão no âmbito do folhetim, nem a mais geral no ambiente do periódico, tivessem algo a dizer sobre esta "obrinha" realizada "às pressas" (Cf. prólogo), em condições não das mais favoráveis, mas no final das contas a salvo de seu contexto mais imediato de inserção, não afetada por ele. De resto, a forma livro, enquanto objeto material e simbólico, ao menos até há bem pouco tempo, gozava de uma reputação indiscutível. E, dir-se-ia que a um texto fundador da estatura de **Facundo** não lhe caía muito bem a condição primária que havia possuído em seus dias iniciais; era o que se pensava, ao menos até há bem pouco tempo. Não por acaso um dos estudos que recupera essa "inscrição menor", o de Elizabeth Garrels, é de data recente. Noutras palavras: participa de um processo de inversão pelo qual agora, para salvar as obras, amiúde impõe-se reapreendê-las ou retraduzí-las em chave menor. Mas não é isso, ou não tal e qual, o que pretendo fazer.

Qual seria então a utilidade de perguntar-se pelo *Facundo no jornal diário e como folhetim*, de resgatar o que o circunda e emoldura, de interrogar-se sobre ele nesse *habitat*?

Em primeiro lugar, considero que o deslocamento permitiria abordar a ubiquidade genérica de **Facundo** a partir de outra perspectiva, no marco do que se poderia chamar uma indeterminação geral do discurso da imprensa, incerteza que inclusive afetou durante algum tempo o próprio folhetim e que se constituiu numa característica importante da página impressa como um todo até meados do século XIX. Isso enquanto movimento de aproximação à consabida hibridez desta "obrinha", como maneira de cercá-la e de situá-la sob um novo ângulo. Inversamente, e em segundo lugar, por ser justamente através do exame desta "obrinha", ou melhor ainda, de sua mudança de estatuto, que se tornaria possível indagar a historicidade das relações entre o periódico e o livro, suas eventuais zonas de contato e de contaminação, assim como também suas discrepâncias. Observações que necessariamente deverão ser referidas, depois de alguns desvios, a um espaço e a um tempo peculiares, buscando especificar um contexto que desde logo se inscreve na modernidade, mas que no entanto tem suas 'falhas' e suas 'faltas'. Por exemplo, falta de subscritores, o que torna efêmera ou incerta a vida dos diários e impele Sarmiento a uma linguagem recriminatória, de reprovação e inclusive de ameaça. Para esta análise **Facundo** é uma espécie de pretexto

que permite ir mais além. Por último, e talvez seja este o motivo fundamental, recuperar o trânsito do folhetim ao livro será útil para estender uma ponte, para cruzar até a outra margem do trabalho.

Por coincidência, ainda que em outras circunstâncias, inicialmente vinculada a outro subgênero da imprensa cotidiana (a reportagem ou artigo de guerra) e estabelecendo relações decididamente outras entre essa espécie de núcleo primitivo e o volume que o sucederia anos depois, esta 'passagem' repete-se em **Os Sertões**. Quero dizer: em ambos os casos dar-se-ia um deslocamento - quase imediato e que se concretiza sob o signo da homologia em **Facundo**, muito mais lento e pondo em jogo uma espécie de inversão ou de contra-escrita em **Os Sertões** - de espaços, práticas, gêneros discursivos, modalidades de produção, circulação e recepção relacionados com o exercício jornalístico, em direção a uma zona diferente e organizada ao redor de diferentes premissas. Para enunciá-lo de outra forma ainda: em ambos os casos estaríamos frente a um conjunto inicial, respectivamente configurado pelas sucessivas entregas do folhetim ou pelos artigos anteriores e contemporâneos à viagem de Euclides da Cunha na qualidade de correspondente, ao que se seguiriam as versões definitivas e acabadas das obras que habitualmente estudamos. Daí que, guardadas as

distâncias - e como se verá mais adiante, trata-se precisamente de examinar o distante e o distinto de uma e outra situação, de uma e outra passagem -, a recuperação deste detalhe secundário comporta a possibilidade de instituir uma série de coordenadas comuns de análise, instrumento indispensável a um empreendimento comparatista.

Até que ponto o parentesco inicialmente travado por esses homens (e essas obras) com a materialidade, o ritmo e os estilos da página periódica é capaz de deixar rastros (positivos ou negativos) no trabalho literário da escrita, de explicar algumas de suas características mais notáveis, ou de promover a adoção de certas fórmulas e soluções compositivas? Em que medida esse dado primeiro poderia dar conta da trajetória ulterior? Como inscrever, por fim, a *Facundo* e *Os Sertões*, no interior de um meio e de uma prática que servisse em ambos os casos como ponto de partida? Se por um lado, o fato de responder a essas perguntas deveria permitir localizar esses dois textos e aproximá-los em virtude do que se supõe seja uma trajetória compartilhada e formalmente análoga, por outro lado, deveria lançar luzes sobre a incomensurabilidade do representado em cada caso, sobre suas diferenças irreduzíveis. Porque é obvio que, em 1897, quando Euclides da Cunha se dirige a Canudos como enviado especial de *O Estado de São Paulo*, o jornal diário já se havia transformado em outra coisa, outro objeto possuidor de outras linguagens, ainda que não

completamente. E de saída esse quadro repercute para além dos limites da página periódica: incide sobre o que se decide escrever, e sobre como fazê-lo, no recinto do livro.

### *I. Algumas considerações prévias.*

Ao enumerar uma série de pequenas gazetas francesas da primeira metade do século XVIII, que tanto por sua regularidade (inicialmente mensal, logo semanal e, finalmente, diária), quanto por seus conteúdos (preponderância de "notícias" de "interesse geral"), deveriam ser consideradas, segundo Egger, como precursoras da imprensa cotidiana em sua acepção "moderna", o mencionado autor refere, no entanto, que: "em pouco tempo, percebe-se que essas folhas do mesmo formato, portando o mesmo título, quando algumas vezes reagrupadas seguindo a mesma paginação, *transformam-se em grandes livros*" (2).

Fruto de novas demandas e possibilidades técnicas, buscando equacionar em seu interior o surgimento de uma nova realidade na qual os tempos de utilidade, produção, circulação e consumo do escrito aceleram-se e encurtam-se cada vez mais, a página periódica precisou percorrer, no entanto, um longuíssimo caminho até encontrar seu *formato e*

*formulas* peculiares, até consolidar um lugar próprio no campo do impresso. Porque se o diário surge, como seu nome sugere, para satisfazer um interesse e uma necessidade renovadas diariamente, se surge sob o signo do efêmero, sua materialidade mais imediata, por sua vez, inscreve-se num contexto já dominado pelos livros e seus volumes e, de certa forma, modelada por eles. De fato, dir-se-ia que o fantasma do livro perseguiu por muitos anos a diversos tipos de publicações regulares que, se por um lado, portavam a marca indelével de uma diferencialidade e eram produto de circunstâncias 'outras', ao mesmo tempo estabeleciam relações complexas com o objeto do qual deviam afastar-se. Paradoxo que faz dessas publicações, concomitante e contraditoriamente, o espaço de representação de uma distância e de uma proximidade, um território conflitivo e incerto. Isto não apenas no século XVIII, já que a julgar por estudos recentes, como o de Catherine Bertho, esta situação prolonga-se. A autora chega a afirmar inclusive que: "é sem dúvida na primeira metade do século XIX que a *imprensa e o livro estão mais próximos quanto a sua forma e sua destinação*" (3)

De um lado, características tangíveis que vão arquitetando uma rede de distinções entre um e outro domínio: diferente qualidade de impressão, de papel e de organização da superfície impressa; diferenças, a princípio, quanto a seus respectivos critérios de conservação, durabilidade e, portanto, valor. De outro lado, e talvez

fosse melhor dizer ao lado disso, estratégias que recompõem a semelhança, que fazem do livro uma sombra persistente. Por exemplo, o tradicional e frequente uso dos grandes formatos: se o *in-folio* ao longo do século tenderá a declinar, o *in-quarto* e *grande in-octavo* tornam-se comuns a livros e periódicos, sem dúvida por condicionamentos técnicos de fabricação do impresso que ambos compartilham. Mas nesse momento histórico em que se vêem envolvidos fortemente em interferências recíprocas, ainda cabe à anterioridade da esfera do livro dar a medida. E verdade que na introdução à sua **Historia da imprensa no Brasil**, Nelson Werneck Sodré assinala o aparecimento, em meados do século XIX e nos Estados Unidos, de diários com dimensões 'próprias', por assim dizer (4). Entretanto, esse dado não faz outra coisa que nos advertir sobre a complexidade do processo, isto é, sobre a impossibilidade de estabelecer-se uma cronologia linear ou de supor que se está diante de uma relação inequívoca e mecânica. Ao contrário, tanto os fenômenos que tendem expressar formas de intercâmbio e de contaminação entre diversas modalidades e modelos do impresso, quanto aqueles que tendem a introduzir princípios de discriminação (fatos concomitantes e que se orientam em sentido duplo, já que as publicações periódicas emulam amiúde certos padrões livrescos, enquanto o livro popular, por sua vez, serializa-se e periodiza-se sob a forma do fascículo), traduzem a instabilidade de um período histórico no qual se estão explorando, definindo ou redefinindo as incumbências de cada

um dos componentes do campo impresso em sua totalidade (5). Dado que meu interesse aqui consiste justamente em sublinhar aqueles signos materiais que deixam entrever formas de contiguidade, de deslizamento ou de contágio, vale a pena lembrar que *El Progreso* se inclui na família de periódicos de pequeno formato, a mais comum em meados do século XIX. Não poucas vezes o destino destas publicações regulares acabava por confundir-se, ou melhor, refluir, à sua matriz primeira. Comparativamente pequenos, independentes mas, no entanto, 'coleccionáveis' - prática em muitos casos estimulada pelas próprias folhas que se propunham como objeto de acumulação - os diários e revistas da época, especialmente estas últimas, adquiriam corpo e unidade por meio do recurso à encadernação. Capa e costura fechavam numa unidade de apresentação o que antes fora solto, outorgando-lhe uma presença outra. De certo modo, o diário retornava ao livro.

No ensaio já mencionado de Catherine Bertho, a autora sustenta nesse sentido que "desde 1830, o jornalismo é um animal híbrido que tange ao mesmo tempo o mundo da edição clássica e o da imprensa - um pouco como o romance folhetim religa o mundo do livro ao do jornal - e isso não ocorre sem conflitos" (6).

Miniaturizando a indecisão da superfície que o enquadra e da qual forma parte, sua duplicidade de sinais e de usos,

o folhetim desloca-se entre os pólos extremos da fugacidade e da permanência, do fragmento e da totalidade, do solto e do avulso ao volume. E destaquemos que esse vaivém dá-se tanto desde o ponto de vista da composição textual quanto gráfica. Com efeito, configurado a partir de uma unidade molecular que exige peremptoriamente ser renovada (a *entrega*) o folhetim compartilha a transitoriedade e a transitividade do resto, por assim dizer, da página periódica, submete-se ao mesmo tipo de exigência, reproduz sua lógica e seu ritmo: dia após dia, ao pé da página, ou o que é menos usual, em suplemento independente, obriga-se à promessa de algo novo. Assim, a princípio, se poderia afirmar que seu tempo de leitura, de interesse, de consumo e, na maioria dos casos, mesmo seu tempo de produção, no pontual de cada capítulo, de cada parte, de cada segmento, seguem de perto o que rege o diário em seu todo. Porque, temporal e materialmente balizada e parcial, a *entrega*, exemplar avulso ou fascículo, é também um produto perecível, efêmero, de curto prazo. E contudo, precisamente por ser parte de uma série, fração recuperável numa instância maior e ulterior composta por adição de termos, o folhetim pode alcançar, ao final de seu caminho, a unidade da obra, desenlace extremamente frequente. Mas, para além de que se concretize ou não esse destino último, importa não esquecer que o *folhetim-romance* demarca os contornos de um 'volume virtual'.

Ao estudar os primeiros passos do folhetim, Knibiehler e Ripoll enfatizam a heterogeneidade do material inicialmente publicado sob essa designação (7). Com efeito, confundindo-se com o que logo iria tornar-se seu perfil característico, os folhetins de *La Presse* ou os de *Siècle* alternam, durante certo período, estudos de costumes, variedades, resenhas teatrais, ensaios sobre literatura nacional ou estrangeira, relatos de viagem, artigos sobre física, moral, indústria, etc. Daí os referidos autores acabarem por concluir que "a ficção não tomou posse do folhetim senão pouco a pouco" (8). Longe de contar com uma política preparada de antemão com respeito ao que incluir e como fazê-lo, nessa nova rubrica, homens como Girardin e Dutacq demoraram algum tempo até assegurarem-se do interesse comercial de folhetim-romance. E outro tanto ocorreu obviamente com os próprios escritores. Assim, para Knibiehler e Ripoll, os passos iniciais do folhetim foram de fato menos retos e unívocos do que costumam supor os historiadores da literatura. Tateios, ensaios e sucessivos descartes, seriam a marca dos primeiros anos. Marca que se traduziu, reitero, em heterogeneidade.

Assim, por um lado, e refletindo as incertezas de seus primeiros estágios, um variado leque de discursos, onde a

não-ficção 'tem lugar', no duplo sentido de 'ocorrer' e de 'encontrar espaço', precisamente no lugar que acabaria por transformar-se em sinônimo de ficção. Por outro, e reforçando o livre trânsito de formas e de gêneros na superfície da página, fenômenos curiosos como o aparecimento do primeiro romance de Balzac a ser publicado por *La Presse*, *La vieille fille*, não na seção folhetim, mas no corpo do diário. Ou a apresentação da série de folhetins históricos de Dumas, na qual o autor jacta-se de não estar escrevendo romances.

Em meio a este panorama heteróclito e móvel, os folhetins franceses vão delineando, no entanto, um núcleo fundamental de preferências e inclinam a balança a favor do *histórico*. Mas não somente, ou não desde o princípio, a favor do folhetim-romance de tema histórico, fórmula que de fato com o correr do tempo passaria a finalmente impor-se sobre as demais. Num primeiro momento (1836-40), as formas explicitamente romanceadas da história convivem lado a lado com outras formas de narrativa histórica. Por exemplo, e configurando um conjunto não menos importante e numericamente significativo, com "crônicas de vulgarização que podem tratar de uma época, um homem, um lugar" (9).

Somando-se ao propósito de "vulgarização", a política do dia: comandadas na seleção de sua matéria e no tratamento dispensado pelos interesses 'atuais' de diários e leitores, as crônicas são um espelho do presente, sob pretexto de retratarem o passado. Justapondo-se ao arcabouço histórico,

deslizamentos em direção ao ficcional: voltadas para o anedótico, simulando restituir a história íntima e viva dos homens de outrora, "as crônicas se metamorfoseiam em novelas" (10).

Romance histórico/história romanceada. A disjuntiva, que ainda não é tal, ou não completamente, dado o movediço das fronteiras entre ambos, torna-se objeto de acaloradas discussões precisamente no folhetim de *La Presse*. Advogando a favor da solução romanesca, Frédéric Soulié; optando pela solução histórica, Alexandre Dumas:

"Em 7 de julho de 1836, Frederico Soulié coloca o problema do romance histórico em termos muito claros que testemunham uma assimilação séria das contribuições de Walter Scott. O povo tem necessidade de conhecer seus ancestrais; ora, o romance, à diferença da história tradicional, pode proporcionar um conhecimento concreto: "A vida de uma nação bem vale a dos seus maiores heróis, e, como a deles, ela parece-nos que merece ser revelada sob todos seus aspectos, merece ter sua história e suas memórias. Mas as memórias de uma nação são, absolutamente falando, uma coisa impossível; porque deveriam abranger todas as ações de todos os indivíduos que a compuseram. E preciso, portanto, ou que se decida ignorar este aspecto da vida de um povo, ou que se permita representá-lo através de personagens que concentrem em si o interesse, as paixões, os costumes, os preconceitos de uma época" (...). A atitude de Dumas é sensivelmente diferente: como Soulié, ele proclama a necessidade, para os franceses, de conhecerem seu passado, e deplora a secura da história tradicional; mas não aceita o romance, que é falso. Segundo ele, é preciso inspirar-se em relatos de testemunhas dos acontecimentos, dos antigos cronistas, dramatizando os relatos; é preciso encenar as figuras marcantes de uma época, de modo a fazer reviver as peripécias mais importantes; "Aquele

que cumprisse essas condições, teria portanto superado dois obstáculos, visto que a verdade, ganhando um corpo e uma alma, seria rigorosamente observada, e visto que nenhum personagem de imaginação viria se misturar aos personagens reais, que desempenhariam entre eles somente o drama da história" (11)

....

O que ocorre enquanto isto com o resto da página periódica, e em especial, com o *espaço informativo*? Com quais fórmulas se expressa a *notícia* - ou o que hoje concebemos como tal -, e que tipo de temporalidade a rege? Como se relaciona com os textos que a circundam?

Sem dúvida, até meados do século XIX ela ainda encontra-se muito distante da suposta precisão, exatidão e impostura objetivista a que nos tem habituado a linguagem jornalística. Sem dúvida, nem a quantidade, nem o espectro abarcado, nem a disposição gráfica, muito menos o estilo do discurso informativo possuem semelhanças com os de hoje em dia. Em primeiro lugar, o espaço reservado ao que poderíamos qualificar como *notícia* é comparativamente pequeno e relativamente 'anárquico' quanto à sua organização, o que equivale a dizer que normalmente não conta com repartições gráficas ou coordenadas que distribuam seu conteúdo em seções fixas, do tipo notícias municipais, provinciais, nacionais, internacionais, etc. O que até certo ponto decorre precisamente do volume limitado de informação

circulante, fato que, em certa medida, torna ocioso um ordenamento dessa natureza. E sobretudo, explica-se ainda pelo caráter instável, e em certas ocasiões mesmo fortuito, dos mecanismos que asseguram o acesso aos acontecimentos distantes. Pois, para romper o estreito círculo do próximo, a imprensa necessita um sistema regular de correspondentes externos, de certo porte e, principalmente, capaz de celeridade em matéria de transmissão. E, *strictu sensu*, nenhuma dessas condições poderia ser preenchida com plenitude durante o período que nos ocupa, muito menos ainda na periferia do sistema. É certo que a agência internacional Havas, pioneira que por muito tempo permaneceria única em atividade, abre suas portas em 1832; mas ela ainda dependerá durante várias décadas basicamente dos correios, postilhões especiais, pombos-correios, etc. Também é verdade que a invenção do telégrafo, conquista técnica que acabará por oferecer uma solução definitiva a esses inconvenientes, data de 1837; mas o desenvolvimento, expansão e emprego sistemático da rede telegráfica pela imprensa só se dará muito mais tarde. Portanto, e como consequência dessa ordem de coisas, o panorama informativo dos primeiros decênios do século XIX vê-se sujeito a duas restrições concomitantes: a do espaço coberto e a do tempo de seu fluxo.

Para fazer frente às restrições espaciais - para saber o que ocorre mais além -, os jornais da época irão recorrer, na maioria das vezes, à leitura de outros jornais ou

inclusive à sua tradução e transcrição literal. Fenômeno que ao mesmo tempo que exprime a precariedade das estruturas de suporte, demonstra sobretudo que o contato e a observação diretas, de primeira mão, ainda não havia se constituído em bem precioso, em garantia de verdade *sine qua non*. Como também, que é exatamente através desse jogo de remissões recíprocas e de assistências mútuas que os jornais do período irão construindo, pouco a pouco, um regime de verossimilhança interna, por assim dizer. Para fazer frente aos atrasos, demoras, anacronismos involuntários e interrupções abruptas, à imprensa não restará outra alternativa que não seja a de aguardar a evolução e barateamento de certas técnicas, cujo uso transcende os marcos da atividade jornalística ainda que encontrem em seu domínio uma de suas aplicações mais importantes. No entanto, enquanto esse obstáculo manteve-se intransponível, também o 'presente' pôde manter-se mais alargado, abarcando culturalmente uma extensão maior, ainda não reduzido aos acontecimentos da véspera ou da antevéspera. Noutras palavras: as restrições convivem e ainda sustentam, a contragosto, uma concepção mais aberta e dilatada do presente, algo assim como um *presente ampliado*.

Disposição, variedade e *tempus* diferentes dos de nosso século. Também no que respeita às fórmulas expressivas, nos deparamos com diferenças: cláusulas vagas nas quais campeia o rumor, a conjectura ou o relato referido por terceiros ("Se diz que...", "Um viajante apresentou-se nesta redação

para nos dizer que...), certa eloquência muito pouco impessoal, certa verbosidade estranha aos princípios de brevidade, economia e concisão que mais tarde passariam a reger a linguagem informativa de imprensa (12). Em sumário raros os traços que se tornariam definidores de uma hipotética dicção factual, assim como de não menos hipotéticas neutralidade ou transparência com relação aos eventos registrados. Ainda que a caminho, a hora da "veneração do fato" (13) não souou todavia, nem conquistou o centro da página periódica. Ainda indecida a busca incerta, algo errática, de protocolos de enunciação 'adequados' e de um ritmo de circulação mais célere, os fatos são e permanecerão por um bom tempo, matéria de debate.

Sobrepondo-se à palavra balbuciente desse código em gestação, um leque de discursos fortemente miscigenados para os quais informar, formar, vulgarizar e difundir, discutir ou opinar, não se constituem em operações separadas, mas sim num conglomerado de funções estreitamente vinculadas entre si. São esses discursos, em definitivo, os que desempenham o papel protagônico na imprensa do período. E deve-se a eles, em última instância, a coloratura preponderantemente ensaístico-dissertativa dos diários da época. Ora incumbidos de lecionar a seus crescentes leitores sobre questões de natureza doutrinária, histórica ou cultural, ora assumindo a missão de promover práticas e costumes privilegiados pelo século, ora mais virulento e

imediatista em seus propósitos, o periódico é ao mesmo tempo tribuna, escola, compêndio do passado e arquiteto do amanhã. Ou melhor: se quer tudo isso e solicita para si uma dignidade semelhante, ainda que não idêntica, a dos discursos socialmente reconhecidos como portadores ou disseminadores de idéias - o que equivale a dizer que, por outras vias, volta a filiar-se uma vez mais à tradição livresca.

Assim, se o diário toma para si o encargo dos fatos é antes de tudo para submetê-los à análise, para torná-los objeto de polêmica ou trampolim para considerações de outra ordem: para fazer deles um ponto de partida, não de chegada, nem de fechamento do sentido. Nesse contexto, os `lugares de verdade' são antes de tudo `lugares de razão'. Razões construídas, e que tenderão, ou mais precisamente que `já' tendem a ser reificadas. Mas que, por ora, solicitam o concurso visível de argumentos e de estratégias probatórias, de uma retórica convocada a convencer. Até meados do século XIX, a língua jornalística não se coagulou, nem se confinou ainda no padrão/notícia.

## II. Primeiros passos, primeiras decepções.

Em 9 de julho de 1839 inaugura-se em San Juan o *Colegio de señoritas de Santa Rosa*, instituição fundada e dirigida pelo jovem Domingo Faustino Sarmiento. Pouco depois, em 29 de julho do mesmo ano, aparece o primeiro número do periódico **El Zonda**. Principal mentor e responsável, o recentemente designado diretor da Imprensa Oficial (e única) da província: Domingo Faustino Sarmiento. Contrastando com o ímpeto inicial, a frustração e o fracasso quase imediatos. Primeiro, a exoneração do cargo na imprensa dois meses depois de o ter assumido. Algumas semanas mais tarde, a liquidação definitiva de **El Zonda** - "que morreu um mês e meio após, fazendo testamento"- e posterior prisão do escritor. Razão alegada pelas autoridades: débito para com o fisco provincial no valor de 26 *reales* correspondentes a impostos de edição. Razão alegada por Sarmiento: pena inflingida em virtude de sua crescente dissidência para com o partido governante, de extração federal. Sobrevivendo provisoriamente ao cataclismo, uma única empresa, o colégio.

Para além do desenlace negativo, a quase simultaneidade do duplo gesto - fundar uma escola, criar um periódico -, deixa entrever, como ressalta Paul Verdevoye (14), uma preocupação *sarmientina* surgida desde cedo e que se tornará recorrente: a preocupação por ensinar valendo-se

de todos os recursos disponíveis, em especial, da "pena e a palavra", tal como reza o hino que muito depois seria redigido em sua honra. Mas deixa entrever também um vínculo que transcende o mero dado pessoal e nos informa acerca de uma época em que ambas as *praxis* caminhavam lado a lado. Ou ao menos, nisso se acreditava e a isso se aspirava.

Animado pela intenção de "provocar incêndios regeneradores" ou de arrastar em seu curso "areisco e sujeira" como o vento que lhe dá nome; tão "impetuoso" e "molesto" como ele; querendo-se um "refrescante banho" de efeitos salutareos para a população *sanjuanina*, **El Zonda** mal chegará a cumprir seus objetivos na curtíssima existência que lhe coube (15). Seu valor, acima de tudo, é de caráter simbólico, tanto no que respeita à intenção de ser agente de mudanças e à dignidade de sua missão, como no que concerne à modernidade com que sonha ou vislumbra, sem chegar a concretizá-la. Assim, nos seis números a que se viu reduzida a breve trajetória do periódico, contradizem-se ou entrechocam-se duas séries discursivas: a que remete ao plano da idealidade e a seus propósitos - ao que **El Zonda** afirma ser o deseja ser - e a que arruina o sonho, trazendo à tona limitações efetivas e obstáculos reais - a que remete ao que **El Zonda** "é", a seu ambiente de inserção e aos motivos que provocaram seu desaparecimento. Vozes desencontradas que testemunham um duplo desajuste: se ao definir seus postulados o diário proclama-se inovador, cosmopolita e de vastas projeções, na hora de executar esses

princípios mostra-se provinciano, tradicional, convencional; se, apesar de sua cautela, de sua pacatez e provincianismo, desagua no fracasso, é porque para o meio no qual surge representa, de fato e paradoxalmente, um empreendimento inovador. Inovador, incômodo ou 'sem sentido'. Em todo caso, sem uma base de sustentação que o torne viável e lhe garanta um mínimo de continuidade.

Menos próximo de seu modelo, particularmente o parisiense, do que espera ou quer; mais distanciado de seu ambiente e circunstâncias do que supôs ou esperou em seus primeiros dias, que foram também os últimos. Dupla distância que se traduz em desventura dada a ler nos artigos de *El Zonda*.

### *III. Um ensaio de definição*

Sob o título de *Periódicos*, aparece nos números 4 e 5 de *El Zonda* (10 e 17 de agosto, respectivamente), um ensaio consagrado a definir o papel social da imprensa cotidiana, assim como também algumas de suas características formais mais salientes. Presume-se, apesar da maioria do material publicado ser majoritariamente não-assinado, o que se constituía então numa prática usual, que o texto seja de autoria de Sarmiento. A presença de certos traços que passariam a ser reconhecidos como sua marca registrada, a

própria obsessão com o tema, que se desdobrará ulteriormente em outros inúmeros artigos, validam essa atribuição já consensual.

Abrindo o ensaio, uma pergunta insistente: "Que é, pois, um periódico?":

"Uma mesquinha folha de papel, cheia de retalhos, obra sem capítulos, sem prólogos, abarrotada de bagatelas de momento." (16)

Somatória de fragmentos ou "retalhos" não ordenáveis segundo os tradicionais postulados de continuidade e consecutividade; pedaço de papel feito de cortes e interrupções abruptas, sem "capítulos" nem "prólogo"; amontoado de "bagatelas de momento" que "no dia seguinte não interessam mais a ninguém": eis aí a lógica que preside à organização desse novo organismo cujo horizonte de definição, ainda que de maneira opositiva e negativa, segue, não obstante, sendo ditado pelo regime hierárquico do livro. Espécie de não-livro ou de atentado a seus atributos de permanência e organicidade; tal é, em primeira instância, a natureza do periódico.

No entanto, "examinando-o melhor", a partir de outro ângulo, "Que é, pois, um periódico?", "que mais contém?":

"Notícias de países desconhecidos, longínquos, cujos sucessos não podem interessar-nos, cujos resultados não têm nada em comum conosco, cujos homens são para nós de todo indiferentes. *Uma batalha na Espanha - A questão Holando-Belga - Preparativos da Rússia - ... Caiu o ministério Molé em França - Lê-se no Times - Assuntos da Suíça*"... - Isso cansa, que importa tudo isso? Eu não sei onde é a Suíça..." (17)

Associando-se à caracterização de uma forma, o anúncio de um primeiro feixe de conteúdos, o dos 'sucessos' do mundo. Mundo ignorado ou visto como exterioridade que urge aproximar e dar a conhecer, formulação conjunta de uma matéria e de um propósito. Porque de fato, se o leitor 'não sabe onde', se lhe é indiferente 'quem' ou 'como', cabe à imprensa sanar essa falta. Passeio informativo e formador pela superfície vasta e vária do planeta e dos fatos - segunda característica do periódico, que "contém além do mais" ... "passagens de literatura, retalhos de romances, contos às vezes divertidos, às vezes insípidos e monótonos ...sei lá eu que outra mixórdia de coisas desconexas..." (18).

Por fim, e respondendo pela quarta vez a uma pergunta que ao enunciar o que "contém" insinua o que "é", um periódico estampa " ...*Decretos de Governo - Avisos da Polícia - Sessão do dia tal da Junta de Representantes - Denúncias de Terrenos do Estado - Comunicados - Movimento do Cárcere - (...) Estatística - Morrem, nascem, casam... vacinação... entram... saem - Estado que apresenta a Tesouraria das Rendas do Estado - Comunicações oficiais - Projeto de lei para ... basta!* que isso é um periódico" (19). Do que se deduz *sarmientinamente* que um periódico é "tudo":

"Um periódico é, pois, tudo, o Governo, a Administração, o povo, o comércio, a junta, o bloqueio, a Pátria, a ciência, a Europa, a Ásia, o mundo inteiro, tudo. Um periódico é o homem, o cidadão, a civilização, o céu, a terra, o passado,

o presente, os crimes, as grandes ações, a boa ou má administração, as necessidades do indivíduo, a missão do governo, a história contemporânea, a história de todos os tempos, o século, o presente, a humanidade em geral, a medida da civilização de um povo. 1000 diários são publicados na América do Norte! 1000 jornais se agitam diariamente para instruir o *peão lavrador...*" (20)

"1000 diários" na América do Norte, "1000" na Inglaterra, "800" na França. "Diários" sem cifras, mas sem dúvida numerosos na Alemanha, Holanda e inclusive espanhóis. "Diários" (cabe conjecturar em quão menor número) do Chile ou Buenos Aires ...E em San Juan? um único periódico, **El Zonda**. Pior ainda, um único periódico que mal havendo começado (e depois de demonstrar que um periódico é "tudo"), tem de descer do pedestal e interrogar-se por suas condições de existência, obrigando a uma volta abrupta sobre o que antes fora dito. Porque "...3 números do **El Zonda** foram publicados, e o que neles se viu? Sandices de rapazes, pintando o atraso do país: sublevando o amor-próprio de todos" (21). Porque desde o início se fazem sentir os efeitos de "um axioma que os homens maduros propagam, e repetem, e o que há de mais doloroso ainda, o mesmo o fazem os jovens sem experiência: EM SAN JUAN NAO NADA DURA" (22). Porque, então, e retornando sobre o caminho e desfazendo sua euforia inicial, nos vemos na obrigação de perguntar "pode estabelecer-se um periódico em San Juan?" (23). "Deixemos, pois, ao tempo e aos *sanjuaninos* resolver a questão" (24). Mas para ajudar o tempo,

"Convidamos aos jovens para que se subscrevam, não, já, para nos dar do que viver,

visto que renunciemos em favor da Imprensa os nossos ganhos, mas para ter em seus quartos um periódico, que possa servi-lhes de alguma coisa, que possa ser relido de quando em quando. Os cidadãos podem, ao comprá-lo e difundi-lo no país, fazer esse serviço a mais a sua pátria e à civilização" (25)

Transitando da oratória exaltada ao convite/pedido - compre-nos, por favor! - , assim termina *Periódicos* e também, três números mais tarde, o próprio *El Zonda*. Incrédulos ou hereges, os *sanjuaninos* não souberam, ou não quiseram escutar a palavra do Messias. Pois "Somente os que renegam seu Deus, sua poderosa vontade, patente na marcha que só ele imprimiu aos séculos modernos, podem ser surdos à voz do salvador da sociedad: a Imprensa" (26).

Ir e vir da condição híbrida, heterogênea, estilhaçada, por conteúdo e forma, à visão englobante -um periódico é "tudo". Ir e vir da representação de um presente imediato, do acontecimiento do "momento", ao tempo que a tudo abarca (um periódico é "o passado, o presente, ... a história contemporânea, a história de todos os tempos"). Semelhante ir e vir com relação aos protocolos de leitura: o periódico como receptáculo do intranscendente e perecível, do que "no dia seguinte a ninguém interessa", mas assim mesmo do que "pode ser relido de quando em quando". Nesta espécie de vaivém ou oscilação constante entre os pólos do fragmento e da totalidade, do variado e do uno, do fugaz e do perene, Sarmiento pensa o periódico. Corta e desfaz cada folha em

mil pedaços para mais tarde declará-lo um todo, reconhece-o a princípio efêmero para logo conferir-lhe permanência, o diminui à condição de "bagatela" para logo proclamá-lo "unidade de medida da civilização de um povo", mensagem redentora, de certo modo, e em concordância com seu *analogon*, Bíblia do século XIX. Fende-se o modelo e volta-se a ele: entre esses limites Sarmiento ensaia a definição dessa entidade incerta.

....

Se se deslocam as interrogações *sarmientinas* (que é, pois, um periódico? que mais contém?) em direção à concretude da folha que as cerca, que ao mesmo tempo é e contém *El Zonda*, o desajuste torna-se mais que manifesto. A idealidade do artefato construído no discurso esmigalha-se contra o solo em que pisa e onde não consegue medrar: o periódico onímodo e abstrato míngua, retrai-se e empobrece, transformando-se num espelho da realidade que o circunda, de suas carências, insuficiências e limitações. Muito pouco ou quase nada do anunciado em *Periódicos* condescende à ação ou materializa-se em *El Zonda*. Quase nada do "todo" predicado transmigra ou faz-se corpo na superfície de suas páginas. Em seu lugar, e contrariando o que era esperado (ou não), um breviário de bagatelas provincianas: *Apertura del colegio de*

*pensionistas de Santa Rosa* (primeira e segunda partes, n\ 1 e 2); *Correspondencia*, contendo críticas a *El Zonda*, a seus editores e a seu tom, ou bem solicitando uma definição da palavra "século", empregada com muita frequência por esses mesmos editores (assinam: *Un Gurdo*, *Don Serio*, *Josefa Puntiajudo*, n\ 2 e 3); algumas vagas informações sobre o país vizinho ("Chile: por cartas daquela República sabe-se...") ou sobre o movimento do cárcere e a população de San Juan (n\ 3 e 4); algum artigo destinado a estimular na região a criação do bicho-da-seda ou o desenvolvimento da mineração (*Moreras*, *Minas*, ambos no n\ 5); uma promessa de "gratificação" a quem leve à redação do periódico o segundo volume do *Traité complet de L'agriculture*, de Rosier (no mesmo número); um ensaio condenando a ignorância e preguiça locais (*Las tapias tienen orejas*, n\ 4); um conto histórico-didático-moral sobre o estado de abandono e prostração em que jaz a cidade (*La Pirámide*, n\ 6); alguns avisos de compra, aluguel ou venda, e além disso, proliferando por toda parte, reaparecendo insistentemente a cada novo exemplar, textos que anunciam e denunciam a falência inelutável do periódico *sanjuanino*: *Bancarrota* (n\ 2), *O no leer El Zonda o comprarlo* (n\ 3), *Estadística del Zonda* (n\ 4), *Interesante*, e por fim, *Testamento*. Assim, despediu-se, entre bem-humorado e rancoroso, de seus escassos leitores: "Fim do tomo I. *Encadernem vocês*".

#### IV. *A revanche.*

O desterro (1840), as primeiras lutas na imprensa chilena, a duradoura proteção de Manuel Montt, presidente do país vizinho a partir de 1842. Transcorridos três anos, ficam para atrás as desventuras *sanjuaninas* e o *sanjuanino* embarca noutras tantas aventuras: Diretor da *Escuela Normal de Preceptores* (1842), Acadêmico da *Facultad de Filosofia y Humanidades* (1843), ativo colaborador de **El Nacional** e do **El Mercurio**, de Valparaíso, mais tarde redator do **El Progreso**, de Santiago de Chile, diário lançado em primeiro de novembro de 1842 e cujo *Prospecto* reedita, com algumas variantes, todo um conjunto de motivos tematizados por **El Zonda** - "Oh! uma capital sem um diário nestes tempos de publicidade e de vida jornalística, não é uma cidade, nem uma capital, nem nada. E o que diremos dos que podendo não se tornam subscriptores?" (27).

Desta vez, no entanto, subscriptores e autoridades, particularmente estas últimas, acodem ao chamado e dão apoio à empresa. Assim, ainda que as sombrias considerações acerca da ausência de uma "sociedade de leitura", as queixas, a auto-exaltação desmedida ou o insistente das artimanhas destinadas a captar leitores, reprisem o drama já vivenciado por **El Zonda**, testemunhando a similaridade de situações existentes em ambos os lados dos Andes, não é menos verdade que **El Progreso** se distânciava e se distinguiu

de seu paupérrimo parente. Introdução, mesmo que limitadíssima, de recursos gráficos; ampliação e diversificação de `fontes`, o que comporta, amiúde via tradução direta, uma ampliação e diversificação correlata de tópicos tratados; importação de novidades mais ou menos recentes como a seção folhetim. De artigos sobre *La Revolución obrada por el vapor*, sobre *Los Correos*, *La Iglesia y el Estado*, *La navegación y colonización del Estrecho de Magallanes*, ou sobre *La instrucción pública*, estampados no alto da primeira página (ali onde mais tarde se passaria a publicar as grandes notícias do dia), a textos sobre as origens e tratamentos da loucura (*Las casas de locos*), *Los surdomudos*, *Los revolucionarios de Italia* ou *La situación actual de Grecia*, todos tomados de empréstimo à *Revue de Deux Mondes*, e publicados seriadamente sob a rubrica **Sección Literaria**. Biografias de homens célebres (do Conde Arana a Franklin ou Frei Félix Aldao), junto a `notícias` vagas sobre regiões distantes ("Rússia: mantém com sucessos vários há anos uma obstinada e sangrenta guerra com os circasianos") ou junto ao **Boletín Americano** (no qual, por exemplo se lê: "*República Argentina*. Lemos no **Jornal do Comércio** de 7 de maio: Assegura-se que vieram ofícios do Paraguay para o consul do Brasil, e que antes de chegar às mãos do consul passaram pelas de Rosas. *Carta particular*") (28).

No que diz respeito ao folhetim, cujo programa Sarmiento formula em artigo de 10 de novembro de 1842,

identica flutuação de gêneros ou variedades discursivas e superposição de funções: "moda", crônica de "tertúlias, concertos e reuniões" (algo semelhante às modernas colunas sociais), "crítica teatral", "ensaios literários, biografias e artiguinhos de costumes" saídos da pena de "nossos jovens", "resenhas bibliográficas". Mas também, "... e como nem todos os dias terão os aficionados pano para cortar, nem a tessoura é coisa a ser manuseada sem tom nem som, estaremos na segunda feira na *Sociedad de Agricultura*, na terça feira fazendo uma breve exposição dos trabalhos que ocuparam a sessão, chamando a atenção do público, sobre os desvelos dos ilustrados patriotas que tantos bens preparam a seu país; prestando-lhes essa ajuda, que não é pequena, para que seus trabalhos não venham a ser silenciosamente sepultados no esquecimento do **El Agricultor**, que circula com menos difusão do que merece, talvez por falta de um farol como nosso diário, que o torne visível" (29). "E quando isso nos falte, laçaremos mão dos folhetins que embelezam as páginas dos diários franceses e espanhóis de maior nomeada... porque isso de *ce feuilleton ne pourra pas être inserée*, que portam os diários franceses, é grego para nós e não o entenderemos jamais" (30). Por isso, alternando com as sessões da *Sociedad de Agricultura*, *La fisiología del paquete* ou um ensaio sobre *Los estudios históricos en Francia* (ambos de nosso autor), Saladin, Dumas e George Sand.

....

Em primeiro de maio de 1845 aparece, na terceira página de **El Progreso**, a conhecida carta em que Sarmiento formaliza o pedido de publicação de **Facundo**: "Tenham V.S. a bondade de franquear-me as colunas do folhetim para dar à publicidade esses meus manuscritos que podem, pela raridade de certos detalhes, interessar aos leitores. ... Um interesse de momento, premente e urgente no meu juízo, me faz traçar rapidamente um quadro que...". A partir do dia seguinte, com algumas interrupções e uma ligeira mudança no formato do periódico até a última publicação ser feita, começam a suceder as entregas (31).

Inegável que as circunstâncias 'precipitam' e norteiam a execução de **Facundo**, que são responsáveis diretas por seu caráter exaltado e beligerante; em resumo: que **Facundo** é concebido como resposta e intervenção a um contexto de momento, como arma contra o "monstro" e seu enviado. Neste sentido, é oportuno ressaltar que, de modo especial nas primeiras extrações da série, todo um conjunto de outros textos lhe fazem coro, igualmente apontando sob diversas perspectivas para a presença de tais circunstâncias. Assim, por exemplo, o artigo que abre a edição de 8 de maio trata dos *Verdaderos intereses del agente que Rosas puso entre nosotros* ("Há homens cândidos que pensam..."), edição que, além disso, transcreve em sequência de várias páginas outra "carta particular" na qual se afirma: "Continuamos sempre

sob a mesma impressão de insegurança e terror...". Dias mais tarde, o diário publica em sua primeira página um texto com o eloquente título de *La cinta colorada*. Da mesma forma, não pouco do que é pilhado em publicações estrangeiras presta-se a servir como caixa de ressonância ou *analogon* (ao fim e ao cabo também Grécia e Italia debatem-se contra a "tirania"). Não obstante, e para retomar as observações realizadas no começo deste capítulo, o que interessa assinalar aqui é que, se por um lado as circunstâncias são precipitadoras, por outro lado, a estrutura do que fora veículo primeiro de *Facundo facilita* e até certo ponto estimula o modo de execução adotado. Em outros termos: trata-se de um suporte material que não apenas é permeável ou permissivo com relação à estrutura do texto, é também congruente com ele, por isso a existência de um no outro, de *Facundo* na imprensa periódica (também porque a falta de uma "sociedade de leitura" potencia este *modus operandi*. Impossível esquecer que muitos de nossos "livros" fundadores apareceram na imprensa periódica, que boa parte de nosso *corpus* literário encontrou aí seu lugar primeiro).

Sobre a superfície de uma página que não produzira ainda divisões rígidas entre passado/presente, fático/crítico, informativo/formativo, etc. (divisões sem dúvida convencionais, mas não por isso menos efetivas), sobre uma superfície que não possuía ainda uma disposição compartimentada e estável, que em mais de um sentido desconhece fronteiras ou cujas fronteiras ainda são móveis,

a hibridez e polivalência de **Facundo**, longe de ser anômala, 'faz sentido'. E, insisto, coerente e congruente com seu contexto mais imediato, sem que isso necessariamente signifique determinação de um pelo outro, mas antes homologia e sintonia entre ambos. De modo que já não apenas a urgência ou seu rasgo panfletário estariam em relação com o meio de publicação escolhido. A própria miscigenação de **Facundo**, tantas vezes assinalada pela crítica a título de excepcionalidade singularizadora, adquire outra dimensão quando revista à luz deste contexto, quando a discussão em torno da hibridez se vê subtraída do círculo fechado da 'obra' ou da bipolaridade, certamente nada taxativa na época, discurso literário/discurso histórico, e passa-se a indagar, ao contrário, da organização e textura desse seu *hábitat* primitivo. Feito o trabalho do qual essas linhas constituem apenas um prolegômeno, dirimida a virtual interação, diálogo e correspondência entre o demarcado e o marco, entre **Facundo** e a imprensa do período, se poderá então recolocar, quem sabe parcialmente renovada, a pergunta/lugar comum da crítica acerca da atipicidade do texto. De um texto que transmigrara celeremente, sem traumas e com escassos retoques, do jornal diário ao livro.

V. *Segundas considerações: fisonomia da mudança*

De fato, quando se publica **Facundo** o sistema da imprensa periódica já havia começado a sofrer uma série de transformações substanciais. Mudança em curso que acabará afetando as características, distribuição e ordenamento das linguagens empregadas pela imprensa, o papel profissional e a imagem social dos sujeitos vinculados a essa *praxis*, seus pilares organizativos, técnicos e econômicos, o tipo de relações estabelecidas com os demais âmbitos editoriais, suas respectivas incumbências e respectivos produtos. Em suma, mudança que cristalizará na emergência de uma nova estrutura, cujos contornos só se tornarão nitidamente perceptíveis e diferenciados cinco, seis ou mesmo sete décadas mais tarde. Previsivelmente, os primeiros sinais desse processo dão-se onde o sistema alcançou seu maior grau de desenvolvimento e extensão: Inglaterra, França, Estados Unidos. Previsivelmente, não se trata de manifestações puras *ab initio*, nem que de um dia para outro passam a adquirir caráter dominante: os novos traços convivem, e conviverão por muito tempo, contaminando-as e contaminando-se, com formas plenamente vigentes ao longo de todo o século passado. No entanto, a rigor, ao findar o século as forças responsáveis por este reordenamento geral já se articularam num conjunto de tendências visíveis e principiaram a fazer sentir seus efeitos.

Com ritmos e particularidades que variam segundo as circunstâncias, este processo também se dá em países como Chile, México, Argentina ou Brasil, entre muitos outros. Como origem ou memória, pano de fundo ou pretexto negativo, parte dele deixando suas marcas em **Os Sertões**, servindo de contraponto ao volume euclidiano.

Vários fenômenos podem ser apontados como indicadores dessa mudança que se opera, *grosso modo*, durante a segunda metade do século XIX, em especial entre seu último quartel e as primeiras décadas do século XX. Em primeiro lugar, o paulatino mas irreversível deslocamento do jornalismo doutrinário, de opinião, ao jornalismo de cunho informativo, da divulgação e debate de idéias ao registro de acontecimentos - ou melhor: a aparição mesma de uma língua do acontecimento e de sua unidade de base, a *notícia*. Correlato desta transferência de ênfase é o cuidado crescente por aceder à informação *in situ*, cuidado que, no caso da França, Amboise-Rendu considera uma autêntica novidade, e uma das principais inovações introduzidas pelo semanário *L'illustration*, fundado em 1843 (32). Assim, por um lado, tendência a aliar o que passa a ser concebido como uma forma de 'contato direto' com a veracidade, confiabilidade ou caráter fidedigno da informação 'recolhida'. Por outro, e somando-se a esta aliança,

tendência a acelerar o tempo de transmissão, circulação e consumo dos 'dados', processo que pressupõe, por sua vez, o concurso de dispositivos técnicos. Daí a afirmação, ainda que algo excessiva, de Alberth e Terrou, segundo a qual "o campo de informação da imprensa, depois de 1850, acompanha exatamente a ampliação da rede de cabos telegráficos" (33).

Em estreita correspondência com os procedimentos e recursos emergentes, o progressivo aparecimento de uma nova figura, de um novo tipo sócio-profissional. Com efeito, em fins do século XIX, segundo Amboise-Rendu no já mencionado artigo, "assiste-se à morte do "jornalista pontífice", como descrito por Paulin, isto é, de um jornalista que era antes homem de pena ou homem de escritório, que homem de terreno, ao passo que desponta uma nova silhueta, a do repórter" (34).

Dois fundamentos encontrados regulam a atividade desta espécie em formação: o repórter se desloca até o lugar dos acontecimentos para dar fé, para testemunhá-los, mas também, por sua vez, e contraditoriamente, para apagar-se ou anular-se enquanto sujeito de um discurso. Como se proximidade e contato fossem fatores de veracidade somente sob a condição de que se expurguem as marcas pessoais, e a voz e o corpo tornem-se transparentes, ventrílocos falados pelos fatos. O que supõe, desde logo, produzir outro sistema de marcas, o da 'impessoalidade' e seus 'enunciados objetivos'. Desta ótica, vale a pena ressaltar mais uma vez o papel desempenhado pelos instrumentos disponíveis, assim como

também por suas condições históricas de uso: serviço inicialmente de alto custo, e que continuaria a sê-lo por um longo período, baseado na relação preço/palavra, o telégrafo acabará por favorecer a formulação de uma "gramática abreviada", tal como a denomina Egger, por habituar ao exercício do corte, da supressão, da poda (35). Este laconismo inicialmente forçado, fundamentalmente por motivos de ordem econômica, logo se tornará sinônimo de discurso 'factual'. Mais 'evidente' e mais impositiva ainda em seu suposto mutismo, a fotografia documental completará a empresa, ao mesmo tempo em que se tornará o aparelho de desenvolvimento de outro novo *métier*, o de repórter fotográfico (36).

Certamente, nem a função/palavra do "jornalista pontífice" desaparecerá de todo, nem a do repórter ocupará a totalidade do jornal diário, e nem, menos ainda, as funções/palavras de um e outro deixarão de mesclar-se em mais de uma oportunidade. Mas a linguagem informativa tende a ganhar espaço, forçando com isso a uma renegociação geral, onde cada discurso deve definir seu lugar, seu estatuto, seu nível. Nessa trajetória, o outro que se expande, ganha terreno e *aggiorna* sua dicção - ou melhor talvez fosse dizer, o outro que cria pela primeira vez uma dicção e estratégia específicas -, é a linguagem publicitária.

Jornais diários maiores e com um número maior de páginas; segmentação crescente de conteúdos a partir de parâmetros cada vez mais estáveis, o que acarreta tanto a

construção de uma rede de seções fixas, quanto sua fixação a nível gráfico; surgimento dos primeiros títulos, imagens, notícias e propagandas de características 'modernas'. Cada um desses novos elementos traduz na concretude da página o processo de transformação em curso e relaciona-se, por sua vez, a outras tantas transformações de natureza econômico-organizativa: adoção de uma estrutura de tipo empresarial, emprego de máquinas com maior capacidade de tiragem, multiplicação do número de redatores, correspondentes, postos de comercialização, etc. Processo que não envolve somente a rearticulação das práticas e discursos circulantes no interior da imprensa periódica, mas a totalidade do campo do impresso; e que ao alterar fortemente as características, hierarquia e posição do que se estampa nos diários, provoca repercussões muito além de seus limites.

....

Com frequência tem-se apontado o papel significativo das conflagrações bélicas na evolução do jornalismo, em especial com relação a alguns dos fenômenos indicados. A guerra da Criméia, a de Secessão, a gesta independentista cubana ou a primeira guerra mundial, se nada engendraram de inédito em matéria jornalística, estimularam e aceleraram imensamente a adoção de determinados procedimentos. Com a

guerra faz-se sentir vivamente a necessidade de despachar correspondentes ao campo de batalha e de acompanhar os sucessos dia após dia. Com a guerra vulgariza-se o que Euclides da Cunha chamará "a língua seca dos telegramas" (a rigor, o telégrafo chega a certas latitudes precisamente em razão das estratégias de combate). Com a primeira guerra mundial, introduz-se sistematicamente o instantâneo fotográfico documental em diversas publicações periódicas.

No Brasil, "a guerra de Canudos se não inaugurou deve ter intensificado extraordinariamente a praxe jornalística de dispor enviados no local dos acontecimentos" (37). Produto dessa intensificação: os numerosos textos publicados no **Diário de Notícias** e no **Jornal de Notícias**, ambos de Salvador; os textos do capitão Manoel Benício para o **Jornal do Comércio**, de Fábila Nunes para a **Gazeta de Notícias**, de Hoche para **O País**, de Alfredo Silva para **A Notícia**, ou os aparecidos no **Jornal do Brasil**, todos do Rio de Janeiro; ou os poucos textos sobre os momentos finais da guerra publicados em **O Comércio de São Paulo**. A todo este material, hoje de fácil consulta graças à paciente tarefa de recompilação feita por Walnice Nogueira Galvão, devem se somar as cartas, artigos e telegramas de Euclides da Cunha para **O Estado de São Paulo**, republicados ulteriormente sob o título de **Diário de uma Expedição** (38).

Interessante em si mesmo por oferecer um panorama das distintas visões e versões da guerra - versões de tonalidade bastante análoga, exceção feita talvez a um Manoel Benício

-, o mencionado *corpus* poderia, num estudo de outra índole, prestar-se ao traçado de um mapa da imprensa brasileira da passagem do século tomando como ponto de partida um episódio de extrema relevância no plano histórico, mas também no estritamente jornalístico. Várias das observações feitas por Walnice Nogueira Galvão em seu ensaio introdutório mereceriam, de fato, ser retomadas a partir dessa perspectiva. Entre outras, a que assinala a reutilização de matrizes expressivas e padrões tipográficos oriundos do registro informativo, por parte da linguagem publicitária da época (39). Repertório de gêneros e fórmulas de abordagem disponíveis no período, suas respectivas regras de emprego, de combinação ou intercâmbio, e sua distribuição no espaço gráfico; suas semelhanças e diferenças com respeito ao jornalismo da fase precedente: tal o objeto desse hipotético trabalho, no qual a produção acerca de Canudos operaria como critério de corte.

As linhas que se seguem oferecem um esboço extremamente rudimentar de *O Estado de São Paulo* nos dias da luta. Não constituem, de modo algum, o resultado de uma investigação exaustiva; não são sequer um preâmbulo ao referido estudo. Estabelecem somente umas poucas coordenadas eventualmente aproveitáveis para uma reflexão sobre a experiência euclidiana, para inquirir o que se põe em jogo na passagem do correspondente ao escritor, do 'circunstancial' e 'efêmero' ao 'perene' e 'monumental', da notícia do dia à

sua conversão em objeto de uma palavra histórica - indagação que vai do diário ao livro.

#### *VI. Forma e figura de outro diário de província.*

Fundado em 1875 como *A Província de São Paulo*, rebatizado *O Estado de São Paulo* quando da República, e de vocação republicana desde suas origens segundo Juarez Bahia, *O Estado* está há mais de duas décadas nas ruas quando estoura o conflito de Canudos (40). Longevidade que denota uma mudança em relação à curtíssima e acidentada trajetória de *El Zonda*, ou em relação ao futuro incerto de *El Progreso* em seus primeiros anos de vida, motivo das constantes queixas e alarmes de seu redator. Ainda que provinciano, *O Estado* aparenta-se, se comparado ao jornalismo argentino, com *La Prensa*, *La Nación* ou *La Capital* de Rosário, nomes que emblematizam a passagem de "uma frágil estrutura individual, improvisada e provisória, para as mãos de uma organização familiar, sólida, solidária, permanente, convergente em seus interesses de classe" (41).

A estabilidade e crescimento dessas empresas familiares corresponde, a outro nível, a estabilização de uma ordem que cristaliza em forma e crescimento dos conteúdos abarcados, dando-se a substituição da paisagem "anárquica" e relativamente móvel das seções e artigos de *El Progreso* por uma paisagem disciplinada em unidades fixas e de teor

pronunciadamente informativo. As oscilações se vêem reduzidas de maneira drástica. A cada novo exemplar, o leitor se depara com as seguintes seções: *Agência Havas* (onde encontramos as notícias internacionais organizadas por países e que, eventualmente, podem ainda aparecer sob rubricas alternativas como *Telegramas* ou *Os Nossos Telegramas*), *Jornaes do Rio* (seleção de notícias nacionais e internacionais extraídas dos periódicos cariocas), *Municipaes* ou *Os Municípios* (subdivididas, por sua vez, em cidades), *Notas e informações*, *Notícias Diversas* ou *Notas Várias* (leque verdadeiramente variado estendendo-se das publicações oficiais, nomeações, decretos, ao *fait-divers* de crimes e 'casos' memoráveis), *Cartas Literárias* (ensaios, comentários e resenhas), *Sport, Palcos e Circos* (espetáculos), *Falecimentos*, *Anúncios* e/ou *Avisos Comerciaes*, *Folhetím*, *Secção Livre* (cartas de leitores e, eventualmente, publicidade). Completando a grade, e distribuídos ao longo das primeiras páginas segundo critérios de atualidade, relevância e interesse, títulos sintéticos como *Canudos*, *A política do Marechal*, *Banquete político*, *Assassinato*, *Instalação do Telégrafo Baudet no Brasil*, etc. (mas também, e dando lugar a textos de natureza muito distinta, títulos como este: *Relatório apresentado ao SR. Presidente da República pelo Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas*).

Comparado às magras dimensões de **El Progreso** (com apenas quatro páginas de quatro colunas cada uma). O Estado

é uma espécie de gigante, variando entre seis e oito páginas por exemplar, com páginas de oito colunas, tamanho ligeiramente maior que o dos diários atuais. Cotejado com o regime polivalente e indeciso do primeiro, pode-se dizer que o segundo *dispõe*, já com bastante rigor, de um certo número de temas e campos discursivos, por sua vez desdobrados numa série de subcampos, que discrimina e distribui suas linguagens e assuntos num esquema regular (fenômeno que eventualmente poderia sugerir um prolongamento por outras vias, em virtude de outras necessidades e num espaço outro, da pulsão taxinômica-classificatória da passagem de século). Se em **El Progreso** as notícias são raras e tardias (limitação no aspecto quantitativo e pronunciado *décalage* no temporal), **O Estado** nos reporta a uma fase que conjuga incremento do volume informativo com redução dos seus tempos de transmissão, consumo e conseqüentemente vigência. No primeiro dos casos, as `restrições` redundam no que, à falta de uma denominação mais exata, chamei de *presente ampliado*: a atualidade, aqui, não é necessariamente o hoje, nem o ontem, as manifestações do passado mantêm vínculos ativos e visíveis com as mais recentes. No segundo caso, o crescimento do volume informativo e celeridade tendem a restringir a dimensão do `presente`, a confiná-lo no pontual do sucedido ontem, lido hoje. O tratamento ensaístico-dissertativo dá o tom dominante em **El Progreso**, o de **O Estado** é dado pelo padrão notícia. No **EL Progreso**, a figura do redator polivalente, "jornalista pontífice" acima

de tudo, mas também crítico de teatro, cronista local, tradutor-compiler-divulgador do que lê em periódicos e revistas estrangeiras, etc. etc. etc. Em **O Estado**, um corpo profissional sem dúvida modesto, mas que pressupõe uma paulatina divisão de trabalho intelectual, de lugares enunciativos, com rotinas e normatizações mais explicitadas, permissões e proibições "internas" ou provindas do contexto público de existência do jornal. Estado de coisas que torna plausível e mesmo esperada, para ele mesmo e para o público, a peregrinação de Euclides da Cunha ao sertão de Canudos, a presença de um enviado especial que vá, veja e diga o que ocorre, se possível dia a dia, do próprio epicentro da guerra. Ali, espera-se ou supõe-se, com a guerra à vista, que não haja lugar para o erro.

Se no lapso de tempo que separa **El Progreso** de **O Estado de São Paulo** operam-se uma série de "progressos" na imprensa periódica, isso não significa que as transformações tenham chegado ao ponto de suprimir a familiaridade entre um e outro. De fato, a reconfiguração não é absoluta e dependendo do ponto de vista escolhido é possível ora acentuar, ora atenuar os contrastes apontados. Enumero alguns exemplos: o Euclides que escreve os dois artigos intitulados *Nossa*

*Vendéia*, antes de partir para Canudos, encontra-se, em mais de um sentido, bastante próximo de Sarmiento. Não apenas escreve à distância acerca do que não viu, como aventura hipóteses explicativas, propõe causas, vaticina desenlaces, arenga, pontifica, etc. Tudo isso, não obstante, em 'versão abreviada' e em seu 'devido lugar', porque já existe outra economia e administração do espaço na imprensa (esses artigos dizem, além disso, muito do que seu livro mais tarde deverá desdizer). Por seu turno, o Euclides correspondente, certamente um correspondente de circunstância, assume dois papéis paralelos e desdobra sua palavra em dois registros diferentes, se não mais. De um lado, o registro "seco", preso à anotação factual do jornalista-repórter que se limita a dizer-nos: "Bahia 20 ( 6 hs. 10' urgente). Um dos batalhões da brigada Girard foi atacado pelos jagunços ao atravessar o Rancho do Vigário. Consta que dois alferes foram mortos e quatro praças feridos. O ataque foi facilmente repellido" (O Estado de São Paulo, 21 de agosto de 1897). Por outro lado, e muitas vezes ao lado do anterior, compartilhando a mesma página, está o Euclides dos artigos e cartas, um jornalista-escritor - ou melhor, um "engenheiro-letrado" que só se terá a si mesmo como "escritor" depois do êxito estrondoso de *Os Sertões* (42)-; um jornalista-escritor-principiante, então, que alterna as dicções do entrevistador (artigos de 19 de agosto e 26 de setembro), do analista político-social (artigos de 15 e 23 de agosto, entre outros), do explorador científico (textos de 1, 2, 5,

9 e 10 de setembro), do cronista de viagens (descrições de Alagoinhas, Tanquinho, Queimadas, Monte Santo, etc., textos que por momentos se tornam independentes de seu propósito central e propõem uma espécie de passeio à curiosidade algo mais do leitor), ou a dicção, por fim, do contador de histórias-quase-contos (*Um episódio da luta*, publicado em 18 de agosto). Neles, a "língua seca" se umedece e adquire fluidez (sem chegar a transgredir seu pacto com a "maneira breve" que lhe impõe o meio), os temas ganham elasticidade e amplitude, extravasam: neles ensaiam-se no direito, e mais frequentemente no avesso, alguns tópicos do livro por vir.

A coexistência dessas formas e seu exercício simultâneo por parte de um único sujeito remetem a uma fase de transição, e mesmo de indecisão, onde não pouco do que precede se conserva e prolonga, ainda que não pouco do novo já se anuncie. Aqui, por razões estratégicas, preferiu-se ler o que mudou - entre Sarmiento e Euclides, o periódico e o livro.

### *VII. Passagens.*

No princípio, um engenheiro-letrado-debutante e sobretudo republicano convicto, para quem a imprensa é tribuna, ferramenta, formadora de opinião. É esse o homem que adere à hipótese da conspiração restauradora, escreve e dá a público os dois artigos intitulados *Nossa Vendéia* (O

Estado de São Paulo, 14 de março e 17 de julho, respectivamente). E esse o homem que, à maneira *sarmientina*, animado por uma concepção *sarmientina* da imprensa, da missão e usos da pena e da palavra, 'precipita-se' a desvendar o enigma de Canudos. Para tanto, volta seus olhos para atrás e para fora, ou melhor, em direção aos que relataram ou historiaram uma 'reação' comparável. A chave ou chave da interpretação, que muito bem poderia ser de Sarmiento, e já se anuncia no título (como a civilização e a barbárie no título de **Facundo**), é dada pelo símile Vendée/Canudos. O modo de execução e seu lugar na superfície da página, o tratamento dos textos e sua localização, são ditados pelo próprio estado da imprensa cotidiana. Um regime que não abandonara, nem se desvestira de todo, e de certa forma jamais o fará, de seu espírito *sarmientino* (entendido como uma atitude de época, não como pura manifestação idiossincrática). Um regime que, no entanto, transformou-se o suficiente para impor certas normas construtivas ou gerenciar distintamente as linguagens e gêneros que o compõem. Na tendência que se anuncia, no novo regime que se perfila, o ensaístico-dissertativo ao invés de proliferar e de expandir-se *sarmientinamente*, encolhe-se. Outra linguagem prepara-se para conquistar o território da imprensa periódica e o segundo homem, o Euclides repórter ou enviado especial, participará da empresa. O homem do princípio, para escrever precisava apenas de um ideário, uma espécie de esquema mental capaz de tudo decifrar, ou quase tudo, e de

alguns livros de referência. O homem que vai para Canudos, o que participa de um ideário que torna necessária e lógica sua própria ida, esse homem vai para ver sem mediações e reproduzir sem mediações (entendendo por isso, que evidentemente o Euclides repórter e seus telegramas funcionam muito mais como emblema de uma atitude de época e de seu estado de coisas, do que como realidade empírica). Ocorre que a língua do visto corta o fenômeno no que este possui de mais superficial, circunstancial e perecível, o disseca limitando-o ao episódico. Esta língua que se desfaz (simula fazê-lo) de todo esquema mental, é a de um empirismo que se projeta e prolonga por outros modos nos protocolos enunciativos da notícia. Ainda que por outros meios, ela integra, não obstante, o mesmo imaginário que, por exemplo, governa o discurso científico da época.

A este segundo homem, o repórter que vai e vê, se lhe desfaz (não de todo) o esquema do primeiro e se lhe arruina a utopia do segundo. Muito cedo o enviado testa os limites enganosos de uma visão que é versão, adverte de seus vaivéns, de suas virtuais inverdades. Mas, no entanto, na 'movência' da notícia, equívocos e vaivéns são esquecidos ou se apagam: a notícia é o 'efêmero' por definição, o que não chega a articular-se em memória, o que prende a "atenção" por "uma hora" ou "por um dia" para logo caducar, morrer ou ser substituído por novas notícias (43).

O segundo homem vai para ver e descobre os espelanismos da visão. Talvez por isso sua língua se paralise e cale. Volta sem compreender.

Em cinco anos, a passagem do que outrora fora 'notícia' à dignidade da dupla condição de objeto histórico e matéria literária. Literatura que se deve entender como *beletrismo* ou *bem-dizer*, mas ao mesmo tempo como *dizer da verdade*, ou melhor, como perseverança na busca de uma verdade fugitiva, como um prosseguir, por outros meios, na busca iniciada anos atrás. Para isso, ou se se quiser, para 'voltar a fracassar,' o terceiro homem deverá *contra-dizer* - não de todo - o primeiro e o segundo. Em cinco anos, a imortalização do episódio Canudos e sua quase imediata ascensão à dignidade de cifra de "nossa nacionalidade" (ou mais precisamente, de uma de suas facetas ignoradas ou ocultas) por obra e graça de um livro. É certo que houve outros, o que sugere a existência de condições favoráveis (a quê? a edificar uma memória coletiva com os restos da guerra? a sepultar o que Canudos representava de presente no mito heróico-tradicional do "patrício retardatário"? a chamar a atenção para os desencontros e impasses de uma república prematuramente fracassada?). Contudo, nem o romance de Afonso Arinos -esta sim, literatura entendida

como 'pura ficção', nem *O rei dos jagunços*, de Manoel Benício, concretizaram essa passagem (44). Por certo é difícil imaginar qual teria sido o destino de Canudos sem *Os Sertões*, e desde logo de todos os sertões-desertos que a partir daí povoaram as letras brasileiras (45).

Na passagem, a "língua seca" (ou não tão seca mas relativamente breve, comedida, amordaçada pelas solicitações do meio) torna-se verborragia poligráfica, intento de um "consórcio ciências/arte" que mobiliza a documentação acumulada ao longo daqueles anos e como que a cose num *continuum* que já não poupa palavras. Talvez porque a busca da verdade exige de Euclides da Cunha o uso de todas as palavras/saberes disponíveis em seu tempo (46).

A palavra de ordem, agora, no volume projetado entre o "cálculo de flexão de uma viga" e "as parcelas aritmeticamente chatas de um orçamento", é monumentalizar. E com isso, obviamente, monumentalizar-se. Nessa perspectiva é interessante observar como Euclides da Cunha constrói sua *persona* de escritor a partir e em torno de *Os Sertões*, não antes (47).

Livro-monumento que *tudo* contém e diz, ou ao menos assim o deseja: também aqui o *analogon* bíblico pareceria se impor. Não obstante, e à diferença de Sarmiento, a evocação do paradigma bíblico remete, neste caso, a um deliberado 'retorno a', e uma deliberada 'permanência na' tradição livresca: adoção do livro dos livros, e sobretudo do livro como 'bem supremo' de uma determinada cultura, enquanto

modelo a ser seguido. Do outro lado, uma palavra duplamente 'corrupta' à qual essa tradição busca resistir ou contra a qual reage: a palavra da imprensa periódica, verbo corrompido porque falso e mentiroso em sua 'precipitação' e imediatismo, mas também no sentido de bastardo, barateado, de segunda ordem ou dignidade inferior (48).

Na passagem ao livro, o escritor *contra-diz* o jornalista, erige um monumento para sua cultura e para si. Mas, para não ser, ou por não ser, um mero 'esteta do desastre', Euclides da Cunha voltou a contradizer-se. Escreveu, novamente, artigos jornalísticos nos quais volta a pontificar denunciando as condições infra-humanas de existência nos seringais amazônicos ou a arquitetar o "plano de uma cruzada" contra a seca. Seguiu sonhando com livros 'de verdade' que não pôde escrever, com 'romances históricos' dos quais, segundo ele, o Brasil carecia e precisava. Seguiu sonhando com "fixar sua posição no mundo", com cargos que não ocupou, com reformas e projetos 'civilizadores' nos quais, apesar da desilusão e das suspeitas, apostou até o final, e não pôde ver realizados. De algum modo, sonhou em ser Sarmiento, mas não teve tempo, nem era tempo. De algum modo, é nosso semelhante, e sua nostalgia da fé e do ímpeto *sarmientinos* bem poderia ser a nossa.

## NOTAS

(1) Exceções à regra são os trabalhos de Guillermo ARA (*Las ediciones de Facundo*, in *Revista Iberoamericana* N 46, 1958), Elizabeth GARRELS (*El Facundo como folletín*, in *Revista Iberoamericana* N 143, 1988) e Paul VERDEVOYE (*Sarmiento, éducateur et publiciste*, Paris, Institute de Hautes Etudes de L'Amérique Latine, 1964).

(2) EGGER, E. *Histoire du livre depuis ses origines jusqu'à nos jours*, Paris, Hetzel, 1898, pág. 142.

(3) *La concurrence de la Presse*, in *Histoire de L'Édition Française. Le temps des éditeurs. Du Romantisme à la Belle Époque* (orgs. Henry-Jean MARTIN e Roger CHARTIER. Paris, Promodis, 1985), pág. 399.

(4) WERNECK SODRE, N. *História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. cfr. Introdução, em especial págs. 3 e 4.

(5) Sobre esta problemática cfr. MENEZES QUADROS, J. *Estereotípias*, Tese de mestrado, UNICAMP, 1993.

(6) op. cit. pág. 400.

(7) *Les premiers pas du feuilleton: chronique historique, nouvelle, roman*, in *Europe. Revue Littéraire Mensuelle* N 542, 1974.

(8) ibidem pág. 7.

(9) ibidem pág. 8.

(10) ibidem pág. 10.

(11) ibidem págs. 11-12.

(12) O papel desempenhado pelo telégrafo enquanto promotor de uma "gramática abreviada" foi claramente assinalado por Egger, que no estudo já mencionado afirma: "O telégrafo elétrico pode transmitir à vontade páginas inteiras de escrita, mas esse gênero de transmissão é muito caro: é preciso contar as palavras quando cada palavra a mais faz subir o preço de um telegrama. Qualquer um que escreva um

despacho esfuerça-se em consequência por reduzi-lo ao número de palavras estritamente necessárias. Foi formando-se, assim, uma espécie de gramática abreviada para uso desse gênero de comercio epistolar" (op. cit. pág.168).

(13) A expressão, citada na *Histoire Générale de la Presse Française* (dirs. BELLANGER, C; GODECHOT, J; GUIRAL, P; TERROU, F; Paris, PUF, 1969, tomo II, pág. 155) pertenceria a Balzac.

(14) op. cit. págs

(15) Crf, *El Zonda, su programa* (El Zonda, N 1, 20/7/1839), in *Páginas selectas de Sarmiento* (orgs. PALCOS, A.; FERNANDES, J.R.; CASSAMI, J.) Buenos Aires, Comisión Nacional de Homenaje a Sarmiento, 1938, págs. 19-27.

(16) "Una mezquina hoja de papel, llena de retazos, obra sin capítulos, sin prólogo, atestada de bagatelas de momento". SARMIENTO, D. F. in *Escritos Diversos* op. cit. pág.12.

(17) "Noticias de países desconocidos, lejanos, cuyos sucesos no pueden interesarnos, cuyos resultados nada tienen en común con nosotros, cuyos hombres nos son del todo indiferentes. Una batalla en España - La cuestión Holando-Belga - Preparativos de Rusia - Cayó el ministerio Molé en Francia - Se lee en el Times - Asuntos de Suiza... - Esto cansa, qué importa todo esto? Yo no sé dónde es la Suiza". ibidem pág. 12.

(18) ibidem pág. 13.

(19) ibidem pág. 13.

(20) "Un Periódico es pues, todo, el Gobierno, la Administración, el pueblo, el comercio, la juntam el bloqueo, la Patria, la ciencia, la Europa, el Asia, el mundo entero, todo. Un periódico es el hombre, el ciudadano, la civilización, el cielo, la tierra, el pasado, el presente, los crímenes, las grandes acciones, la buena o mala administración, las necesidades del individuo, la misión del gobierno, la historia contemporánea, la historia de todos los tiempos, el siglo, el presente, la humanidad en general, la medida de la civilización de un pueblo. 1000 diarios se publican en Norte América. 1000 prensas se agitan diariamente para instruir al peón labrador". ibidem pág. 13.

(21) ibidem págs. 15-6.

(22) ibidem pág. 18.

(23) ibidem pág. 17.

(24) ibidem pág. 20.

(25) " Invitamos a los jóvenes a que se suscriban, no ya para darnos de que vivir, pues hemos renunciado en favor de la Imprenta los producidos, sino para que tengan en sus cuartos un periódico que pueda servirles de alguna cosa, que puedan releer de vez en cuando. Los ciudadanos pueden, comprándolo y difundiendo en el país, hacer ese servicio más a su patria y a la civilización". *ibidem* pág. 21.

(26) *ibidem* pág. 15.

(27) *Prospecto* in **El Progreso**, N 1, 1/11/1842, pág.1. Com relação aos tópicos abordados neste capítulo, interessam especialmente os seguintes textos do autor aparecidos nesses anos: *El diarismo* (in **El Nacional**, 15 y 29/5/1842); *La publicación de libros en Chile* (**El Mercurio**, 10/7/1841); *Sobre la lectura de periódicos* (**El Mercurio**, 4/7 y 7/8/1842); *Suscriptores* (**El Progreso**, 11/11/1842), *Nuestro folletín* (**El Progreso**, 10/11/1842) *Al oído de las lectoras* (**El Progreso**, 10/12/1842).

(28) **El Progreso**, 8/5/1845, pág. 3. Vale a pena recordar que a primeira das três biografias de caudilhos escritas por Sarmiento, a de Frei Félix Aldao, foi publicada na *Sección Correspondencia* de **El Progreso**, entre 10 e 17/2/1845.

(29) *Nuestro folletín*, in **El Progreso**, 10/11/1842 (*Obras Completas, Artículos críticos y Literarios. 1842-53*, tomo II. Paris, Belin Hnos. edit. pág.2)

(30) *ibidem* pág. 3.

(31) **El Progreso** muda de formato em julho de 1845. No dia 6 desse mês um anúncio adverte a seus leitores que: "O *Facundo* não entrará na nova edição do Diário pelos embaraços que causaria aos que querem conservá-lo, o fato de tê-lo em 2 fascículos distintos. Sabendo que não restam senão 2 ou 3 capítulos por publicar, os daremos em suplementos do tamanho dos números anteriores a esta data".

(32) *Du dessin de presse à la photographie (1878-1914): histoire d'une mutation technique et culturelle*, in **Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine**, tomo XXXIX, 1992, pág. 7.

(33) **História da imprensa**, São Paulo, Martins Fontes, 1990 (trad. do francês, 1ª ed. 1970), pág. 34.

(34) *op. cit.* pág. 9

(35) *op. cit.* pág. 168.

(36) A propósito da evolução deste recurso, Amboise-Rendu assinala:

"Desde 1890, a superioridade da fotografia, por sobre toda outra forma de documento iconográfico, como instrumento de reportagem, havia sido afirmada: "Não há o que discutir a respeito de tal ou qual ponto histórico quando o cliché está aí, e representa com uma fidelidade inegável as cenas que se deseja relatar" (R. LECUYER, *Histoire de la photographie*). Mas restrições técnicas e mentais limitavam ainda o desenvolvimento. Os aperfeiçoamentos técnicos dos aparelhos e dos suportes da imagem permitem generalizar a intervenção de fotógrafos nos lugares da ação. Pouco a pouco, os repórteres trocam seus cadernos de desenho e seus lápis pelos aparelhos fotográficos. A partir de 1903, Pierre Lafitte lança *Excelsior*, primeiro cotidiano francês ilustrado, concebido a partir do modelo dos jornais anglo-saxões.

Na véspera da Grande Guerra, a era dos desenhistas e gravuristas em madeira parece encerrada. A fotografia acaba de entrar nos lares e nos costumes. Nenhum órgão da imprensa ilustrada poderia prescindir dela. Esta mutação da iconografia jornalística comporta três séries de interrogações quanto a suas consequências.

Primeira interrogação, aquela que concerne à renovação da função da imagem na imprensa. A intrusão da fotografia relega as qualidades tradicionais da ilustração -a beleza e em consequência a sedução imediata- para um segundo plano, em proveito de novas exigências, tais como a riqueza informativa, o caráter inegável da imagem? Se é o caso, é a própria natureza da informação iconográfica que sofre uma transformação sobre a qual é conveniente se debruçar. A informação iconográfica (fotografada) passa por objetiva: é julgada, pelo menos numa primeira análise, mais crível, sem pensar que ela contribui às vezes para a dramatização do evento. As razões da coexistência dos dois tipos de ilustração até os anos vinte, as questões técnicas que ela envolve, e a influência possível do desenho sobre a concepção e a composição das ilustrações fotográficas merecem também ser objeto de uma análise atenta.

Segunda consequência da utilização crescente da fotografia, a que concerne ao próprio jornal. A forma de publicação, seu formato, sua paginação, sua disposição, não cessaram de ser afetadas pela irrupção de um novo tipo de documento iconográfico. O conteúdo da informação escrita (tom dos artigos, tratamento dos temas) foi contaminado por esse novo estilo?

Emfim, esta mutação técnica suscitou um certo número de transformações sociais: a extinção de duas profissões, as de desenhista e gravurista de imprensa; o nascimento de outra, a de repórter fotográfico" (op. cit. págs. 8-9)

(37) NOGUEIRA GALVAO, W. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais*, 4a. edição. São Paulo, Atica, 1974 pag. 109.

(38) *Diário de uma expedição. Cartas, artigos e telegramas de Euclides da Cunha para O Estado de São Paulo.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.

(39) Transcrevo *in extenso* alguns exemplos ilustrativos e comentários da autora sobre este tópico:

"A guerra de Canudos movimentou igualmente o mercado de Salvador: e os comerciantes bahianos puseram em prática o apelo de vendas *Canudos* com grande senso de oportunidade e de humor (que alguns mais suscetíveis podem chamar de humor negro). Na página de anúncios do *Jornal de Notícias*, da Bahia, edição de 11 de setembro de 1897, aparece este:

#### CANUDOS NA PONTA!

"E a loja Primeiro de Setembro na pontíssima,  
a queimar fazenda por todo preço.

Não se admirem!"

Recurso mais eficiente, como publicidade, é inserir os anúncios na primeira página, onde apareciam diariamente as notícias da guerra, de modo que o incauto leitor é levado a ler o texto antes de se dar conta de que é um anúncio. E o que ocorre com este, que saiu na primeira página do *Jornal de Notícias*, da Bahia, na edição de 5 de junho de 1897:

"A vitória da quarta expedição foi devida ao nome Moreira César posto nos chics chapéus de feltro, para homens, que tem a loja *Mateus*, a 18\$000."

Que leitor resistiria a ler, quase quatro meses antes do término da guerra, um texto jornalístico iniciado pelas mágicas palavras "A vitória da quarta expedição?" Outras vezes, o anúncio é encimado por um título destacado e em caixa alta, bem em evidência na primeira página, como este que surgiu no *Diário de Notícias*, da Bahia, na edição de 24 de julho de 1897:

#### CANUDOS

#### AO ALCANCE DE TODOS

"Um côvado de seda 1\$600!  
Um corte de vestido de  
seda 24\$000!

APROVEITEM! APROVEITEM!

## LOJA MAGARÃO"

Um desses comerciantes, o dono da loja *O Monumento*, deve ter tido um departamento de publicidade extremamente criativo, como diriam publicitários de hoje. Seus anúncios, além de serem espirituosos, acertam sempre quanto à composição interna, quanto ao lugar que ocupam na primeira página, e quanto ao episódio ou pormenor da guerra que está sendo ventilado no momento. Quando o assunto palpitante era o desembarque em Salvador, por via marítima, do canhão *Canet* vindo do Sul para ser enviado a Canudos por terra, surge este anúncio, não só na primeira página, mas ainda começando na primeira linha da sexta coluna, logo abaixo do cabeçalho do jornal, no *Diário de Notícias*, da Bahia, de 31 de julho de 1897:

## "O CANHAO CANET

que aí vai chegar, com o seu diâmetro de 10 centímetros e o seu calibre superior ao 32, não causará o espanto que causa o variado sortimento de calçados baratos da grande loja

## O MONUMENTO".

Mas a obra-prima do Departamento de Publicidade da loja *O Monumento*, pelo aproveitamento que faz do estilo noticioso e sua integração ao que se quer anunciar, o que só se percebe no último momento da leitura, é este anúncio, surgido no centro da primeira página da edição de 12 de agosto de 1897, do *Diário de Notícias*, da Bahia:

## ESPANTOSO

Por pessoas, recentemente chegadas de Canudos, ouvimos o seguinte:

Que no último ataque, um grupo de valentes soldados, depois de ter esgotado a munição, lembraram-se de correr a pontapés os conselheiristas, confiados na resistência do calçado que foi comprado na popular casa *O Monumento*.

Que feliz idéia!..."

(40) Literalmente "nas ruas", posto que "A Província de São Paulo, em 1875, inova encarregando o ajudante de impressor, Bernard Gregoire, de vender o jornal nas ruas com buzina e montado num cavalo" (JUAREZ BAHIA, *Jornal, História e Técnica. Uma História da imprensa brasileira*. São Paulo. Atica, 1990 (4ª ed., pág. 16). Da mesma forma, trata-se do primeiro jornal diário de São Paulo a vender exemplares avulsos (ibidem pág. 75), isto é, que acresce aos assinantes regulares um público de leitores ocasionais, mas importantes do ponto de vista numérico.

Sobre a história e perfil do jornal cfr. também WERNECK SODRE, N. op. cit. págs. 260 e seguintes.

(41) JUAREZ BAHIA, op. cit. pág. 81.

(42) carta a Araripe Júnior de 9/3/1903 (in **Euclides da Cunha. A seus amigos**. op. cit. pág. 88).

(43) *Os Sertões*, pág. 367.

(44) A propósito de *O rei dos Jagunços* e seus eventuais pontos de contato com *Os Sertões*, cfr. AZEVEDO, S. *O rei dos jagunços: uma fonte esquecida de Os Sertões*, in *Remate de Males* N 13, 1993. págs. 31-44.

(45) Desnecessário recordar a esta altura que o presente trabalho se move dentro dos limites de uma produção cultural pertencente ao chamado registro "erudito". O destino de Canudos na cultura e na literatura populares, seus encontros e desencontros com a outra, mereceriam por si sós um estudo detalhado.

(46) Sobre o "consórcio ciências/arte" cfr. carta a José Verissimo de 3/12/1902 (in **Euclides da Cunha. A seus amigos**, op. cit. págs. 79-81).

(47) Numerosos exemplos dessa súbita mudança de papel podem ser encontrados em sua correspondência. Cito apenas um: "Porque no dia seguinte, eu -que até então era um engenheiro-letrado, com o defeito insanável de emparceirar às parcelas dos orçamentos as idealizações da Arte- *era um escritor, apenas transitoriamente desgarrado na engenharia*" (carta a Araripe Júnior de 9/3/1903, in op. cit. pág. 88. Os *itálicos* são meus).

Com o passar do tempo, e ante à impossibilidade de "fixar sua condição no planeta" como escritor, tudo aquilo sem o qual Euclides da Cunha não seria o que foi e o que fez dele um polígrafo, tenderá a ser visto com outros olhos: "Ao meu lado -enquanto não se fixar minha posição no planeta - apenas os estúpidos livros profissionais (...) Estou lendo Emerson -E um training do espírito. Para desemperrar-me, o trapézio maravilhoso do maior dos metafísicos na Arte. Somente assim me libertarei por algum tempo da miserável ilusão científica, onde a hipocrisia da Verdade se mascara

de fórmulas presumptuosas e traiçoeras" (carta de E. da Cunha a seu amigo Vicente, ibidem. páge 214-5).

(48) "Um editor portuguez reuniu uns vinte artigos meus, despegou-lhes o titulo de "Contrastes e Confrontos", pediu um prefacio ao Bruno, e arranjou um livro que dentro de 15 dias aqui chegará. Não será bem um livro... Tais artigos são uma especie de filhos naturais do espirito" (carta de E. da Cunha a su amigo Escobar del 31/12/1907, ibidem pág. 201).

## BIBLIOGRAFIA

Obras de Domingo Faustino Sarmiento:

SARMIENTO, D. F. **Argiro**polis (1850), Bs. As. La cultura Argentina, 1916.

----- **Artículos críticos y literarios** (1841-1842), Obras, Bs. As. Belin hermanos editores, 1909.

----- **Conflictos y armonías de las razas en América** (1883), Bs. As. La Cultura Argentina, 1915.

----- **Cuatro Conferencias. Espiritu y condiciones de la Historia en América. La doctrina Monroe. Darwin. Bibliotecas populares**, Bs. As. Jackson, (sem data).

----- **Facundo o Civilización y barbarie** (1845), Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1977.

----- **Facundo** (trad. brasileira de Carlos Maul), Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938, 2da edição.

----- **Los caudillos. El general Fray Félix Aldao. El último caudillo de la montonera de los llanos: el Chacho**, Bs. As. Jackson, 3ra. ed. 1945.

----- **Páginas Literarias**, Obras, tomo XLVI, Bs. As. A. Belin Sarmiento editor, 1900.

----- **Páginas populares**, Bs. As. Iconograf ed. 1962.

----- **Páginas selectas**, Bs. As. imprenta Mercatali, 1938.

----- **Recuerdos de Provincia** (1850), Bs. As. CEAL, 1980.

----- **Viajes** (1849), Bs. As. editorial de Belgrano, 1981.

Sobre a obra de Sarmiento:

AREA, L.; PARODI, C.; *Escritura y silencio: el otro (?) Facundo de Sarmiento*, in AREA, L/MORANA, M (orgs), *La imaginación histórica en el siglo XIX*, Rosario, UNR editora, 1994.

ALBERDI, J. B. *Facundo y su biógrafo. Notas para servir a un estudio con el título que precede*, in *Vida de Belgrano* (edição sem folha de rosto).

ALTAMIRANO, C. *El orientalismo y la idea de despotismo en el Facundo*, in AREA, L/MORANA, M. (orgs), *La imaginación histórica en el siglo XIX*, Rosario, UNR editora, 1994.

ANDERSON IMBERT, E. *Sarmiento y la ficción*, in *SUR*, N 341, 1977.

ARA, G. *Las ediciones del Facundo*, in *Revista Iberoamericana*, vol. XXIII, N 46, 1958.

----- *Sarmiento y Hernández: Divergencia y Conciliación*, in *Revista Iberoamericana*, N 87-88, 1974.

ARDAO, A. *Las ciudades utópicas de Miranda, Bolívar y Sarmiento*, in A.A.V.V. *De historia e historiadores. Homenaje a José Luis Romero*, México, siglo XXI, 1982.

BANDEIRA, M. *Sarmiento*, in *Literatura Hispano-Americana*, Rio de Janeiro, Editora de Fundo de Cultura, 1960. 2da. ed.

BARRENECHEA, A. M. *Función estética y significación histórica de las campañas pastoras en el Facundo*, in A.A.V.V. *Sarmiento educador, sociólogo, escritor, político*, Buenos Aires, UBA, Facultad de Filosofía y Letras, 1963.

BUNKLEY, A. *Vida de Sarmiento*, Bs. As. Losada, 1966.

----- *Sarmiento y el binomio Buenos Aires/Córdoba*, in *Revista Iberoamericana*, N 143, 1988.

CALLAGE, R. *Facundo Quiroga*, in *Revista do Brasil*, vol. XXVI, N 107, ano XI, 1924.

CARTELLI, A. *Sarmiento visto por Paul verdevoye*, Bs. As. Comisión permanente de homenaje a Sarmiento en Washington y en Asunción, 1983.

CIRVINI, S. *La ciudad en el discurso de Sarmiento. Estados Unidos: un referente modélico*, in **Ambos mundos**, 2da. época, N 5, 1982.

CORCUERA, J. M. *Sarmiento y el romanticismo*, Bs. As. Comisión permanente de homenaje a Sarmiento en Washington y en Asunción, 1982.

DONALD FOGELQUIST, J. *Cooper y Sarmiento: el tema de la civilización y la barbarie*, in **Cuadernos Americanos**, N 1, año XL, 1981.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. *Las ideas lingüísticas de Sarmiento*, in **Filología**, año XXIII, N 2, 1988.

FRANÇA, A. *Sarmiento*, in **Pensamento da América. Suplemento Panamericano de A Manhã**, 28/3/1943.

GARRELS, E. *El Facundo como folletín*, in **Revista Iberoamericana**, N 143, 1988.

----- *Traducir a América: Sarmiento y el proyecto de una literatura nacional*, in **Revista de Crítica Latinoamericana**, N 38, 1993.

GHIANO, J. C. *Una ceremonia mágica en la composición de Facundo*, in **Sur**, N 341, 1977.

GONZALEZ ECHEVARRIA, R. *Redescubrimiento del mundo perdido: el Facundo de Sarmiento*, in **Revista Iberoamericana**, N 143, 1988.

GRANA, M. C. *La utopía como analogon: Sarmiento y el proyecto de una ciudad moderna*, in **Cuadernos Hispanoamericanos. Los Complementarios**, N 3, 1989.

HALPERIN DONGHI, T. *Sarmiento: su lugar en la sociedad argentina post-revolucionaria*, in **Sur**, N 341, 1977.

----- *Facundo y el historicismo romántico*, in **La Nación**, 13/3/1955.

----- *Facundo y el historicismo romántico. Civilización y Barbarie*, in **La Nación**, 23/02/1956.

----- *"Surgir en un día". La búsqueda de un lugar en el mundo y las ambigüedades en un desenlace victorioso*, in **Filología**, año XXIII, N 2, 1988.

JITRIK, N. *Muerte y resurrección de Facundo*, Bs. As. CEAL, 1983.

JOFRE BARROSO, H. *Domingo Faustino Sarmiento e o Brasil*, in **Ambos mundos**, 2da. época, N 5, 1992.

KATRA, W. *El Facundo: contexto histórico y estética derivada*, in **Cuadernos Americanos**, N 3, año XL, 1981.

----- *Echeverría según Sarmiento: la personificación de una nación ultrajada por la barbarie*, in **Cuadernos Americanos**, N 4, año XLII, 1984.

----- *Sarmiento frente a la generación de 1837*, in **Revista Iberoamericana**, N 143, 1988.

----- *Sarmiento y el "americanismo"*, in YURKIEVICH, S. (org.) **Identidad cultural de Iberoamérica en su literatura**, Madrid, ed. Alhambra, 1986.

LUGONES, L. **Historia de Sarmiento**. Bs. As. Academia Argentina de Letras, 1988.

LUSARDO, J. B. **Sarmiento y el emperador Don Pedro II**. Bs, As. Ministerio de Educación de la Nación/ Museo Sarmiento, 1954.

ORTA NADAL, R. *Presencia de oriente en el Facundo*, in Apartado del N 5 del Anuario del Instituto de Investigaciones Históricas. Rosario, 1961.

PIGLIA, R. *Notas sobre Facundo*, in **Punto de Vista**, N 8, 1980.

PONCE, A. **Sarmiento. Constructor de la Nueva Argentina y Vejez de Sarmiento**, Bs. AS. Solar/Hachette, 1976.

POMER, L. *Sarmiento, el caudillismo y la escritura histórica*, in **Cuadernos Hispanoamericanos**. Los Complementarios, N 3, 1989.

RAMOS, J. *Saber del otro: escritura y oralidad en el Facundo de D.F. Sarmiento*, in **Revista Iberoamericana**, N 143, 1988.

RODRIGUEZ PERSICO, A. *Argirópolis: un modelo de país*, in **Revista Iberoamericana**, N 143, 1988.

----- *Modelos de Estado: figuras utópicas y contrautópicas*, in **Filología**, año XXIII, N 2, 1988.

ROJAS, R. **El profeta de la Pampa. Vida de Sarmiento**. Bs. As. ed. Losada, 1951.

----- *El pensamiento vivo de Sarmiento*, in **Páginas escogidas**, Bs. AS. Losada, 1983, 3ra. ed.

----- **La Literatura Argentina. Los proscriptos** in **Obras**, tomo XII, Bs. As. Librería La Facultad, 1925.

ROMERO, L. A. *Sarmiento, testigo y testimonio de la sociedad de Santiago*, in *Revista Iberoamericana*, N 143, 1988.

ROMERO, J. L. *Sarmiento entre el pasado y el presente; Martínez Estrada, un renovador de la exégesis sarmientina*, in *Las ideologías de la cultura nacional y otros ensayos*, Bs. As., Capítulo, CEAL, 1982.

SALOMON, N. *El Facundo de Domingo Faustino Sarmiento. Manifiesto de la preburguesía argentina de las ciudades del interior*, in *Cuadernos Americanos*, año XXXIX, 1980, N 5.

SCARI, R. *Progreso y tradición en las obras de Sarmiento y Larra*, in *Cuadernos Americanos*, N 3, año XXXV, 1976.

SCHEINES, R. M. *Argirópolis, un modelo de capital*, in *Ambas Américas*, 2da. época, N 6, 1993.

SORENSEN GOODRICH, D. *The Wars of Persuasion: The Early Years of Facundo's Reception*, in *Revista Hispánica Moderna*, (nueva época) N 2, 1991.

----- *Facundo y los riesgos de la ficción*, in *Revista Iberoamericana*, N 143, 1988.

VERDEVOYE, P. *Domingo Faustino Sarmiento, éducateur et publiciste*, Paris, Institute de Hautes Etudes de L'Amérique Latine, 1963.

VERMEREN, P. *Sarmiento: "on ne tue point les idées"* in *Hermès*, N 10, 1991.

VINAS, D. *Literatura Argentina y realidad política. De Sarmiento a Cortazar*, Bs. As. Siglo veinte, 1974, 2da. ed.

ZEA, L. *Cultura, Civilización y Barbarie*, in *De historia e historiadores. Homenaje a José Luis Romero*, México, siglo XXI, 1982.

obras de Euclides da Cunha

DA CUNHA, E. *A margem da História*, Porto, Livraria Ebaradrón, 1909.

----- *Canudos, Diário de uma expedição*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.

----- *Contrastes e confrontos*, São Paulo, Cultrix/MEC, 1975.

----- *Um paraíso perdido. Ensaio sobre a Amazonia* (TOCANTINS, L. org.), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

----- *Os Sertões* (edição crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão), São Paulo, Brasiliense, 1985.

----- *Euclides da Cunha. A seus amigos*, (VENANCIO FILHO, F. org.), São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938.

sobre a obra de Euclides da Cunha

ANDRADE DE SOUSA, O. *História e Interpretação de Os Sertões*, São Paulo, Edart, 1966.

ARARIPE Jr. *Os Sertões (Campanha de Canudos); Dois vulcões extintos: Raul Pompéia e Euclides da Cunha; Dois grandes estilos. Contrastes e Confrontos*, in *Obra Crítica (1901-1910)*, vol. IV, Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1966.

ARNONI PRADO, A. *Um olho maldito no espelho (Euclides da Cunha)*, in *Remate de Males*, N 13, 1993.

AVIGHI, C. *Euclides da Cunha jornalista*. Tese de doutoramento, ECA/USP, 1987.

A.A.V.V. *Vida e obra de Euclides da Cunha*. Resultado do concurso literário promovido pelo Banco do Estado de São Paulo, São Paulo, 1966.

AZEVEDO, S. M. *O rei dos jagunços: uma fonte esquecida de Os Sertões*, in *Remate de Males*, N 13, 1993.

BANDEIRA DE ATAIDE, Y. D. I Origens do povo do Bom Jesus Conselheiro, in *Revista da USP* N 20, dez/jan/fev 93-94.

BATES, R. Um clássico brasileiro, in *Pensamento da América, Suplemento panamericano de A Manhã*, 27/8/1944.

BELO, J. M. *Euclides da Cunha*, in *Inteligência do Brasil*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

BOSI, A. *A Literatura Brasileira. O pré-modernismo*, São Paulo, Cultrix, 1973, 4a. edição. págs. 120-126.

CALASANS, J. *Os jagunços de Canudos*, in *Caravelle*, N 15, 1970.

CARVALHO NEVES, E. *Afirmção de Euclides da Cunha*, São Paulo, ed. do autor, 1960.

CHESNEAUX, J. *Au commencement était Canudos*, in *La Quinzaine Littéraire*, 16-30/3/1993.

CITELLI, A. *Um enclave perturbador. Notas sobre espaço e religião em Os Sertões e Os Jagunços*, in *Revista da USP* N 16, dez/jan/fev. 92-93.

----- *Canudos: formas de composição*, in *Revista da USP* N 20, dez/jan/fev/ 93-94.

CLUNI, C. M. *Le massacre des illuminés*, in, *Figaro Littéraire*, 9/04/1993.

COLI, J.; SEEL, A. *Quelques sentiers dans Les Sertões*, in *Remate de Males*, N 13, 1993.

COLI, J. *A palavra pensante*, in *Revista da USP* N 20, dez/jan/fev. 93-94.

COSTA LIMA, L. *Nos Sertões da oculta mimesis*, in *O controle do imaginário. Razão e imaginação no ocidente*, São Paulo, ed. Brasiliense, 1984.

COUTINHO, A. *Os Sertões, obra de ficção?*, in *Euclides, Capistrano e Araripe*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967.

CRISTOVAO, F. *A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito*, in *Revista da USP* N 20, de/jan/fev. 93-94.

D'ANDREA, M. *Euclides da Cunha e a poesia de Canudos: os olhos e os ouvidos da cultura hegemônica*, in *Caderno de Textos*, N 3, 1990.

DANTAS, P. *Atraves dos Sertões*, in *Revista da Usp* N 20, dez/jan/fev. 93-94.

FERRAZ, R. *O centenário de Belo Monte e algumas reflexões sobre ficção e história*, in *Revista da Usp* N 20, dez/jan/fev 93-94.

FOOT HARDMAN, F. *O 900 Euclides e Escobar: duas crônicas esquecidas*, in *Remate de Males*, N 13, 1993.

FREYRE, G. *Perfil de Euclides e outros perfis*, Rio de Janeiro, José Olimpo, sem data.

----- *Atualidade de Euclides da Cunha*, in *Jornal do Comércio*, 1941.

----- *Euclides da Cunha, revelador da realidade Brasileira*, In DA CUNHA, E. *Obra Completa*, tomo I, Rio de Janeiro, Aguilar, 1966.

GALVAO NOGUEIRA, W. *O correspondente de guerra Euclides da Cunha*, in *Saco de Gatos*, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1976.

----- *Euclides da Cunha*, in PIZARRO, A. org. *América Latina. Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo, Memorial/Unicamp.

----- *Uma ausência. Euclides da Cunha* in SCHWARZ, R. org. *Os pobre na Literatura Brasileira*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

----- I Canudos, Euclides e nosso primeiro reitor, in *Revista da Usp* N 20, ez/jan/fev 93-94.

GOTO, R. H. *Os Sertões e a imaginação de um leitor deste final de século*, in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, N 31, 1990.

HOLANDA, L. *República, Precoce desencanto*, in *O Estado de São Paulo*, 28/11/1992.

----- *Fato e Fábula. Uma leitura de Os Sertões de Euclides da Cunha*. Tese de doutoramento, USP. 1992.

LAPOUGE, G. *Te Deum pour les humiliés*, in *Le Monde*, 26/3/1993.

LINDON, M. *La Révolution de granit*, in *Le cahier livres de Libération du jeudi, Libération*, 11/3/1993.

LINN, I. *Os Sertões. A tradução americana de Samuel Putnam*, in *Pensamento da América, Suplemento panamericano de A Manhã*, 28/5/1944.

LINS, A. *Jornal de Crítica*. 7a. série, Rio de Janeiro, edições P Cruzeiro, 1963.

MAC ADAM, A. *Euclides da Cunha y Mario Vargas Llosa: meditaciones intertextuales*, in *Revista Iberoamericana*, N 126, 1984.

MADDEN, L. *The Canudos War in History*, in *Luso-Brazilian Review*, vol. 30, N 2, 1993.

MENDONÇA MARTINS, W. *Literatura e conflito em Os Sertões*, in *Caderno de Textos*, N 3, 1990.

MONTREMY, J. M. *Un Michelet au Nordeste*, in *La Croix*, 5/04/1993.

MOURA, C. *Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

NOGUEIRA, A. *Antonio Conselheiro e Canudos*, São Paulo, Cia Editora Nacional, 1974.

PEIXOTO, A. *Euclides da Cunha: dom e arte de estilo; Euclides da Cunha: o homem e a obra*; in *Poeira da estrada. Ensaios de crítica e de história*, São Paulo, Cia editora Nacional, 1944, 3ra. edição.

PEREGRINO, U. *Vocação de Euclides da Cunha*, Rio de Janeiro, MEC, 1954.

----- *Euclides da Cunha, Interpretação das suas experiências na carreira militar (cap.1); Os Sertões como história militar (cap.2); Características morais de Euclides (cap.3)*, in *Euclides da Cunha e Outros Estudos*, Rio de Janeiro, editora Récord, 1968.

PEREIRA DE QUEROZ, M. I. D. *Sebastião no Brasil*, in *Revista da Usp* N 20, dez/jan/fev. 93-94.

POLAC, M. *Les fous de Dieu*, in *L'événement du jeudi*, 25/3/1993.

PROENÇA CAVALCANTI, M. *O monstruoso anfiteatro. Sobre Os Sertões de Euclides da Cunha; Os Sertões*, in *Estudos Literários*, Rio de Janeiro, José Olimpo, 1971.

RABELO, S. *Euclides da Cunha*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, 2da edição.

ROMERO, S. *Discurso pronunciado aos 16 de Dezembro de 1906, por ocasião da recepção do Dr. Euclides da Cunha*, Porto, Oficina do Commercio do Porto, 1907.

SAMPAIO NETO, J. A; BARROS MAIA SERRAO, M; HORTA LUDOLF DE MELLO, M; BRAVO URURAHY, V. **Canudos. Subsídios para sua reavaliação histórica**, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1986.

SEVCENKO, N. *Euclides da Cunha e Lima Barreto* "Sintonias e Antinomias (cap. 3); *Euclides da Cunha e o Círculo dos Sabios* (cap. 4), in **Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**, São Paulo, Brasiliense, 1983.

TAI WOLF, M. "*Estas páginas sem brilho*": *O texto-sertão de Euclides da Cunha*, in **Revista Iberoamericana**, N 126, 1984.

VALENTE, L. F. *A recepção angloamericana de Os Sertões. Os primeiros leitores*, in **Remate de Males**, N 13, 1993.

VEDIA de, M. *Euclides da Cunha e sua obra prima*, in **Pensamento da América, Suplemento panamericano de A Manhã**, 27/8/2944.

VENANCIO FILHO, F. *Euclides da Cunha, pensador da América*, in **Pensamento da América, Suplemento panamericano de A Manhã**, 27/8/1944.

----- **A glória de Euclides da Cunha**, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1940.

VENTURA, R. "*A Nossa Vendéia*": *Canudos, o mito da Revolução francesa e a constituição da identidade nacional-cultural no Brasil (1897-1902)*, in **Revista de Critica Literaria Latinoamericana**, año XI, N 24, 1986.

----- *A escrita da Historia em Canudos*, in **Anais do II Congresso da ABRALIC**, Belo Horizonte, 1991, vol. 1.

----- *Euclides da Cunha*, in **Remate de Males**, N 13, 1993.

----- *O polígrafo que abriu Os Sertões*, in **Folha de São Paulo**, 29/11/1992.

VERISSIMO, J. **Campanha de Canudos**, in **Estudos de Literatura Brasileira**, 5a. serie, Rio de Janeiro, Garnier Livreiro-editor, 1905.

sobre Sarmiento e Euclides da Cunha:

ALVAREZ ALONSO, I. *Sarmiento e Euclides*, in **Pensamento da América**, Suplemento panamericano de **A Manhã**, 27/8/1944.

BERNUCCI, L. *Além do real, aquém do imaginário: Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha*, in **Brasil/Brazil**, *Revista de Literatura Brasileira*, ano 3 N 4, 1990.

COSTA LIMA, L. *Euclides e Sarmiento: uma comparação*, in A.A.V.V. **Sobre o pré-modernismo**, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1988.

ESTENSSORO, H. *Euclides da Cunha e Sarmiento*, in **O Estado de São Paulo**, 22/01/1966.

MAUL, C. *O Facundo e Os Sertões*, in **Correio da Manhã**, 9/3/1939.

sobre o conceito de civilização:

CHARTIER, R. *A história cultural, . Entre práticas e Representações*, Lisboa, DIFEL, 1990.

COMTE DE GOBINEAU, *Essai sur l'inégalité des races humaines*, Paris, Firmin-Didot e Cie, imprimeurs-éditeurs, (sem data).

CURTIUS, E. *L'idée de civilisation dans la conscience française*. Paris, Publications de la Conciliation Nationale, 1929.

ELIAS, N. *O processo Civilizador. Uma História dos Costumes* (1939), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

GUIZOT, T. *Cours d'Histoire moderne. Civilisation en France*, tome I, Paris, Pichon et Didier éditeurs, (1a. ed, 1829)

RAGON, M. *L'homme et les villes*, Paris, Alvin Michel, 1975.

sobre o livro, o jornal, o folhetim e o público leitor:

ALBERT, P; TERROU, F. *História da Imprensa*, São Paulo, Martins Fontes, 1990.

AMBROISE-RENDU, A.C. *Du dessin de presse à la photographie (1878-1914): histoire d'une mutation technique et culturelle*, in *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, N 39, 1992.

AVIGHI, C. *Euclides da Cunha jornalista*. Tese de doutorado, ECA/USP, 1987.

CHARTIER, R. *Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Régime*, Paris, Seuil, 1987.

BELLANGER, C.; GODECHOT, J.; GUIRAL, P. TERROU, F.; *Histoire Générale de la Presse Française* (de 1815 a 1875), tomo II, Paris, PUF, 1969.

CHARTIER, R. et MARTIN, H.J. orgs. *Histoire de L'Édition Française. Le temps des éditeurs. Du romantisme à la Belle Époque*, Paris, Promodis, 1985.

COSTA, L.; BARROS, V. *História e evolução da Imprensa Brasileira*, Rio de Janeiro, editado pela Comissão Organizadora da Representação Brasileira à Exposição dos Centenários de Portugal, 1940.

EGGER, E. *Histoire du livre. Depuis ses origines jusqu'a nos jours*, Paris, Hetzel, 1a. ed. 1878. (3ra. ed. sem data)

GALVAO NOGUEIRA, W (org.), *No calor da hora: a guerra de Canudos nos Jornais*, 4a. expedição, São Paulo, Atica, 1974.

GARRELS, E. *El Facundo como folletín*, in *Revista Iberoamericana*, N 143, 1988.

JUAREZ BAHIA, *Jornal, História e Técnica. Historia da imprensa brasileira*, São Paulo, Atica, 1990.

QUADROS, J. *Estereotípias*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1993.

JONGUE, S. *Les premier pas du feuilleton: chronique historique, nouvelle, roman*, in *Europe, Revue Littéraire Mensuelle*, N 542, 1974.

LEONI, A.; MOUILLAUD, G.; RIPOLL, R.; *Feuilleton et révolution: Ange Pitou*, in *Europe, Revue Littéraire Mensuelle*, N 542, 1974.

MONFORT, B. *La nouvelle et son mode de publication*, in *Poétique*, N 90, 1992.

RIVERA, J. B. *El escritor y la industria cultural. El camino hacia la profesionalización (1810-1900)*, in *Historia de la Literatura Argentina*. (del Romanticismo al Naturalismo) vol. II, Bs. As. CEAL, 1980.

SODRE WERNEK, N. *Historia da imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

Foram consultados os exemplares do *Diario El Progreso*, año I, 1842-1843, existentes no Museo Histórico Mitre, os exemplares do *Diario El Progreso*, año 3, 1845, existentes no Museo Histórico Sarmiento (Buenos Aires, Argentina) e os exemplares do jornal *O Estado de São Paulo* (1/09/1897;1/11/1897) existentes na Biblioteca Mário de Andrade (São Paulo, Brasil).

Bibliografia teórica e histórica relativa ao período tratado:

ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional** (trad. de Lólio Lourenço de Oliveira), São Paulo, Atica, 19...

BORGES, D. *Salvador's 1890's: Paternalism and its Discontents*, in **Luso-Brazilian Review**, vol. 30, N 2, 1993.

BROCA, B. *Os intelectuais no advento da República; Um romance de Afonso Arinos: Os Jagunços*, in **Naturalistas, Parnasianos e Decadistas. Vida Literária do Realismo ao Pré-modernismo** (DANTAS, L. org.), Campinas, Editora da UNICEMP, 1991.

CARVALHO MURILO, J. **A formação das almas. O imaginário da República no Brasil**, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado. Pesquisas de antropologia política** (trad. de Theo Santiago), Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

COSTA LIMA, L. *Narrativa na escrita da história e da ficção*, in **A Aguarrás do tempo**, Rio de Janeiro, Rocco, 1989.

DASPRE, J. *Roman et Histoire*, in **Revue d'Histoire Littéraire de la France**, 75 ané, N 2-3, 1975.

DUQUETTE, J. P. *L'ilusion historique. L'enseignement des préfaces (1815-1832)*, in **Revue d'Histoire littéraire de la France**, 75 ané, N 2-3, 1975.

FOOT HARDMAN, F. *Antigos mapas gizados à ventura*, in **Remate de Males**, N 12, 1992.

GARCIA, G. **La novela argentina. Un itinerario**, Bs. As, Sudamericana, 1952.

GREENFIELD, G. M. *Sertão and Sertanejo: An Interpretive Context for Canudos*, in **Luso-Brazilian Review**, vol. 30, N 2, 1993.

HALPERIN DONGHI, T. **Una nación para el desierto argentino**, Bs. As. CEAL, 1980.

HAMON, P. *Introduction à l'analyse du descriptif*, Paris, Hachette, 1981.

----- La Description Littéraire. Anthologie de textes théoriques et critiques, Paris, Macula, 1991.

WHITE, H. **Metahistória: A imaginação histórica do século XIX** (trad. José Laurêncio de Melo), São Paulo, EDUSP, 1992.

HOBSBAWM, E. **Nações e nacionalismo desde 1780. Programa, mito e realidade** (trad. de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino), Rio de Janeiro, Paz e terra, 1986.

----- **A era dos Impérios: 1875-1914** (trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo), Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

JITRIK, N. *La novela histórica a partir de sus propios términos*, in AREA, L/ MORANA, M. **La imaginación histórica en el siglo XIX**, Rosario, UNR editora, 1994.

LEVIN, R. *The Singular Brazilian City of Salvador*, in **Luso-Brazilian Review**, vol. 30, N 2, 1993.

MADEN, L. *The Canudos War in History*, in **Luso-Brazilian Review**, vol. 30, N 2, 1993.

MAUDLEY, H. **Le crime et la folie**. Paris, Ancienne Librairie Germés Bailliere et Cie, 1885.

MOLINO, J. *Qu'est-ce que le roman historique?*, in **Revue d'Histoire Littéraire de la France**, 75 ané, N 2-3, 1975.

MORSE, R. **O Espelho de Próspero**, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

OTTEN, A. *A influência do Idéario Religioso na Construção da Comunidade de Belo Monte*, in **Luso-Brazilian Review**, vol. 30, N 2, 1993.

RAMA, A. **La ciudad Letrada**, Montevideo, Comisión Uruguaya ori Fundación Internacional Angel Rama, sem data.

ROMERO, J. L. *Campo y ciudad: las tensiones entre dos ideologías; La Enciclopedia y las ideas liberales en el pensamiento argentino anterior a Caseros; Cambio social, corrientes de opinión y formas de mentalidad, 1852-1930*; in **Las ideologías de la cultura nacional y otros ensayos**, Bs. As., Capítulo, CEAL, 1982.

REIZOV, B. **L'historiographie romantique française**, Moscou, Editions en langues étrangères, sem data.

RODRIGUEZ MOLAS, R. **Historia social del gaucho**, Bs. As., CEAL, 1982.

SAMPAIO NOVAIS, C. *Repensando Canudos: O Jogo das Oligarquias*, in *Luso-Brazilian Review*, vol. 30, N 2, 1993.

SEVCENKO, N. *Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

SODRE WERNWK, N. *História da Literatura Brasileira. Seus fundamentos econômicos* (1933), Rio de Janeiro, José Olimpo, 3ra. ed. 1960.

SOLER, R. *El positivismo argentino*, Bs. As., Paidós, 1968.

STEPAN, N. *Race and Gender: The role of Analogy in Science*, in GOLDBERG, T. (editor) *Anatomy of Racism*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1990.

URICOECHEA, F. *O minotauro Imperial. A burocratização do Estado patrimonial Brasileiro no Século XIX*, Rio de Janeiro/São Paulo, DIFEL, 1978.

VINAS, D. *Indios, ejército y fronteras*, Bs. As., siglo XXI, 1982.

u